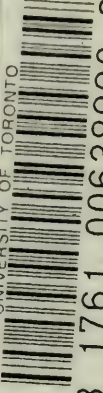
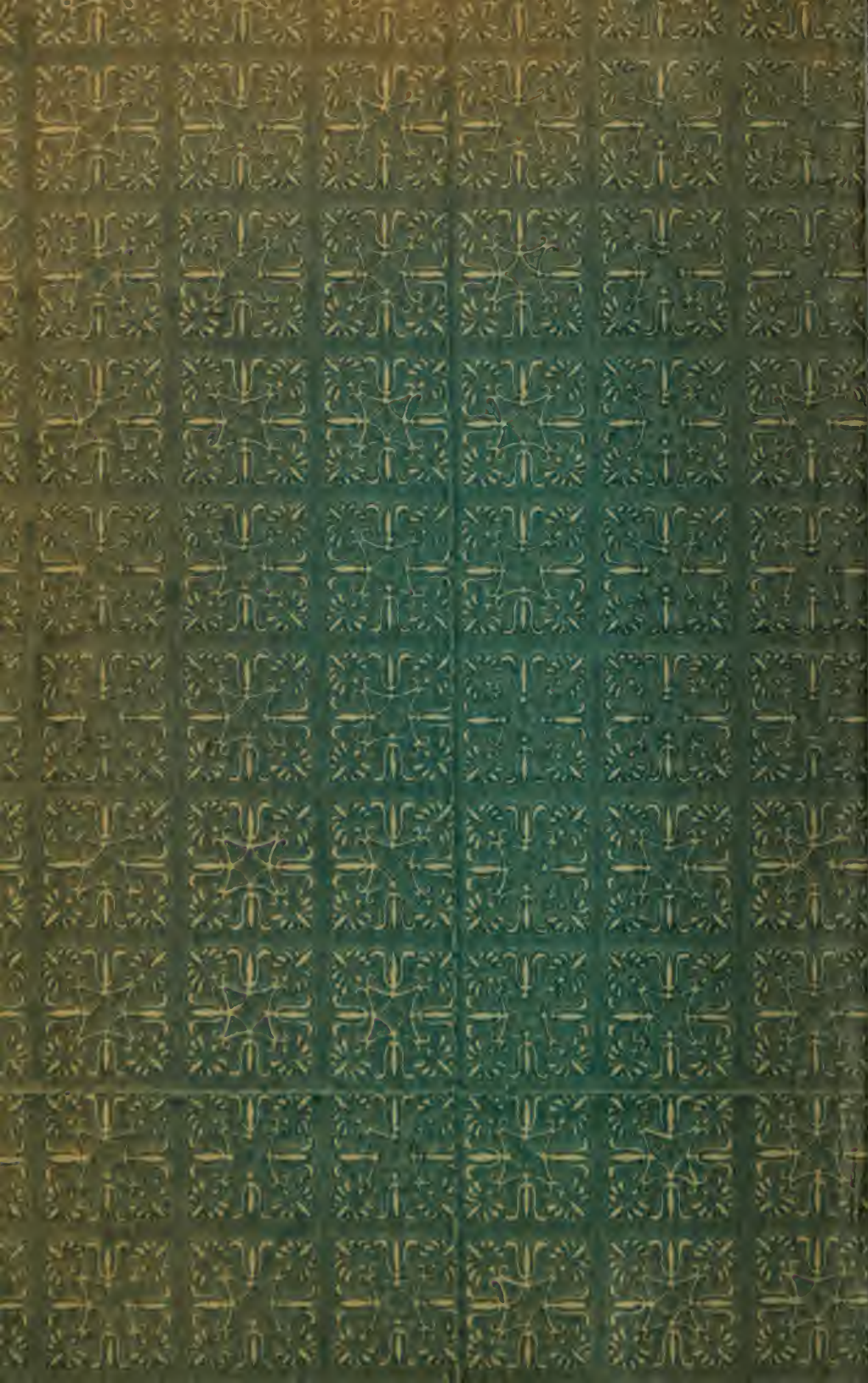
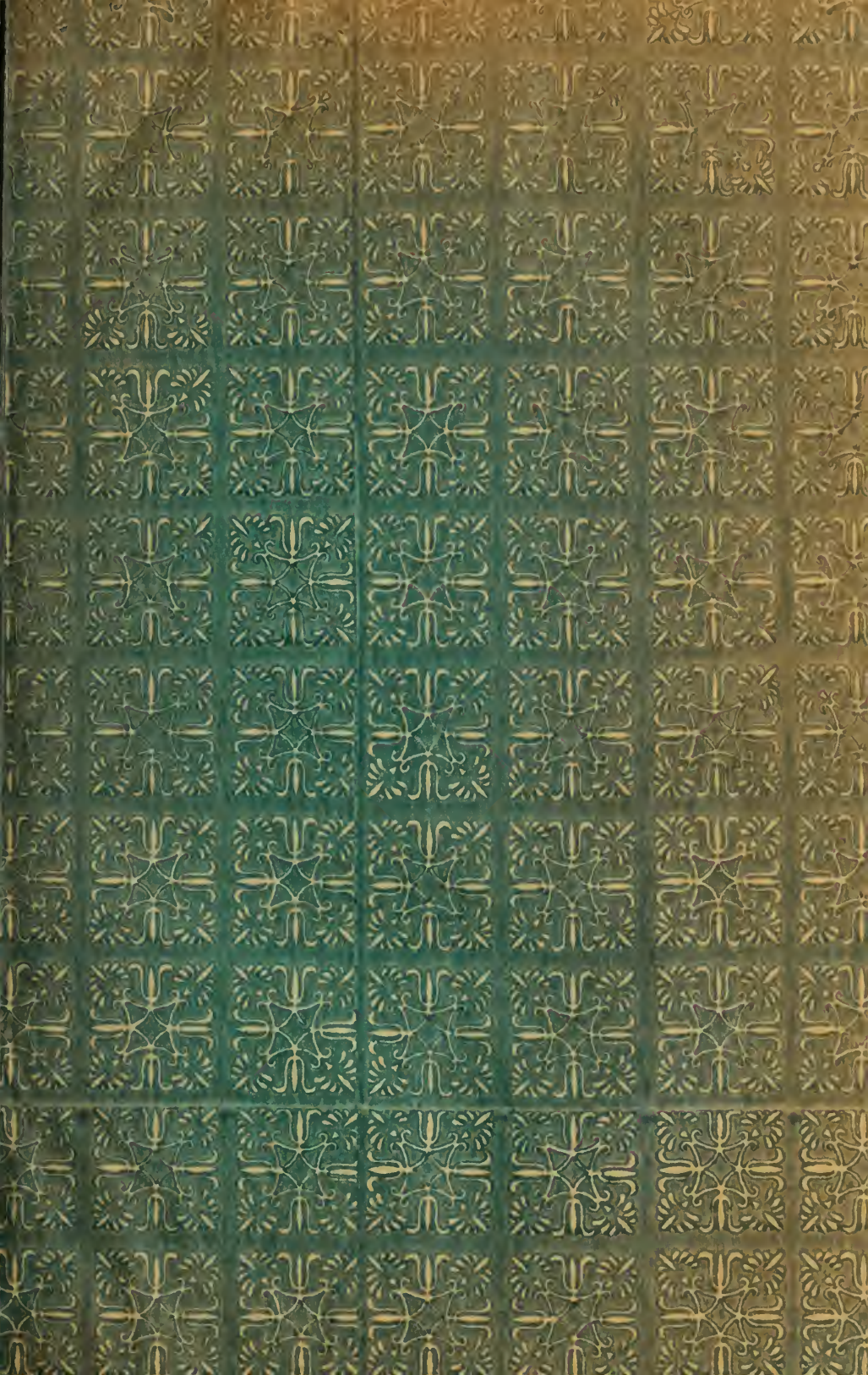


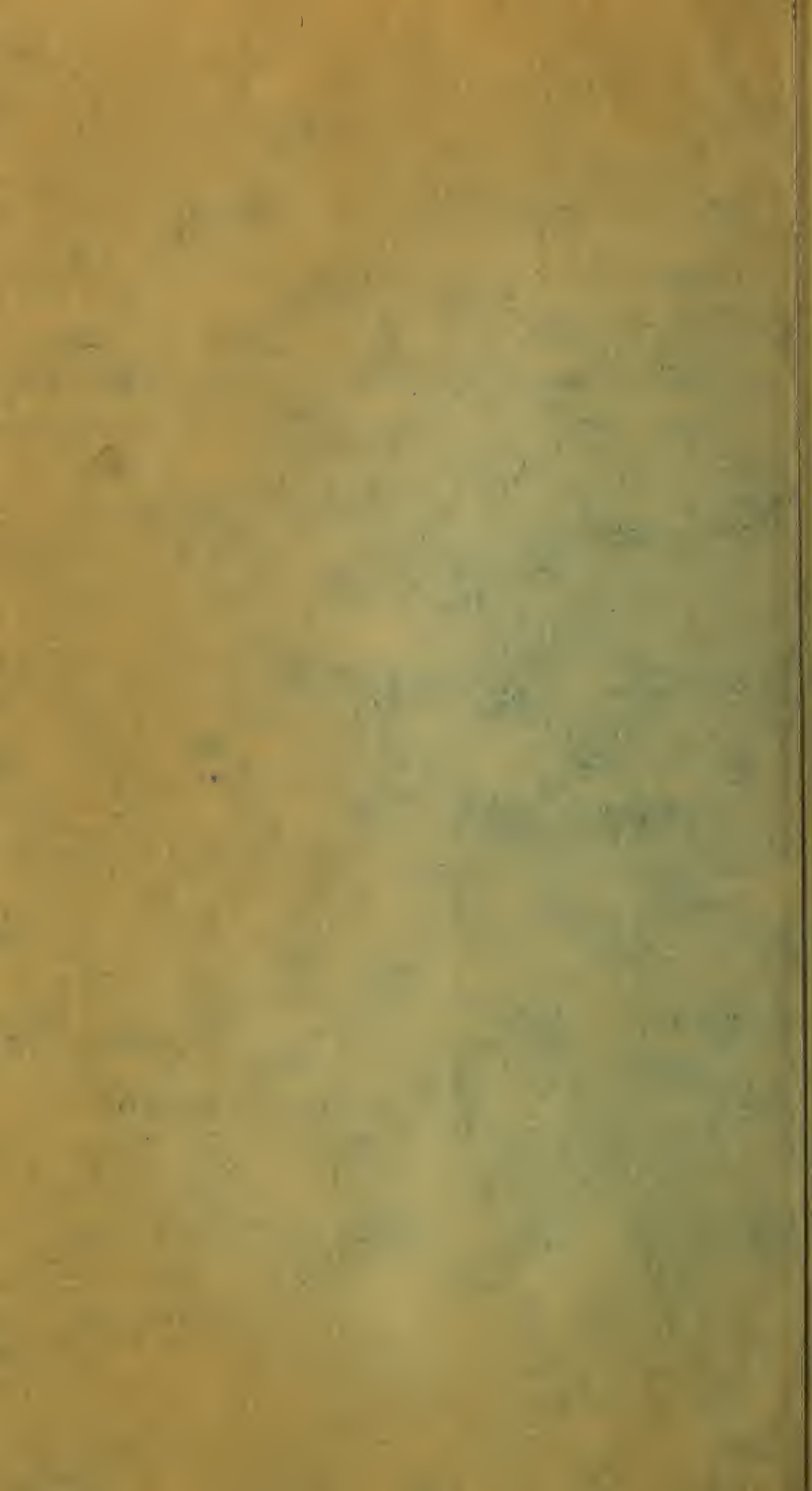
UNIVERSITY OF TORONTO



3 1761 00638990 2











BIBLIOTHECA  
DAS  
SCIENCIAS SOCIAES  
XI

# BIBLIOTHECA

DAS

## SCIENCIAS SOCIAES

### I A Civilisação peninsular

I	HISTORIA DA CIVILISAÇÃO IBERICA (2. <sup>a</sup> ed.) 1880.....	1 vol.
II-III	HISTORIA DE PORTUGAL (3. <sup>a</sup> ed.) 1882.....	2 >
IV	O BRAZIL E AS COLONIAS PORTUGUEZAS (2. <sup>a</sup> ed.) 1881...	1 >
V-VI	PORTUGAL CONTEMPORANEO, 1881.....	2 >

### II A Pre-historia

VII	ELEMENTOS DE ANTHROPOLOGIA (2. <sup>a</sup> ed.) 1881.....	1 >
VIII-IX	AS RAÇAS HUMANAS E A CIVILISAÇÃO PRIMITIVA, 1881....	2 >
X	A LINGUISTICA.	
XI	SYSTEMA DOS MYTHOS RELIGIOSOS, 1882.....	1 >
	Elementos de chrematistica.	
	As instituições primitivas.	

### III A Historia

Chronologia geral.  
Roma e suas instituições.  
Historia dos tempos modernos.  
As revoluções e instituições contemporaneas.

### IV A Economia social

Geographia politica e estatistica das nações.  
A população e a emigração.  
Theoria das instituições politicas.  
Theoria das instituições economicas.

Da natureza e lugar das sciencias sociaes (Introd. á *Bibliotheca*).

LISBOA

LIVRARIA BERTRAND

VIUVA BERTRAND & C.<sup>a</sup> SUCCESSORES CARVALHO & C.<sup>a</sup>

73, Chiado, 75



SYSTEMA  
DOS MYTHOS  
RELIGIOSOS

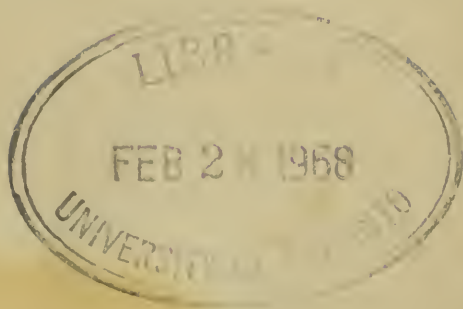
POR

J. P. OLIVEIRA MARTINS

---

LISBOA  
LIVRARIA BERTRAND  
VIUVA BERTRAND & C.<sup>a</sup> SUCCESSORES CARVALHO & C.<sup>a</sup>  
73, Chiado, 75  
1882

PL  
310  
06



## INTRODUÇÃO

Para escrever este livro eu queria dispôr de uma penna que fosse como a vara das fadas, que-ria poder molhal-a n'uma tinta semelhante aos philtros dos magos, ou á sôma da immortalidade dos deuses vedicos. Era mistér que o leitor, acordado, se julgasse sonhando, porque este é o sonho ou a visão do espirito humano. O estylo devia corresponder ao assumpto e á idéa, e a penna correr de leve, como uma sombra, como uma nuvem, como um deus, como uma alma, etherea e vaga, desde a penumbra do crepusculo primitivo onde scintillam animadas as estrellas, onde reina a lua pallida e mysteriosa, onde o ar está povoado de espiritos e o cerebro do homem recheiado de terrores. A minha penna, se tivesse azas, levar-nos-hia comsigo para mais alto, e se fosse como a vista subtil do adivinho, far-nos-hia penetrar nos recessos mais mysteriosos da consciencia dos povos. Subiriamos ao ether e mergulharíamos no pensamento, para continuar, sonhando, a vêr os sonhos do espirito, os sonhos da imaginação da humanidade. Observariamos como surge na alma collectiva uma luz precursora transformando os terrores do principio em flocos de imagens indecisas, á maneira da aurora que dissipa ao nascer as figuras umbrosas da noute. Aparece depois o sol

— um globo de fogo no horizonte: vem com elle a plena luz, vem o calor, vem a consciencia. Por toda a parte o sol é o symbolo da civilisação...

Deu-se o nome de mythologia ao systema d'esses sonhos primitivos com que o pensamento inconsciente dos povos representa a seu modo a natureza. O mytho e o facta são, pois, na essencia, uma e a mesma cousa vista por maneiras diversas. Tanto o pensamento cria um mytho quando representa ou corporisa noções mentaes, como quando anima ou define objectos reaes. Tanto é um mytho a *alma*, ser de uma realidade phantastica, representação imaginativa das visões dos sonhos ou das allucinações; como é um mytho o *deus*, ser não menos phantastico, interpretação animada de um astro distante ou de um phenomeno cuja theoria se desconhece. A mythologia inteira comprehende-se n'estas duas especies, a que sem duvida podemos chamar subjectiva, a primeira, objectiva, a segunda. D'estas duas raizes, astraes e psychicas, nascem e crescem parallelamente as construcções mythologicas — especie de vegetações aereas, ondeantes, vagas, opacas ou luminosas, espessas ou rendilhadas, como florestas negras sussurrantes, ou ondas de nuvens indeterminadas.

Collectiva, espontanea, primitiva, a mythologia denuncia em cada um dos seus systemas o temperamento, o character, ou o genio da raça que a inventou. E' uma linguagem sem palavras, ou uma escripta sem letras. Mais intimo do que qualquer d'essas duas fórmas de representação das cousas, o mytho adquire logo um valor de realidade intrinseca; e se é só em tempos relativamente adiantados que os sons e as letras perdem o character de seres ou valores reaes, character que têm no fetichismo, na glossolalia, na kabala, para ficarem

apenas com a significação de instrumentos representativos: nem ainda o nosso tempo, com todo o seu saber e com toda a sua philosophia, pôde acabar de despir os mythos do seu traje historico, dissecando-os de todo e mostrando-os como são: a linguagem transcendente dos homens, e a escripta ou o desenho do Universo.

Cada raça tem ou teve a sua lingua, <sup>1</sup> cada uma das raças tem a sua mythologia — espelho onde se reflecte o pensamento espontaneo de cada variedade de homens; alma intima, ou expressão synthetica, (para substituímos por uma linguagem critica a linguagem usual ainda mythica) onde se encontram fundidas e unificadas todas as faces e aspectos do genio de um povo. E tudo o que n'outro livro deixámos dito ácerca da evolução independente dos povos, dos cruzamentos ou mestiçagens, das regressões, sobrevivencias e degenerações, <sup>2</sup> tudo isso, portanto, se applica á esphera especial de phenomenos mentaes estudados n'esta obra.

A mythologia primitiva torna-se logo religiosa, porque para a imaginação inconsciente o Universo é um mysterio: mysterio o mundo interior que animisado produz a eschatologia, mysterio o mundo exterior que, tambem animisado, produz as theogonias cosmicas. Que olhe para o fundo do seu pensamento, ou que olhe para os abysmos do ether; que interroque os sonhos e as visões da noute, ou os astros e os phenomenos celestes, o espirito primitivo vê-se assoberbado por um grande ignoto que o aterrorisa ou o espanta. Da admiração e do medo, gerados pelo instincto do conhecimento (caracteristica intellectual da especie humana), nascem os mythos que são a raiz da religião.

<sup>1</sup> V. *As raças humanas*, 1, 17-8. — <sup>2</sup> *Ibid.* LIII-LXIII.

E', portanto, absurdo negar a quaesquer homens a faculdade mythogenica; é absurdo affirmar a existencia de raças sem religião, desde que a esta palavra se der o unico sentido compativel com o estado actual da sciencia. E' absurdo contestar que haja uma unidade essencial na mythologia dos povos, embora as mythologias se caracterisem e se diferenciem ethnicamente. Este vem dizer-nos que os povos em cujas linguas o substantivo não tem genero são incapazes de mythologia: como se a sexualidade propria de certas mythologias, ou antes do momento já anthropomorpha ou zoologico da mythologia, fossem essenciaes. As linguas finnias não têm generos, e ninguem negará os mythos do Kalevala. Outro affirma que ha raças monotheistas — as semitas; que os judeus nunca adoraram mais do que um deus e por isso não têm mythologia: e entretanto, ainda quando hoje podesse admittir-se a affirmacão, nem por deus ser um só deixa de ser um mytho.

Já não é licito confundir estas duas expressões: polytheismo, mythologia; e da confusão d'ellas vieram outr'ora erros ainda hoje vulgares. Negar ao homem, ou a alguns homens, a faculdade mythogenica, equivale a dizer que esta ou aquella gente é destituida de poder digestivo ou gerador; porque a creação de mythos é uma funcção espontanea inherente ao espirito humano, como a falla. A mythologia é, já o dissemos, uma linguagem mais comprehensiva, mais intima. Se no mundo ha gente sem mythos, tambem entre os homens ha surdo-mudos; e se os exemplares de teratologia organica têm um lugar na evoluçãõ, <sup>1</sup> tambem esses homens mentalmente monstruosos, caso taes

<sup>1</sup> V. *Elem. de Anthropol.* (2.<sup>a</sup> ed.) pp. 82 e 218 e segg.

homens existissem, seriam um documento de atavismo.

Sem mythos, por força seriam mudos, porque a primeira palavra é coeva do primeiro mytho. Assim como é da natureza do homem fallar, assim é o representar mythicamente as visões da imaginação e as impressões dos sentidos. A função psychologica inventora dos mythos é universal e essencialmente humana, e por isso identica em toda a parte sobre a terra.

Já não succede porém o mesmo desde que tratamos dos caracteres particulares das mythologias, caracteres determinados pelas duas funções — linguistica e historica. Ambas estas variam com as gentes, com os lugares e com o tempo; e por isso os fructos da elaboração psychica adquirem feitios e cores diversas.

---

A formação e o desenvolvimento das linguas são o processo pelo qual os mythos adquirem expressão, ou o molde em que se vasam. Em hungaro, refere Goldziher, alvorada diz-se pela palavra *hajnal*, cuja raiz é *ho*, significado de neve: portanto a alvorada disse-se *brancura*, e a palavra *hajnalpir*, significado do rosado-da-aurora, traduzida litteralmente, dá *vermelho-do-branco*. Este exemplo, mostrando tambem como na linguagem primitiva a brancura, a luz, e o vermelho se confundem n'uma expressão commum, facto de resto conhecido, patenteia claramente o papel da lingua na formação dos mythos. De Brancura fez-se Aurora: um nome generico tornou-se proprio de um objecto que include no principio da sua existencia o genero — tal é o primeiro passo da definição do mytho por via

da linguagem. Depois, a selecção exclusiva da palavra para denominar um objecto, ou obedece ao movimento do pensamento tendendo a dar realidade a uma visão, ou concorre com elle n'esse sentido, porque para a imaginação primitiva não existe distincção entre o objecto e a sua imagem, e tanto é real uma cousa como a palavra ou o signo que a representam. Os phenomenos, denominados com palavras suas, *reaes*, adquirem pois um aspecto de existencia concreta: a percepção ganha o valor de facto.

Por estes motivos a linguistica é sem duvida o primeiro instrumento da sciencia dos mythos. Estudando uma palavra na sua historia, regressando ás origens, e analysando que appellativo ella era antes de ser a denominação de um certo objecto, o linguista vae encontrar a chave dos enygmas que as historias extravagantes da imaginação primitiva propoem. Tornando das primeiras edades aos periodos em que a faculdade mythogenica se obliterou pelos progressos do pensamento consciente, o linguista acha nas fórmas prosodicas do synonymo e da comparação — esqueleto, ou muma resequida já inanimada — o documento do processo por via do qual nasceram a polyonymia e a metaphora, quando á multidão de designações congeneres se ligavam multidões de quasi-realidades, e quando a comparação verbal exprimia para o pensamento um parentesco natural.

Kuhn, o grande fundador da mythologia comparadá, demonstrou outro lado essencial para a comprehensão d'este phenomeno do espirito colectivo, dizendo que cada momento de desenvolvimento social e politico tem um character mythologico proprio mais ou menos accentuado. A mythologia possui, portanto, tambem uma historia —



nem poderia deixar de a ter como cousa viva, sujeita ao rythmo universal da existencia, — tem uma historia que acompanha a historia geral da humanidade e a de cada um dos seus ramos — á maneira de um espelho onde, vendo-nos diariamente, poderíamos suppor que elle vae acompanhando a transformação que o tempo imprime na nossa phisionomia.

Mas o leitor, conhecendo já a theoria dos movimentos da sociedade caminhando no tempo; o leitor, que já sabe não poder representar-se essa marcha, essencialmente progressiva, pelo avançar no sentido rectilíneo de um desenvolvimento normal, <sup>1</sup> — o leitor não esperará de certo que a mythologia infrinja a regra commum a todas as espheras da vida mental.

Não só as edades recentes apresentam ao lado das sociedades mais cultas (e por isso menos mythologicas) sociedades existindo em todos os estados ou momentos historicos precedentes, até aos primitivos; como, no proprio seio da mais culta das sociedades, o observador encontra, analysando o estado mental das classes, exemplos de todos os momentos da serie da civilisação. Por isso, conforme já dissemos n'outro lugar, para estudos da natureza d'estes, nem a geographia ethnographica, nem a chronologia podem ser a base do methodo: só a ethnometria <sup>2</sup> é capaz de nos guiar. Os povos sobre a terra, e as classes constituindo cada uma das nações, apresentam no seu conjuncto, qualquer que seja a data em que os estudemos, os documentos de todos os estados anteriores: a historia, ou a evolução, concebem-se por abstracção, analysando os elementos ethnometricamente —

<sup>1</sup> V. *As raças humanas*, XLIV-LVIII (introd.) — <sup>2</sup> *Ibid.* II, p. 93.

como quem coordena as cartas confundidas de um baralho.

Por isso (e não é necessario insistir mais n'esta noção, depois de tudo o que demoradamente ficou escripto em lugares que já indicámos ao leitor) coordenámos a materia d'este livro sem obedecer, nem á chronologia, nem á ethnographia — obedecendo apenas á ethnometria mythologica, isto é, á theoria do desenvolvimento d'essa especie de invenções mentaes dos homens em sociedade.

Chamamos Animismo ao primeiro momento, Naturalismo ao segundo, Idealismo ao terceiro; e parece-nos que de todas as mythologias conhecidas (e não cremos que o ainda desconhecido venha alterar esta opinião) são as do Egypto, da Judéa e da Grecia que representam melhor, como typo, cada um d'esses tres momentos. Chamamos Animismo ao primeiro, porque predomina ahí a invenção dos espiritos ou almas, seres phantasticos da sombra, como representação do mundo cosmico e seus phenomenos, e do mundo psychico e seus sonhos e allucinações. Chamamos Naturalismo ao segundo, porque predomina então o pensamento de explicar por mythos o Universo como producto e criação de uma Vontade que, antes de chegar a ser transcendente na theologia jehovica, é a percepção da força genesiaca da natureza. Chamamos Idealismo ao terceiro, porque nas mythologias aryanas o mundo externo e o mundo interior representam-se á imaginação como aspectos de substancias que, no seu desensolver, o pensamento reduzirá á pureza diaphana de idéas.

Não exagere porém o leitor o alcance d'esta classificação — sem que tambem lhe conteste a verdade em nome das observações que seguem. Os tres momentos, com as suas respectivas deno-

minações, são tres typos de mythologia, differenciados ethnicamente; mas como no homem ha, para além das caracteristas de raça, um fundo de humanidade especifica, em cada um dos typos mythologicos proprios se observa, subordinada ou subalternamente, a serie de documentos dos typos estranhos. Assim, no Animismo encontraremos os mythos da criação voluntaria e um rudimento de noções substanciaes; assim, no Naturalismo e no Idealismo acharemos vivos os mythos animistas. Comtudo, nem isto destroe a exacção dos caracteres dominantes em cada um dos tres momentos, nem a successão d'elles é tampouco arbitraria. A série d'esses tres momentos mostra-nos na mythologia a unidade moral da humanidade, patenteando-nos uma evolução que, sem ser continua em nenhum dado povo, o é no conjuncto das raças humanas, attribuindo successivamente a certas d'ellas o lugar eminente, até se chegar á raça sobre todas superior — a aryana.

N'esta série e n'esta successão, do Animismo para o Naturalismo e para o Idealismo — do hamita, para o semita e para o aryano: talvez até possamos dizer, fugitivamente, do selvagem para o barbaro e para o civilisado, — n'esta série observa-se um desdobramento ou uma evolução de capacidade mental e de profundidade comprehensiva. A pura imaginação por si só inventa as almas; para inventar a vontade creadora é já myster um vislumbre de percepções cosmogonicas e moraes; e para conceber a substancia carece-se de uma intuição aguda da essencia das cousas em si, intuição que, ainda velada em mythos, contém já a raiz das mais bellas expansões do pensamento metaphisico.

---

Mais de um author tem avançado a proposição de que o fim da mythologia, ou antes, da idade creadora dos mythos, coincide com o momento em que d'elles sae a concepção religiosa de um mundo povoado por deuses que o governam. O mytho acaba, dizem, quando as figuras mythicas se tornam deuses, patriarchas ou heroes — evolução conhecida e constante. O mytho acaba, dizem, quando se faz deus; o deus acaba quando se faz homem, — dissipando-se afinal essa sombra que apparecera para aterrar o selvagem, que enamorou ou enlouqueceu o barbaro, e que se some no abysmo puro do pensamento do homem culto... <sup>1</sup> A theologia derruba o mytho do seu throno, conquistando-o para os deuses, e repellindo os precursores para o campo das lendas, dos contos, das sagas, das fabulas, que são como uma poeira cosmica de religiões.

Esta doutrina affigura-se-nos corresponder á outra de que já nos occupámos quando dissemos não haver povos sem religião. Ambas as doutrinas provém de definições, em nosso entender acanhadas, do valor das duas palavras — mythologia, religião. Por isso nós preferimos para a nossa obra a expressão de mythologia religiosa. O nexu entre a religião e o mytho é indissolúvel, e a opinião de que o mytho acaba quando a religião começa parece-nos insustentavel.

O deus ou os deuses da theologia são definidos, sim, pelo espirito individual especulativo, ou metaphisico, mas nem por isso deixam de ser mythos: como terminaria, pois, a mythologia quando subsiste a materia d'ella? A essa materia applicam-se funcções mentaes diversas das funcções primi-

<sup>1</sup> V. *As raças humanas*, pp. LXVIII-IX (Introd.)

tivas — funções individuaes e não collectivas, funções theoreticas e não creadoras. A mythologia subsiste pois n'este periodo da religião: é a materia-prima dos deuses, e ainda e sempre o nucleo da sua existencia; embora, com effeito, a civilisação tenha esgotado a faculdade mythogenica religiosa; embora, por isso mesmo, para o historiador da civilisação as religiões theologicas, caracterisadas pelas idéas da metaphisica, abram uma idade nova, diversa d'aquella a que nós chamamos pre-historica, não tanto n'um sentido chronologico, como n'um sentido ethnometrico.

Se vemos, portanto, que o mytho subsiste no seio da theologia, resta-nos saber se na mythologia ha ou não ha os elementos essenciaes da religião.

Observando os phenomenos da imaginação primitiva, achamos duas ordens de factos: os espontaneos e os reflexos. Encontramos duas faces em todo e qualquer mytho: a que *representa*, e a que *venera*, com espanto, esperanza, desejo ou medo. A creação mental, depois de explicar a seu modo, adora aquelle ser ou aquelle objecto que inventou; e no conjunto d'estes dois movimentos, o espontaneo e o reflexo, está o dynamismo da religião. Explicar o lugar do homem no mundo, determinar o systema das relações do individuo com o todo, e depois venerar o ser ou a doutrina que se descobriu: eis a religião. Que outra cousa é a mythologia? Nós diremos pois que, na maxima parte do seu conteudo, a mythologia primitiva é o primeiro momento da religião, á qual a sociedade com as suas idéas moraes <sup>1</sup> e a sciencia com as suas descobertas cosmologicas vêm trazer subsidios, sem duvida creadores de estados men-

<sup>1</sup> V. *As raças humanas*, II, pp. 146 e segg.

taes novos e determinantes de uma evolução lenta, mas nem por isso capazes de alterar na sua essencia o principio visceral, o nervo intimo d'esta invenção, a mais bella por isso mesmo que é a mais chimerica de todas as que o homem construiu com o seu pensamento.

Assente isto, e dadas estas explicações que o leitor de certo reconhecerá indispensaveis embora fatigantes, no decurso d'esta obra procurarei caracterisar nitidamente aquillo a que chamo movimentos espontaneos e aquillo a que chamo movimentos reflexos da mythologia religiosa; distinguindo nos primeiros os que são provocados pela observação do mundo externo e os que o são pelos phenomenos psychicos, para podermos distinguir nos cultos os que, provindo da primeira origem tem um caracter de paganismo (se acaso a expressão é adequada), dos que, provindo da segunda, constituem a eschatologia ou culto dos mortos.

A' maneira que nos embrenharmos no estudo, veremos quanto estas distincções são essenciaes á comprehensão da materia. Veremos como é inconstante a relação das duas fontes da mythologia religiosa—o mundo externo e o mundo interno—conforme o momento ethnometrico e o genio das raças; veremos como no Animismo predominam os mythos originados nos sonhos e nas allucinações e com elles os ritos eschatologicos; veremos como esta esphera é subalterna no Idealismo; podendo tambem observar a influencia que a falta de ponderação entre as duas fontes paralelas da mythologia religiosa tem no desenvolvimento progressivo, ou no atrophiamento d'esses productos da inconsciencia.

---

Resta-nos agora dar a razão do quarto livro d'esta obra, livro em que estudamos os factos de sobrevivencia na Europa christan. Essa razão está implicita em tudo o que dissemos antes. N'uma sociedade, por culta que seja, observa-se a serie de todos os estados ethnometricos precedentes: d'ahi vem o subsistirem massas de população n'um estado primitivo. São essas que, ainda capazes de inventar mythos como os seus antepassados de milhares de annos, revestem os personagens historicos de traços legendarios: assim na Grecia culta Alexandre, assim em nossos dias Napoleão, assim em Portugal D. Sebastião; <sup>1</sup> assim Joanna d'Arc, assim Guilherme Tell, a Maria-da-Fonte; <sup>2</sup> assim, finalmente, quasi todos os soberanos e homens notaveis da historia de uma nação, tornados heroes pela imaginação do povo que protesta sempre que o escarpello da critica vem desmanchar a nuvem creada pela imaginação simples, varrendo a illusão em que ella se revia a si propria na sua vaidade inconsciente.

Outro phenomeno de sobrevivencia está nas apotheoses religiosas e nos verdadeiros mythos que, se para o homem culto revestem um caracter e uma significação theologica ou allegorica, para o povo conservam-se como nasceram — aquelles que as religiões contemporaneas herdaram das precedentes, ou como teriam nascido os de invenção recente, se, em vez de terem sido creados pelo zelo erudito dos sacerdotes, o tivessem sido pelo genio espontaneo dos povos.

Finalmente, o ultimo phenomeno de sobrevivencia está nas tradições, nas lendas, nas supersti-

<sup>1</sup> V. *Historia de Portugal* (3.<sup>a</sup> ed.) II, pp. 74 e segg. — <sup>2</sup> V. *Port. cont.* I, pp. 813 e segg.

ções populares que chegaram até nós através de tempos incontáveis e que são como fragmentos, migalhas de um passado remoto, documentos cujo valor archeologico-moral é incontestável, mas cuja importancia historica é tanto menor, quanto na vida de uma sociedade foram preponderando mais as forças de direcção consciente, individual, scientifica, sobre as forças obscuras, espontaneas, collectivas e inconscientes.

Eis ahi dada a explicação d'essa ultima parte da nossa obra, parte indispensavel, porque sem ella o leitor poderia suppôr que a mythologia com effeito se extinguiu na Europa n'aquella hora em que o Christianismo veio substituir os velhos deuses pagãos que, como deuses, como membros de uma theologia tão completa no seu todo como a christan, já tambem teriam varrido para longe a idade mythologica.

Não varreram, nem a varreu tampouco o deus christão. Ignorantes da theologia appolinea do hellenismo, ignorantes da theologia mosaica do christianismo, grandes massas de povo, incapazes de attingir a reflexão, conservaram-se no estado primitivo — pre-historico, embora em datas de historia bem sabida. Nem Apollo, nem Christo, nem Zeus-Jupiter, nem Jehovah; nem deus, nem os deuses, nem os medianeiros, nem os messias; nem finalmente os hymnos dos antigos poetas, nem os psalms dos prophetas, nem as theses do stoicismo, nem as sabias allegorias dos doutores da Igreja, poderam exterminar do chão da Europa a gramma tenaz dos mythos remotos. Na floresta obscura de um povo infeliz, essa vegetação reverdecia com as miserias funebres dos tempos de calamidade; e em vez de transformar as superstições em fé, e os mythos em idéas, o povo



reduzia á fórma mythologica os dogmas novos, fazendo da Hostia o summo fetiche e do Diabo o grande medianeiro, n'essa Edade-media que é por tantos lados uma regressão ao estado mental das edades primitivas.

---



# A MYTHOLOGIA RELIGIOSA

---

---

## LIVRO PRIMEIRO

### Animismo

---

#### I

#### Genesis dos mythos

##### 1.

As differentes direcções imprimidas pelo estudo ao pensamento dos mythologos contemporaneos crearam duas opiniões, acaso já duas escholas, que poem a origem dos mythos religiosos em ordens diversas de phenomenos mentaes. Ao passo que os discipulos e continuadores de Kuhn, e acima de todos Max Muller, vêem na contemplação dos astros e na interpretação dos phenomenos celestes o nucleo original da mythologia, deduzindo d'ahi um pensamento religioso cuja essencia é a «ambição do Infinito,» — outros escriptores, e á frente d'esses o inglez Tylor, explorando as tradições e costumes dos selvagens, affirmam que o embryão dos mythos religiosos se deve achar, não nas concepções cosmicas, mas sim nas impressões dos sonhos d'onde sáe a percepção de espiritos e uma religião dos mortos, ou eschatologia. Um dos propositos audaciosos d'este livro será mostrar

que não existe similhante exclusão, e que para o homem primitivo os mythos surgem, tanto da observação do mundo externo, como das impressões psychicas: duas origens parallelas cujo nexó é obscuro a principio, mas que a evolução particular de cada mythologia vae definindo, até ao ponto em que, encerrado o cyclo mythologico, a critica lhes vê a relação e ao mesmo tempo o vasio.

«E é de notar, diz um viajante nosso, fallando das raças infimas do sertão de Malaka, <sup>1</sup> (Eredia, *Desc. de Malaca*) que geralmente em Indias todos os idolatras e gentios usão de dois generos de idolatria: o 1.º genero é o adoratorio celeste e elementos: fogo, ar, agua, terra; o 2.º genero é o adoratorio de estatuas e sepulturas e pessoas assignaladas e animaes e aves.» Esta observação perspicaz do nosso viajante é o ponto de partida da nossa theoria: a simultaneidade de representação do mundo externo e do mundo interno por via de mythos, a uns dos quaes podemos chamar cosmicos e a outros psychicos; uns originados na observação da natureza e dos seus phenomenos, outros originados nas impressões dos sonhos e em todo o corpo das visões mentaes.

Ha entre estas duas correntes de phenomenos psychologicos, ou entre estas duas familias de mythos, um nexó natural e evidente: o parallelismo do Dia com o estar acordado, e da Noute com o estar dormindo. De dia vive-se, de noute sonha-se; o dia é luminoso como a vida, a noute obscura como o somno. O selvagem não tem idéa da Morte como aniquilamento, nem da Vida como eternidade: por isso nos momentos primitivos se

<sup>1</sup> V. *Raças humanas*, I, pp. 80-5.

não deduz ainda, do Dia e do estar acordado o Céu, nem da Noute e do estar dormindo a Morte e o inferno—conforme observaremos em estados mais elevados.

A invenção de um mytho provém da indeterminação-primitiva do espirito <sup>1</sup> incapaz de distinguir entre o objecto e a sua imagem ou a sua representação. Vendo o sol ou a lua caminhar no céu, o selvagem denomina os astros com uma certa palavra e explica-lhes os movimentos de um certo modo: desde logo inventou o mytho, porque essas palavras e modos passam para elle a ser tão reaes como os proprios phenomenos que os provocaram. Succede o mesmo ás creanças, pois cada um de nós na primeira infancia reproduz o estado selvagem: o homem é a imagem individualisada da humanidade e da sua historia.

Por outro lado, assim que baixa a sombra da noute, e os membros lassos convidam ao somno, desvenda-se o sonho mostrando ao homem primitivo um mundo obscuro e vago que se dissipa com o acordar. Como será illusorio, phantastico, isso tudo que elle realmente viu e que, agora, acordado, a memoria lhe recorda? Evidentemente, é tão incapaz de explicar a phisiologia dos sonhos como o systema dos mundos; e por isso, ao lado das explicações que deu á existencia e ao movimento dos astros, põe as explicações que dá ás visões do somno.

Collocado entre dois ignotos, um tão evidente que o offusca e tão grande que o enche de espanto, outro tão phantastico, tão irreal, tão mysterioso que o aterrorisa, o selvagem não póde referil-os ambos a si, e, enleiado n'esta dupla attracção das

<sup>1</sup> V. *Raças humanas*, II, pp. 12-14.

illusões, cáe de joelhos, geme e treme. N'esse momento fórma-se a religião, ou antes, o mytho torna-se religioso. Principiou a adorar-se o que se não comprehende; começaram a temer-se os objectos que nasceram espontaneamente n'um espirito incapaz de definir a natureza das cousas.

Desde logo o mundo inteiro — o mundo interno e o mundo externo, o mundo dos astros e o mundo dos sonhos — se povôa de espiritos, de almas, de sombras, de terrores. A imaginação, obedecendo ás impressões dos sentidos, inventou essas cohortes phantasticas, a que agora obedecem os proprios sentidos allucinados. No estado de uma perceptividade absoluta, o espirito recebeu as impressões de fóra que, ou actuaram directamente sobre os órgãos, ou indirectamente por via dos sonhos; e desde logo, n'um estado tambem de plasticidade ingenua, a imaginação deu a essas impressões um corpo ou vida — uma fórmula e uma realidade. Reaes, portanto, as invenções espontaneas passam a fazer parte integrante do ambiente em que se existe e a actuar n'essa qualidade sobre a imaginação. Dentro de um mundo em que a philosophia vê apenas aspectos, e mais de uma metaphisica méras illusões, poz a imaginação primitiva um outro mundo de chimeras. O vento correndo no espaço vibra sons que os nossos ouvidos ouvem, sem que o vento seja uma realidade, mas um movimento apenas: pois bem, o som do vento tornou-se para a imaginação infantil do homem primitivo o grito de um espirito.

Ouvindo-o, ouvia a voz de um deus, e essa voz supposta, actuando-lhe sobre os sentidos como qualquer realidade realmente real, enchia-o de terror. Não treme ainda hoje tanta gente percebendo no trovão «a cólera divina»?

Tambem o sonho que até ahí reproduzira apenas as impressões mudas, as lembranças sem merito—como devem ser os sonhos dos animaes—o sonho passou a povoar-se de recordações mythicas. O sonho é um espelho do estado mental do individuo: apenas phisiologico em si, torna-se pathologico desde que nasce no espirito a *doença* da mythologia. Quem é capaz de descobrir muitas vezes os filamentos absconditos da reminiscencia e da analogia que dão lugar a historias tão extravagantes? Eu viajei uma noute por todas as terras em cujo nome entra a letra P: eis ahí um nucleo e um nexo da phantasia. Umavez esse nexo é obscuro, muitas vezes é remoto: renovam-se pensamentos já esquecidos, surgem idéas apagadas, mas que o cerebro guardava n'um estado latente. Tem havido quem componha discursos, poemas, musicas, dormindo. O isolamento e o socego absoluto do espirito, que o somno defende das excitações ambientes, dão á memoria uma potencia excessiva. O *eu* como que se desdobra, e dentro de cada um de nós ha então a noção d'aquelle individuo que pensa e sente acordado, e de um outro individuo que, sonhando, está conosco pensando e sentindo.

Esse outro quem póde ser senão a alma, o espirito que vem a tornar-se deus? Como ha de o selvagem conceber o desdobramento da sua individualidade? E desde que no seu pensamento caiu a semente do animismo, esse outro com quem falla é o *outro* que a sua imaginação invéntou no mundo externo. Por isso os sonhos tiveram desde o começo uma origem sobrenatural e uma significação prophetica.

A lembrança d'elles não se apaga quando se acorda. Ao acordar, levanta-se o sol no horisonte,

dir-se-hia que as estrellas adormecem apagando-se; se o dia é limpido, cresce uma onda de luz batendo, banindo as trevas; se a tempestade ruger, cáem das nuvens as *serpentes* de agua, e a voz dos trovões reboa pelas quebradas das serras. Que seres são esses, que luzes, que vozes — senão a realidade dos espiritos com quem fallei durante os sonhos, que me disseram o passado e me prognosticaram o futuro? O sonho da noute continúa de dia; dia e noute são aspectos, o mundo todo é uma visão. As impressões que se levaram para o leito, germinando no somno, vicejam de dia: a existencia inteira é uma allucinação.

Sonha-se acordado, tanto ou mais do que dormindo. O aspecto de realidade supposta das cousas dá ás visões uma energia que as condições phantasticas do sonho lhes negam. A imagem nascida no cerebro é tão capaz de ferir os sentidos como qualquer objecto que existisse fóra d'elles — assim o affirma diariamente a phisiologia. A alma que vimos em sonhos apparece-nos: vemol-a com os nossos olhos, depois de a termos ouvido com os nossos ouvidos no sussurrar da floresta ou no bramir do vento. Uma lucidez morbida que, segundo os graus, é poesia, visão, allucinação — eis o que vem da faculdade eminente do espirito: a faculdade de crer em todas as suas invenções.

Assim se tem dito que o genio é uma loucura: assim se deve dizer que a humanidade, genial de certo no seio da criação, attestou a sua grandeza n'uma *doença* organica — a mythologia.

## 2.

Sentado á porta da sua choça, curvado, na attitude de quem medita, com os olhos cravados no



firmamento, o selvagem interroga o céu. Dentro do cerebro correm confusas as lembranças dos casos da sua vida errante, ainda nua de noções moraes que só a sociedade revelará: esses casos são os estupros, as luctas, as mortes, as ciladas, as aventuras da caça e as artes dos bichos dos matos. Outro tanto vae por lá, pelo céu! Com a sua face negra virada ao firmamento onde tremem as estrellas, o australio vê e conta o que se passa n'essas familias luminosas. Em Orion dançam os rapazes o *corrobori*, enquanto as Pleiades, como raparigas, lhes fazem negações de amor. Esta estrella é filha de aquella: uma é mãe, a outra avó: ha gerações inteiras. Nos dois grandes astros de Centauro estão os dois irmãos que mataram Tchingal com as settas cujas pontas se vêem ainda a brilhar ensanguentadas nas estrellas orientaes da Cruz. O céu tem os seus dramas, os seus astros são os espiritos que partiram da terra antes da vinda dos homêns, levados pelo seu velho chefe, Gina-bong-birp. — Mais além, para o tasmanio, Capella é um kanguru caçado por Castor-e-Pollux, os irmãos, que o matam e o assam: o fumo da fogueira vê-se até ao outômno. Nas Pleiades estão tambem raparigas desafiando os caçadores de Orion. — O boschimano vê nas estrellas os animaes que povoam os rios e as mattas africanas; descobre na Via-lactea as cinzas que uma rapariga errante espalhou para marcar o caminho de casa. — O firmamento eskimó é um poema de combates e hymnos e um museu inteiro de animaes. Os kasia da India trans-gangetica sabem como foi que os espiritos chegaram ao céu: eram pessoas que subiram ás arvores; cortaram-lhes os troncos, ficaram no ar, elevaram-se, pairando do alto a olhar-nos com

os seus olhos luminosos. A's Pleiades chamam «um homem com um bando de pintos.»

Muda-se o aspecto do céu, mas não muda o espirito do que o vê: muda apenas a attitude do que o interroga. E' dia, ergueu-se; erra no bosque procurando a caça quando subitamente vem uma tormenta. Pára. As nuvens crescem negras, ribomba o trovão voando. E' um grande passaro! dizem os dacotas; é uma grande ave que segue com a ninhada! O pae tropeja, os filhos repetem: assim o trovão se prolonga. — E' Voc, o mensageiro de Huracan, dizem os indios da America central já inventores de deuses; é Voc, o mercúrio alado do deus das tempestades. Por toda a parte, na Africa, na America, o temporal é um passaro, batendo as azas em cyclones que voam, soltando gritos que são trovões, despedindo raios dos olhos fusilantes. — Por toda a parte as trombas, de areia nos desertos, de agua nos oceanos, são monstros ou espiritos: são demonios, quando a mythologia entra n'um periodo de distincção entre bem e mal. — Se a tromba se ergue do mar ás nuvens, os chinezes vêem Tatsmaki, o «dragão que jorra»; o cafre vê Manika, a grande serpente marinha: a agua, em tromba, em chuva, é sem-uma Serpente. Quando nos desertos seccos se levantam as trombas de areia, o beduino vê um djinn que foge, e o cafre um demonio — P'hepo.

Passou como um relampago a tempestade e no céu conturbado desenha-se o arco Iris a que ainda a mythologia christan chama «o signal de paz entre Deus e os homens». Assim lhe chamavam os gregos. Para o karen da Birmania, para o zulu de Africa, é um espirito malfazejo; no Dahomé é «a serpente celeste da fortuna»; para os insulares do mar do Sul é a escada por onde sobem e

descem os heroes; para os scandinavos era Bifröst, a ponte aerea tricolor que liga o céu á terra.

O temporal é uma grande ave, batendo as azas; uma ave é tambem o sol no bello mytho algonqui. O caçador Ojibwa matara um urso, começava a retalhal-o, quando o quer que é vermelhó illuminou o ar. O caçador largou a rez e olhou; foi até á borda do lago, e então viu sobre a agua um bello cysne rubro com a plumagem rutilante no firmamento. Armou o arco, despediu as settas: era em vão. O cysne voava indifferente e intacto, luminoso sobre o céu claro. O caçador lembrou-se logo de que tinha em casa tres settas magicas herdadas de seu pae; foi por ellas, e lançou a primeira que, subindo, se aproximou do cysne; a segunda aproximou-se ainda mais; a terceira feriu-o, e então a ave, batendo as azas, caiu rapidamente no poente...

O cysne rubro do algonqui é um mytho: não é ainda uma theoria do sol, nem do dia, nem dos phenomenos celestes. Assim, tambem, West perguntando uma vez aos eskimós se sabiam quem fizera o sol, elles lhes responderam: «Ignoramos se quem fez isto está vivo ou morto». Para o espirito primitivo não existe a noção de causalidade: percebem-se apenas as relações. Os selvagens descrevem, não explicam — no sentido philosophico da palavra. Não se busquem pois cosmogonias entre os mythos primitivos, ali onde ha apenas representações. Os mintiras de Malaka, os ho de Chota-Nagpore, curvados, acorados na sua mesquinez selvagem, vêem no céu uma grande cupula — um vaso invertido, suspenso sobre a terra por uma corda. O medo de que ella se parta é a fórmula porque temem um cataclysmo sonhado, é o rudimento do medo de deus.

Dentro d'essa concha representa-se o drama duplo dos casos da terra e dos casos do céu. Vendo no firmamento alternar-se o sol e a lua, como personagens principaes da população astral, a imaginação concebe espontaneamente uma relação de sexo, um casamento em que a vida dos esposos, cortada de tragedias, reproduz os casos da vida conjugal selvagem. Os esposos são frequentemente irmãos, e a lua é quasi sempre homem: bello symbolo que nos mostra como o homem procede da sombra para a luz, da noute para o dia, começando por adorar a lua, passando a adorar o sol — e depois do sol os pensamentos que são a unica luz verdadeira, e o sol interior do nosso espirito.

Os indios selishes, da America, poem na lua um sapo que fugiu ao lobo; os samoas vêem uma mulher, Sina, que um dia foi devorada; mas a regra é vêr um homem — por isso que na lua está o supremo espirito. Em todas as regiões polares o sol é uma donzella, a lua seu irmão. Se o lua anda, diz o australio, é porque um dia foi achado a seduzir a mulher de certa estrella: acudiu o marido, o seductor fugiu, e vac fugindo sempre, perseguido. O sol boschimano é um homem: um homem de outra especie que os avós dos quaiquas em creanças lançaram para o ar, enquanto dormia. A lua é outro homem, que brigou com o sol, foi esfaqueado esvaindo-se em sangue, e que por pedir perdão tornou á vida: eis a explicação das phases lunares. A lua, dizem os kasias, a lua que é homem, apaixonou-se uma vez pela sogra que lhe deita cinzas á cara — quando o disco lunar se obscurece.

Diariamente o sol se some no firmamento: ás vezes um eclipse esconde-o, ou esconde a lua. Dizem os sumatras que então os esposos bata-

lham entredevorando-se; dizem em Cumana que o astro eclipsado ficou ferido; e para applicar a batalha os ojibwas entoam algazarras, produzem bulhas estrepitosas, ordenando aos espiritos que terminem a contenda. Outro mytho é o dos chiquitos: viam caens enormes mordendo, abocanhando a lua nadando em sangue das proprias feridas, e por isso despediam settas para os monstros clamando, chorando, gritando. Quando o sol se eclipssa, os tupis dizem que o jaguar o comen, e assesteiam tambem o monstro. Por toda a America voga este mytho. Mas, em Malaka, o eclipse e o dia e a noute, isto é, o systema inteiro das modificações da luz, é abrangido pelo mytho dos mintiras: As estrellas são filhos da lua; tambem o sol tinha filhos ou estrellas, mas devorou-os uma vez; e a lua, para que o sol lhe não roube os seus, esconde-os de dia: quando o sol o soube irritou-se, e largou correndo. Por isso vemos os dois astros nas suas carreiras diurnas: quando o sol apanha a lua, morde-a — eis ahi o eclipse...

Tal é o céu, taes são os ares que os selvagens vêem e concebem. Assim correm os dias, assim vivem os phenomenos sob a cupula material da concha azul, onde a lua reina como senhor soberano. O ar, o céu, estão povoados de espiritos, mas esses genios não possuem substancia diversa da substancia do homem. O céu está perto, céu e terra são uma e a mesma cousa. Não ha vislumbre de distincção, embora exista a noção de categorias de forças: o chefe é mais forte do que o soldado, mas o espirito é ainda mais forte do que o chefe. Os chefes crêem-se espiritos quando são poderosos, os povos crêem-se da massa divina. Zulu quer diz céu; e Utshaka, um rei dos zulus, mandou matar os doutores-da-chuva, por in-

tervirem no seu imperio — um imperio que abrangia céus e terra.

Tal é o estado mental do homem primitivo, esse estado em que as representações mythicas brotam espontaneas no cerebro enredando-o em tegumentos de chimeras, mais espessos, mais teñazes do que as tramas com que as trepadeiras entretecem os corações dos bosques. Agitada a mente na acção do dia, poderá socegar no remanso da noute? A lua mysteriosa apparece-lhe nas sombras do céu, nas voltas do cerebro, e evoca as legiões dos seres da phantasia, chimeras filhas de chimeras.

## 3.

Schoolcraft diz-nos dos indios americanos que os sonhos e os factos têm para elles um valor igual de realidade; todos os viajantes observadores da psychologia dos selvagens concordam adduzindo provas para demonstrar esse estado nebuloso do espirito em que se não distingue o objecto da sua imagem, da sua sombra, da sua representação, ou da sua lembrança.

Quando o homem primitivo dorme e sonha, pois, suppõe viver de um modo tão positivo como quando está acordado. As evocações da memoria, passando-lhe no cerebro como as phantasias multicolores do kaleidoscopo, têm para elle tanta realidade como esse turbilhão de astros que lhe passa diante da vista matizando o fundo obscuro do firmamento. Depois, a propria singularidade do que viu dormindo aguça-lhe a attenção ao despertar: recorda, memora, medita, interpreta, e em volta das fogueiras, encruzados, seismadores, os selvagens contam entre si o que viram, por onde andaram a noute da vespera. O contacto da cu-

riosidade é como a lenha no fogo: augmenta o volume das labaredas de uma imaginação plastica, excitando o cerebro, lançando na memoria sementes que na noute immediata hão de germinar em sonhos ou visões novas.

Fechados os olhos, dormindo, abrem-se as portas de um mundo incognito. Começam as viagens da alma, ou as visitas de outras almas que vêm tratar com a nossa. Assim Patrocles visitou a alma de Achilles. Nas suas viagens a alma que vem exerce missões propheticas, e a alma que vae perde-se por paraísos distantes, dançando, caçando, gozando — como crêem os groelandezes. O *itongo* dos zulus é o espirito propheticos dos sonhos. Os tangalas de Luçon nunca despertam o que dorme «porque a sua alma está fóra».

Nasceu apenas do sonho esse mytho da alma, coevo do homem? Não parece; porque a ser assim o nome d'ella seria o do somno. Parece antes que a alma, concebida no mysterio dos sonhos, lembrada ao acordar, tirou o nome e a essencia, não da apparição, mas de certos phenomenos reaes com que se relacionaram os psychicos. Nas linguas primitivas, alma quer dizer sombra. Todo o corpo, conforme o grau de obliquidade do foco luminoso, projecta uma imagem obscura em que se reproduz. Na pallidez da noute, ao clarão da lua, as sombras são phantasticas, e quando o vento balaouça as arvores, as suas imagens negras parece-nos dançarem singularmente. A confusão do objecto com a imagem dá individualidade á sombra — e essa sombra é a que falla e vive nos sonhos. Assim na imaginação primitiva se confundem sempre, relacionando-se, os phenomenos do mundo externo e os do mundo interno. Alma diz-se sombra em tasmanio; diz-se otahchuk, significado de som-

bra, em algonqui; é neja, sombra ou imagem, em aravaco; é estas duas cousas mais a idéa de écco em abipone; é tunzi em zulu; é seriti, o residuo que fica depois da morte, em bassuto. Alma é a imagem das cousas, e as sombras são imagens produzidas espontaneamente.

E' de certo em edades mais avançadas que o espirito principia a cogitar sobre phenomenos de outra ordem, e que a alma passa de ser Sombra a ser Vida, deixando de exprimir mythicamente uma percepção simples, para crear um mytho physiologico. A circulação do sangue e a respiração, nos symptomas que se affiguram á imaginação como o agitar-se de um espirito interno, eis ali o nucleo do segundo mytho da alma, mytho póde dizer-se que ainda hoje vivo nos paizes cultos. No bater do coração ouvem os caraibas mover de espiritos; e os bassutos dizem de uma pessoa que morreu: o coração saíu! Na Australia occidental a alma é wang, a respiração; na California é piuts; para os gregos foi pneuma; para os hebreus nephesh, a palavra que na Vulgata se traduz por «spiraculum vitæ.» O mytho groelandez, porém, mytho duplo em que a alma, sendo sombra, é tambem espirito, *spiritum*, como os latinos diziam, mostra-nos a affinidade das origens, ou parallelas ou successivas, no phenomeno luminoso da sombra e nos phenomenos biologicos da circulação e da respiração.

Sabido isto, seria para admirar, seria até incongruente que, uma vez concebida a alma, o homem deixasse de animisar tudo, absolutamente tudo. Se a alma é Vida, tudo o que vive tem alma: vegetaes, animaes; se a alma é imagem, não ha objecto inanimado, porque não ha cousa irrepresentavel. Com effeito, assim succedeu logo: o mundo inteiro



povoou-se de almas, e, para além da realidade, a imaginação humana creou um outro mundo de sombras, de imagens — que para o selvagem são representações apenas, que depois serão substancias ou idéas para a metaphisica — mundo mythologico ainda hoje existente, até no seu typo selvagem ou primitivo.

Descrever minuciosamente os exemplos d'esse estado de animisação universal seria demasiada e desnecessariamente longo: demos apenas os traços essenciaes. O primeiro e principal está em que, sendo a alma primitiva uma representação, a sua imagem — imagem de uma imagem — não é uma invenção: é realista. A alma é um *bicho* para o selvagem e para a creança. São bichos, as almas da terra e as do céu — quando as almas das nuvens são vaccas para o indio, camellos para o arabe, em cuja lingua o rugir do leão e a trovada tem o mesmo significado. A alma dos brutos é como a alma dos homens: o indio nort'americano discute com o cavallo, poupa a serpente cascavel que teme, saúda os animaes como gente. Os gritos das feras, os cantos dos passaros, os silvos dos reptís, parecem tanto uma falla como a humana; e entre os brutos e os homens não ha differença de essencia, não ha differença de especie alguma, nas almas que passam, mudam, emigram. Os ahts do Vancouver crêem nos animaes almas humanas, que depois virão habitar homens, para regressarem depois ainda ao passaro, ao peixe, á fera em que tinham andado. Os ursos tem alma de gente para os siberianos, as phocas para os esquimós, as rolas para os hurões da America. As mais bellas aves, de pennas rutilantes, são a morada das almas dos tascalans do Mexico, dos içannas do Brazil; e quando os patos em bandos

grasnam de noute pelas lagoas, os abipones ficam-se a ouvir o conversar das suas almas. A comunidade dos brutos e dos homens traduz-se ainda por factos de outra ordem. Na sua rudeza, o selvagem não faz idéa da morte, porque não tem ainda noção de nenhuma lei. A morte é um accidente, um maleficio, e reclama vingança.<sup>1</sup> Quando na America, um urso matou um indio, fel-o para vingar outro urso que outro homem matara: por isso os caçadores, abatida a rez, pedem-lhe perdão, fumando com ella o cachimbo-da-paz. Da mesma fórma o cafire, caçador de elephantes, roga-lhes que o não esmaguem sob os pés, e logo que os mata enterra-lhes piedosamente a tromba. Os ainos procedem com o urso como os americanos, e os kariaks esfolam-no, vestem-lhe a pelle, dançando como lupercaes em volta da rez que vão retalhar e devorar. Os lapões temem tanto que a alma do animal morto possa vingar-se, que antes de comermos a carne, não só pedem perdão do feito, mas offerecem nozes e outros regalos — como se o bruto fosse o conviva e não a materia do festim.

A população inteira dos ares, dos bosques, das aguas, é uma cohorte de espiritos ou almas que logo se divinisarão, conforme observaremos. Mas nem só os animaes são almas: são-no as rochas e as arvores, tudo, até as cousas mais infimas, até os utensilios e vasos domesticos que se quebram no funeral para que em espirito acompanhem o morto. Beechey diz-nos que os habitantes da ilha do Urso, no Pacifico, quando viram chegar o navio em que elle ia, acreditaram ser o espirito de um chefe morto pouco antes. Os dayaks de Borneo conhecem o «espirito do arroz» — samangât-padi.

<sup>1</sup> V. *Raças humanas*, II, pp. 76 e segg.

## 4.

A imaginação apresenta os espiritos em sonhos, a vista descortina um mundo inacessível nos astros: o nexo entre os dois phenomenos já o leitor conhece. Vem o acaso (porque a noção da lei é desconhecida) e traz consigo a morte — um desaparecimento. A morte é, pois, a chave do enigma das cousas e o mytho dos mythos. A morte é como o somno: o cadaver sonha, a sombra viaja; a alma fugiu, para habitar as regiões inacessíveis do céu nocturno illuminado de estrellas, e das visões dos sonhos onde se desdobram os paizes phantasticos. Quem sonha vive com os mortos; a noute é escura, o dormente é um cego — a terra dos espiritos é, pois, um vasto campo de treva, e a noute e a morte, em todas as mythologias, uma guela aberta que, devorando-nos, nos conduz ao ventre dos monstros da sombra.

Se o homem, vivo ou acordado, parece a si mesmo duplo, como realidade e como alma, o mundo parece tambem um duplo mundo de almas localisadas em corpos vivos, e almas errantes em busca de moradia. Um certo numero de almas habita um certo numero de corpos: quando alguem morre, a sua alma revive n'uma creança que nasce. «E os idolatras do archipelago aromatico têm o abuso das almas que são immortaes, porque de um corpo morto se passa a alma para outro corpo gerado por conceição na matriz.» (Eredia, *Desc. de Malaca*) A idéa da immortalidade, idéa inconciliavel com a realidade phisiologica, mas enraizada no pensamento humano e porventura

ainda por definir na sua pureza, <sup>1</sup> surge como uma aurora, um rudimento, ou um embryão, n'estes mythos animistas primitivos. Os khonds, os lapões, os groelandezes, os americanos, os negros, todos dizem com os yorubas africanos á creança que nasce: «afinal, voltaste!» Quem nasce, resuscita. Por isso os álgonquis enterram os mortos á borda dos caminhos, para que as almas possam passar da cova para o ventre das mulheres gravidas transeuntes; por isso entre os tacullis o feiticeiro *sopra* a alma do morto para o corpo do parente mais proximo, cujo primeiro filho herda o nome e o lugar do fallecido; por isso os nutkas diziam de uma tribu remota, cuja lingua e usos eram eguaes aos d'elles, que n'essa tribu viviam as almas dos seus antepassados.

Outras vezes não ha transmigração: ha resurreição simples de corpo e alma: assim os australianos crêem que os brancos idos da Europa são negros resuscitados que no outro-mundo perderam a côr; e os negros escravos no Brazil mais de uma vez se têm suicidado para renascem na patria. Mas o realismo constitucional de todas estas concepções vê-se aqui, vê-se em toda a parte. O espirito, imagem real do corpo, reproduz todas as suas feições: desde que os senhores de roça degolaram e mutilaram os cadaveres dos suicidas, a mania cessou no Brazil, porque o espirito renasceria acephalo ou mutilado. Assim, tambem, quando o australio mata um inimigo, corta-lhe o pollegar para que o espirito, buscando vingança, não possa jogar o dardo. Tambem o negro teme morrer de uma doença longa, porque ficará magro e feio no outro-mundo; e o chinez têm o horror sabido ás

<sup>1</sup> V. *Raças humanas*, II, p. 80.

amputações. E quando, no systema de casos da *mystagogia christian*, os martyres appareciam aos crentes, não vinham sempre crivados de settas como S. Sebastião, ou como o Crucificado com as suas cinco chagas, conforme foi *visto* por S. Francisco de Assiz e outros?

O iroquez faz buracos no tumulo para que a alma possa sair e voltar. O chinez faz um buraco no tecto da casa para que a alma passe, quando alguem morre. O medico malgache vae aos tumulos, fura, collhe uma alma no seu barrete e vem mettel-a na cabeça do enfermo: a doença é uma ausencia de alma. Mas de que especie de alma? Porque os malgaches concebem tres n'um mesmo corpo: o «saina» que se dissipa com a morte, o «aina» espirito da vida que se transforma em ar puro, e o «matoatoa» phantasma do tumulo. Os latinos tinham tambem a «anima» e o «spiritus», os algonquis, egualmente, a alma dos sonhos e a alma dos tumulos.—A concepção mythica primitiva desdobrou-se em duas: a alma que é ar, céu, luz,—essa alma que para o iroquez voa para o ether nas azas de um passaro, e ainda sob esta fórma apparece representada nas estampas mysticas do catholicismo,—e a alma que é sombra, sonho, tumulo e morte.

No mytho da alma vê-se a refracção da dualidade organica da existencia astral e mental: a noute e o dia, o pensamento e o sonho. Um passo mais, e a luz é virtude, a sombra é maldade; o ether do mundo cosmico é o céu, a noute das aparições do somno é inferno. Já relacionadas as duas fontes da mythologia, estabelecido já o nexo do mundo exterior e do mundo interno, o destino das almas dos mortos assignala-se depois como consagração da existencia dos vivos. Os bons vão

para os astros, os maus erram pagando as suas culpas; os bons habitam uns animaes, os maus habitam outros. Entre os maravis o bom é chacal, o mau é serpente. A mythologia espontanea começa a colorir-se de noções reflexas; a moral, collando-se ao mytho e dando-lhe expressão, é um symptoma de progresso.

Assim brotaram na mente dos primeiros homens, como bolhas de agua fervendo em lagoas de crateras obscuras, os primeiros mythos religiosos, exprimindo as noções provocadas pelo aspecto do céu e da terra, e pelo ondear dos sonhos nos recessos da memoria. Dentro do craneo passavam no cerebro dramas phantasticos, dentro da abobada celeste viam-se no ether historias estranhas. Presentia-se n'essas interpretações infantis a essencia verdadeira das cousas, exprimindo-se em palavras rudes, em mythos grosseiros.

Se fitamos o ouvido, a perscrutar os sons do mundo remoto, chega até nós o vago sussurro das almas que habitam por toda a parte os astros e os homens, as arvores e as pedras, as trevas e a luz, o dia e a noute, o tumulo e a casa, o bosque e o mar, as feras e os peixes e os passaros. E' o murmurio vasto da Inconsciencia. Os espiritos fallam baixo: na noute escura é um cantar de grilos, diz o algonqui; um piar de mocho, diz o maori; um sibilar de cobra diz o zulo. E' um sussurro vago de sons esbatidos, um palpitar de idéas latentes, no crepusculo phantastico de um dia de verão — o dia do pensamento que vem surgindo, vestido em nevoas, involto em mythos.

## II

### Invenção dos deuses

#### 1.

Vogando no meio d'esse oceano de espiritos, ouvindo-os, vendo-os surgir de toda a parte, que situação mental pôde ser a do homem primitivo, senão a de uma fragilidade tonta que ao primeiro revez, ao primeiro caso imprevisto, se torna em medo? A creança é por egual imprevidente, cruel e medrosa: assim é o homem primitivo. Se nós não podemos dizer com o theologo Schleiermacher que a essencia da religião seja o medo, devemos reconhecer que esse estado mental é a nota predominante no espirito do selvagem depois que a sua imaginação creou os mythos animistas. A natureza é cheia de espectros, a noute povoada de sombras, o bosque fechado murmura e geme; e quando a lua do céu espalha rendas de luz pallida sobre os macissos das arvores sacudidas pelo vento, parece que a floresta inteira vive, com fórmias que se destacam e andam, com olhos accesos que vêem, com gemidos longos e murmurios entrecortados. Sente-se terror — o terror do innominado, esse medo a que os gregos chamaram panico. Todos nós experimentámos isto alguma vez na vida; todos nós vimos alguma noute os deuses dos bosques nas suas danças, ou o diabo com as suas feiticeiras n'um sabbat... Nascidos já em tempos estereis não fi-

zemos das visões mythos, mas o medo que nos fez tremer e fugir, o medo do innominado, produzindo-nos o calafrio e a pallidez, foi a impressão que levou o homem primitivo a cair de rastos adorando um deus.

Esse deus era a alma que a sua imaginação fecunda inventara, era o mytho provocado espontaneamente pela impressão dos phenomenos sobre um espirito ingenuo. Desde que, reagindo, o mytho actúa, dominando, sobre aquelle que o creou, póde dizer-se que existe deus e religião. A mythologia, espontanea em si, toma um character reflexo, e as interpretações primitivas das cousas ganham um valor que, sem ser ainda moral, é já imperativo. O corpo da mythologia religiosa propriamente dita está pois formado: ha uma acção e uma reacção, um movimento espontaneo e um movimento reflexo, que na sua simultaneidade abrangem toda a vida moral: exprimem primeiro a expansão da intelligencia sob uma fôrma imaginativa, corporisam depois os movimentos do sentimento sob uma fôrma cultural.

Nós já vimos como a constituição dos mythos espontaneos provém das duas fontes parallelas, do mundo exterior e do mundo interior, ligadas por um nexu mais ou menos definido. Digamos agora que a mythologia religiosa — a religião até, pois por largos periodos ella é apenas mythologica, — consiste no conjuncto dos productos da imaginação espontanea e no corpo de sentimentos que, reagindo, esses productos determinam. A religião é o mytho e o medo: é a invenção sommada ao effeito. O mytho é a parte subjectiva da religião, o medo a sua parte objectiva. Não foi o medo que inventou o mytho: foi a imaginação, independentemente e por força da actividade propria. Do my-



tho, que deu realidade a chimeras, nasceu o medo religioso: nasceu deus, cuja imagem é sempre dupla — bem ou malfaseja, terrível como as sombras errantes animadas, ou sympathica á maneira da luz do céu sereno. Se o genio dos povos faz com que na esphera subjectiva das varias mythologias predomine, ora o elemento a que chamámos cosmico, ora o elemento a que chamámos psychico, tornando os cultos preponderantes, umas vezes eschatologicos, outras vezes *pagãos* (metereologicos, astronomicos, etc.), tambem nos deuses inventados pelo temperamento das raças predomina umas vezes a face terrível, outras vezes a face benígna, conforme na alma dos crentes predomina o susto ou a piedade. E sem termos constantemente presentes estas distincções essenciaes, — a dualidade dos elementos da mythologia religiosa (espontaneos e reflexos) e a origem dupla (cosmica e psychica) dos mythos espontaneos, jámais poderemos embrenhar-nos com segurança na selva obscura das almas da phantasia.

Selva, dizemos, e não ao acaso. Deus nasceu nos bosques. A floresta é o berço do medo. Os ares, os astros, os sonhos povoaram-se de espiritos, mas esses seres eram inoffensivos, sem authoridade: não eram ainda deuses. No seu conjunto formavam antes uma *theoria* — se é licito dizelo assim — do Universo, do que um corpo de religião. D'essa pleiade infinita de seres phantasticos destacaram-se alguns, os poderosos, e o homem passou a crêr que dependia d'elles: temeu-os, adorou-os. Só esses foram deuses, ou almas divinizadas. Assim como na multidão dos individuos humanos, congregando-se em bandos e tribus, surgiram chefes: assim na multidão das almas se levantaram deuses — almas revestidas de uma autho-

ridade e de um poder que é tão temível como o governo absoluto do regulo, do soba.

Se os deuses nascem principalmente na floresta, berço dos medos, é igualmente verdade que não apparecem por via de regra senão ao homem só: a companhia dissipa o susto, a conversa distrahe a attenção. Sósinho á noute, pisando a vereda afogada em matas, é então que os deuses se manifestam ao indigena das Antilhas — ao homem primitivo, em toda a parte. A raridade das apparições accrescenta ainda ao medo, consolidando a authoridade do feiticeiro que tem nas suas mãos a força de evocar a divindade. Com o primeiro deus surgiu o primeiro padre, porque uma authoridade que se sente sem se vêr, a que se obedece e se teme sem se conhecer, envolve em si a necessidade de um medianeiro. E, na tendencia organica do espirito primitivo para tornar reaes todas as apparencias e effectivas todas as supposições, o feiticeiro confunde-se com o proprio deus, encarnando em si a authoridade mysteriosa. Evocar os espiritos, communicar-lhes desejos ou ordens por meio de encantamentos, ou propicial-os por meio de offer-tas e sacrificios rituaes: eis as funcções do mago, do shaman, do feiticeiro, cuja dignidade sacerdotal é hereditaria, porque os segredos ou sacramentos (as palavras são synonymas) constituem a tradição de uma certa descendencia: familia, como em quasi toda a parte, associações ou collegios mysteriosos como os dos negros, dos polynesios e dos americanos.

Esses deuses que se destacam dos nevociros das almas são ainda como ellas um espelho das fraquezas e violencias dos homens. Se ainda a sociedade não constituiu a moral, consagrando os usos proprios, como póde haver noção de justiça na idéa

de deuses que são apenas as invenções feitas á imagem do homem? O egoismo individualista primitivo, o medo do forte, o amor do lugar, estão no coração dos selvagens e dos seus deuses. A veneração é tanto maior quanto maior é o medo; e o medo cresce em razão directa da supposta força do espirito, assim como a estima em razão da proximidade. Ama-se o visinho: ama-se tambem o fetiche do lar com quem vivemos, que nos acompanha nas nossas esperanças, nas nossas illusões, nos nossos planos de vingança, nos nossos projectos de rapina. E' um protector que se invoca para tudo, sem distincção de bem ou mal, porque essa distincção não existe ainda no espirito do crente: assim o saltador da Apulia, ainda selvagem, deixa as velas accesas á imagem da Madona domestica, quando parte de trabuco ao hombro a esperar os caminheiros na serra. O espirito ou alma que o feiticheiro evoca *está* no pedaço de pau ou pedra guardado no recesso da choça: o fetiche é o proprio deus que cada qual traz comsigo, escravizando-o e adorando-o a um tempo.

## 2.

A etymologia demonstra a origem que démos aos deuses. Alma é synonymo de Sombra, Deus é synonymo de Alma. Sombra-alma-deus, eis ahi a triada. Em toda a Polynesia oriental, affirma Max Muller, deus tem por nome Atua ou Akua, e Ata, n'essas linguas, significa sombra.

Se todas as sombras se tornaram espiritos ou almas, concebe-se que as almas partilhem todas o character de deuses, embora só se destaquem algumas que se supponham dotadas de potencias excepcionaes, como dissemos. O mundo coalhado de

almas póde dizer-se que apparece afogado em deuses. Os indios hidatsas do Missouri, diz Mathews, adoram tudo: adoram «o velho immortal», adoram «o grande mysterio,» adoram o homem, o sol, a lua, as estrellas, os animaes, as arvores e as plantas, os rios e os lagos e as rochas; adoram certas collinas isoladas, certas cavernas solitarias; adoram tudo o que existe por si e independentemente — adorando a individualidade, nucleo da alma, nucleo da vida mental selvagem, quer o individuo seja um animal, quer um monte ou uma penha destacada.

Conforme o genio da raça, conforme o clima e o local, conforme a historia, assim o animismo primitivo, desde que se faz religioso, se torna n'um pan-theismo ou n'um pan-demonismo; n'um systema de nuvens divinas protectoras, ou de espiritos malignos diabolicos. Por outro lado no proprio seio da mythologia animista ha graus e na serie das tribus selvagens uma successão de estados ethnometricos. A mythologia do negro é infantil, simples e prosaica; a do pelle-vermelha é poetica, sombria e melancolica; mais aerea, mais imaginosa, mais alegre e feliz, é a do polynesio. O boschimano caçador tem um animismo infimo, o cafre e o hottentote pastores têm uma mythologia mais dôce. Os mythos das tribus guerreiras são crueis, os dos povos commerciantes e industriosos mais mansos, porém mais cavilosos. E' infimo o animismo dos fuegianos, dos brazis, dos pampas, dos botocudos, dos otomaks, dos soshones, dos comanches; é superior o dos caraibas, dos hyperboreos e dos esquimós; é superior ainda o das tribus do sul do Canadá, do oriente do Missouri <sup>1</sup> que os via-

<sup>1</sup> V. para as class. dos povos, *As raças humanas*, 1, pp. 31 e segg.

jantes equiparam ao momento attingido pelos polynesios, com os seus cultos organizados, até com uma theocracia baseada na adoração do sol (momento culminante da mythologia, e expressão de vida civil agricola), conforme succede aos natchez.

Isso que nos natchez se observa em rudimento, foi o que a historia viu — e nós contaremos a seu tempo — nas mythologias dos mexicanos e peruanos, mythologias solares a que a America chegou evolutivamente dentro do typo animista. E' isso tambem o que a mythologia do Egypto, summa do animismo, nos demonstrará em breve, e o que patenteia a mythologia religiosa dos finnios. Na Asia setentrional e austro-meridional, na Polynesia, na Africa, na America, o animismo, desenvolvendo-se sobre si, deu typos mais ou menos avançados de mythologia; em todas essas regiões a soberania divina da Lua passou para o Sol, á maneira que as sociedades passavam de um estado selvagem ou barbaro para um estado ethnicamente culto. Chegou-se até a inferir d'esses exemplos de desenvolvimento paralelo uma afinidade de sangue, por se esquecer a identidade do espirito humano, ou o character moralmente especifico do homem. Bopp chegou a pretender mostrar a unidade dos polynesios e dos indo-europeus; Gerland não é o unico a enfeixar n'um ramo hottentotes, cafres, hamitas e semitas; Humboldt defendeu o parentesco dos polynesios e dos americanos. Não é este o lugar para nos alargarmos n'esses problemas de ethnologia, tanto mais que o assumpto vem aqui apenas incidentalmente e já foi tratado n'outro lugar. <sup>1</sup>

O Egypto antigo mostra-nos n'um typo a evolução propria do animismo e as mythologias polyde-

<sup>1</sup> V. *Raças humanas*, 1, pp. 36 e segg.

monistas dos selvagens vivos são-nos o documento de um estado que foi o estado commum da humanidade. <sup>1</sup>

## 3.

N'essas edades, remotas para nós, actuaes ainda para um numero já relativamente minimo de homens, o nosso espirito está de joelhos, com as mãos postas n'uma adoração ou n'um terror intimo de tudo o que o rodeia, hesitante, vacillante, cheio de escrupulos e superstições cujas reminiscencias enredam ainda o viver das populações simples dos nossos campos europeus.

E' possivel fazer o inventario dos deuses, quando tudo são espiritos divinos ou demoniacos? Esse catalogo encheria volumes e ficaria sempre incompleto. Quem é capaz de contar a infinidade de folhas que rebentam pelas plantas de todo o mundo, nos campos, nas serras, nos mares? Pois assim rebentam os deuses quando a seiva da imaginação creadora corre com o sangue nas veias do cerebro do homem primitivo. Os deuses são os aspectos da Inconsciencia.

E' deus para os fidjis a pedra que se ergue isolada na crista de uma montanha; são deuses por toda a parte, deuses ou fetiches (cousas que para a imaginação primitiva se confundem), os metereolithos: não possuem ainda virtudes para o nosso camponez as pedras-de-raio? <sup>2</sup> Os mexicanos adoravam a pedra que caiu perto de Chicomoztoll, as Sete-Cavernas, como um filho divino de Ometeuctli e Omecihautl. Os arabes adoram ainda a Santa-

<sup>1</sup> V. *Elem. de Anthropologia* (2.<sup>a</sup> ed.) pp. VIII; e *Raças hum.* XLIV-V (introd.) — <sup>2</sup> V. *Raças hum.* II, 213-7.

kaaba, a pedra sagrada de Meka, cuja tradição resa ter brilhado primeiro como lume, ter-se depois apagado e ennegrecido de horror pelos peccados dos homens. Os mesmos arabes adoram tambem a pedra da mesquita de Omar em Jerusalem; os christãos, na demonologia moderna, davam um valor mysterioso ás pedras-de-ara, base de tantos sortilegios e bruxarias. O mundo inteiro, nos animismos actuaes e nos restos de mythologias archaicas, documenta o velho culto dos deuses-de-pedra.

São mais ainda os deuses-do-mato, mais vasto o reino da mythologia vegetal do que o da mineral. Deus cresce com a natureza. Quando ainda hoje o lenhador allemão resa á arvore antes de a abater, ou lhe pede perdão de lhe cortar os ramos; quando o inglez tem medo de metter o sabugueiro no lume; quando restam entre nós, europeus, tantos vestigios do culto das arvores, estes exemplos servem aos sabios para comporem os catalogos dos velhos deuses vegetaes que mais de um povo adora ainda, como nós os adorámos ha seculos. Os khyen do Arakan vão em romaria, prostram-se em volta do subri, um zambujo das suas charneças, immolando-lhe sacrificios de porcos e gallinhas.

Os deuses-do-sangue são mais numerosos ainda do que os da vegetação: a natureza cresce. Só algumas pedras, só alguns rios, só algumas arvores se adoram; todos têm almas, mas nem todas essas almas sobem á categoria de deuses. Tém alma tambem os animaes, mas nem todos, tão pouco, apparecem divinizados. Comtudo ha mais deuses entre os animaes, do que entre os vegetaes e os elementos. O Nilo é deus no Egypto, mas o pantheon egypcio é um museu zoologico. O lapão,

o ostiak, os siberianos em geral, adoram o urso; o indio adora o tigre. Os de Fidji e Samoa veneram passaros, os africanos crocodilos, macacos e serpentes. Os tupis, dizia o nosso Vasconcellos, «creem invisivelmente o diabo em formas ridiculas de mosquitos, sapos e ratos,» e no Dahomey é fortuna ser morto por um leopardo. Os bijagoz adoram o gallo, os benins o lagarto—e o rei. Por toda a Africa a serpente é um deus—symbolo da eternidade pelos circulos que descreve, pela pelle que muda todos os annos.

Que ha os deuses-dos-astros já o leitor sabe; que o firmamento é povoado de almas já o viu. Já lhe contámos alguns dos dramas que vão pelo céu; já assistiu ao ataque das matilhas de caens mordendo a lua nos eclipses. O desespero do selvagem contra os demonios ou deuses-maus do ar é universal: os namaquas crivam as trovoadas de settas molhadas em veneno; os payaguas correm de punhos cerrados ou brandindo tições ardentes contra o vento que lhes ameaça as cabanas; os esthonianos atiram pedras e navalhas aos turbilhões de poeira ameaçando-os com gritos; os kalmukos disparam as espingardas contra o temporal; os zulus assobiam o relampago para que deixe o céu, á maneira do que fazem ao gado para largar o aprisco. Tudo o que entenebrece o ar, tudo o que vela a luz dos astros, tudo o que destroe o equilibrio da atmosphaera — tudo isso são maus-deuses, são demonios. Deus é a estrella, deus é o sol, deus sobretudo a lua. A um missionario que se queixava de calor obsejou um fugiano que «não offendesse o sol.»

Já nas mythologias mais rudimentares apparece um embryão de monotheismo. Os astros são deuses, mas o deus por excellencia é o ar, a luz, o



ether em que os astros vivem e andam. Tuni-Goam, o deus por excellencia dos hottentotes, é traduzido pelos linguistas como o clarão da alvorada, um Dyaus d'esses africanos. O deus dos cafres é o firmamento innominado; e o arabe do deserto, adorando as pedras e as montanhas, residencia de almas, adorando Turayyâ nas Pleiadas e a triada dos deuses lunares, já adorava Allât ou Allilât ou Al'Uzza, e todos os semitas Ilâh ou Shamsh, o sol.

Se, portanto, já no pensamento animista os deuses astraes, sem se fundirem ainda, estão subordinados a um deus eminente, é que todo o ar ou ether é um mysterio — uma alma diffusa. A eminenencia dos deuses foi subindo, desde a rocha até ao céu: resta agora entrar no cerebro, para passar do mundo externo para o interno e vêr os deuses na fonte intima ou psychica de onde tambem saíram as almas. A alma é sombra, deus é alma; a alma é tambem o ar, esse ether que já vimos divinizado. Todas as visões, todas as allucinações do espirito serão vozes de deuses vivos.

## 4.

Quando os láos de Sião penetram nas florestas espessas d'essas regiões genesiacas apparece-lhes Phi-phrai que os persegue. As febres que bebem no ar carregado dos miasmas do chão alagado e podre são o maleficio do deus que a sua imaginação inventou e a sua ingenuidade teme. Phi-phrai são as visões da floresta, Phi-lok as aparições da noute, nas encruzilhadas, á beira dos caminhos, tremendo pallidas com o clarão da noute por entre as ramas das arvores, vagueando em torno das aldeias com vagidos, murmurios, sussurros — os ru-

mores mysteriosos da noute dos campos, povoada de sombras extravagantes. Os Phi-pob introduzem-se no ventre dos homens e roem-lhes os intestinos.

Como o Phib-pob de Sião é o Upir ou Upior dos slavos, pae dos vampiros da Edade-media, que se sentam sobre o peito dos que dormem e lhes chupam o sangue. O Penyadin dos mintiras de Malaka tem uma cabeça de cão e uma guela de crocodilo: chupa o sangue pelo artelho. Koin suffoca o australio a dormir; Na esmaga o ventre do Karen birmano; Maboya fustiga o caraiba; e a Nova-Zelandia possui no seu inferno *succubos* e *incubos*, como os da nossa Edade-media.

O somno é por toda a parte perseguido por deuses-maus, por esses demonios que habitam, não só a floresta, como o deserto nú: «O deserto dos demonios é aquelle deserto de Lot entre o Turquestan e o Tugut onde visivelmente encontram os demonios continuamente em figura de pessoas conhecidas que chamam pelos caminhantes por seu nome como se os conhecera por algum tempo; e parecem d'estas visões muitas vezes n'aquelles desertos e mormente se ouvem harmonia de vozes, suaves cantos e som de varios instrumentos de musica, como tympanos e alaudes e cravi-organos, etc. E os idolatras têm este deserto de Lot como sitio de encantamentos em que os corpos estão immortaes gozando da quietação daquelles campos elysios da fonte do Ganges.» (Eredia, *Decl. II. descr. do Cathay*)

N'este momento do nosso estudo, quando assistimos á animisação universal, quando já vimos extrahirem-se deuses do seio das almas diffusas, é necessario insistir n'um ponto: o caracter dualista dos deuses, que são bons e maus, não no sentido

de serem virtuosos ou perversos, isto é, n'um sentido ethico ainda por definir, mas que são bons ou maus, conforme nos são bem ou malfasejos. E' necessario notar ao mesmo tempo que, se na natureza exterior ha deuses bons e deuses maus, os deuses da allucinação, deuses da natureza interior ou psychicos são quasi invariavelmente malignos. M'burri, o grande-espírito do ether na Africa equatorial é n'umas tribus um deus bom, em outras um deus mau; o Morimo dos bechuanas é origem simultanea de todo o bem e de todo o mal, e são assim indistinctos os deuses dos siús egualmente. O caso dos yezidis que adoram no ser supremo o mal absoluto não é uma excepção, diz Latham. A natureza exterior cria, pois, deuses de toda a especie, bemfasejos, malfasejos e mixtos. Mas todos os deuses da visão interior, todas as sombras que não têm outra realidade mais do que a allucinação ou o sonho, são por via de regra maus.

Diz-nos Lubbock que o australio tem um grande medo da escuridão: ora esses deuses são os deuses da sombra — sombra allucinante da noute. Como deixaria de ser malfaseja a divindade que, ferindo-nos, produz em nós o medo? O pensamento humano, ainda envolvido nos limbos mais espessos da Inconsciencia, revela n'um instincto organico a ambição da luz que é o symbolo da realidade. Os deuses do ar são almas que ninguem vê como taes: mas todos vêem os astros onde essas almas vivem, todos vêem o ether, ou antes *vêem*, por isso que ha atmospheria. O deus que se vê, é um deus propicio; o deus que só nos apparece em sombras, nos sonhos, nos terrores da allucinação, deus obscuro, origem do medo, é um deus malefico.

D'estas duas gerações de deuses, filiadas nas

duas origens parallelas que observámos na mythologia, formam-se na religião dois corpos de doutrina correlativos: os astros medianeiros do ether, a lua que preside á vida moral selvagem, e as arvores, as pedras e os animaes, constituem essa face do culto externo a que já mais de uma vez chamámos paganismo; os mortos, ou antes as almas dos mortos, errantes como sombras, ou encarnadas em certos bichos, são os medianeiros do vasto imperio da sombra onde reinam deuses que são demonios, e d'essa face obscura da mythologia religiosa nasce o systema da eschatologia, ou culto dos mortos.

Por ahi seguiremos o nosso estudo.

### III

#### Animisação dos mortos

##### 1.

Já dissemos que para o selvagem a morte é um caso fortuito: não ha morte natural. A morte é a acção má de algum feitiço, de algum espirito. O africano, o australio, interrogam o cadaver para que lhe diga o author do crime — se foi o feitiçeiro e por meio de que sortilegios; o cadaver responde sempre — de que milagres não é capaz a superstição? — e entre os wakhutus, diz Burton, ninguém está seguro de não ir arder na fogueira, dia mais ou dia menos, em desagravo de um morto. D'este ponto de partida inteiramente obscuro da fortuitidade da morte projecta-se uma evolução, a cujos primeiros termos vamos assistir agora; evolução que tem nos nossos dias, com o espiritualismo da philosophia, a sua ultima expressão na doutrina da immortalidade da alma. O mytho que nasceu nas trévas do somno esvae-se no fumo de uma chimera metaphisica herdada da religião.

O leitor sabe <sup>1</sup> que para o selvagem o morto é um homem que dorme o «somno eterno», — esta nossa expressão metaphorica exprimiu uma noção realista. Se o vivo tem uma alma que se liberta

<sup>1</sup> V. *Raças humanas*, liv. III, c. II, 3.

nos sonhos, se durante o somno essa alma viaja: que será o cadaver senão o habitaculo vasio de um espirito ondeante? De todas as almas dos seres, e nenhum ha inanimado, a alma que o homem conhece melhor, aquella com quem pratica diariamente pela callada da noute, é a alma propria ou a alma do seu semelhante. A alma humana torna-se, pois, o typo dos espiritos mysteriosos; a morte apparece como somno por excellencia, em que os sonhos fugitivos das noutes se tornam a vida normal: o morto é um homem animisado. Por outro lado, sabe-se como foi que os deuses saíram do mar immenso das almas ondeantes em vagas: o morto cohabita com os deuses, desde que se torna da mesma substancia d'elles; o morto é, pois, quasi como um deus, ou um demonio — é um espirito, um demiurgo, um medianeiro entre o visivel e o invisivel pela estrada mythologica de que a porta, a «guela», é a morte.

Relacionar a Morte com a Divindade é esboçar nas suas primeiras linhas um systema transcendente. A mythologia animista dos selvagens, pelo caminho subtil que temos percorrido, attinge n'este momento a eminencia de um corpo ou de um rudimento de philosophia da existencia. Da selva ondeante das almas sáe uma noção da Morte que é vagamente a essencia do pensamento de Deus, porque o morto partilha a substancia da divindade e as regiões onde existe são o mundo onde os deuses habitam.

Deus ou demiurgo da visão psychica, o morto é por via de regra um mau-espirito — como todas as almas do mundo subjectivo, todas as invenções da treva dos somnos; e o phenomeno da morte, typo real do adormecimento, é o objecto em que se concentra toda a energia do medo. A «guela» te-

mivel que absorve o homem, reduzindo a podridão e nada o corpo vivo, é o mysterio insondavel que povôa a vida de terrores affins dos terrores divinos.

Quando a alma do que morreu apparece e falla ao que está vivo, erriçam-se os cabellos, treme a pelle nas convulsões do frio, confrange-se o ventre e emmudece a lingua: o vidente é a estatua do Medo. Os sakalaves de Madagascar têm no terror pelos zulus, almas-dos-mortos, o mesmo sentimento que muito homem dos nossos dias experimenta pelas almas-do-outro-mundo.

Mas o mundo invisivel dos espiritos, que está para além do tumulo, não é só a região da sombra: é tambem o oceano do ether, o mar vasto e luminoso onde nadam os astros-deuses. Para além da campa ha, portanto, um bom e um mau lugar, assim como ha dia e noute na natureza, e maus e bons espiritos — espiritos da tréva e do bosque, espiritos da luz e dos astros. O espectáculo da natureza, as invenções da imaginação, prepararam o molde onde havia de ir cair a distincção de bem e mal, de pena e premio — idéas moraes que o desenvolver da sociedade formúla no pensamento. O deus da morte, ou a Morte-divina, é o dispensador ou o juiz dos homens e o que abre as portas do céu e as portas do inferno, conforme o merecimento das acções do que morreu.

A determinação de um destino na vida ultra-tumular é a consequencia immediata da primeira comprehensão da morte como nucleo positivo de todo o systema da mythologia animista. Partindo d'esse nucleo, a morte consagrada abrange no seu seio os homens e os deuses, porque os deuses do mundo exterior, deuses da natureza real, têm como os homens uma dualidade de existencia: in-

definida (nem sempre eterna) como espiritos, morredoura como seres.

Tal é, nas suas linhas essenciaes, a conclusão a que por este caminho chega o animismo primitivo: uma definição do mundo que tem como nucleo a morte. E' o que nós teremos occasião de vêr praticamente no Egypto — o typo do animismo. Pela estrada parallela da mythologia cosmica dá-se uma evolução propria que notaremos a seu tempo.

## 2.

Agora necessitamos esboçar, documentando, os momentos que deixámos indicados.

Dissemos que o ponto de partida está na noção simples da vida ultra-tumular como uma vida natural: assim é. Mas não vamos entender por vida natural uma existencia normal: não. A existencia do morto é realista, mas de uma realidade phantastica e extravagante, variavel com os povos. Vive, como sombra, invisivelmente, e apparece durante os sonhos, sem que, porém, n'esse modo de existir, as necessidades sejam diversas das da vida terrestre. O pelle-vermelha é enterrado com o cavallo, o groelandez com o reingifer. São frequentes os sacrificios de escravos e mulheres. Ainda até ha pouco, na Suecia, mettia-se na cova o cachimbo e o sacco de tabaco, phosphoros e moeda para uso do morto. Não é geral entre nós enterrar os personagens com as suas fardas e condecorações? Em Reichembach, na Allemanha, poem na cova o chapêu de sol e as galochas; na Russia um par de sapatos novos — para a longa viagem! O padre russo lavra a certidão do baptismo com o nome e signaes do fallecido, attestando a bondade dos seus



costumes, a pureza da sua fé, e, dobrando o papel, mette-o sobre o peito do cadaver, como passaporte.

Já também, ao desenhar no seu conjuncto o processo de animisação universal, dissemos o que era necessario para se comprehender o destino da alma humana posteriormente á morte. Antes que houvesse idéa de um premio ou de um castigo ultra-tumular; antes que a ultra-vida se tornasse uma consagração da vida real, já o animismo, instinctivamente, procurara assentar doutrinas ácerca da existencia das almas dos mortos. Entre os beduinos, o morto apparece como coruja; os groelandezes poem na cova das creanças uma cabeça de cão, para guiar a alma insipiente na sua viagem. Por toda a parte os mortos habitam animaes: os bois e os porcos são por isso sagrados entre o khyen do Arakan, e o tigre é o vehiculo de uma alma para os garos do Assam. Da idéa de que as almas habitam os animaes, á opinião de que se descende de alguma especie de brutos, a transição é breve. O factó é commum. Os polynesios «affirmam descender as gentes de animaes, aves e plantas... porque certificam as historias nascer as familias dos reis de Gilolo e Maluco de ovos de cobra ou serpente, e os reis de Lubo do Macasar da medula de bambu de canaveaes, e outros de pedras e cousas particulares e desnecessarias.» (*Eredia, Decl. de Malaca*) As opiniões ácerca da origem relacionam-se directamente com as theorias da morte.

Quando as almas não resuscitam, porque a ultra-vida se não formúla como metempsychose, povoaem em bandos o ar e as aguas: assim os shonis americanos creem ter perdido o privilegio que tinham de andar sobre o oceano a resuscitar as

almas dos mortos embaladas nas ondas. A arrebenção do mar sobre os baixios é para os malayos a legião de «almas que passeão por lo oceano de hua parte pera outra, ou como caffilas vão do Chersoneso aureo ou Viontana do Gunoledam pera o ryo Gange.» (*Ibid.*)

Quando se começa a definir um mundo invisivel de espiritos, paralelo ao mundo dos seres vivos, concebe-se que os mortos, despida a fórma terrestre, reproduzam na outra-vida as condições da existencia n'este. O rei é rei, escravo o escravo. No Walhalla scandinavo não têm lugar os servos nem os pobres; o commum dos insulares de Tonga nem tem alma nem futuro: a immortalidade é um privilegio. Se já quando habitavam animaes as almas se distinguiam, pois para o zulu a cobra em que um chefe morto encarnou distingue-se d'aquella em que vive um popular, como não hão de manter-se as distincções no mundo phantastico? Os maoris, para quem as estrellas são o olho esquerdo dos chefes fallecidos, crêem que todas as almas sobem ao firmamento e caem: só os chefes ficam de lá vigiando-os, protegendo-os, ou ameaçando-os como em vida. Só os chefes, tambem, ficavam nas nuvens caçando, pescando, bebendo: assim o pensavam os scandinavos. Os dahomés mortos vão para o kutomen: o rei continúa ahi a ser rei, e o escravo, escravo. Por outro lado, nas idéas eschatologicas dos ojobwas, o morto vae encontrar no outro mundo as almas dos inimigos promptas a castigal-o, e até as almas dos animaes que maltratou, promptas a perseguil-o. Da hierarchia social e do instincto da justiça, sae combinadamente a idéa de um destino moral na existencia ultra-tumular.

Temos já, portanto, não só formulada a idéa de

um mundo especial dos mortos, como esboçado um systema de escolha no destino das almas. Uma doutrina diz que o paraizo compete aos grandes, acaso já aos bons: os mesquinhos ficam errando no vago. Outra, a dos nicaraguas, diz que apenas os bons gosam a immortalidade: os maus são aniquilados. Outra, a dos dahomés, que o mundo ulterior é como este, em que os poderosos mantêm o seu poder, os miseros a sua miseria.

Nasceu do enterramento, nasceu da noute, a idéa de que o mundo ulterior dos mortos é subterraneo e escuro? A linguistica, dissecando os mythos, não o tem dito ainda sufficientemente. O Amenti, Ker-neter dos egypcios, Hades dos gregos, Orco dos latinos, Hell dos povos germanicos, é como Scheol dos hebreus, — palavra que, designando o tumulo, designa o inferno.

Nunca o naturalismo dos hebreus attingiu na concepção da ultra-vida a nitidez idealista dos gregos; o realismo animista — isto é, a noção de um viver em espirito a que não é essencial a idéa de immortalidade por isso mesmo que o espirito não é uma substancia, — foi o estado mental d'onde não pôde sair a mythologia dos semitas. Entretanto, não é mistér estudar povos que entraram em condições de vida civilisada para descobrir as cogitações mais ou menos extravagantes provocadas pela concepção de uma existencia particular dos mortos animizados, existencia que é ao mesmo tempo a consagração da vida real por ser o premio ou o castigo das acções.

Nós vimos que já a simples observação rudimentar começou a distinguir no homem duas especies de alma: a alma-organica, da respiração ou da circulação, e a alma-sombra, a alma-imagem, a alma-sonho. A concepção do outro-mundo destaca

mais ainda a separação das almas individuaes. Os dakotas têm quatro almas: uma fica na cova com o cadaver, outra vagueia na aldeia, outra anda errante nos ares, a ultima, finalmente, vae habitar no mundo dos espiritos. Os karens birmanos chamam lá ou kelá á sombra viva do morto, e thah á alma responsavel. Os khonds de Orissa distinguem no homem quatro almas semelhantes ás dos dakotas: uma que se dissolve com o corpo, outra que vae povoar as sombras do ar, outra que pertence á tribu e encarna de geração em geração transmigrando, outra finalmente que sobe ao céu de Bura para ser beatificada. A' maneira que as noções ou pensamentos se desenrolam, deduzindo-se no cerebro, assim a imaginação vae inventando novos mythos — almas que exprimem cada um dos novos estados mentaes.

A noção mais recente, o strato superior da mythologia eschatologica, vê-se na idéa da alma particular, quasi divina, que vae habitar a mansão eterna e predestinada. As outras almas, vivendo no tunulo, errando nos ares, migrando na aldeia de corpo em corpo nos membros da tribu, ou de animal em animal, são já camadas remotas ou documentos de um estado archaico do pensamento animista. A invenção consiste agora na alma que é deus ou demiurgo, vivendo n'um céu ou n'um inferno em contacto com deuses, bons ou maus, cuja substancia partilha. Os chinezes, quando cumprem certas festas sagradas em honra dos avós, dizem expressivamente que vão «fazer companhia aos deuses.» E d'esses mesmos chinezes nos conta o nosso Fernão Mendes Pinto que dão aos sacerdotes dinheiro contra lettras de cambio, *cuchimiocós*, cujo pagamento, a cento por um, se effectua no paraizo. (*Peregr.* II, 115) Assim tambem o sacerdote ca-

tholico vende ou vendeu por muito tempo as indulgencias.

## 3.

No scio da propria morte obscura, objecto de um terror primitivo, o homem com a sua imaginação creadora projectou um clarão de luz. Ave com azas de idéas, a imaginação poz na morte a consagração da vida e desde logo o tumulo se transfigurou. Primeiro, para soltar-se a si e ao mundo da fatalidade obscura, inventou as almas; depois, essas almas desdobram-se em naturezas diversas. Incapaz de conceber e de se conformar com a idéa de um aniquilamento absoluto, poz dentro do corpo um sopro phantastico: o cadaver sumia-se, porém a alma errante, solta, continuava uma existencia propria. Agora já isso não basta. O cadaver fica no tumulo como o casulo vazio e morto do insecto alado, e junto á cova, errante no ar, fluctua a alma antiga — porque a noya alma voou, fugindo para o mundo dos deuses.

Toda a ruina é miseravel, todo o residuo depressivel, toda a corrupção funesta. Se o cadaver apodrecendo envenena, tambem a alma inferior, a da sombra, a da noute remota, a velha alma primitiva, tambem ella é um ser maligno, uma exhalção da cova, um miasma da morte. A invenção eminente subiu nas azas da alma subtil para as regiões do ether.

Por isso em toda a parte as aparições tumulares são malignas ou demoniacas, por isso a cova é um lugar impuro, e o ar e a caza onde alguem morreu necessita ser expurgado. De que? do espirito inferior do morto, que permanece, ondeando na visinhança do cadaver, perseguindo os vivos,

apparecendo-lhes, assustando-os como almas-do-outro-mundo. Os indigenas de Queen's-land varejam o ar nas occasiões de festa para dissipar os formigueiros invisiveis dos espiritos aereos; os americanos fazem outro tanto para afugentar a alma vingadora do inimigo, quando acabaram de o matar; os eskimós á mesa, perseguidos por espiritos, sacodem-nos como nós ás moscas; os congos não varrem a caza por um anno depois de morte de homem, para não offenderem com a vassoura algum espirito. Uns armam redes e laços para prender as almas; outros, como os hottentotes, não voltam á casa onde houve morte, com medo de topar com o phantasma. O feiticeiro samoyede lisongeia o morto com palavras pedindo-lhe que não perturbe os vivos, nem afaste a caça. O yakut deixa cair em ruinas a cabana onde alguém morreu: não ha pelas nossas cidades e aldeias casas abandonadas por ali apparecerem almas? Os karens chegam a arrasar aldeias para evitar as perseguições animistas. Os groelandezes fazem saír o cadaver pela janella, os samoyedes e os hottentotes por um buraco na parede, logo entaipado—para que o phantasma não volte. Assim diz o povo em Lisboa de um palacio cujo portão o dono mandara por testamento fechar logo que o seu caixão saísse. Os siamezes procedem como os hottentotes. Os chuvaskas da Siberia lançam apoz o cadaver uma pedra rubra em fogo, para a alma não voltar; e os camponezes da Pomerania de hoje vasam um balde de agua atraz do caixão, os de Brandeburgo deixam no cemiterio a palha do esquite: a alma ficará ahi.

São raros os casos ou exemplos de tentações benignas, como a do indio wimebago a quem appareceu em sonhos uma mulher bella requestan-

do-o, enamorando-o, a ponto de que elle se deixou morrer, na crença de ir casar com essa alma-do-outro-mundo.

A alma temida por toda a parte é a sombra primitiva — a alma das primeiras invenções mythicas. D'esses mythos brotaram outros, mais aereos ainda, e já illuminados por pensamentos moraes: são as almas do céu ou do inferno — as almas que não voltam, e existem junto aos deuses, como divindades ou medianeiros. A evolução da mythologia apresenta aqui, e sempre, o desenvolvimento do pensamento primitivo em dois sentidos parallellos: o sentido moral ou social, e o sentido ideal ou metaphisico.

## 4.

Espelho do pensamento, ou antes formula em que as idéas se definem, os mythos completam o systema das noções animistas d'este grau quando representam as pontes ou passagens d'este mundo para o mundo phantastico das almas invisiveis. Desde que se inventou um paraizo e um inferno, era mistér inventar uma estrada que conduzisse d'este mundo a esses lugares. Elles são dois, porque o destino da alma é uma apothese ou uma condemnação: de duas ordens têm de ser os caminhos. Assim os baperis africanos têm horror de entrar na caverna de Marimatlé, por onde as almas vão ao inferno; assim as crateras de vulcões são por toda a parte lugares povoados de medos. Assim, por outro lado, os mexicanos veneravam a gruta de Chalcatongo, portas do paraizo; e os fidjis de Sandwich vão em romarias festivas, coroados de flores, em grupos alegres, communicar com os phantasmas e com os deuses, n'essa ponta ex-

trema occidental de Vanna Leva, lugar suave e solitario, á borda do oceano, indefinido como um fim de mundo, um acabar de vida,—lugar onde as almas embarcam para irem ao tribunal de Ndengei.

O mytho da ponte, da barca, da estrada dos mortos, mytho universal e inherente ao do céu-inferno, apresenta-se-nos com dois caracteres. Quando a idéa de um tribunal ou de um juizo ultra-tumular não apparece, indo as almas d'este mundo já sentenciadas, o caminho é uma estrada simples, uma porta, uma passagem tenebrosa ou illuminada. Mas quando o julgamento existe *post mortem*, a ponte das almas é em si propria uma prova judicial. Povoado o ar de espiritos, os karens atam cordeis de margem a margem dos rios, afim de elles os poderem passar: d'esse modo são as pontes da imaginação sobre os abysmos. O angekok da Groenlandia, ao passar á terra dos mortos tem de galgar um golpho tremendo sobre uma corda esticada: para os ojobwas a corda é uma serpente — symbolo da eternidade; para os chochtós, em vez de cordas, ha troncos de arvores, passados de lado a lado. Cordas de hastes vegetaes torcidas, trencos de arvores horisontaes, foram as pontes primitivas. A ponte Es-Sirah do inferno moslemita é mais fina do que um cabello, mais delgada do que o gumc de um alfange: os bons passam, os maus cáem no abysmo. A ponte scandinava do mytho de Baldr atravessa o rio Gjoll onde se afogam as almas condemnadas; mas em Borneo a estrada não tem abysmo a galgar: é uma ascensão ao céu pela arvore sagrada só accessivel ao que não matou.

Taes são, entre innumeradas, as pontes da morte, caminho do céu atravez do inferno: nós diremos caminho do céu atravez da sombra dos sonhos e



visões interpretes da morte. Essas pontes são o mytho que exprime o nexu entre a religião do mundo interno e a do mundo externo, religião psychica e religião astral — duas correntes paralelas que em toda a parte e em todos os momentos veremos relacionadas n'uma ponderação, n'uma fusão, ou n'um equilibrio mais ou menos instavel.

O leitor não esqueceu, porém, que estas duas fontes da mythologia religiosa, diversas em si, formulam as suas concepções de um modo analogo. Almas são as imagens dos sonhos, almas as luzes dos astros. Tambem o firmamento tem pois as suas pontes como o somno. Sonhando vêem-se as almas transitar sobre o cabello esticado no abysmo; levantando o olhar, vê-se de dia no céu o arco Iris, a ponte tricolor dos normandos, escada por onde sobem ao seu walhalla os heroes maoris; vê-se de noute a Via-lactea, essa poeira cosmica de que a tradição mythica está ainda no proprio nome que lhe damos; essa estrada coalhada de almas caminhando para o céu, no mytho dos indigenas da America.

A ponte que liga o mundo-real ao phantastico, e o mundo do sonho ao mundo dos astros, é tambem para nós a expressão de um outro nexu — e o proprio symbolo da alma humana, n'este momento da sua comprehensão. No empyreo, junto dos deuses, partilhando-lhes a essencia e a vida, a alma é um medianeiro. E' a *ponte* que põe o homem em relação com a divindade. Que sejam os «pitris» aryanos, os «lares» latinos, os «heroes» gregos, os «santos» christãos, a alma dos mortos é quasi um deus — um demiurgo.

## IV

### Os fetiches <sup>1</sup>

#### 1.

Constituido na imaginação simples dos primeiros homens o céu animista, isto é, o conjunto de deuses e espiritos superiores e inferiores, celestes ou infernaes, e constituido pela acção reflexa dos mythos inventados espontaneamente — vamos agora observar a esphera pratica d'essa face objectiva da religião, ou d'essa metade que, aggregada á mythologia propriamente dita, constitue a religião.

Se ao fetichismo não convém ainda bem o nome de culto, menos póde ser considerado um periodo ou phase da historia religiosa (como por tanto tempo' se pensou), por isso que elle não contém em si o principio da religião — principio que está na mythologia. O fetichismo á apenas a fórma embryonaria d'onde, com a evolução, os cultos hão de sair: e a ninguem é licito já confundir a religião, na sua essencia, com os cultos, embora entre os segundos e a primeira haja um nexo inevitavel.

A mythologia inteira, quer a metereologica e astral, quer a das visões, dos sonhos, das alluci-

<sup>1</sup> Fetiche é uma fórma estropiada de Feitiço, palavra portugueza. Entretanto, desde que de Brosses, no seculo passado, a introduziu com esta fórma na sciencia e assim foi generalisada, seria pretencioso regressar á fórma genuina.

nações, pôde dizer-se que nasce do estado mental nebuloso do homem primitivo — da confusão do objecto com a sua imagem ou com o pensamento e impressão que esse objecto provoca no cerebro. A imagem ou a impressão tornam-se tão reaes como o objecto, e como a natureza sensível não contém realidades d'essa especie, a imaginação inventa isso que se diz *mytho* — isso que é, primeiro, um espirito, que depois se faz vontade, por fim idéa, até chegar a ser definido como uma pura invenção subjectiva quando a sciencia pôde já reconstruir a historia da *psychologia espontanea*.

N'esse modo de proceder que gera os *mythos* está a origem do rudimento de culto a que se chama *fetichismo*. O fetiche é um determinado objecto, representante de um espirito e de um principio, e contendo portanto em si as virtudes ou as efficacias, e as causas maleficas. Quando os *australios*, antes de partir para a caça, dançam as suas rondas em volta de um kangurú de herva, crêem que de tal fórma obrigam os kangurús do bosque a esperar os tiros dos caçadores para que elles não voltem com as mãos vãsias. Catlin, o celebre investigador dos indios americanos, viu-se em perigo uma vez por ter desenhado o perfil de um chefe: diziam os indios que lhe roubara metade da face. Não só a imagem, até o proprio nome, é um fetiche, isto é, um objecto que, representando a cousa ou pessoa, adquire todas as propriedades d'ella. Os indios da *Columbia britannica* têm um grande horror a dizer os nomes proprios; entre os *algonquís* só os parentes proximos, os amigos mais intimos o sabem: o *commum* denomina o individuo por uma alcunha — o *totem*. Em Borneo, n'um outro mundo, n'uma outra raça, muda-se o nome de uma creança doentia para enganar o espirito

que a atormenta. Os abipones e os linguas, quando alguém morre, mudam de nomes: a morte não os conhecerá ao voltar. No Tonquim dão-se nomes horríveis ás creanças para susto dos demónios. Os judeus criam que a sorte de um homem mudava com a mudança de nome.

Se assim é com os nomes humanos, que será com os nomes dos espiritos, dos deuses? Ainda hoje o orador catholico, no pulpito, ajoelha ao falar em Deus, e as mulheres persignam-se. Estas reminiscencias fugitivas de fetichismo são mais accentuadas entre os islamitas, para quem o nome de deus é um segredo e um mysterio. Pronuncial-o valeria commungar. Só os prophetas, os apóstolos, os videntes o conhecem, e á sua virtude devem os milagres: a ubiquidade, a visão, o poder de resuscitar. Allah, denominação commum da divindade que ainda assim se profere de rastos, batendo nos peitos, não é um nome, é um titulo — o Senhor — como a «Magestade» para os reis. Ninguem ignora o valor que os romanos davam ao facto de ser ignoto o nome da divindade tutelar da sua cidade: por isso nenhum inimigo podia vir invocá-la, convidá-la, seduzil-a e vencel-os, a elles, romanos, conquistando o deus local, como elles faziam com os deuses e com as cidades visinhas, confiscando-as para o seu dominio e aos deuses para o seu pantheon. Corria nas tradições de Roma que Valerio Solano fôra morto, porque uma vez pronunciou em publico o nome do deus ignoto — o supremo fetiche da cidade.

## 2.

O nome é um fetiche incorporeo, mas o primeiro na ordem logica, porque os nomes, vehiculo

e molde dos mythos gerados no cerebro, são como a imagem ou a substancia das cousas. Fetiches são os nomes das pessoas e dos deuses, os vocabulos sagrados inintelligiveis com que o feiticeiro cura as enfermidades <sup>1</sup> e evoca os espiritos. Todo esse lado objectivo da religião, — isso a que nos periodos em que o espirito critico predomina se chama *superstição*, como disseram Plutarcho, Luciano e Cícero, — vem formular-se no systema dos fetiches, para depois se tornar em cultos. Na imaginação primitiva, assim como a imagem equivale ao objecto que representa, assim o fetiche equivale ao principio divino que contém em si. A primeira idéa dos deuses veiu de um medo organico: por isso ofetiche é um objecto temivel. Mas, como os deuses-almas não têm, afinal, uma substancia diversa das almas que habitam nos homens, o pensamento rudo do homem primitivo não é adorar, é impor, não é orar, é exigir. No fetichismo procura-se dominar, enfrear, escravisar o deus de que se tem medo. Essa especie de culto é como que uma domesticação dos deuses, e, se agora, resumindo a doutrina já exposta, quizermos estabelecer a relação e a serie dos elementos componentes da mythologia religiosa no animismo, teremos — em primeiro lugar as creações espontaneas, méras explicações imaginativas, mythos simples provocados pelo aspecto do mundo exterior e do mundo interior; teremos, em segundo lugar, os phenomenos reflexos, a acção d'esses suppostos seres sobre a imaginação, a invenção dos deuses e a animisação dos mortos; teremos, finalmente, o systema

<sup>1</sup> V. *Hist. de Portugal* (3.<sup>a</sup> ed.) II, p. 126, o sargento que curava os feridos *com palavras*; e *Port. contemp.* I, p. 334, o remedio contra a cholera.

de ritos e praticas da magia ou feiticaria, fórma adequada de culto a deuses ou espiritos que, sem enthusiasmarem o coração, enchendo-o apenas de susto, na sua propria potencia malefica podem ser contrariados.

Um facto attesta o character que damos ao fetichismo: é o de que, por via de regra, o animista (á maneira de quem diz islamita, etc.) atende sobre tudo aos deuses maleficos: quanto peores são, maior é o culto que merecem. Essa religião é um medo crystallizado em mythos. Os sacerdotes d'ella infundem um terror semelhante ao divino: são como que deuses, e tão merecedores d'essa mistura de odio e medo propria do selvagem, como o deus que elle inventou á sua imagem e similhaça. O sacerdote primitivo é mago, é adivinho, é aurspice, é propheta, é exorcista, é thaumarturgo, é medico, é fabricante d'essa especie de fetiches portateis — como os rosarios, os bentinhos, as figas, as reliquias e outras especies que entram no equipamento do *supersticioso* dos tempos modernos, especie particular de fetiches a que convém o nome de amuletos.

O sacerdote fabrica os amuletos, cura as enfermidades expulsando os espiritos das doenças do corpo dos pacientes, quebra os fados, adivinha o futuro, evoca os deuses, pratica os milagres — torna reaes, no mundo positivo, todas as invenções e chimeras que a imaginação dos povos creou sonhando ou contemplando. E' um charlatão? Voltaire morreu ha já um seculo; e Evhemero, o seu predecessor, ha muitos. Essas explicações não servem ao pensamento profundo da critica. O milagre está em quem o vê com os olhos da fé, não está na astucia de um pelotiqueiro ou de um prestidigitador. E' uma illusão subjectiva, uma al-

lucinação, e não um embuste. Mal das theorias que assentam sobre a theoria da perversidade ou da astucia da humanidade. Ella é fraca, é simples, é ingenua — por isso é boa e digna de dó, em vez de escarneo. Via-se a si nas suas illusões; essas illusões eram aspectos nebulosos da semente de verdade immanente no seu espirito.

Certos phenomenos psychicos hoje mais ou menos estudados, certas artes, certas drogas, certos exercicios: o hystericismo, o succo de hervas inebriantes, a allucinação produzida pelas vigalias e pelos jejuns, a loucura originada pela fé — eis ahi, no seu conjuncto summario, a sciencia ou a divindade do sacerdote primitivo. Junte-se-lhe alguma extravagancia para impressionar os sentidos dos fieis — que é a pompa das nossas egrejas? — e teremos o feiticeiro dos tempos animistas. Não é um charlatão, é um crente; não usa de embustes, porque as suas artes são sagradas. O sacerdocio é familia ou collegio: os segredos passam como uma herança, cristallisados na tradição. Tudo é illusão, mas de todos os illudidos o primeiro é elle proprio. Se o crente e o tartufo têm a mesma face, tambem succede o mesmo com o mago e o charlatão: hypocritas e charlatães são o residuo que fica depois de seccada a fé, mas não são os orgãos de nenhuma crença por extravagante ou rude que nos pareça.

## 3.

Algumas notas a respeito dos feiticeiros selvagens commentarão o nosso dizer. Na Australia, o sacerdote completa a iniciação visitando a região dos espiritos n'um somno que dura dois ou tres dias: é n'esse periodo que o cerebro acaba de se

lhe saturar de chimeras. Volta da viagem educado na loucura, depois do extasi ou do somno cataleptico. O khond, para exercer funcções sagradas, fica por uma, por duas semanas, n'um estado de sonho e languidez, que algum succo de mandragora provoca: uma das suas almas foi até ao céu, enquanto a outra, vegetando, dormitava. A nossa faculdade de crença nas proprias invenções é infinita. O shaman da Tartaria vae tambem ao céu buscar as *ordens*, como o khond, como o australio.

Iniciado, sagrado ou ordenado, o sacerdote tem poderes sobrenaturaes: «em todo o gentio em geral ha certos homens e mulheres que por milagre podem suster a chuva ou fazer chover.» (*Itin. de Garcia, nos Ann. mar. e col.*) Governar os phenomenos meteorologicos é uma das primeiras forças que crê em si e que os fieis acreditam estar n'elle. Interrogar o futuro pelo vôo e pelo canto dos passaros, como entre os latinos da Antiguidade, entre os tupis do Brazil e os dayaks de Bornéo, é outra faculdade. Curar as doenças, que são espiritos maus insinuando-se no corpo dos pacientes, não é merito menos grave, nem cerimonia menos curiosa: o feiticeiro-medico australio ata uma corda ao membro enfermo, estende-a, e chupa a extremidade opposta, para sorver de tal modo o espirito da molestia. Assim na costa de Orissa a feiticeira djey-pur desenrola um novello de fio sobre o tecto da casa d'aquelle a quem quer mal e chupando a ponta, está-lhe chupando o sangue, como os vampiros. Sem duvida, o medico australio sente passar-lhe a doença na garganta, sem duvida crê ser esse um modo de curar. Como o australio procede o shaman dos tungus, o poyang dos malayos, o payé dos tupis, o kalidcha dos gallas, o myanga do alto-Nilo, o mariri dos caraibas, o machi dos



chilenos, o ombiache dos malgaches, o makahua das ilhas Mariannas, o abyss dos mongolios, o guientlabe dos senegambios; assim procediam os psyllas da Lybia e os jograes (joculatores-jongleurs) da India.

Tambem a mulher é por toda a parte sacerdote, mas principalmente prophetisa: o hysterismo constitucional do sexo dá-lhe a visão frequente. O homem é medico e thaumaturgo; viaja, correndo as aldeias mascarado nos seus habitos sagrados, tocando um tambor que é, como a campainha no rito catholico, um meio de chamar os fieis. Luzem-lhe lumes da bocca, traz a face velada por uma mascara horrenda, na cabeça barretinas extravagantes. Vem agigantado sobre andas, e por toda a parte onde passa espalha o terror e a abjecção como um deus. As gentes caem de joelhos com medo, ou fogem com espanto: é adorado e odiado, porque o temor tem em si estes dois elementos.

São elles que por seu lado, tornando-se de effectos em causas, augmentam ainda o pavor ingenuo com as lendas dos poderes occultos das feiticeiras dos bosques a cujas ordens obedecem as feras e que de alto dos ramos das arvores, pela noute sombria, espalham a cornucopia das desgraças. «E estas feiticeiras com palavras magicas constroem a obedecer lagartos ou crocodilos, elephants, tigres e grandes cobras e serpentes, e os prendem e matam. E ha outro genero de feiticeiras ou bruxas, chamadas ponteanas que de ordinario se acham dependuradas em arvores altas e alemos ou brides, e estas ponteanas dizem ser aquellas mulheres que fallecem de parto e por isso são inimigas dos homens e mormente devem ser demonios porque as ponteanas têm as costas abertas com fogo». (Eredia, *Descr. de Maluca*) Eis ahi como o

sacerdote e a feiticeira se confundem com os espiritos e com os deuses.

Na sombra ou na nevoa do animismo tudo é vago como n'um cháos: não se busquem limites nas definições. Tudo é malefico, porque deus é um medo. Tudo é escuro, porque a visão é nocturna, no céu constellado de estrellas, no somno povoado de sonhos. Tudo é secreto como a impenetrabilidade da sombra. As sociedades dos magos, os collegios dos sacerdotes, são aulas mysteriosas: os jossakied, os medo, os wabeno da America, os areoi de Taiti, e outros muitos por todo o mundo remoto. Também o culto é um mysterio praticado em lugares estranhos, ou pela callada da noute, no afastamento. Prece, no sentido de um appello fervoroso da alma afflictta para uma divindade orgão da justiça ideal, prece não existe ainda, nem hymnos cantados em honra de um deus que seja a somma de todas as aspirações intellectuaes e moraes do pensamento. A oração é uma evocação, as ceremonias são laços armados aos deuses para os submeter aos desejos ou vontades dos homens. Sacrificam-se fructos, animaes e gente, <sup>1</sup> para propiciar esses espiritos crueis e obscuros.

Nos recessos emmaranhados das florestas da Polynesia os selvagens das ilhas Hervey, em côro, invocam Rougo e Oro, os deuses da carnagem, para que os ajude na empreza de bandidos a que vão lançar-se. Do mesmo modo o salteador italiano invocava Mercurio nos tempos antigos e a Madona nos tempos modernos. D'um animismo extravagante, o homem primitivo passa sem transição a um evhemerismo grosseiro: a morte é a ponte. O deus confunde-se com a alma de um finado, como

<sup>1</sup> V. *Raças humanas*, II, pp. 167 e segg.

se vê no Tsuni-Goam dos hottentotes que foi na terra um medico-feiticeiro, e cujo culto se liga intimamente com o dos antepassados de que são templo os tumulos. A morte e a noute, eis o ambiente proprio para excitar a imaginação religiosa do selvagem. E' de noute que se praticam as orgias sagradas em que a embriaguez, as torturas, as sangrias em certos pontos do corpo «onde a alma reside», o estalar secco das matracas, as inhalações de vapores narcoticos, as visagens, as attitudes ferozes ou lubricas, as danças, os clarões das fogueiras vermelhas povoando o ar de sombras errantes, produzem a exaltação divina a que assistem as estrellas fusilando e a lua placida banhando em luz feminina os filhos no seu regaço.

A scena é a mesma na Africa, na America, por toda a parte. Se são congos preparando-se para uma batida ao gorilla, as danças religiosas imitam as attitudes, os gestos, os saltos d'essa féra quasi humana — a pantomima de bestas quasi homêns feita por homens quasi bestas, o dialogo travado entre os fieis e a sombra invisivel do anthropoide, são um rudimento de oração. Imitando o acto da caça, pedem que a féra se sujeite a ser presa. Assim, tambem, derramando um balde de agua sobre uma lage, pedem ao genio da chuva que ordenhe os uberos das nuvens. Se são mandanas, preparando-se para a caça do buffalo, os viajantes têm observado as rodas de caçadores com a cara coberta pela mascara: cada cabeça é um buffalo com orelhas e hastes, e na dança gritam, urram, correm como os brutos da manada bravia que ao dia seguinte vão perseguir. A mascara, guardada religiosamente na choça, é o fetiche sagrado que submeterá o buffalo na campina dirigindo o tiro do caçador.

## 4.

Tudo o que de longe ou de perto representa ou se refere a uma pessoa ou a um espirito, tudo é fetiche, tudo é instrumento de acção malefica ou benefica. O cabelo caído ou arrancado do corpo, uma gotta de sangue, um farrapo do vestuario, eis ahi tres *porções* da pessoa sobre que a acção do feiticeiro, exercendo-se, é efficaz. Os chefes selvagens das ilhas do mar do Sul vão seguidos por servos com bandejas onde cospem: se o cuspo ficasse no chão, seria um fetiche contra elles na mão dos sacerdotes. O obiman da Africa occidental para chamar a morte sobre a cabeça d'alguem, amassa terra de uma cova e ossos em pó com sangue. O zulu vae mais longe: basta-lhe o pensamento dominante n'um acto para tornar um objecto em fetiche; mascando um pedaço de pau imagina estar amaciando o coração da mulher que requesta, ou as exigencias do visinho que tem bois para vender. A virtude do pensamento faz de um cavaco um fetiche.

Em geral, porém, o amuleto tem uma relação de fórma, de substancia, ou de nome, com o objecto do encantamento ou com o espirito que se invoca. Assim, o medico chinez, não achando o medicamento necessario, escreve-lhe o nome n'um papel, queima-o, recolhe as cinzas, e dá-as a beber ao doente: o nome vale pela droga. Banhar um verseto do Alcorão na agua que vae beber-se é tornal-a medicinal para os musulmanos. Considerar a agua em si como amuleto de purificação, é um pensamento quasi universal: ainda hoje nós nos baptisamos, ainda nas egrejas os fieis molham os dedos, aspergindo-se, e ungingdo a testa com

agua-benta. Já o tohunga da Nova Zelandia molha n'uma cabaça de agua um hyssope de hervas e asperge os recém-nascidos; já nas ilhas Hervey a creança é immergida n'uma folha de taro — um baptisterio vegetal. Já na Guiana o sacerdote dança em volta do recém-nascido borrifando-o de agua; e o baptismo, geral a toda a America selvagem, tambem se tornou symbolico entre os chiroquezes, entre os azteques, os mayas e os peruvianos, isto é, entre aquelles dos americanos que passaram, como nós, de um estado selvagem e barbaro para um estado civilisado.

Fetiche é, pois, tudo — porque tudo tem a sua alma, o seu espirito. Fetiche é a pedra sagrada de Klambo Pennu, a pedra da porta da aldeia onde o khond caçador afia os dardos e machados, onde vae depositar as offertas sagradas. Fetiches são os ediculos que os negros poem á entrada das suas villas enchendo-os de conchas, craneos e imagens — os penates, protectores da cidade. Fetiches são todos esses gris-gris, desde a concha e o dente do animal, até ao bastão mais rendilhado, á estatueta mais singular; desde o trapo mais mesquinho, até ao pedaço de marroquim curtido e desenhado a primor. Fetiches são os nomes, conforme vimos; fetiches são as palavras sagradas, os textos dos livros canonicos — finalmente, o proprio juramento que se profere. Quando hoje um homem simples jura «pela sua salvação,» ou dizendo «a terra côma estes olhos» ou «os diabos me levem, se...» ou pondo a mão sobre os evangelhos, etc. esses actos apresentam com transparencia o residuo da antiga crença fetichista na virtude das palavras evocadoras. Em Samôa, para attestar a verdade de um dito, toca-se nos olhos: a cegueira condemnará sem duvida a mentira; ou cava-se o chão, porque

o mentiroso irá parar á cova. Da mesma fórma os Juizos-de-Deus, geraes na ainda nossa Edade-media e communs a todos os povos barbaros, estão em rudimento no costume do ostiak que, se suppõe a mulher infiel, offerece-lhe um punhado de sedas de urso: a féra a devorará, se ella tiver peccado!

## 5.

O fetichismo não consiste pois n'um systema de amuletos, nem n'um conjuncto de ritos determinados. E' a face objectiva, a fórma cultural de um estado do pensamento religioso. Tudo o que existe é fetiche, ou capaz de se tornar amuleto, pois todos os objectos possuem virtudes ou almas proprias. A mythologia religiosa é o systema da mediação entre o mundo real e o mundo phantastico; o fetichismo é uma fórma concreta e uma expressão pratica da mythologia rudimentar.

Por isso a lua, deus soberano da noute selvagem, é, quando evocada, o fetiche supremo. De rastos, com as mãos erguidas para o firmamento luminoso dos tropicos, no extasi da abjecção mysteriosa, os tupis em côro clamam — Teh! Teh! á lua branca dos céus. O crescente enigmatico, mais pessoal ainda do que o sol, porque se deixa fitar, porque se não dissolve nas ondas da luz diffusa, porque se destaca vivo n'um lançol negro erivado de estrellas, o crescente é um pae. Taru dos boto-cudos, Aataentsic dos hurões, é o esposo ou avô do dia, o creador da terra e dos homens. Quando no céu alto se desenha a curva mysteriosa da luz lunar, toda a Africa solta um hymno — Kua! Kua! Na primeira noute da lua-nova, na noute da lua-cheia, o hottentote não dorme: dança e resa. A lua nasce, revive cada mez, e o seu apparecer, o

seu morrer, são o mysterio supremo da mythologia animista. Quem lhe disputará o throno do céu? Quem terá maior poder para regular as cousas da terra? Os barbamins, diz Almada, «fazem reverencia á lua quando é nova. Tem umas arvores grandes que elles têm por templos e as caíam com farinha de arroz e sangue dos animaes sacrificados». (*Rios de Guiné*) O astro da noute mysteriosa é o mytho dos terrores sagrados e dos usos crueis do selvagem com o espirito afogado nas trevas da inconsciencia. O cyclo de cada mez, nas suas phases lunares, é um mysterio; os dois momentos do equinocio são noutes de encantos nos sertões de Malaca. «E não deixarey de fazer menção como nos dias dos dois pontos do equinocio, mormente no equinocio da entrada de libra, dia chamado Divâly, tem tal privilegio e virtude que obriga a fallar as arvores, plantas e ervas, descobrindo cada uma virtude para remedio de alguma obra ou enfermidade. E para este efeito algumas pessoas se emboscam n'aquelles matos aquella noyte para conhecer as virtudes das ervas e assi me affirmaram muytas pessoas que acaso se acharam naquelle dia nos matos que ouviram estas vozes no ponto da meya-noute, mas parece obra do demonio.» (*Eredia, Declar. de Malaca*)

O culto da noute em geral, de certas noutes em particular, o culto da lua e das suas phases, esses estados remotos da mythologia religiosa, ainda hoje aperciveis no seio dos povos cultos em tantos usos e crenças, são parallellos, na esphera dos astros, ao culto dos mortos na esphera do mundo interior. Na sombra dos cerebros primitivos o mundo apparecia composto de duas almas abraçadas — a alma da Morte, e a alma da Lua que é um astro morto e frio. O selvagem assistia-lhe ao re-

nascer mensal e acclamava-a batendo as mãos, cantando, dançando, feliz e forte por vêr no firmamento o seu astro protector. A lua-nova nascia da morte da lua-cheia: assim tambem nas creanças renascia a alma dos fallecidos. A morte é a fonte da vida — pensamento profundo, exacto, que o homem primitivo formulou em mythos.

Não foi o sol, diz Spiegel, que primeiro chamou a attenção do selvagem. O céu nocturno, cujas luzes contrastam com a escuridão da terra, impressiona muito mais a imaginação ingenua. Entre as luzes do céu, a lua domina pelo tamanho, pela originalidade das suas phases. A lua é o pae da ninhada de estrellas; a lua é o homem, o sol a esposa, por toda a America, por toda a Africa. O culto lunar é o primitivo, o solar é posterior.

O reinado religioso do sol começa com a civilização. E' então que a lua, como todos os vencidos, desce á condição feminina e maligna. Torna-se um demonio, como os genios pagãos se tornaram no seio da *mythologia christan*, ou os genios e almas da *mythologia finnia* depois da irrupção dos aryanos na Europa. <sup>1</sup> Torna-se mulher no *empyreo*, e deusa dos maleficios e encantos das feiticeiras, quando o céu e o sacerdocio antigo passam á condição de cousas condemnadas por pensamentos e instituições novas.

<sup>1</sup> V. *Raças humanas*, I, pp. 168 *ad fin.*



## V

### Deus-sol

#### 1.

Quando uma collecção de homens, aproveitando as condições favoráveis do local, desenvolve as suas faculdades ingenitas nos termos em que os casos da sua historia particular o consentem, até ao ponto de attingir a agricultura e a vida civil, <sup>1</sup> no corpo da sua mythologia astral o Sol substitue a Lua como nucleo. A esta mudança que exprime a substituição da caça e do pastoreio pela lavoura, da vida sombria do bosque pela exploração da campina illuminada, da cilada traiçoeira nas bre-nhas dos mattos pelo combate regular de bata-lhões armados, do bando ou da horda errante pela agremiação fixada em villa ou cidades; a esta transformação de modo de existir, consagrada por uma mudança correlativa nos mythos religiosos eminentes, correspondeu tambem na esphera objectiva da religião uma substituição do sentimento fundamental. Em quanto a Lua reinou, reinou o Medo no coração dos homens; desde que o Sol venceu, começou a dissipar-se essa nevoa primitiva, e o temor fez-se piedade. Só o sol inspira hymnos religiosos e preces repassadas de um sentimento luminosamente puro.

<sup>1</sup> V. *Raças humanas*, Introd. LXVII.

O sol, endeusado, é por toda a parte um deus bom: o deus-lua, nascido do medo, pronuncia-se declaradamente mau, desde que se varrem as trévas do estado barbaro. Define-se então um dualismo que é tanto moral como é metereologico: o dia e a noite, o sol e a lua, são os prototypos do bem e do mal, da paz e do susto, do céu e do inferno, dos mortos e dos vivos. O sol, como symbolo de toda uma face do systema dualista, é o nucleo de uma mythologia astral nova, em que o sentimento da protecção benefica é tão predominante, quanto o fôra antes o malefico nas mythologias lunares. O seu espirito, ou a sua alma — porque, embora a mythologia mude de objecto e de aspecto, a sua essencia animista não se altera — é um *olho* protector que vigia e acode. O sol que no Egypto presidia ao mundo era alado, porque a vista suprema vôa por todo o céu, com uma ubiquidade absoluta. O olho solar de Malacassa diz-se Masovanru, o dos dayaks Matusu. Na mythologia polynesia o sol é o olho esquerdo de Tangaloa — o summo deus do céu, isto é, a luz que inunda o ar e tudo incluye em si, — o deus dos deuses a que o cafre chama Zulu, Kutka o kamehadal, a que o aryano chamou Dyaus, Zeus, Jupiter, Deus.

Em torno do Sol-deus, como familia, raios, emanções ou hypostases, organisa-se um pantheon de deuses que são os fundadores das cidades, os inventores do fogo, das artes, da lavoura, das sementes, da musica, da medicina, da navegação — os espiritos creadores da vida civilisada que o homem frue á luz do dia. Os deuses da noite e da vida barbara e selvagem, deuses vencidos, existencia transacta, mantêm-se como recordação na memoria e como vestigios nos costumes. Assim na chronologia egypcia a decada não fez esquecer de

todo a divisão anterior do mez em quatro semanas de sete dias, divisão lunar; e parece que entre os mexicanos coexistiam os dois systemas de contagem do tempo — o systema lunar, ou metzlapohualli, e o systema solar, ou tonulpohualli.

A mythologia da America central, entre os chibcas e muyscas de Nova-Granada, — esses povos que, sem attingirem o grau de civilisação relativamente eminente do Mexico e do Perú, caminhavam no rastro da historia que a invasão dos hespanhoes fez abortar, <sup>1</sup> — mostra-nos com uma transparencia eloquente a transição de que tratamos. Nos primeiros tempos, diz a tradição muysca de Bogota colligida por Piedrahita, antes que a lua existisse, a planicie de Cundinamarca era fechada: não havia ainda o passo de Tequendama. Os muyscas eram então selvagens, ignoravam a agricultura, a religião, a moral, a sociedade. Apareceu depois entre elles um velho «barbado» vindo do Oriente: davam-lhe tres nomes — Bochica, Nenequetheba e Zuhe, e sobre os hombros tres cabeças. Foi elle que ensinou a lavrar a terra, a usar o vestuario, a adorar os deuses e a fundar as cidades. Tinha uma mulher má com tres nomes tambem: Huythaca, Chia, Yubecayguaya. Essa mulher era bella mas perversa: destruia por instincto tudo o que o marido fazia. Para lhe arruinar as obras inundou com um diluvio toda a terra de Funzha, e só uma pequena parte dos habitantes escapou. Então Bochica, afim de castigar a esposa perversa, tirou-a do mundo, degredando-a para o firmamento onde é a Lua. E para salvar a terra, rasgou o passo de Tequendama, fendendo

<sup>1</sup> V. *Raças humanas*, introd. p. LXXVII.

as rochas, vasando a agua pela cataracta que ahi se precipita.

Esta lenda muysca é typica, e por isso a encontramos reproduzida como documento, sempre que se trata de mostrar como os mythos solares são os mythos da civilisação, e os lunares os da barbarie ou do estado selvagem. Bochica, o sol, tem aquellas «barbas» com que os heroes se representam sempre, porque os cabellos são a traducção mythologica dos raios da luz. Vem do Oriente, como vem o sol todos os dias. As relações sexuaes invertiram-se: o sol é o esposo, a lua a mulher. A lua é malfazeja, o sol protector. Se Bochica é o fundador dos estados muyscas, sabe-se que o fundador do Perú é tambem um filho do Sol—Manco Ccapac, que veiu com sua irman e esposa, Mama Ocello, fundar as cidades da costa andina da America.

## 2.

O seu tempo estudaremos a mythologia solar dos arianos, e não o fazemos aqui porque o momento dos *Vedas*, em que é possivel observal-a, apresenta-nos no amago das concepções um nucleo de pensamento creador idealistamente diverso do dos americanos de que tratamos agora, e do Egypto a que passaremos em breve. Por toda a parte a agricultura, o estabelecimento de estados regulares, os cruzamentos e migrações de povos, dão á mythologia um character solar; mas nem por isso o pensamento religioso dos muyscas e dos chibcas de Nova-Granada, dos mayas do Yucatan, dos mexicanos e peruvianos, nem o dos egypcios, sae da esphera do animismo. Os astros, objecto de culto, diz Tiele, ainda não são deuses propria-

mente ditos, isto é, seres voluntarios como veremos entre os semitas naturalistas : pouco mais são do que espiritos, representantes, comtudo, das forças e phenomenos superiores da natureza. Estão na passagem do animismo para o deismo obscuro em que se esvae, esgotando o seu principio ou a sua capacidade, esta especie de pensamento cosmogonico. Teotl, nome dos deuses no pantheon mexicano, Guacas no peruviano, não quer dizer mais do que espirito, alma, sombra.

Assim, o principio animista, como constitucional da mythologia religiosa, punha um limite á evolução do pensamento — limite correspondente ao da capacidade mental ethnica. Esses deuses que, sendo espiritos, não podem ser concebidos, nem como vontades, nem como idéas; deuses em que nem uma psychologia nem uma metaphisica se representam, apenas o realismo psychico dos estados primitivos; esses deuses, dizemos, exprimem no horror dos seus cultos, na grosseria dos sentimentos religiosos, a barbarie mental de uma gente que, por outro lado, attinge um estado relativamente elevado de civilização formal ou exterior.

Por isso vemos que, politica, artistica, architectonicamente, as civilizações americanas chegam a um ponto indubitavelmente alto, sem que essa elevação corresponda a uma elevação religiosa que instinctivamente nós julgariamos correlativa. Vemos até que a centralização da authoridade politica na pessoa de imperadores reage sobre os cultos; e se a mythologia solar propria de civilizados chega a formular-se no seio do animismo, sem se sair d'elle tambem se attinge um estado mais elevado ainda na fórma ou na construcção externa do edificio religioso. O Perú conseguiu esboçar uma theologia e uma trindade monotheis-

ta. Conta a historia que em 1440 o inca Tupac Yupanki, consagrando um templo do Sol em Cuzco, proclamou um deus novo: Illatici-Viracocha-Pachacamac. Esse deus novo, mytho de invenção theologica (ou *erudita*, como se diz na eschola), em vez de espontanea ou collectiva, era o espirito synthetico dos espiritos naturaes: era a nuvem prenhe de raios, alma do fogo, era a espuma do mar, alma da agua, era o espirito mysterioso da terra.

A conquista dos hespanhoes veio abortar o desenvolvimento d'este periodo novo que se abria ao animismo peruviano; mas o exemplo do Egypto, onde não houve cataclysmo imprevisto e destruidor, apenas a dissolução natural das cousas desde que attingem a sua consummação attingindo o limite restricto da sua capacidade, o exemplo do Egypto mostra-nos que a evolução da mythologia americana não daria resultados diversos se um acaso historico a não tivesse destruido violentamente n'um momento ainda transitorio da sua evolução.

## 3.

A' revolução que o estabelecimento da vida civilisada determina na mythologia astral, transferrindo o seu nucleo da lua para o sol, corresponde, n'essa esphera parallela do pensamento religioso oriunda dos phenomenos psychicos, uma revolução tambem, ou antes a definição clara de uma idéa embryonaria já no periodo anterior. A' idéa da continuação da vida sob a fórma de espiritos vem contrapôr-se a idéa de uma resurreição formulada á imagem do drama diario das viagens do sol: é esta a base de toda a eschatologia do Egypto,

conforme veremos. A morte encontra um symbolo no pôr-do-sol, a alvorada é uma resurreição. Desde que o sol se sumiu no poente até que renasceu de manhan, o espaço percorrido torna-se a região da sombra em que o astro viaja morto para resuscitar. O drama do sol vem incluir em si e dar uma fórmula nova ás concepções de inferno, já mais ou menos definidas nos periodos barbaros, perante o contraste da noute e do dia, da vigilia e do somno.

Os mythos que nós estudaremos no Egypto, já revestidos do character authropomorphico de *paixões* e de mysterios, esses mythos do drama solar vêm-se esboçados sob a fórmula de combates em mais de um povo já saído do estado primitivo. Ninguem ignora que a condição do cafre não é selvagem; que são raros os povos cafres caçadores, sendo frequente a agricultura entre elles e regra o estado nomada de pastores. Pois entre os cafres o drama do dia é representado pelo mesmo mytho que ainda se observa na Biblia dos judeus na lenda de Jonas. O Jonas-sol dos basutos é Litoalene, o que já nasceu com a idade e sabedoria de homem: o monstro medonho e escuro da noute veiu e enguliu a humanidade inteira; só Litoalene e sua mãe — o sol e a lua — escaparam, e então o heroe atacou o monstro, rasgou-lhe o ventre e libertou a humanidade que ahí jazia. Na tradição dos zulus o monstro é um elephante que devora uma familia inteira; o ventre do animal é um mundo — o mundo inferior da treva construido pela imaginação a exemplo do mundo real, com os seus rios, as suas montanhas, as suas cidades, os seus rebanhos. A noute e o sonho, nos mythos d'esta especie, são um ventre — o paiz destinado aos mortos. A morte é a guela do monstro que devora e que tem no seio o hades, o inferno. O cair do sol

é o symbolo da morte, a sua viagem supposta durante a noute é a passagem no ventre do inferno, para resuscitar na manhan seguinte. Assim os homens resuscitarão.

A intervenção da mythologia solar na esphera psychica ou eschatologica não altera a essencia da concepção animista n'esta segunda fonte da mythologia religiosa. No Perú, no Mexico, e nas mais nações americanas em que o desenvolvimento da civilisação levou ao culto do sol como desenvolvimento paralelo da mythologia astral, o leitor viu a insufficiencia do realismo animista para a criação de uma theologia digna de um povo culto. Faltam as noções de vontade e de essencia ou de idéa para, conjuntamente com a de realidade, comporem o corpo de uma doutrina superior. Por outro lado, o ponto de vista animista, na sua rudeza infantil, não deixa que a moral intervenha activamente na esphera das creações religiosas; e por isso, essas religiões de povos sem duvida alguma senhores de leis, de um estado organizado, de uma civilisação por muitos lados consummada, mantiveram um character ferino, sangrento, bestial e tão horrido como é o dos cultos dos povos primitivos. O progresso ou evolução deu-se exclusivamente na esphera exterior ou astral da mythologia: a esphera paralela, interior ou psychica, manteve-se no mesmo estado rudimentar. Ver-se-ha que a mythologia religiosa produz monstros ou dissolve-se como que abortando, sempre que se não dá um desenvolvimento ponderado e correlativo nas duas fontes paralelas da invenção espontanea.

A China offerece-nos — dentro do cyclo das mythologias animistas — um exemplo inverso do Perú e da America de civilisação antochthona em geral.



Na America o desenvolvimento exclusivo da mythologia astral produziu monstros; na China a reforma de Confucio, fazendo abortar a evolução ulterior d'essa mythologia pela pregação de uma moral extraída prematuramente do animismo primitivo, condemnou a religião a um estado de precocidade caduca e á esterilidade consequente. Uma moral frequentemente digna do applauso da sabedoria mais pura, veio assentar sobre uma concepção realistamente selvagem do mundo ulterior. Dotado, pois, com uma moral pratica civilisada, o chinez manteve uma mythologia primitiva, mostrando assim na esphera religiosa esse aspecto duplo de velhice e de infancia, visivel por tantos outros lados nas civilisações do extremo Oriente. «O maior deus que têm é o Céu, pelo que a letra que o significa é o principio e a primeira de todas as letras. Adoram o sol, a lua e as estrellas, e quantas imagens fazem sem respeito nenhum. Têm todavia imagens de Louthias que adoram por haverem sido em alguma cousa ou cousas insignes. . . E não sómente adoram estas imagens, mas quaesquer pedras que alevantam nos altares dentro nos seus templos. . . Em todas as cousas que hão-de cometter, ou caminhos por mar, ou por terra, usam de sortes e lançam-nas diante dos seus idolos. As sortes são dois páos feitos ao modo de meia noz, chãos de uma banda e roliços da outra, e maiores outro tanto que meia noz, cosidos por um cordel. E quando querem lançar a sorte, fallam primeiro com o seu Deus, namorando-o com palavras e prommettendo-lhe alguma offerta. . . Quão polida é esta gente no regimento e governo da terra e no commum trato, tão bestial é em suas gentilidades, no tratamento de seus deuses e idolatrias.» (Gaspar da Cruz,

*Trat. da China)*

O espiritismo primitivo manteve-se: os preceitos exteriores da moral não o podiam atacar, e o desenvolvimento da mythologia do mundo exterior, que deveria tel-o resolvido se a evolução não parasse, foi abortado pela refórma de Confucio. Os exemplos que nos dá a nossa Europa de hoje, por mais de um lado semelhante á China, — exemplos de espiritismo, magnetismo animal, etc. lavrando em classes intellectualmente educadas e moralisadas, mostram-nos em condições diversas e de um modo restricto o estado mental-religioso do chinês.

A mythologia astral tornou-se uma formula burocratica. Thian, o espirito do céu, é um imperador como o imperador da Flor-do-Centro; a mesma hierarchia da terra está n'um céu d'onde a religião espontanea fugiu varrida pelo formalismo secco do espirito juridico. Veremos um phenomeno analogo dar-se em Roma. — Expulsa do ether, banida dos astros, a faculdade mythologica, essa faculdade creadora da mente humana, concentrou-se toda na esphera do mundo interior. Nenhuma noute, nenhuns sonhos estão mais coalhados de visões e de espiritos do que os do chinês. O mundo mysterioso, vedados os ares em que devia alongar-se, concentrou-se e deu ao pensamento intimo uma energia e uma fecundidade excepcionaes. O Tshow-li, biblia da religião primitiva da China colligida doze seculos antes da nossa éra por Tshow-kung, mostra-nos o corpo d'essa mythologia que o taoismo e a moral de Kong-tse (Confucio) fizeram abortar na sua evolução. A mythologia do Tshow-li é animista no principio, fetichista nos cultos. O Universo é um aggregado de espiritos, «shin,» do ar, da terra, dos elementos, dos animacs e do homem. O firmamento, Thian, e a

terra, como esposos, foram a origem da criação; mas já no Tshow-li, Thian, considerado como pessoa, é Shangti—o imperador, um deus civil, que como órgão da lei premeia e pune, tendo a seu lado cinco ministros e uma côrte formada pelos espiritos-astros: a lua, o sol, as estrellas e constellações.

Se o desenvolvimento exclusivamente astral das mythologias americanas deu de si, como é de vêr, theogonias superiores na sua expressão cosmologica, a moral manteve-se no estado primitivo e barbaro. Na China succede o inverso: o desenvolvimento dos mythos psychicos leva a uma depuração precoce da moral (Confucio foi neto de Thsow-kung, o redactor do Tshow-li) deixando a theogonia n'um estado rudimentar. Os elementos mentaes que a civilisação junta á mythologia espontanea,—idéas cosmogonicas e preceitos moraes,—procedem directamente das duas fontes parallelas do systema dos mythos primitivos: a cosmogonia vem das concepções do mundo externo, a moral das interpretações do mundo interno; porque nos astros não ha revelação de moral, nem na consciencia elementos de conhecimento do mundo exterior. E para que se produza um typo acabado de mythologia religiosa, quer animista, quer naturalista, quer idealista, é mistér que se estabeleça uma ponderação systematica da moral e da cosmogonia, ou da mythologia astral e da eschatologia. Tal condição não se deu, nem na America, nem na China: aqui a moral e a eschatologia atrophiam a mythologia astral e a cosmogonia; além succedeu o inverso.

Onde a ponderação se deu, na esphera animista que temos vindo percorrendo, foi no Egypto: por isso a mythologia dos egypcios é o typo da my-

thologia animista em todos os momentos da sua evolução; por isso o animismo egypcio não morreu abafado por nenhuma invasão dogmatica: dissolveu-se e morreu naturalmente como tudo o que realiso o principio inherente á sua existencia — como o fructo que foi flôr, e acaba por ser podridão.

## VI

### O Egypto

#### 1.

Passou já o tempo em que se considerava a mythologia religiosa dos egypcios como a degeneração de um monotheismo primitivo; passou também a doutrina que via exemplos de degeneração em todos os povos inferiores.<sup>1</sup> O Egypto dá-nos o typo historico das mythologias animistas, e por isso um systema de contrastes que a sciencia póde explicar hoje, mas que passaram por muito tempo como aberrações inherentes a uma decadencia. Esse conjuncto de profundidade mystica e de infantilidade theologica, visivel na nação do Nilo, é o proprio character de uma mythologia que se desenvolveu até attingir a eminencia de typo de um estado rudimentar da imaginação religiosa. Nunca o pensamento ganhou no Egypto o character de um theismo dogmatico e moral, porque nem a vontade nem a idéa chegaram a ser substancia de deuses que na profundidade da sua expressão jámais saíram da esphera realista do animismo primitivo. A mythologia egypcia mostra-nos o limite de capacidade expressiva do animismo, e essa civilisação do valle do Nilo é o fructo amadurecido do pensamento grosseiro de raças menos bem dotadas pela

<sup>1</sup> V. *Raças humanas*, I, p. LIV e segg.

natureza. Desde os cultos selvagens até aos cultos dos sacerdotes de Memphis ha uma serie evolutiva, e quando hoje os viajantes nos descrevem as mythologias dos povos africanos, desde o infimo hottentote até ao imperio de Uganda, nós vemos a série que teve na historia o Egypto como typo e o hamita como orgão eminente.

Por isso, ainda ao lado dos elementos mais profundos da religião culta dos egypcios, são bem visiveis os documentos dos estados transactos, e esses proprios elementos superiores mantêm o caracter e a *côr* original. O tabernaculo do templo egypcio não continha imagens, apenas um symbolo do deus: circumstancia que impressionou o grego, quando a crença no seu polytheismo se esvaía, levando-o a suppôr nós seus visinhos africanos uma profundidade de espiritualismo que o enchia de admiração. Entretanto, a ausencia de imagens na *nãos* do Egypto não exprimia uma capacidade mental ignota ao hamita: era apenas a consequencia natural do caracter animista, e não idealista, da sua mythologia. Por toda a parte havia imagens, diz Tiele; só as não havia no templo, sacrario do velho fetiche — objecto vivo ou morto, acaso depois olhado já como symbolo, e não como fetiche propriamente dito.

Tampouco o estado quasi monotheista a que a religião do Egypto chegou depõe contra o caracter essencial ou organico que a distingue, porque a tendencia para a unidade é ingenita no espirito humano, e toda a mythologia, que seja animista, naturalista, ou idealista, procede unificando os deuses no seio de uma doutrina monotheista. Os astros e as sombras passam do individualismo anarchico para a ordem systematica; e o mundo phantastico da mythologia, expressão subjectiva da

realidade transfigurada, organisa-se a exemplo do mundo social. Assim que o grau de civilização é monarchico, a mythologia denuncia o monotheismo de um modo mais ou menos accentuado. Deus, monarcha dos céus, é na terra o soberano absoluto. A evolução do poly para o monotheismo não tem pois nada de essencial na mythologia religiosa, nem estas duas fórmulas de conceber o céu importam caracteres fundamentaes: exprimem apenas estados de organização social.

O Peru, imperial, esboçava um monotheismo quando acabou; o Egypto que foi um imperio não podia deixar de ser monotheista, de um modo mais ou menos pronunciado. O pantheon crescia á maneira que as fronteiras politicas se alargavam; crescia com a nacionalisação de cultos estranhos e com a adopção de divindades forasteiras, ao mesmo tempo que a consolidação intima do estado determinava o movimento no sentido de uma unidade que nunca chegou com effeito a ser clara e inequivoca. Veiu a theologia dos sacerdotes e scribas definir o parallelismo d'estes dois movimentos oppositos n'um mytho erudito commum a todos os monotheismos: o mytho que, traduzido dialecticamente, significa a unidade na pluralidade. As divindades que manifestam o deus occulto increado são os membros d'esse deus auto-gerador.

Nem o monotheismo, pois, nem a ausencia de deuses-idolos — esses dois traços que tanto impressionaram o grego polytheista e pagão, concorrendo poderosamente para a ruina da mythologia hellenica e para a formação do christianismo europeu — denunciam na mythologia hamita caracteres diversos dos caracteres organicos do animismo. A ausencia de idolos no tabernaculo provém do fetichismo; o monotheismo exprime o adiantamento

da evolução social. Nenhum d'esses traços é intimo: são ambos apenas formaes.

O que é intimo e essencial é a noção da divindade em si, que nem se manifesta como uma vontade absoluta e por isso é estranha a qualquer pensamento moral, nem apparece como expressão concreta de uma idéa racional e por isso é estranha a qualquer pensamento scientifico ou philosophico. O deus e os deuses do Egypto são, como os dos selvagens, espiritos reaes que animam o mundo e a imaginação, o dia e a noute, a vida e o sonho, tendo como dominio supremo a morte mysteriosa. Nem uma vontade, nem uma idéa introduziram ainda uma ordem systematica na comprehensão de um universo que ainda sussurra, obscuro, confuso, palpitante de almas, nas collinas, nos rios, nos astros, nos animaes e nos sonhos, como uma vasta phantasmagoria nebulosa onde rutilam estrellas sobre o espelho enorme do lançol das aguas do Nilo cobrindo a terra e fecundando-a no leito da noute enygmatica.

A aragem que enruga a face do grande lago da vida palpitando no mysterio da geração, é Chnum, o primeiro deus, invisivel como vento que passa, sopro creador, alma universal, pae supremo. Sati, a força geradora, Anuka, o abraço do amor que procria, são a terra e a agua que o espirito anima — os filhos de Chnum quando vôa sobre o Nilo abraçando a terra para a fecundar. Esse rio, nucleo da nação dos hamitas, é por seu turno uma alma e um deus — Hâpi, o creador.

O vento invisivel sussurrante é o typo do deus supremo na religião das almas que tambem se ouvem nos ruidos vagos e mysteriosos da noute, vendo-se apenas nas sombras ou na escuridão dos sonhos. Chnum, o vento inicial, dissipa-se como



aragem, quando os theologos e scribas procuram achal-o e represental-o vivo: por isso, na religião organisada, o deus supremo é increado — como expressão mythica do mytho espontaneo do vento primitivo. A realidade e o nome d'esse deus abscondito estão nas oito potencias creadoras, os *sesmenu* ou *sesennu*, que unidas a Thut formam aos pares os quatro principios elementares da criação. Nun e Nunt são o oceano celestial e o abysmo, Heh e Heht o tempo infinito, Kek e Kekt a treva, Neni e Nenit o sopro, o espirito, o vento. No coração do Universo está Ptah, o deus de Memphis, que é a alma ou o fogo intimo, moldador ou esculptor das cousas; com Sechet, o bem amado, na chamma que destroe e purifica; com Neith, Net ou Nit, a virgem-mãe, no poder de geração mysteriosa; com Bes e Bast, esposo e esposa, lume vivo, chamma rutilante, calor benefico, luz conductora. As almas do fogo vêm desde Ptah que é um principio até Bes-Bast que são a realidade do lume, como as almas do ar indefinido e da agua vieram desde o sopro invisivel de Chnum até Neni-Nenit que é o vento, e Hâpi que é o Nilo.

O rio, theatro da vida social e economica, é o centro ou foco da mythologia. Elle que alimenta o povo e consolida o estado, <sup>1</sup> elle é o primeiro entre os espiritos proximos bemfazejos; as suas aguas levam as sementes de fecundidade, no seu dorso vão navegando as barcas engrinaldadas, conduzindo os romeiros ás festas de Sais, de Buto, de Bubasta.

<sup>1</sup> V. *Raças humanas*, I, pp. 106-11 e II, 185 e segg.

## 2.

Era em Sais, em Buto, nas boccas sebennyticas do Nilo, e em Bubasta, no braço pelusiaco do rio, que os egypcios adoravam aquella a que Herodoto chamou Artemisa. Dizia-se Bast ou Pacht em Bubasta, Neith em Sais. Hathor adorava-se em todo o curso do Nilo egypcio, principalmente em Aphroditopolis junto a Memphis, e em Edfu e em Dendera na região alta de Thebas. Esses deuses femeas são os mythos da geração que é uma festa; veneram-se cantando, dançando, ao som do pandeiro e das castanholas sagradas. São mulheres quasi, mas ainda não pertencem de todo á humanidade, porque antes de se divinisar o homem divinizou-se o animal. Os espiritos ou almas que vivem nos brutos são a substancia dos deuses do Nilo. Essa mythologia, feita religião, é uma zoolatria.

Cada sacrario têm o seu animal sagrado: em Buto é o falcão, em Bubasta o gato, em Hermopolis o ibis. No lago Moeris habitam os crocodilos divinos que os sacerdotes alimentam piedosamente a pão, carne e vinho, embalsamando-os quando morrem. O gato é symbolo do Deus-Sol e de sua filha adorada em Bubasta; o falcão é o symbolo de Horus, o ibis o symbolo de Thut; o abutre é o symbolo de Mut, e o touro de Osiris. O gato sagrado de Heliopolis, no templo de Râ, é nos hymnos ecclesiasticos um fetiche universal e absoluto: «Tens a cabeça do deus-sol, tens a fauce de Thut, o que é duas vezes poderoso e senhor de Hermopolis! As tuas orelhas são as de Osiris que ouvem todas as preces; a tua bocca é a do deus Tum, o deus da vida, que te manteve

impolluto; o teu coração é o de Ptah, que te lavou os membros de toda a nodoa! Tens os dentes de Chunsu, o deus da lua, e as coxas de Horus, o que vingou seu pae Osiris!»

Os animaes que já não são deuses propriamente ditos, mas apenas medianeiros, como o gato de Heliopolis, representam a decadencia de cultos anteriores de uma zoolatria pura como a do crocodilo do lago Moeris e a do Apis de Memphis. As almas encarnadas nos brutos ainda vivem tambem nos factos phisicos — como nas cataractas de Syena, ahi onde o Nilo começa a fecundar o chão do Egypto, ahi onde Chnum, o velho deus, remoto no tempo e no lugar, é o mytho do «expandir das aguas». Esse deus, e todos os deuses, representam-se entre animaes e humanos: Chnum tem cabeça e hastes de carneiro, Hathor que traz nas mãos as cadeias do amor e o pandeiro das danças sagradas, tem armas de vacca e entre ellas um disco lunar. Quando às procissões festivas desciam o Nilo em barcos até Aphroditopolis, onde era o seu templo, levavam comsigo uma vacca n'uma gondola engrinaldada de plantas aquaticas. Bast-Pacht, a Artemisa de Bubasta, tinha a cabeça de um gato e o disco lunar, coroando-a. A lua é femea no Egypto, porque a sociedade chegou á civilisação; a lua é deusa ou attributo de deuses — como hoje ainda se vê ser o crescente sobre que pousa os pés a Virgem-da-Conceição catholica. A femea é a deusa por excellencia genesiaca — o ventre da geração.

E' lua ainda a Neith adorada em Sais, a mãe do sol, a «vacca» em cujo ventre elle se gerou — porque o sol nasceu da lua, como o dia nasce da noute que é o principio obscuro da geração. Neith é verde como Ptah, verde como a campina palpi-

tante de sementes vivas quando o Nilo se retirou para voltar propicio na estação seguinte. A' romaria de Neith em Sais vinham fieis dos pontos mais remotos. Era uma festa nocturna, como todas as festas dos deuses primitivos. A noute mysteriosa é a hora dos segredos sacramentaes envolvidos na treva, p̄sidos pelo disco de luz pallida cravado no céu negro. N'essa noute de Neith cada romeiro trazia uma lampada, e todo aquelle que não podia ir a Sais, accendia em casa a luz sagrada. O Egypto inteiro palpitava, por sobre o labyrintho de canaes do delta, ao longo das margens largas do rio sacrosanto, e as luzes borborinhavam na sombra, como almas, aos bandos, aos milhões, animando a noute mystica.

Neith gerara o sol; Bast-Pacht, a deusa de Buba, nascera de Râ: uma segunda noute que succede ao dia anterior. O gato de Heliopolis é o animal sagrado de Bast, cujo sanctuario era um bosque erguido n'um cómorro ao centro da cidade. As alamedas umbrosas desciam até ao Nilo, beijando a flôr das aguas. No rio coalhado de barcos apinhavam-se os romeiros chegados de todo o Egypto—seis, setecentos mil, fôra os bandos de creanças levadas pela mão ou ao collo pelas mães. As chorêas de fieis subiam dançando as alamedas, os gritos da flauta convidavam os deuses, as castanholas, como a antiga matraca selvagem, excitavam o fervor das danças sagradas. Balouçavam-se as barcas no rio, levando, trazendo gente; sussurrava a turba e um côro de orações obscuras enchia o ar de evocações phantasticas. Os talismans de Bast afugentavam os maus-espíritos: por isso os romeiros levavam ao pescoço uma cabeça-de-gato, como bentinhos; por isso batiam palmas como quem se persigna. O côro das flautas, das

castanholas, das palmas, dos gritos, o sapatear da dança e o ruído espesso de toda a turba, caminhavam como uma nuvem de piedade desde o Nilo até ao sacrário da deusa no alto da collina, subindo as alamedas sombrias de arvores.

Lá no cimo via-se o portico e o sanctuario. Havia estatuas de seis cubitos de altura, e as paredes coloridas de pinturas mysticas onde a lua de Bast e o gato sagrado a Râ enchiam de contrição os romeiros.

## 3.

Nas fórmas vivas e typicas dos animaes via o egypcio o contraste com a natureza morta. A vida tornava-se-lhe um symbolo da creação, e um symbolo da divindade cuja potencia essencial é para o pensamento que acorda a cosmogonia. Adorar os animaes era adorar os deuses; cada animal era, ou um deus, ou a imagem viva de uma divindade invisivel. Os specimens de animaes sagrados nos templos representavam á imaginação simples as series ininterrompidas das encarnações da divindade representada em uma raça particular. Assim ainda hoje em Lisboa se conservam na Sé os corvos de S. Vicente, alimentados pela egreja. Esse animal que se torna medianeiro ou symbolo, e que em lugares é deus ainda, foi fetiche, quando o animismo, ao depois transformado no seio de um povo civilisado, existia em communitades barbaras.

Vimos os sacerdotes alimentando os crocodilos sagrados do lago Moeris: tambem os falcões vinham todos os dias receber a sua ração de carne picada; os gatos comiam pão e leite, comiam peixe pescado no Nilo. Cada casa tinha o seu gato como penates, e quando morria, a familia rapava

os sobreolhos em signal de dó. Eram enterrados ritualmente. A fauna sagrada era enorme: já fallamos no carneiro de Chnum, ño falcão e no gato das divindades astraes; o escaravelho era o animal de Ptah, a garça de Osiris, o abutre de Isis, o crocodilo de Sebek, o ibis de Thut. Quem matasse uma cegonha soffria pena de morte. A vacca, de Hathor, era sagrada ás deusas geradoras, deusas da receptividade; o touro aos deuses da procreação.

O boi louro ou branco, Mnevis, ia para o sacratio de Heliopolis; o boi negro, Apis, era levado a Memphis, ao templo de Ptah. Quando nas manadas das campinas do Nilo apparecia um Apis, o egypcio separava-o levando-o por uma quaresma a engordar no prado sagrado de Nilopolis. D'ahi embarcava, já como um deus, em procissão, para o templo de ouro de Memphis onde era ungido, banhado, incensado com perfumes pelos sacerdotes reverentes, que o recolhiam á sua abegoaria sagrada. Tinha vaccas escolhidas e uma mangedoura abbacial. Quando morria, o seu funeral era uma paixão, e em volta do templo, na encosta pedregosa, havia escavados na rocha os sarcophagos onde o seu cadaver era recolhido mumificado. O cemiterio dos Apis remonta á éra de Amenophis III. (1524-1488. A. C.).

No boi negro de Memphis vivia Osiris, cuja fórma em espirito era taurina. Apis era tanto uma representação do deus que a denominação dos seus sacerdotes, «osarhapi», apresenta fundidos o nome do animal e o do deus que o pensamento religioso extrahi do fetiche zoologico primitivo. A eternidade de Osiris existia na successão dos touros sagrados de Memphis, na eternidade d'essa especie typica.

Se todos os touros negros fossem Apis, as abegoarias do templo de Memphis não os poderiam

conter. Apis era o touro negro *caraca*, com uma mancha branca triangular na testa, com pontos brancos em fôrma de aguia no dorso, e cabello bicolor na cauda. Taes caracteres denunciavam o animal predestinado que um raio do céu devia ter gerado no ventre da mãe, quando sob a lingua uma pequena tumefacção accusava a existencia mysteriosa do escaravelho sagrado de Ptah. Então o touro negro era um Apis, era Osiris, era o symbolo ou o deus da procreação, porque o escaravelho de Ptah, semente do universo, attestava a sua divindade. Apis-Osiris ia habitar a morada do deus supremo de Memphis — o deus-principio, o deus-origem.

O escaravelho (por se suppôr que todos esses animaes eram machos e creavam de si, sem femea) foi o symbolo da existencia, ou da substancia do universo. Do escaravelho gerou-se Ptah, pelo processo de anthropomorphisação constante nas mythologias religiosas, e o animal ficou sendo a manifestação de um deus cuja fôrma é ainda entre animal e humana. Sobre os seus hombros de homem, Ptah figura-se tendo por cabeça o escaravelho. Assim tambem a fôrma substancial de Osiris é o touro negro de Memphis.

Ptah, o «que tece os principios» é o pae do pae dos deuses e o que rola no espaço «o ovo do sol e da lua» — assim se exprimem os sacerdotes na sua linguagem ainda mythologica, mas já dogmatica. A imaginação espontanea pinta-o verde, como todos os deuses geradores n'essa viçosa região que o Nilo fecunda, e faz d'esse espirito intimo da terra, que é o fogo em si como origem de todo o calor e de toda a luz, um pequeno — anão ou creança — por ser o principio, veste-o como uma mumia por ser eterno, e dá-lhe por attributos o chicote, o sceptro

e o anel do Nilo, por ser omnipotente, soberano e dispensador das aguas fertilisantes. Nas mãos dos scribas e doutores, esse mytho espontaneo torna-se a expressão da justiça, da ordem, do metro das cousas: o senhor ou pae da verdade. Elle que é luz, é por isso mesmo verdade. Em qualquer lugar, em qualquer estado, em qualquer momento que estudemos o pensamento vivo do homem, observamos como um bater d'azas para a região soberana e pura do Ideal. A mythologia parte da lua para o sol, da noute para o dia: o pensamento parte do facto para a lei, da confusão para a ordem. A civilisação é um *sursum corda!*

Em Memphis, o boi negro de Osiris tem sob a lingua o escaravelho de Ptah — substancia da luz e da verdade; em Hermopolis está o boi louro, o boi branco de Thut que é tambem «o senhor da verdade divina». Hermopolis, «a cidade da reverencia», é o sacrario do ibis branco, a ave divina, cujo collo e cujo bico são negros, que na sua attitude enygmatica symbolisa a attenção e a curiosidade do hamita parando de pé a olhar o sol, a vêr o Nilo encher, o vento a soprar as aguas, a terra inteira a crear, a nascer — porque motivo? por virtude de que principio?

Os espiritos que agitam a terra são os filhos de Ptah, os irmãos de Thut. Quando nasceram os quatro pares das almas elementares, nasceu a terra, «os rios correram das fontes, o filho da flôr do lóto surgiu no seu barco, radiante e bello, illuminando a terra com os seus raios!»

## 4.

Começou então a representar-se o drama do firmamento. A mythologia astral e metereologica ap-



parece-nos com um caracter inteiramente solar porque o desenvolvimento da civilisação obliterou os estados lunares e stellares precedentes. Por outro lado, n'essa civilisação typo do valle do Nilo, as fontes parallelas da mythologia religiosa, astracs e psychicas, externas e internas, desenvolveram-se correlativamente, penetrando-se e unificando-se nos mythos religiosos que sommam a vida com o dia e a noute com a morte, vendo na successão das vidas a immortalidade propria dos deuses luminosos, vencedores da tréva, dominadores da morte. A victoria da luz e da vida, diz Tiele, está expressa na propria designação appellativa dos deuses — *nuteru*, «os que se renovam»; está na successão indefinida das triadas ou trindades divinas, em que o filho é o proprio pae redivivo, «esposo de sua mãe».

O drama do firmamento identifica-se com o da vida, e da identificação nasce um pensamento já systematico da natureza das cousas, cunhado com o sello profundo e mystico que a paysagem impõe. A noute engole o dia, a morte engole a vida, como em todas as mythologias primitivas. Mas, no Egypto, para além da terra negra e pingue do Nilo, ficam os desertos fulvos d'onde os furacões trazem as tempestades de areia ardente; ficam essas regiões desoladas que, contrastando com o viço do valle do rio, são como a noute de um dia. E para além dos mezes uberrimos em que os natteiros do Nilo, fecundando as terras, as inundam de cearas, e até que, das suas cataractas de Syena, Chnum volte a espargir as aguas, ficam os mezes ardentes em que o sol queima, o ar abraza, a terra escalda e todas as flores morrem. Não é como a morte essa estação de fogo?

Assim os contrastes profundos da topographia e

da thermometria concorriam com os contrastes naturaes ordinarios para accentuar mais declaradamente a existencia como um drama, e sobretudo a morte — nucleo obscuro do pensamento animista — como uma expiação, uma purificação, dando á mythologia religiosa aquelle character moral que ella só attinge quando, desenvolvendo-se, coincide com um estado social civilisado.

A victoria do dia sobre a noute está no mytho de Râ, o deus de Heliopolis, vencedor de Apap, a serpente do mal; a da vida sobre a morte está no mytho de Osiris. Assassinado por seu irmão Set, chorado por sua irman e esposa, por Isis e Nephthys, dotado por Thut, é vingado por Horus, seu filho. Osiris fica imperando no reino dos mortos, Horus vem reinar sobre os vivos. No filho dá-se a resurreição do pae. Astraes ambos os mythos de Râ e de Osiris, é no segundo que se encorporaram as idéas eschatologicas. Morrendo, o homem vivia em Osiris, e assim como a alma do deus existe em Orion, assim as almas dos homens scintillam nas estrellas recamando o céu escuro das noutes.

Râ, o deus solar de On ou Heliopolis, tinha ahi o seu sanctuario e a sua côrte. O pantheon da cidade santa do Nilo inferior, abaixo de Memphis, unificara-se, e os deuses antigos appareciam como aspectos ou hypostases do supremo Râ: Harmachis, o «visivel», é Râ-Harmachuti, o sol no seu esplendor diurno; Tum, o «encoberto», o sol durante as trévas nocturnas. Chepra, um creador, com o escaravelho, o symbolo da creação; Shu, especie de Jano que é o «expansivo» como deus do firmamento, e o «devorante» como calor ardente do sol, encorporam-se em Râ — monarcha de um empyreo imaginado á imitação do estado

que tem a sua capital em Memphis. Como os reis que reinam sobre o Egypto, assim Râ impera sobre o Universo, revelando-se «nos abysmos do céu», sentado no «throno do sol». Elle que foi o creador de tudo, renasce de si proprio em cada dia, em cada anno.

Como o egypcio na sua barca navega sobre o Nilo, assim Râ, embarcado no sol, vae navegando nas ondas transparentes do oceano do ar. Cada dia é um cyclo, é uma vida. De manhan, Râ como um recém-nascido tem um berço na sua galé solar: vê-se sentado mordendo o dedo como as creanças. Sobe o astro no firmamento: assim o deus vae crescendo, crescendo a barca e o numero dos espiritos que a tripulam. Pela tarde, surge Apap, a má serpente, para engulir o deus que se some, escondendo-se no seu relicario. A tripulação dos espiritos defende o deus e leva o barco pelas aguas do mundo inferior, para leste, mareando contra a corrente, n'esse Nilo escuro da noute para além do qual está outro dia e uma resurreição.

O drama dos dias é o drama dos annos. E' no inverno que Râ vem ao mundo sobre uma folha de loto, é de manhan que appareceu sentado no seu berço luminoso. Na primavera o deus crescido é um adolescente, no verào é um homem barbado, no equinoxio um velho. A côr que a liturgia lhe dá não é o verde proprio dos antigos deuses genesiacos: é o vermelho da luz solar. O touro sagrado do seu templo de Memphis não é negro como o de Osiris, é louro ou branco. Râ é o deus do firmamento illuminado, Osiris o deus da morte escura. Nascidos ambos da mythologia astral, um manteve o seu lugar no ether, o outro, sem o perder, conquistou o dominio mais intimo e mysterioso da eschatologia. Râ tem por cabeça o globo

solar, em uma das mãos o sceptro, na outra o symbolo da vida; representado assim nas suas imagens, é a figura do Egypto soberano, vencedor, conquistador. O falcão terrível dos ares também presta a sua imagem para as figuras do deus que sobre a cabeça da ave tem o globo solar. As azas e o sol, ou um sol alado, eis ahí o symbolo divino que encima as portas dos templos da Jerusalem de Râ.

## 5.

Mas, se o deus omnipotente de Heliopolis absorveu em si o pantheon anterior, o deus supremo de Memphis, Osiris, é mais poderoso ainda por ser um mytho que lavrou mais fundo na alma nacional. Além do dia ha a noute, além da vida a morte, além das victorias e conquistas a miseria eterna e os mysterios impenetraveis. A luz do sol é verdadeira, mas não é toda a verdade. O firmamento ethereo é bello, mas não é toda a belleza. Além da luz ha os enygmas da terra, da morte. Osiris, no qual a imaginação poz a summa de todos os mysterios, Osiris que é a vida e a morte, o sol e a sombra, é por isso o deus supremo,—deus uno em cujo seio vêm fundir-se todos os mythos e todos os deuses, alma universal, e typo da religião dos egypcios. «Râ deu-te os raios de luz que faiscam em teus olhos, Shu deu-te o ar fagueiro que a tua boca inspira, Seb deu-te os fructos de que vives, Osiris, tu proprio, deste-te a agua do Nilo donde nasceste!» No seio de Osiris encorporam-se o velho Ptalh de Memphis, Tum de Thebas, o Sol de On; Isis identifica-se com a Neith de Sais, com Mut de Thebas, com Hathor, com Bast de Bubasta; Horus é Chem, é Râ. Os

deuses locais unificam-se á maneira que se centralisa o imperio, e os mythos solares e lunares, os deuses da luz e os da creação, os do dia e os da noite, os masculinos e os femininos, sommam-se todos na triada suprema de Isis-Osiris-Horus que é a crystallisação da mythologia animista do Egypto.

As lendas dos tempos posteriores em que, esgotada a faculdade mythogenica, os egypcios viam na serie dos seus deuses as dynastias de soberanos contadas por Diodoro, dizem que, reinando Osiris, Typhon (Set) conspirou contra elle e raptando-o o metteu n'uma cesta e o deitou ao Nilo que o levou na corrente, morto, até ao mar. Isis afflicta partiu chorando em busca do esposo e achou a cesta e o cadaver junto a Byblos. Quando Horus, filho de Osiris e Isis, cresceu, pegou em armas para vingar seu pae e bateu Typhon. Osiris e Horus foram os ultimos reis-deuses do Egypto.

Tal foi a fórma *historica* ou *evhemerista* d'esse mytho profundo do Egypto, cuja expressão é transparente. Osiris morto vivia no reino inferior — na região dos espiritos que o animismo tinha por tão real como o mundo. Por Osiris e em Osiris a alma humana passava atravez da morte para a outra-vida da phantasia. O deus eschatologico tinha por symbolo um olho mysteriosamente aberto, por animal o touro negro de Memphis, Apis-Osiris, e representava-se como uma mumia envolvido em lançoos brancos. Vivo na morte, reinando em alma na região das almas, renascia no *filho*, revivia em corpo, em realidade, em acto, na pessoa de Râ-Horus — o sol. A triada estabelecia n'um mytho unico o nexo das relações entre a mythologia astral e a psychica, estabelecendo o nexo

entre o mysterio da morte e o facto da vida. Por isso dissemos que o mytho de Isis-Osiris-Horus é a cristallisação religiosa do Egypto: é o ponto culminante em que o animismo se constitue como um typo, attingindo o limite da sua capacidade expressiva.

O contraste das cousas, a dualidade dos phenomenos astraes e humanos, — dia e noute, luz e sombra, somno e vigilia, — acordaram, como vimos, a noção de uma lucta: ao lado dos deuses bons surgiram os deuses maus. E, como tambem dissemos, se havia local onde esses contrastes se accentuassem, esse local era o Egypto — um jardim encravado em areaes adustos, com um clima benefico durante a visita do Nilo, com um verão torrido durante a estiagem. Set ou Typhon, o assassino de Osiris, era esse mal, sentido nos temporaes do deserto, na calma abrasadora do verão, nos monstros do Nilo sagrado. O Mal é da côr do fogo, vermelho como o sol estival: Set cavalga o jumento do deserto das arcias fulvas. O «destruidor omnipotente» está nas serpentes venenosas das mattas virgens, e nos crocodilos e hyppopotamos sagrados do Nilo.

Denunciada a guerra, o medianeiro e salvador dos homens, christo da mythologia egypcia, em cuja alma renasce tambem a alma do Pae, é Horus — já crescido depois da catastrophe, já vigoroso, preparado para luctas que lembram as dos herakles semitas. Já o sol renascido se levanta no céu, dissipando as trevas de Apap, os maleficios de Set — ou já o Nilo, soltas as cataractas de Syena, vem descendo revoltado a entornar sobre a campina abrazada a frescura d'onde brotarão cearas. E' então que, no mytho, Horus vingador, salvador, Horus «o falcão de Râ», de pé sobre o

carro do sol, esfaqueia Apap, ou montado no dorso dos crocodilos torce e mata as serpentes funestas, ou alado combate contra os hyppopotamos terríveis. Por isso o egypcio, contrito, o invocava: «Vem a mim, acode-me! vem, hoje mesmo, agora, depressa! Vem para guiares a barca sagrada! Vem para repellires para o deserto os leões da terra do Egypto e todos os crocodilos para o fundo do Nilo! A terra inteira surri quando o sol se levanta: louvores ao filho de Osiris!»

O Nilo entumescia, as aguas começavam a alastrar-se pelos campos, o ar enchia-se de uma frescura voluptuosa, as almas de uma esperança nova. Com os lançoes das aguas vinha voando dos confins mysteriosos da Nubia, banhando no vôo a ponta das azas abertas, a ave sagrada de Osiris, a garça Bennu (*ardea purpurea*) que é o proprio deus — a phenix que de cinco em cinco seculos arde na pyra e renasce.

Desciam as garças voando largo, desenrolava-se mansamento o Nilo inundando. Voltava Deus; Set-Typhon ficara vencido. A ave de Osiris era a garça, a sua côr liturgica o verde, a arvore symbolica a tamargueira sempre-viva: assim o pintavam nos templos, assim o viam nos sonhos da imaginação. Em Phyla, em Abydos, no alto Egypto d'onde o Nilo vem descendo, estavam os sacrarios principaes de Osiris: tambem a capital emigra de Memphis para Thebas; mas o mysterio sagrado em que toda a mythologia nacional se resumiu era o culto do Egypto inteiro, e em parte alguma d'elle a Paixão attrahia cada anno tão grande numero de fieis como em Busiris, no grande templo á borda do Nilo.

Além, na ilha que o rio inclue acima das cata-

ractas de Syena, assistia-se ao precipitar da cheia; aqui, já em pleno delta sarjado de canaes e paúes, ouvia-se o primeiro grito de Set — quando o Nilo principiava a recuar e o sirocco batia a brisa refrigerante do norte. O mysterio que abraçava os dias e os annos abraçava o Egypto inteiro desde as cataractas de Syena, onde começam os desertos, até as bocas do rio onde termina a terra. Set soprava pela voz do sirocco, avançando com os seus setenta e dois cúmplices — o numero dos dias ardentes. Consummava-se então o assassinato de Osiris. A' medida que os dias iam correndo, assim o cadaver do deus vogando na cesta até parar em Byblos. Isis cheava no seu templo, moça, com hastes de vacca e entre ellas um disco lunar — Isis a velha deusa da geração nocturna. Diante da sua imagem (que Herodoto viu em Sais, na fórma de uma vacca, ajoelhada, coberta com um manto de purpura) ardiam de noute as lampadas, de dia queimava-se incenso.

A chorar por Osiris, a consolar a *Mater-dolorosa* de Busiris, corriam os fieis de todo o Egypto, e os ritos, como na Paixão christan, reproduziam os momentos do drama mythologico, tragedia sagrada de todos os annos. 17 do mez de athyr, quando o sol passa em Scorpio, era a data da morte do deus do Egypto. Os sacerdotes offereciam á viuva lachrimosa uma vacca dourada coberta com um véu negro de byssus — coberta de dó, como se cobrem os santos das nossas egrejas durante o mysterio da Paixão. Tambem na paixão de Osiris havia penitencias, e lagrimas e confissões; tambem se pedia misericordia, amparo e perdão — porque sempre a fragilidade humana careceu de se amparar ao phantasma que a sua imaginação creou. No templo de Busiris sacrificava-se o boi



sagrado, extrahiam-se-lhe as entranhas, enchia-se-lhe o ventre de mel, farinha e incenso regado com azeite, e levava-se a queimar na pyra. Das cinzas resuscitaria outra vez redivivo o deus! Crepitava a chamma, caíam as lagrimas pelas faces doridas, ouviam-se os gemidos abafados e os soluços breves dos fieis, e ao sussurro da allucinação da gente vinha fazer côro o assobiar morno do sirocco — silvos de Set expulsando as aguas, devorando a verdura com a sua guela ardente. Osiris vogava morto navegando para Byblos, o seu cadaver insepulto pedia repouso — e quando chegava o dia de lançar as sementes na terra, n'esse dia enterrava-se Osiris. A luz do templo á noute, scintillando no disco argenteo de Isis, prenunciava a vingança de Horus que a mãe carinhosa amamentava. Os dias bellos voltariam! Osiris germinava na terra, Horus preparava os braços para a sua lucta da primavera.

## 6.

No mytho profundo do Egypto, vida, — morte e resurreição, imagem da existencia transitoria que na successão dos seus momentos constitue a existencia eterna, — está tambem a historia do nascer, do crescer e do morrer d'esse typo de mythologia animista que o Egypto nos legou. Tambem ella vem da noute, como uma Isis lunar, da noute da percepção primitiva; tambem cresce para o dia com o sol, como Osiris. A resurreição em Horus vemol-a nos momentos de evolução posterior que raças mais bem dotadas formularão.

Cristallisada na paixão de Osiris, a mythologia egypcia attingiu o momento culminante: só lhe resta cair e morrer no seio do dogmatismo sacer-

dotal, do enkystamento ou ossificação em ritos mudos, do anthropomorphismo realista que nenhum Evhemero formúla ainda como doutrina, mas que é tão formal e positivo como o será posteriormente no idealismo grego. Esse é o rythmo natural da mythologia: as percepções que se tornaram seres nas condições de deuses, fazem-se homens divinos; ao mesmo tempo que a unificação, progredindo por obediencia a uma exigencia do pensamento amadurecido, amalgama todos os deuses n'um deus unico. Râ é uma conglobação, Osiris uma conglobação maior ainda: Amun de Thebas é a somma absoluta, coeva do tempo em que os reis ainda em vida eram considerados como deuses humanos.

A mudança da capital de Memphis para Thebas e o predomínio do alto sobre o baixo Egypto concorreram tambem para subalternisar os deuses da região antiga, n'essa segunda epocha religiosa que vae da XI á XIV dynastias e coincide com o esplendor da industria, da riqueza, das victorias e conquistas. Amun era um deus local em Thebas: tornou-se o deus por excellencia em que vieram unificar-se todos os deuses com todos os mythos que os tinham creado. Amun era azul, como o firmamento diurno; da cabeça erguiam-se-lhe duas plumas symbolicas do duplo dominio sobre a terra e sobre o céu; nas mãos tinha, o sceptro n'uma, e o symbolo da vida, o phallus gerador, na outra. A triada repete-se no novo mytho eminente: Mut é a sua Isis, a mãe, deusa da noute e da tréva cuja cabeça é de abutre—do abutre divino que protege nas batalhas os exercitos dos pharaós; Shu é o seu Osiris, o filho, espirito da atmosphaera. Mas Amun-Râ, Râ-o-ignoto, o invisivel, não é só, como Osiris, um deus supe-

rior: é um deus quasi unico. O lado eschatologico da religião, cavado, profundado, levava a formular o mytho da immortalidade da alma dominado pela doutrina da retribuição de um modo theologico e absorvente; encaminhando a mythologia para o espiritualismo theorico e os pantheons divinos para o monotheismo; dando no seio de Amun-Râ a expressão nitida de dogmas saídos de um animismo que tivera na triada de Osiris a sua ultima manifestação espontanea. A monarchia e o sacerdocio de Thebas exprimem um estado acabado de civilisação, em que os documentos de atavismo começam a surgir, como aquelles symptomas de infancia que observamos nos velhos.

Se o Egypto chegou a mostrar, no momento da creação da triada de Osiris, esse estado de combinação ou synthese dos elementos astraes e dos elementos psychicos da religião, attingindo a eminencia do typo na esphera do animismo, nem por isso a phisionomia ethnica da mythologia perdeu nunca uma feição eschatologica d'onde sae, desde que o equilibrio se destroe, o mysticismo funebre da decadencia — atmospheria propria onde vieram depois florescer todas as phantasmagorias divinas do fim da Antiguidade.

Para além do momento em que, sob as seis primeiras dynastias, Osiris, Râ e Ptah eram os deuses eminentes, vê-se um passado de mythos e deuses lunares que se combinam, sem se obliterarem, com as concepções posteriores. Isis, *a* ou *o* (porque o sexo dos individuos mythicos é mudavel com o tempo) velho, venerando, excelso, Nephthys (Nebt-ha) a matrona, deusa do mundo real, Thut (Thuti) cuja significação é incerta, são afflo-ramentos da mythologia lunar ou nocturna, no terreno já coberto pelo strato solar do dualismo de

Osiris (Asar, Asiri) e Set (Set, Suti). São afflora-mentos porém, que valem mais do que reminiscen-cias, porque no Egypto não succedeu, como na America, absorver o Sol todos os mythos prece-dentes. O metro, o peso, a sciencia, as letras, to-dos os elementos racionaes da civilisação que no idealismo aryano serão propriedades dos deuses so-lares, ficam no animismo egypcio dotando a pessoa do velho e nocturno Thut. A evolução da mytho-logia progride: confundem-se n'um os tres cul-tos de Osiris, Râ e Ptah, e na éra das pyramides consumma-se a deificação dos monarchas; attinge-se o monotheismo e a divinisação do homem, termos formaes derradeiros da mythologia, mas a zoolatria persistente, a magia nos ritos e o culto dos mortos ficam affirmando sempre que esses la-dos *nocturnos* são os predominantes no animismo, filhos da noute, da sombra e do sonho.

O pensamento que não teve capacidade para sair fóra da comprehensão animista do mundo ex-tingue-se n'uma velhice assustada de phantasmas, da mesma fórma que veremos ulteriormente ex-tinguir-se n'um diletantismo esteril o pensamento grego por não ter podido alliar o character ou a vontade psychologica á comprehensão ideal, esthe-tica, *solar*, que formou do mundo no systema dos seus mythos.

## 7.

E' portanto chegado o momento de observar-mos a eschatologia excessiva d'esse povo que fez das pyramides tumulares o maior dos seus monu-mentos, deixando-nos o sepulchro como symbolo da sua passagem na terra. Este estudo completará o da mythologia do mundo externo, no qual já

vimos os vestígios e documentos dos deuses pre-solares e na zoolatria, intimamente combinada com a representação d'esses deuses e de todos, o nexo formal entre os mythos astraes ou metereologicos e os mythos psychicos: os animaes são divinos porque n'elles habita a alma, espirito, ou sombra do deus, visivel nos astros, ouvida nos sonhos. Estudada a morte, o circulo da allucinação mythologica ficará encerrado.

«Os egypcios, diz Diodoro, fallam das habitações dos vivos como de estalagens, mas dos tumulos dos mortos como de vivendas eternas, porque os mortos passam edades sem fim no Hades. Por isso attendem pouco ás habitações, pondo um cuidado extraordinario nos sepulchros.» A idéa primitiva e simples de que a morte é «o somno eterno» germinou e cresceu no pensamento egypcio de fórma a encerrar a série de concepções moraes e transcendentés, possiveis no seio da mythologia psychica. O Egypto escavou tanto o mysterio da morte, que o corpo das suas invenções a tal respeito é um repositorio onde se encontram todas as invenções de todos os povos. Os mythos propriamente psychicos, do sonho ou da allucinação, depois os mythos moraes retributivos, depois os mythos transcendentés — a série intèira das invenções possiveis realisadas espontanea ou reflexamente, e um codigo completo da morte, eis ahi o que a imaginação funcbre d'esse povo nos legou.

Manteve sempre a idéa realista da existencia tumular, ficando selvagem ainda nos periodos de maior civilisação. Reservavam-se com o cadaver todas as cousas, ou imagens das cousas que o vivo adquirira ou fizera: a cova era uma summa das occupações e das acções da vida; as paredes do sarcophago, coalhadas de inscripções e pinturas,

um texto biographico. O caixão, os lanços do cadaver indicavam a sua posição no mundo e a sua riqueza. Deitado no esquife, a face era velada por uma mascara reproduzindo-lhe as feições: a imagem equivale á pessoa. O esquife era, como as paredes do carneiro, coalhado de lembranças e memorias em imagens e inscripções. No seio do cadaver pintava-se o escaravelho de Ptah, symbolo do auto-renascimento d'esse que, morto, revivia; em um dos olhos, abertos, punha-se o symbolo de Osiris. O primeiro caixão tinha a fórma do corpo a que se ajustava. Havia depois um segundo, um terceiro, até um quarto: o morto carece de defesa! Para os ricos, esta série de caixões, tunicas de que o cadaver era o nucleo, entrava n'um sarcophago de granito cuja tampa era sellada a ponto de se tornar impossivel de abrir. Assim se levava o corpo ao tumulo, n'um barco rolando sobre toros — como o barco do sol na sua viagem pelo espaço!

Sem ser encarnação de divindades particulares ou de attributos divinos, á maneira dos animaes vehiculos das almas dos deuses, o homem era uma manifestação da vida transcendente. Tinha uma parcella da immortalidade real dos deuses, e aquelle que durante a existencia estudara e desejava o absoluto, chegava depois da morte a viver como alma divina. A sua personalidade não se perdia, e por isso era religioso o cuidado na conservação dos seus restos — imagem e vehiculo d'essa alma emigrada. Era mistér defendel-os contra a corrupção, contra os ataques da natureza e dos monstros. Fóra do alcance dos animaes de rapina, a salvo da destruição, os cadaveres guardavam-se como thesouros em sepulturas frias, seguras, inacessiveis, immaculadas e indestructiveis: baluartes

da morte, como ella eternos, voltados sempre ao ponente, na derrota de Osiris, profundos no solo, ou escavados na rocha, ou esmagados sob montanhas de pedra como são as Pyramides. Lá dentro, na cella interior da fortaleza inacessivel que o defende, está o morto preparado para resistir incorruptivel ao tempo. Ou lhe extraíram as entranhas, religiosamente guardadas em urnas, ou injectaram o corpo com liquidos enbalsamantes, ou o guardaram n'uma salga em salitre durante o tempo necessario. Mumificado, é eterno; envolvido em ligaduras, encerrado em caixões que a rocha esconde, é inacessivel.

A'quem do sacrario onde jaz o esquife ha a capella onde se depositam as offertas: o morto é quasi um deus. Vive como alma, e as almas são a substancia dos deuses. Despir o involuero terrestre, voltar ao estado aereo, é adquirir, senão o facto, a virtualidade pelo menos da existencia supposta dos deuses. Já o mytho da alma se analysou, dividindo-se em substancias, cuja natureza, cujo destino são diversos. Vivo, o homem consiste n'um involuero, o corpo, habitado por «Khou», que é o mytho da intelligencia ou do pensamento. Khou, digamos uma monada animista, percorria livremente os mundos, operando sobre os elementos, coordenando-os, fecundando-os: o espaço está coallhado de espiritos que entram um a um nos corpos no acto do nascimento. Mas, ao entrar n'um corpo humano, a monada ánimista reveste-se d'uma substancia inferior a si, porém divina ainda: a alma propriamente dita. Khou *encarna* em Ba, a alma, demasiado divina ainda para communicar directamente com a carne — Khat; por isso Ba tem como medianoiro Niwu, o sopro-vital, alma physiologica, *spiritus*, *pneuma*, que anima o corpo.

— Tal foi o systema subtil de mythos eruditos que os sacerdotes do Egypto deram como definição transcendente dos mythos animistas espontaneos.

Por outro lado, formulado o mytho da ultra-vida, typo e ideal d'esta, era necessario que o destino das almas se consagrasse por uma doutrina de penas e premios, desde que na vida real a sociedade attingia o momento da concepção de uma moral imperativa, ou de uma justiça. O monarcha, arbitro dos destinos dos povos, é o typo do deus, supremo-juiz no tribunal das almas. Na passagem de uma para a outra vida está pois o Juizo-final, e para além d'elle o destino abençoado ou maldito. A nuvem ou o clarão (conforme agradar melhor ao pensamento dos metaphisicos) da allucinação mythologica acompanhou sempre a viagem dos homens até que chegaram ao porto da razão critica. O imperio na terra é o monotheismo no céu, a justiça na sociedade é o Juizo-final na morte.

O homem egypcio, producto da justaposição de uma carne e de uma alma, de Khou e de Khat, elementos mysticamente antagonicos, é como que o theatro de uma lucta real. Elle, homem, nem é a carne nem a alma: carne e alma vivem n'esse que por fim se reduz a um lugar ou uma condição apenas. Quando, com a morte, essa condição cessa, Ba apparece no tribunal de Osiris para ser julgada — Ba que é a alma responsavel, a alma humana, e não Khou, a monada animista, divina em essencia, incapaz de mal, e que, introduzindo-se em Ba, a habilitou a combater contra a carne. Exhalado o ultimo suspiro, a alma desce com o sol ponente ao fundo da terra pela estrada de Osiris. E' ahi que reside o Supremo-juiz, ahi está o tribunal temivel da «avaliação das palavras» no «dia da justificação». Osiris coroado tem nas mãos um



chicote e um baculo, sentado n'um throno que o mar da vida rodeia coalhado de flores de lótó. Em volta do throno ficam os quarenta e dois espiritos, e Anubis com cabeça de chacal e Horus com cabeça de falcão pesam os meritos das almas. A balança tem n'um prato o coração do morto, no outro uma penna de avestruz—symbolo da verdade imponderavel. Osiris, com a cabeça de ibis, «scriba da verdade», vae notando os pesos... Supprimindo-se nos deuses bons as cabeças animaes conservadas ainda nos demonios, foi este o quadro que Miguel Angelo pintou em Roma. O juizo-final christão é o egypcio.

O realismo da imaginação espontanea é tenaz como a gramma que resiste á charrua. As visões phantasticas do outro-mundo, originadas nos sonhos, nas sombras, complicam-se de extravagancias, mas não mudam de essencia. São esses os mythos do realismo vivo, a que vem juntar-se um outro genero de mythologia—a dos scribas e philosophos que definem e theorisam as essencias das almas e os valores dos destinos. E' o sacerdote quem distingue Ba e Khou: não é o povo incapaz de subtilezas. Sobre um strato de mythos-de-representação assenta um strato de mythos-do-pensamento—os mythos metaphisicos.

Se a balança de Anubis ou de Horus pende e Osiris condemna, Khou toma posse da alma que não soube ou não pôde obedecer-lhe na viagem da vida, e principia com ella, como um carrasco, a viagem pelos espaços, viagem infernal de castigos, até encontrar um corpo expiador das sentenças do tribunal divino; até que, cumpridas ellas, Ba volta ao nada, Khou, a monada animista, ao seio infinito d'onde tudo nasce.

Mas se a balança annunciou virtude e innocen-

cia, Ba recebe o coração e os membros, e Hathor e Nut aspergem-na com a agua da vida: está prompta para a viagem do empyreo. O caminho é agreste, erriçado de perigos e combates. Deram-lhe os deuses uma lança com a qual vence os espiritos maus na estrada do céu — crocodilos, cobras, as duas viboras e a serpente Apap, o maior dos demonios. Afinal, passados os combates, terminada a viagem, a alma bemaventurada entra nas campinas de Osiris, de cearas louras infinitas em que as espigas medem dois cubitos, cearas matizadas por bosques sempre verdes, com fontes de agua cristallina e ribeiros limpidos onde se reflecte o azul puro do firmamento da virtude.

## 8.

Eis ahí os momentos supremos que a semente do animismo attinge. Vimol-a principiar a germinar no seio da imaginação creadora do selvagem; vimos ir nascendo, crescendo, bracejando, subindo, essa vegetação de mythos que tem o seu typo eminente nas idéas religiosas dos egypcios. Attingiu-se o limite de capacidade expressiva latente n'esse modo de percepção que se diz animismo, e que, sendo o proprio do estado selvagem, é tambem o particular de certas raças capazes, sim, de alcançarem a civilização formal, como se viu no Egypto, mas incapazes de conceberem a existencia como uma vontade ou uma idéa, como um acto ou um pensamento.

«A religião do Egypto, diz Tiele, nunca se reformou; os elementos primitivos, desenvolvendo-se, conservaram-se. Os primeiros ritos mantêm-se aavez de toda a historia ainda que ás vezes a sua significação se altere: estão n'este caso o culto dos

mortos e a adoração dos animaes que em povo algum attingiu tamanha importancia.»

Estes dois cultos, eschatologicos e zoologicos, attestam a resistencia dos mythos animistas primitivos, mostrando-nos como, se é geral o conservarem-se vestigios das edades primitivas durante os periodos historicos ulteriores, o Egypto mostra o caso particular de um povo que attingiu a civilisação em todas as suas fórmas, *civilisando* tambem a sua religião rude sem a transformar. Talvez possa dizer-se que o Egypto mostra a civilisação de um estado selvagem, e que a India dos *Vedas* é a barbarie da civilisação, se taes expressões não raiassem com o paradoxo: quem meditar sobre ellas verá que são exactas.

O animismo, percepção infantil do mundo, tem no seu character realista o motivo do seu limite. Sem duvida o Egypto, civilisando-se, introduziu noções moraes e idéas cosmologicas no corpo da sua mythologia primitiva; mas como ella era animista apenas, a transcendencia das doutrinas dos collegios de sacerdotes de Osiris e de Amun, de Memphis e de Thebas, conserva o mesmo character de infantilidade realista: é a sabedoria de creanças — é a doutrina simples do juizo-final e o sistema da emanção.

A triada mythologica, resumindo as doutrinas ácerca da existencia n'uma identidade absoluta, exprime, sim, uma idéa cosmogonica (inherente ao corpo da religião desde que a sociedade, como tal, attinge um determinado momento de seu desenvolvimento) sem chegar porém a formular uma theoria psychologica das Causas universaes. Na triada egypcia, Deus, unico em essencia, não é unico em pessoa. E' pae e por isso mesmo a potencia da sua natureza tal que gera eternamente sem se di-

minuir, sem se enfraquecer, nem se esgotar. Não necessita sair de si proprio para ser fecundo. Único, na plenitude do ser, concebe; e como não tem momentos, a concepção é identica ao acto, a conceição ao parto. É' pois, a um tempo, o pae, o filho, a mãe: geradas em deus, nascidas em deus, as tres pessoas — Isis-Osiris-Horus — sem saírem de deus, são Tudo.

Por isso, a ausencia de uma idéa de vontade, já na criação espontanea dos mythos primitivos, já nas doutrinas com que se formam os mythos theologicos, limita a capacidade do animismo, confundindo a substancia com o acto. Por isso os deuses, como elementos, existem, mas não têm querer; por isso as criações mysticas mais requintadas dos egypcios valem tanto como os fetiche passivos dos selvagens: não ha ahí vontade, não ha querer, não ha character, e por isso não póde haver outra base para a moral, além d'aquella que está na força organica da sociedade constituida. O heroismo que é o traço distinctivo da mythologia do semita, inventor de Herakles e de Jehovah, typos do querer indomavel e da vontade absoluta; o heroismo que põe no mytho uma força viva da alma do homem, construindo-lhe o character e dando á moral um apoio divino ou transcendente; o heroismo, nucleo e alavanca, alma e braço do homem, nexo activo entre o mundo real e o imaginario, e por isso como que a substancia do proprio homem — é isso o que não cabe nos limites do animismo.

Passivo por um lado, é realista pelo outro; e identificando tudo na confusão indistincta das percepções infantís, tambem não sente a necessidade d'esses medianeiros que o aryano concebeu para pôr em relação o mundo ineffavel das idéas com o

pobre mundo da realidade. Nem ha n'elle um deus-vontade, nem um verbo apollineo. Tudo o que é divino é real: o invisivel, o ignoto, vê-se na allucinação, como uma parte do mundo de facto separada da outra por um véu de nuvens que a visão separa. Para áquem estão as cearas do valle do Nilo e os crocodilos e hyppopotamos do rio, para além as cearas magnificas das campinas de Osiris e os monstros do cortejo de Apap. A morte é a cortina que separa os dois campos, é o nucleo de todo o systema de idéas religiosas, o momento culminante da existencia indivisa que, vindo do ventre, sobe até ao tumulto, para descer d'ahi outra vez ao seio de um Todo genesiaco.

Conceber a vida no acto, á maneira de um semita, ou a eternidade e o infinito na successão das vidas e dos tempos, á maneira de um aryano, eis o que não cabia na capacidade mental do hamita — selvagem civilisado. Aquelle sussurrar de almas, aquelle ondear de fogos fatuos, aquelle fornicar de sombras e visões povoando os sonhos, animando os bosques illuminados pelo luar da noite mysteriosa; aquella confusão indistincta de sons, fórmulas, movimentos, n'um cháos phantastico inventado pela imaginação sensivel e infantil do selvagem: essa phantasmagoria por onde começámos a nossa viagem no matagal das almas, veiu caminhando comnosco, ondeante e nebulosa.

Dos confins mais remotos do mundo, dos estados mais rudos do homem, chegámos a uma civilisação que ensinou ao europeu variadas artes, dando-lhe mais de uma licção ainda hoje repetida em nossos dias. E esse nevoeiro animista, fixando-se sobre o Nilo, como a bruma que cobre os rios, tornou-se o corpo da religião de um povo dotado de engenho e arte. O talento dos sabios e a

visão dos mysticos, penetrando na ceara das almas, analysaram, estudaram, profundaram o sentido de cada um d'esses mythos ingenuos; deram-lhes interpretações novas, revestiram-nos de ligaduras sagradas com jeroglyphos e imagens, involveram-nos em caixões successivos, em sarcophagos de granito, mettendo-os em camaras escavadas nas entranhas das rochas; mas no amago de todas as suas combinações subtis, a mumia resequida ficou sendo o symbolo d'essas invenções de uma infantilidade caduca.

---

# LIVRO SEGUNDO

## Naturalismo

---

### I

#### A criação

##### 1.

Entramos agora n'um segundo momento da evolução da mythologia religiosa: aquelle a que podemos chamar barbaro, porque é o mais geral no estado ethnometrico assim denominado. Se para o estado anterior achámos um typo na mythologia dos hamitas, para o actual encontrámo-lo na dos semitas, onde os mythos da criação constituem o nucleo do systema das idéas religiosas, denunciando na comprehensão do Universo como um *fiat*, como um acto, o apparecimento de uma noção psychologica.

Não quer isto dizer que nas mythologias selvagens, nem na do Egypto, a imaginação deixasse de representar de um ou de outro modo o mundo e a sua origem, isto é, uma astronomia e uma cosmogonia: quer dizer que essas theorias, se tal nome lhes convém, exprimem uma ausencia de exigencias racionaes, ou prescindem de uma doutrina bastante para satisfazer a intelligencia. A cosmogonia é verdadeiramente uma fabula, dentro da qual se não encontra expressa a causa da existencia, por-

que, não se distinguindo da substancia animista os deuses geradores, o cháos não se resolve.

Ha de certo almas ou deuses geradores, mas que o são unicamente por estar na natureza da substancia que os compõe o serem-no, o gerarem, o produzirem um mundo que se não differencia d'elles. Sem duvida, a imaginação mythogenica dos selvagens não attinge semelhantes noções, mas a cosmogonia dos egypcios mostra que fructos ou doutrinas estão latentes na semente do realismo animista primitivo.

A primeira impressão que o aspecto da terra e do firmamento produz é a de uma superficie plana coberta por uma especie de tampa concava. Os yorubas africanos representam-se no seio de duas metades de uma cabaca gigantesca. A differença, porém, evidente entre a terra e o firmamento, cujos aspectos, cujos phenomenos são tão diversos, acorda logo o mytho da separação — porque o espirito humano, unitario por excellencia, não concebe espontaneamente a diversidade senão como uma divisão. Puangku foi quem na China separou o céu da terra, e em todo o extremo Oriente até á Polynesia é geral a opinião de que primitivamente céu e terra, collados, eram uma cousa unica.

Assim, a semente da qual o semita extrahirá a sua concepção mythica de um deus pae omnipotente e creador encontra-se tambem no fundo primitivo das impressões humanas, especie de cháos onde tudo se agita para se desenvolver, differenciando-se. Em toda a parte o céu e a terra, ou o sol e a terra, são os *paes* do mundo e dos homens; mas entre a descendencia por emanação, á maneira do hamita, e a criação semita ha uma differença essencial nas idéas. Mama-Ppacha, a terra geradora no Peru, a maternidade dos elementos que



se observa entre os finnios, os laponicos, os esthonianos e por toda a America, não valem mais nem menos para o nosso caso do que a filiação do mundo em Ptah.

Comtudo, a voz de um deus que o australio ouve no rugir do trovão, voz que o assusta sem poder definir o medo nem analysal-o, contém em semente a possibilidade do mytho de um ser voluntario e creador. Não é já o esboço de uma noção d'esta especie, o mytho de Maui, o deus-sol dos maoris, que *creou* a ilha pescando-a do seio do mar com o seu anzol encantado? O selvagem, com effeito, restringe a área das suas noções ao pequeno pedaço de mundo que habita, porque sempre o homem se considerou a si e á terra o centro das cousas. Por isso o deus ou o espirito gerador ou creador do pedaço particular de terra é tambem quasi sempre o primeiro *pae* da tribu.

Na cosmogonia kamchadal ha um deus positivamente creador: Kutka, o que *fez* o céu e a terra e os homens. A criação, porém, é tão eterna como o creador; e a alma ou substancia do homem tão identica á de Kutka, que o kamchadal crê-se muito mais intelligente do que o seu deus, notando-lhe os vicios da obra: as montanhas e barreiras a prumo, as torrentes precipites, os temporaes de chuva e vento, as tempestades do mar, as correntes contrarias — todos os embarços e perigos das regiões malfadadas do polo. Não observaremos acaso, n'este exemplo, o ponto de divergencia das duas concepções até ali confundidas? Vemos já um ser creador, mas vemos uma criação tão identificada com elle, e um deus que, apesar de voluntario, tem uma intelligencia propria tão limitada, que se nos affigura encontrar no mytho kamchadal, como dissemos, o germen da Vontade

involvida ainda nos limbos nebulosos da Emanação. A fabula dos tamauaks do Orinoco é semelhante á de Kutka: tambem Amalivacco, o creador, discutindo muito a obra com seu irmão, fez quanto pôde para dar duas correntes inversas ao Orinoco: os barcos subiriam por uma, desceriam por outra; mas o deus não obteve o que desejava. Esse desejo é o principio de uma Vontade que ainda não consegue, porém, dominar, no espirito rude do selvagem, a força bruta das cousas.

## 2.

Subamos na escada dos povos; aproximemo-nos do centro do mundo <sup>1</sup>—vamos entrar no seio da área semita.

Diz Diodoro que em Babylonia se adoravam doze deuses como senhores do céu: cada um d'esses deuses era um mez consagrado n'um signo do Zodiaco. Acima de todos ficava El ou Il, o que denominou a grande cidade: Bab-El, Babylonia — a porta-de-El; depois de El vinham Anu, Bel, Hea, Sin, Samas, Bin; depois os deuses dos planetas — Adar, Merodach, Nergal, Istar e Nebu. A mythologia astral apparece-nos aqui já constituida n'um corpo de divindades cujas funcções e lugares são definidos. Adar, o sublime, está á frente dos cinco espiritos dos planetas cuja furia cruel se propiciava com o sacrificio de creanças. Adar é Saturnó, Nergal é Marte, e o seu grande templo estava em Kutha, a sua imagem era um leão alado com cabeça humana, o seu lugar á frente dos exercitos conquistadores, no fragor das batalhas. Sin é a lua, adorada em Ur, imagem bar-

<sup>1</sup>V. *Raças humanas*, II, p. 9.

bada com raios ou armas brancas flammejantes e o crescente por emblema; Samas o sol que «illumina o céu e a terra» e tem por signo um disco de ouro rutilante. Bin, o trovão, na plenitude do céu, empunha uma espada de fogo que é o raio; e como as trovoadas limpam os ares e fecundam as fontes, Bin é o pae da abundancia e da fertilidade. Anu é o firmamento; Bel, o creador, varreu as sombras iniciaes, dividiu o Cháos-Omorka e formou os homens e os animaes. Bel e El, «a lampada dos deuses», a luz e o creador, são a divindade suprema e paternal da Chaldêa. «El e Bel, diz o rei Hammurabi, deram-me o governo dos povos de Sumir e Accad!»

O pensamento de uma criação voluntaria, a idéa de uma Causa da existencia, a filiação dos homens, dos animaes e das cousas n'um acto d'essa Vontade-Causa em que a authoridade e o governo de sociedades já organisadas encontram um principio,— eis ahi o que se manifesta na mythologia naturalista dos semitas, a qual, desde que se observa com profundidade, differe visceralmente do systema animista dos hamitas. Qualquer que seja o grau de profundidade ou de elevação mystica a que o Egypto leve a sua religião, é facto que ella nunca chega a perder o character primitivo que a distingue. Se, porém, dizemos que o naturalismo semita, animando o Universo com a concepção da Vontade, marca um progresso na evolução summaria da mythologia, ninguem inferirá d'ahi que queiramos dizer que as civilisações da Chaldêa e da Judêa, que os imperios de Babylonia e da Assyria, ou a monarchia dos judeus, ou as republicas dos phenicios, importem um progresso nas fórmulas exteriores do desenvolvimento das sociedades. Essa questão não vem para aqui: apenas temos a mos-

trar que da mythologia dos hamitas para a dos semitas ha um progresso no grau de expressão philosophica, por isso que ha na concepção espontanea da existencia como um acto, de deus como uma vontade, uma base transcendente para a moral.

Ninguem ignora que tambem o Egypto — e todas as mythologias, assim que a sociedade constituida obedece a leis — concebeu a ultra-vida como a consagração d'esta, pondo nos premios e penas transcendententes o destino das acções; mas a prosecução do nosso estudo mostrará como entre esta idéa simples, exterior e n'um sentido até estranha á doutrina da emanação, differe das idéas semitas, nas quaes os premios e castigos ultra-tumulares têm um outro valor por isso mesmo que o mytho de Deus tem um outro character.

Na zoolatria do Egypto vimos o documento eminente de animismo: os deuses já humanos têm ainda cabeças animaes. A regra entre os semitas é o inverso: os deuses são frequentemente animaes com cabeças humanas — como o leão alado de Nergal. Esta opposição nas imagens não traduzirá a differença dos modos de percepção? Parece-nos que sim. Mas o que, sem duvida, mostra que entramos n'uma esphera nova de representação da realidade, é, depois dos mythos da criação, a dos mythos dos castigos cosmicos — dos diluvios.

Logo que o mundo é a vontade de um deus em acção e o homem uma creatura formada por elle, o dualismo ingenito no espirito humano, dualismo que surge com as primeiras representações mythologicas, o dualismo da natureza nos dias e nas noutes, na luz e na tréva, e o dualismo do espirito n'esse desdobramento que se percebe no sonho; o dualismo, dizemos, formula-se entre deus e

o homem de um modo incompatível com as idéas substanciaes e com o systema das emanções formuladas em doutrina pelo animismo culto do Egypto. Ali, a essencia de deus e a do homem são una e a mesma; para o semita, homem e deus formam um contraste: creador e creatura. Não ha identidade, ha opposição; e os erros ou desvios das normas que a sociedade estabeleceu, crimes julgados no tribunal de Osiris, são para o semita Peccados — crimes contra a Vontade absoluta e creadora. Quando, no desenvolvimento das fórmulas de governo, se formúla a idéa de um monarcha absoluto por direito divino, apparece o crime de lesa-magestade, crime diverso dos ordinarios, crime que não é só uma infracção da lei, mas um ataque ao proprio principio da authoridade: assim tambem é o peccado entre os semitas.

O deus que fez o mundo e as creaturas tem em si o poder de castigos destruidores da propria obra. A allucinação religiosa cresce á medida que o espirito cava os mysterios da existencia: a phantasmagoria animista dos elementos e dos espiritos faz-se agora a phantasmagoria moral de um mundo mesquinho baloiçado na mão de uma divindade omnipotente, como a pella que se jogasse pelos espaços infinitos. Sempre se disse que deus enlouquece: a loucura, ou a embriaguez, ou a allucinação divina, cresce á maneira que sobe. Primitivamente o ar soava compacto e uno com o sussurrar das almas substanciaes, agora ruge com os clamores e gritos de colera de almas voluntarias. As tempestades, os cataclysmos dos ares e das aguas, as trovoadas, as cheias, os terramotos eram os espiritos na sua existencia natural: são agora os actos de um espirito invisivel, omnipotente e creador.

## 3.

De tal modo se tornaram religiosos os mythos dos diluvios na imaginação creadora dos povos, mythos universaes, sem duvida, mas cujo lugar na serie evolutiva é este.

O leitor já sabe por que modos e em virtude de que necessidades o homem primitivo representa em mythos tudo aquillo que observa e não explica. As cheias, facto anormal produzido por chuvas excessivas, pelo derretimento de neves nas montanhas, ou por commoções do mar enviando lanções de ondas sobre as terras baixas, como succede em Bengala por exemplo; as cheias são factos universaes, e por isso é universal tambem o mytho do diluvio ainda despido de character religioso, sem significação de castigo, e inscripto na categoria do que Tylor chama os «mythos de observação» — isto é, os mythos simples ou inintencionaes. Assim v. g. a descoberta de uma caverna de ossos dá lugar á formação do mytho de uma batalha esquecida; assim tambem, porventura, a observação dos jazigos conchyíferos no interior das terras ou nas alturas das montanhas, inexplicaveis para quem ignora os factos de sublevação, levaria a suppôr a verdade de um diluvio que tivesse coberto as cumiadas dos montes, da mesma maneira que os fosseis de animaes perdidos levaram mais de uma vez á invenção de animaes mythologicos.

Nada d'isto, porém, pertence ainda ao fôro da mythologia religiosa, porque os mythos só se tornam religiosos, ou, por outra, só existe religião desde que as invenções imaginativas se propoem determinar um systema de relações entre o conhecido e o ignoto, entre o homem e esses espi-

ritos que então se tornam deuses. Assim, por toda a parte, os fios da chuva descendo das nuvens são «serpentes», mas essas serpentes só são divinas quando a mythologia se torna religiosa. Para os akras da costa do Ouro exprimem-se pelas mesmas palavras estas duas locuções: «choverá? — virá deus?» E os baghirmis da Africa central, diz Nachtigall, têm como nome de divindade a palavra «tormenta». Não admirará pois que os mythos diluvianos sejam universaes, porque o é o phenomeno das cheias; nem que sejam attributos da divindade, porque tudo se torna mais ou menos divino no mundo percebido mythologicamente.

Brinton achou mythos diluvianos em vinte e oito nações americanas. Na lenda araucania, apenas tres pessoas se salvaram refugiadas no alto do monte Thegtheg que exerceu, fluctuando, o papel de Arca. Na tradição cholula, do Mexico pre-azteque, o plan'alto de Anahuac inundou-se e todos os homens, salvo sete que se refugiaram em cavernas, foram transformados em peixes; na cosmogonia azteque ficou-se contando uma edade-da-agua em que a humanidade fôra destruida. Estes mythos, colligidos por Humboldt no que diz respeito ao Mexico, são communs, sob fórmulas varias, a toda America. Nieuhoff conta os do Brazil, Ellis os da Polynesia.

O *Mahabharata* registra um diluvio, o *Zenda-vesta* outro; o *Chu-king* registra outro: Yao chamou os seus ministros: «Ai! as aguas do céu propagam a destruição; abraçam, galgando, as montanhas; sobem ás alturas!» Yao foi o constructor dos canaes que tornaram habitavel a China. Eis aqui a versão do nosso Fernão Mendes Pinto, versão colorida com tons biblicos, como era de suppôr (*Peregr.* II, 103): «Depois que Deus alagara o mundo

com a agua dos rios do céu, vendo que a terra ficava deserta, mandara do céu a deusa Amida para que restaurasse a perda de gente que se afogara, a qual em pondo os pés em uma terra que já era desalagada, ella se tornou toda em ouro e alli estando em pé e co rosto no céu suara pelos subacos grande somma de creanças, pelo do braço direito machos, e pelo do esquerdo femeas, por não ter outro lugar no corpo por onde as pudesse parir (como tem as mulheres do mundo que tem peccado, em castigo do qual as sujeitara Deus por ordem da natureza á miseria da condição suja e fedorenta: para mostrar quanto lhe fedia o peccado commettido contra elle). E depois de paridas ou lançadas pelos sobacos estas creanças, as quaes affirmam que foram 33333, as duas partes de femeas e uma de machos, ficara tão debilitada de aquelle parto por não ter quem a provesse do necessario, que lhe deu um vagado de fraqueza tamanho que caíra morta em terra sem nunca mais se levantar até agora, pelo que a lua em memoria do sentimento d'esta morte se cobriu de dó: que são aquellas nodoas de sombra que commumente lhe vemos; e que quando acordar que será depois de passarem tantos annos quantas foram as creanças que pariu, então tirará a lua aquella mascara de dó e ficará a noute d'alli por diante tão clara como o dia.» O leitor, já instruido sobre o character lunar da mythologia astral selvagem, já conhecedor da doutrina da emanação do animismo, verá de certo n'este mytho diluviano e cosmogonico da China un exemplo interessante, mas que nada tem de grave no ponto de vista que agora nos dirige.

Tambem por toda a região boreal ha diluvios. Os kamchadales salvaram-se em barcos, os esquimós



montados em ossos de baleias ; mas onde a relação do phenomeno com a idéa de um castigo principia a esboçar-se, diz Farrer, parece ser nos mythos das ilhas da Reunião. Um pescador, dizem ahí, lançando o harpão prendeu um cabello do grande deus do mar que dormia no seu leito de coral. O deus, acordando irritado, levantou as aguas e afogou todos os homens, salvo os poucos que restaram para contar a catastrophe. Em Fidji o diluvio foi causado por dois netos de um deus que lhe mataram, caçando, o seu passaro favorito.

Todavia, n'estes mythos, os crimes não são intencionaes ; se ha n'elles o germen de um peccado por serem um attentado contra deus, não ha a idéa de perversidade organica e constitucional dos homens — esse traço caracteristico do dualismo mythologico dos semitas, essa semente do pessimismo religioso. Assim, embora os mythos diluvianos sejam universaes, porque os temporaes de agua o são tambem, nada ha de commum, mais do que a fórma externa, entre esse corpo de invenções e o systema cujo typo está na versão que recentemente Smith, o celebre assyriologo inglez, desentranhou das tabuletas de Ninive atestando a antiguidade do texto transmittido por Berrosio. <sup>1</sup>

Entretanto, Latham registra, nas tradições dos singpho do Assam, a existencia de um mytho da criação e do diluvio em que se encontram, sob fórmas diversas, os mesmos traços fundamentaes do semita. Deus, ao crear o homem, dizem os singpho, prohibiu-lhe banhar-se no rio Ramsita sob pena de ser devorado pelo demonio Rakhas. O homem peccou e a humanidade foi com effeito

<sup>1</sup> V. *Raças humanas*, 1, pp. 160-3.

devorada, salvo Siri Jiá e sua mulher Phaksat. Sentados sob uma arvore, veiu o deus Gosein e mandou-os caminhar para o sul: Phaksat, desobedecendo, foi para o norte caíndo em poder do demonio; Siri Jiá, para a salvar, passou o rio prohibido, Ramsita, e o demonio apoderou-se tambem d'elle. Ia devoral-os a ambos, quando no acto de os levar á bocca, saíram chammas de todo o seu corpo consumindo-o para sempre. Nunca mais, por isso, se viu no Assam o diabo vivo. Gosein poz então o par no Mujai Sangra-bhúm, alto monte d'onde veiu toda a descendencia humana. Mas ao depois, tendo os homens comido e assado bufalos e porcos sem offerecerem sacrificio ao deus, elle, na sua cólera, mandou um diluvio que cobriu a terra e destruiu a raça inteira dos homens com excepção de dois e suas mulheres que voltaram ao monte de Sangra-bhúm.

O paraizo do Assam é como o biblico; Siri Jiá é um Adão, Phaksat, desobediente, e origem do peccado, é como Eva; o diluvio é um castigo, e a humanidade renova-se por via de Noé que n'esta lenda é duplo. Na tradição chaldaica, herdada dos accadios remotos e conforme nos chegou pelos fragmentos da obra de Berosio, diz-se assim: Uma noute o rei Xisuthros ouviu a voz de Nuah que lhe disse: «Homem de Surippak, filho de Obartutu, faze para ti e para os teus um grande navio, porque eu vou destruir os peccadores e a vida... Reune dentro d'esse navio a semente da vida dos seres, para que não desapareçam de todo.» O rei obedeceu e construiu um navio calafetado a bitume. Terminada a operação, e recolhido na *Arca*, principiou o diluvio. Ao setimo dia a tempestade acalmou, seccou-se a face da terra e sellou-se de novo a paz entre Deus e os

homens.— Como se sabe, é este, em todos os seus caracteres, o mytho biblico.

A existencia considerada como o acto, a criação como o producto de uma vontade sobre-humana, eis ali o caracter *novo*, permitta-se-nos dizer assim, da mythologia dos semitas. Esse modo de representação que põe no mundo uma causa estranha, e acima das leis da natureza uma vontade geradora, creadora, governadora do Universo, dá de si phenomenos egualmente novos n'essa esphera, que chamámos objectiva, da religião — na esphera dos sentimentos provocados pelos mythos. O medo primitivo das almas povoando o mundo é aqui maior, porque essas almas são vontades e potencias; porém ao lado do medo surge a piedade, a compunção, os sentimentos que hão de fazer dos psalmos dos prophetas de Jerusalem os mais bellos poemas lyricos da humanidade. Por outro lado, a moral que, no animismo, não encontra base fóra da esphera da lei, acha no naturalismo transcendente uma origem phantástica, e um apoio extra-humano no mytho da vontade divina. Por outro lado ainda, finalmente, o crime que na esphera obscura do animismo era apenas um erro ou um maleficio para ser depois uma simples infracção de lei julgada no tribunal de Osiris, ganha o valor de peccado, isto é, de um ataque a essa vontade absoluta que rege o mundo e cria o homem.

O grande mytho da alma voluntaria e pessoal do Universo é sem a minima duvida um passo andado na estrada do conhecimento. A' sorte obscura do animismo, aos fetiches e maleficios, substitue-se uma noção humana, qual é a de um querer e de uma intenção. A vontade dos deuses dissipa o cháos da indeterminação primitiva; e á maneira que o homem reduz ao typo da sua

consciencia os mythos da sua invenção, tornando subjectivas as impressões do mundo externo, assim vae consolidando e affirmando a sua existencia. Já se não sente como um grão de areia no ondear tumultuoso das cousas, nem um sopro de espirito na nebulose das almas, porque ouve em si a voz de um ser imaginario, ser omnipotente a quem pertence, que o fez, que o ampara e que o pune.

## II

### A astrologia

#### 1.

A astrologia, diz Tylor, não corresponde ás mythologias primitivas: é correlativa da éra cosmogonica. A astrologia está para a mythologia naturalista, como o fetichismo para a mythologia animista. Na esphera que dizemos objectiva da religião ha sentimentos e ha mediações cultuaes: o sentimento proprio no animismo é o medo, o media-neiro o fetiche; o sentimento proprio no naturalismo é a compuncção, um medo moralisado, e o media-neiro é a magia que lê nos astros os destinos das cousas e a sorte dos homens. Almas, medo, fetiches — eis ahí o corpo dos elementos religiosos do primeiro periodo; vontade, compuncção, astrologia — eis o corpo do segundo em que nos achamos. O astro já não é para o mago um fetiche, é um revelador; o astrologo não pensa, como o shaman, submeter a lua ou as estrellas ao seu dominio para as tornar instrumentos da sua vontade: procura apenas desvendar os segredos que acredita inherentes á localisação relativa, á marcha, ao aspecto dos astros cujas influencias voluntarias regem os destinos humanos.

Assim, pois, é mistér não confundir a magia e a astrologia com a feiticeria e os encantamentos, conforme se faz commummente por uma razão

obvia. Esses residuos de estados transactos apparecem entre nós confundidos e frequentemente amalgamados: o bruxo é mago, o feiticeiro astrologo; e o estado mental superior que nós attingimos, fazendo-nos olhar com desdem para essas reliquias do passado, condemnadas pela sciencia, anathematisadas pela religião — como os filhos que se levantam contra os paes senectos — leva-nos a não distinguir aquillo que n'outras éras foi distincto. Sem duvida, o sol adorado em Memphis teve culto em Babylonia ou Sidon, por exemplo; mas o importante para nós não é essa circumstancia exterior, mas sim o sentimento ou a idéa d'esse genero de astrolatria — animista n'um caso, naturalista no outro. D'ahi vem que nos templos do Egypto havia verdadeiros fetiches como os gris-gris dos negros, ao passo que, no templo semita, o mago procura descortinar o segredo das influencias e destinos inclusos nos movimentos dos astros que interroga e cujas suppostas vontades pensa surprehender.

E', porém, necessario lembrarmo-nos sempre de que na successão dos estados humanos acontece o mesmo que se dá na successão dos typos zoologicos: qualquer momento actual inclue todos os momentos anteriores, ou sob a fórma de elementos transformados, ou sob a fórma de archaismo. Um typo é a somma dos typos anteriores; predomina n'elle um traço que o caracteriza, individualisando-o, mas é facil reconhecer a coexistencia dos traços caracteristicos precedentes. Este axioma zoologico, indiscutivel já hoje que vão de vencida as antigas idéas classicas da creação universal simultanea, não é ainda uma idéa corrente na historia da evolução mental e social dos homens. Entretanto, o caso é absolutamente identico.

Não será por isso difficil encontrar laivos de fetichismo na astrologia dos povos antigos, porque, segundo a opinião dos mais habéis interpretes da mythologia archeologica, se o fetichismo é a practica do selvagem, a astrologia é o rito do nomada, e, conforme as idéas que temos da evolução das agremiações humanas, as communidades nomadas passaram para esse estadô saído do estado anterior de tribu ou bando selvagem.

O mago de Chaldêa prophetisava a sorte dos homens, tirando-lhes o horoscopo pela conjuncção astral sob que vinham ao mundo; mas é fóra de duvida que para a astrologia semita havia astros beneficos e astros maleficos — idéa em que é necessario vêr uma herança de animismo. Não se dirá, porém, já o mesmo das relações substanciaes entre os metaes e os astros; relações nas quaes, segundo é sabido, o sol era ouro, a lua prata, Saturno chumbo, Marte ferro, Jupiter estanho; relações que teriam principiado pela afinidade de côr no sol e na lua, para d'ahi adquirirem, não a significação dynamica de almas ou espiritos, mas sim o valor de substancias influenciaes — idéa que se concebe como se ligasse ás noções cosmogonicas naturalistas, e que se sabe quanto durou, se não dura acaso ainda nos ensaios contemporaneos da metallotherapia.

Como quer que seja, o facto é que o naturalismo cosmogonico e a astrologia consequente nos apparecem como caracteristica do estado barbaro ou nomada, á maneira do animismo e do fetichismo caracterisando o estado selvagem. E se o leitor viu no Egypto uma civilisação formal construida sobre o systema de uma mythologia animista, vae vêr agora a civilisação dos semitas edificar-se sobre o systema de uma mythologia naturalista — á

qual os prophetas de Jerusalem darão com o jehovismo uma expressão tão profundamente mystica, como os sacerdotes de Memphis e de Thebas deram ao animismo dos mythos primitivos do Egypto.

Não é necessario reproduzir agora a doutrina que já ficou expressa no logar proprio: isto é, de que na evolução interna e particular de cada systema mythologico se repete sempre a passagem da contemplação e adoração do céu nocturno, das estrellas, da lua, para a contemplação do céu diurno e do sol; e que a substituição dos mythos solares aos stellares ou lunares exprime a passagem da vida barbara e nomada para a vida urbana, agricola, ou civilisada. Que nos achemos no seio do animismo, do naturalismo, ou do idealismo, como veremos, o processo é identico.

## 2.

Não faltam aos mythologos documentos que provem a existencia selvagem e portanto animista dos semitas, e muito especialmente dos arabes; existencia prévia áquella em que o estado nomada e as idéas naturalistas, expressas nos mythos cosmogonicos e na astrologia, elevam o semita á altura de typo de um momento da evolução summaria da mythologia religiosa. Não faltam, repetimos; mas esses documentos anteriores, de um valor de certo gravissimo para a historia do desenvolvimento mental interno de uma raça e para prova de que esse desenvolvimento é formalmente identico em todas as raças, valem menos para nós agora, estudando no semita o typo de um dos tres momentos da evolução total ou summaria da mythologia religiosa — animismo, naturalismo, idealismo.



Os astros que o nomada conhece intimamente e com que vive em espirito são ainda os da noute. Os mezes lunares são o ponto de partida da chronologia, <sup>1</sup> a noute o metro do tempo. Ainda o symbolo das nações islamitas é hoje o crescente, *pae* da tribu dos arabes Banû Hilâl; os Banû Badr são «os filhos da lua cheia», os Banû Sarûm «os filhos da noute», as donzellas beduinas são «filhas da estrella». A noute é a protectora das jornadas longas das caravanas atravez dos desertos que o sol de dia incendeia. O céu nocturno é negro e vivo, coalhado de estrellas, o ar temperado, a brisa humida. Sombra e agua, eis o amor e a ambição das populações errantes nas zonas adustas. «Regae ó nuvens a terra do meu tumulo!» exclama o poeta beduino. A chuva é a benção dos mortos, o paraizo do céu. As nuvens são o manto protector contra o sol nas jornadas diurnas; são o guia que leva a caravana ao'oasis onde ha frescura e sombra. Chuva e nuvens, porém, são imagens da noute deliciosa, esboços da sombra fagueira que rejuvenesce. Ainda em éras historicas o sacrificio da filha de Jephthah era recordado de tempos a tempos pelas mulheres de Israel. . .

Montado no seu camello, choiteando lentamente nas planuras do deserto, o beduino saíu de tarde para a jornada. E' absoluto o silencio, uniforme a côr e o contorno da paysagem crepuscular. O sol morreu, e uma brisa fresca annuncia o avançar da noute. N'essa hora, o lavrador do valle do Nilo adormecia, chorando a morte de Osiris; n'essa hora o viajante nomada vê nas estrellas que principiam a nascer no céu o começo da verdadeira vida. Palpita o firmamento com luzes, a noute é

<sup>1</sup> V. *Raças humanas*, II, p. 129 e segg.

longa, segura e boa! A brisa fresca beija-lhe a face, o ar acaricia-o, o céu *vivo*, animado de historias multiformes, distrae-lhe o pensamento na monotonia da viagem pelo silencioso deserto que é o *pae* do beduino, *badawi*. Gradualmente vêm subindo no céu, como rainha, a lua, e a sua luz fria e meiga inunda o espaço, offuscando o brilhar das estrellas, ou pondo no meio d'essas constellações que são a bussola nas viagens dos mares de areia, o crescente mysterioso para guiar a derrota da imaginação atravez dos oceanos da phantasia.

Essa lua que para o selvagem é homem, tambem para o nomada é vencedor do sol: Dalilah entregando Samsão depois de cortados os cabellos fulvos do heroe — os cabellos que são em toda a mythologia a imagem dos raios da luz, e no symbolismo juridico o attributo da força e da nobreza. E' essa lua soberana, Mylitta-Venus dos syrios, a que, por cima das tendas e dos apriscos onde os rebanhos dormem, véla de guarda á frente do seu exercito de estrellas...

## 3.

Mas, se o semita nomada dos desertos da Arabia teve no solo um impedimento fatal para subir á condição de agricultor e civilizado, o semita do valle do Euphrates e do Tigre, o semita de Canaan, o semita das encostas viçosas do Libano, — por toda a parte onde a brisa do mar ou a corrente dos rios modera o ardor do sol, humedece o ar, ampara a vegetação dos bosques e das cearas, fixando e fecundando as sementes, fixando e congregando os homens em cidades, — o semita saiu d'esse estado remoto e apparece-nos na historia já depois de ter substituido a lua pelo sol no do-

minio da sua mythologia naturalista, e como nucleo da sua astrologia religiosa.

Entretanto, a archeologia moderna da Assyria revela-nos hoje, para além dos imperios dos semitas orientaes, a existencia de um povo de que os chaldeus e assyrios receberam como herança a mythologia. Esse povo é o accadio, e essa mythologia, não só é lunar, como mais affin do animismo do que do naturalismo. Representará a mythologia accadia o estado anterior e evolutivo da astrologia semita? ou serão os accadios gente de stirpe não-semita, gente *turaniana*, gente finnia? Eis ali o que nos não parece que a erudição tenha determinado ainda. <sup>1</sup> Tiele, porém, considera a mythologia accadia como um ramo d'esse animismo finlandez que é o typo bem conhecido da collecção de povos a que se chama turanianos. No systema do *Kalevala*, o «velho», o patriarcha, o veneravel, o «creador» (*luoya*) e divindade por excellencia (*yumala*), é Ukko, o mais poderoso de todos os magos. Yumala, segundo Castren, significa «o lugar do trovão» — o firmamento onde habitam os espiritos cujo chefe é Haltia. Os tres elementos, fogo, terra e agua, são as tres grandes pessoas da epopêa do *Kalevala*: Wainamoinen, Ilmarinen, e Lemminkainen, triada correspondente á triada germanica de Odhinn, Loki e Hunir.

Um animismo, com effeito, semelhante é o dos povos de Accad, com as suas legiões de espiritos, com o seu culto dos elementos, com a sua hierarchia mythologica. A triada suprema dos espiritos compõe-se de Ana, o céu altissimo, Mulge-Ninge, esposo e esposa do céu occulto sob a terra, e Ea ou Hêa, alma do ar e da agua desposada com

<sup>1</sup> V. *Raças humanas*, I, pp. 160-2.

Dav-Kina, alma da terra. Inferiormente, fica a triada astral metereologica: Uru-Ki, a lua, Ud, o sol, e Iru, o vento. Nindar ou Ninib, senhor da geração, *filho* de Mulge-Ninge, é o espirito do sol occulto durante a noute, do mysterio obscuro da procreação. Amar-utuki, o brilho solar que veiu a tornar-se o deus eminente de Babylonia, é o mediano entre Hêa e os homens.

N'esta mythologia accadia — tanto quanto a erudição e a perspicacia dos archeologos póde com segurança traduzir — não se vê ainda apparecer uma doutrina de penas e premios ultra-tumulares, o que levaria a acreditar que o estado a que as populações accadias teriam chegado não passaria de uma barbarie quasi selvagem. O animismo proprio d'esse estado faz de Uru-ki (a Sin dos assyrios), ou da Lua, o espirito supremo, a protectora universal — pae ou mãe de Samas, o Deus-Sol da Assyria posterior. A genealogia dos deuses é um attestado da chronologia mythologica.

Por outro lado, a superposição dos semitas aos accadios dá um caracter particular ás mythologias do valle do Tigre e do Euphrates, caracter diverso, não só da dos arabes, como da dos semitas occidentaes: arameanos, cananeos, phenicios. As tres deusas lunares semitas, Allât, a lua-brilhante, Mauat a lua-obscura, e Al'Uzza, a conjunção das duas, reapareceram com os nomes alterados no seio da mythologia astrologica assyro-babylonia. Depois das descobertas recentes da archeologia oriental, é corrente que os chaldeos ou babilonicos provém da fusão de gente, affin ou estranha, immigrada, com accadios indigenas; e o imperio da Assyria, cujo nome se origina no do deus nacional Asur, nasceu de uma colonia chaldaica estabelecida nas terras ao norte do Tigre-Euphrates.

Babylonia e a Assyria, esses imperios tão celebres e tão distinctos na historia, são para a mythologia, pois, um mesmo individuo.

Já não succede porém o mesmo com os semitas do occidente, canaanitas, arameanos e phenicios (nem com os arabes), cujas mythologias apresentam um character mais puro de elementos accadios: facto d'onde os ethnologos inferem a supposição de que a separação dos ramos da familia semita se teria dado antes do estabelecimento na Mesopotamia, ahi onde os futuros assyro-babylonios se fundiram com as populações accadias indigenas.

Mas, se a feiticeria, a magia e todos os restos do animismo accadio, observaveis na mythologia do Tigre-Euphrates, não se propagam tanto na zona mediterranea da área semita, dando ao desenvolvimento religioso d'essa região um character orgiaco particular, é facto que a penetração dos cultos chaldaicos já constituídos influe de um modo grave na constituição das mythologias occidentaes semitas. El, Al, Ba'al ou Ba'alith, o «Senhor», appellativo das divindades superiores ou dos deuses particulares d'esses povos, tem uma origem chaldaica. O culto de Sin e de Nabu, culto lunar de que se vêem vestigios em Canaan, é babylonico; e Ashtoreth (Astarte) Asher e Ashera são Istar, Asir e Asirat, trazidas de Babylonia para a Phenicia e denominadas na lingua propria dos semitas mediterraneos.

## 4.

Antes de irmos estudar n'esses povos o desenvolvimento orgiaco da semente naturalista, é mister concluirmos a nossa viagem no seio da astrologia accadio-semita, quando já os imperios do valle

do Tigre e do Euphrates cresceram; quando já ahi se fixou uma população agricola que as cheias dos rios, como no Egypto, alimentam; quando nas cidades magnificas, em templos erguidos ao Sol da civilisação, o sacerdote, de rastos, adora o numero sagrado dos astros superiores, as sete chaves do livro do destino escriptas no firmamento em sete signaes que são o sol e a lua e os cinco planetas divinos.

Levantados sobre a planicie monotona, de horizontes longiquos banhados n'um ar limpido, os terraços dos templos são os observatorios onde o sacerdote-astrologo interroga o manto palpitante e vivo do firmamento, adivinhando na marcha dos astros as influencias das constellações. A viagem do sol tinha doze estações: o templo em si proprio era uma d'ellas (Leo), e cada planeta um domicilio e um imperio em cada uma d'essas paragens. Eram vinte e quatro as estrellas das constellações, as doze de Accad e as doze de Occidente: vinte e quatro juizes no tribunal do céu, onde o mago lia a vòntade dos deuses e os destinos futuros. Quando Jupiter se vê no mez de Tammuz, haverá cadaveres! Se Venus apparece opposta á estrella dos peixes, haverá devastações! E as guerras d'esses imperios conquistadores respondiam ás prophécias dos sacerdotes. Se a lua fôr vista no primeiro dia do mez de Accad haverá fortuna; mas se a estrella de Leo apparecer baça não poderão luzir alegrias no coração do povo!

E o povo ficava esperando em Babylonia a consummação das prophecias dos magos, interrogando o céu, triste por não possuir a sciencia sagrada da leitura no livro dos astros — como outr'ora, quando ar e céu, planetas e estrellas, eram almas vivas como a sua, representando pelos espaços

dramas eguaes aos do mundo! Essa sciencia sagrada era o segredo dos magos, escondido nos textos da biblia de Sippara, a biblia accadia que se salvára do diluvio no tempo antigo do rei Xisuthros. Só os sacerdotes, uma casta á parte, legando o segredo dos textos de paes a filhos; só os magos podiam ler no céu as tradições escriptas herdadas de Accad e gravadas nas tabuletas de Ninive, da bibliotheca ceramica dos palacios de Assurbanipal, decifradas e traduzidas pelos doutores da eschola palatina do grande satrapa de Assur. Só o sakan, o sakannakku, summo sacerdote em cuja sciencia, em cujo nome, até, viviam as tradições de Accad, rodeado dos patesi, vigarios dos deuses, interpretavam os textos que os emgas «illustres, gloriosos» iam dos terraços dos templos afferir, como magos, na marcha e nas influencias dos astros.

Magia, sciencia sagrada, os mythos e os textos, tudo vinha ao passado accadio: Hêa e Nergal conservavam o seu nome antigo; Ana «o firmamento» é visivel sob a fórma de Anu; Amar-utuki «o sol recondito» é Marduck; Nindar é Adar. Não foram só os mythos: foram os collegios sacerdotaes e a propria fórma dos templos, pyramides de terraços como os de Elam, como os da velha Media, como os da India. Assim foi a torre famosa de Babel — andares sobre andares até ao céu! Degraus successivos da escada para o firmamento, onde palpitam os deuses creadores do mundo, guia das acções, protectores dos homens.

Por toda a parte o templo é symbolico: é a nave ou a arca, é a cruz no christianismo. A pyramide dos terraços de Babylonia e de Assur symbolisa a montanha dos «deuses do norte», isto é, das esferas celestes; os terraços, no seu numero,

dizem o numero dos elementos componentes do deus que solemnisam. Eram tres os do templo de Ur, onde se venerava a segunda triada; eram cinco em Kalach, para representar os cinco planetas; eram sette em Chorsabad, em Borzipa, no templo de Nebo ou Nabu, deus da revelação, das letras e das artes, christo da civilisação caldaica; eram sete como as «sete lampadas do mundo» — Istar-Bilit (Venus), Nergal (Marte), Nabu (Mercúrio), Merodach (Jupiter), Adar (Saturno), Sin, a lua, e finalmente Samas, o sol glorioso.

Os terraços dos templos, no seu numero e na sua serie, symbolisavam o céu: retratavam-no tambem nas côres diversas de cada um dos degraus, como se via em Ecbatana, na Media. Subindo em pyramide, na mole ponderosa dos degraus macissos de tijolos de barro negro cosido ao sol e tinto em côres rutilantes, o templo, como uma montanha mystica, apparecia corôado pela cella — o zikurat, onde se guardava a imagem sagrada do deus. Assim, n'uma unidade summaria de que o monumento é o symbolo, subia no espirito nacional a montanha dos mythos sommando-se na cella intima onde vivia já um deus absoluto, um deus uno, um deus que é substancia e vontade, materia e força creadora, alma da natureza em acto. . .

Merodach distribuía o calor benefico do ar, Bilit, o rocio da noute; Nergal era pernicioso, Adar «o mal dos males». O dualismo da natureza formulava-se como a opposição do bem e do mal, e os astros eram tanto peiores quanto os mythos representativos provinham mais claramente d'essa gente vencida e saqueada pelo semita — a gente accad. Os deuses dos vencidos são sempre os deuses maus, os seus ritos feiticieras e maleficios.

Mas, sobre esse residuo da mythologia accadia,



o semita dominante levantava o seu templo; sobre esses deuses-maus punha os seus deuses-vencedores; sobre as ruínas das antigas cidades (se acaso cidades houve de accadios), as cidades grandiosas dos imperios vencedores do Oriente. Sobre a pyramide ou sobre a montanha sagrada cimentada com as ruínas do passado vencido, construída com os elementos mythicos da fecundidade propria, via-se, repetimos, a cella onde habita Deus — o mytho summario de uma gente que attinge um estado de civilisação eminente. Não é o semita uma excepção monotheista, como se tem pretendido, porque são monotheistas, digamol-o mais uma vez, todos os povos que attingem o estado monarchico. A mythologia é o espelho da vida: o monotheismo é a monarchia na cidade divina.

Na cella do templo babilonico está Bilu-Bili; na cella do templo assyrio está Asur. Ilu, na Chaldêa, é a designação abstracta de deus; e os deuses supremos ou nacionaes dos imperios do Tigre-Euphrates são a somma da substancia dos astros, o astro supremo cujo influxo guia, protege e defende os monarchas nas suas empresas conquistadoras.

O deus que o israelita porá na cella do seu templo, sobre a montanha dos seus mythos que a astrologia chaldaica não perturba, será tambem o monarcha da Judêa, o soberano de um reino mystico, o mytho da piedade transcendente, nua de corporisações materialistas — expressão abstracta do naturalismo, como Vontade pura, creador do mundo e senhor dos homens.

### III

#### Os cultos orgiacos

##### 1.

A' maneira que a imaginação cava na ceara dos mythos profundando a expressão d'elles, trazendo a religião do mundo externo para o interno, dando ás praticas um character mystico e ao fetichismo já remoto uma significação symbolica; á maneira que o homem progride na evolução espontanea dos problemas transcendentales, cresce-lhe no espirito a allucinação divina. Os symptomas objectivos da religião, isto é, os sentimentos e os cultos provocados pelos mythos, ganham um lugar de primazia, tendendo a subalternisar a espontaneidade inventiva da imaginação. Primitivamente, a loucura mystica via-se no realismo, povoando de almas ou de espiritos os ares e os sonhos, dando corpo a todas as lembranças do cerebro e a todas as apparencias externas: agora a allucinação está principalmente nos sentimentos que as invenções antigas provocam. No animismo primitivo, a idéa de um peccado e a pratica da confissão, da prece, da penitencia, são cousas, ou desconhecidas, ou rudimentares apenas: o fetiche não tem uma substancia diversa da humana, e sobre homens e espiritos paira, dominando tudo, a fatalidade obscura que manda em ambos os mundos.

Agora, porém, já a imaginação extraiu d'essa

fatalidade a vontade divina; já subordinou o mundo transcendente a uma ordem analoga á ordem violenta que o chefe guerreiro impõe á sociedade barbara, já concebe no regime d'esse mundo ignoto essa authoridade e essas leis que tambem existem já na sociedade; e, finalmente, o dualismo dos aspectos primitivos da vida e do céu, vigilia-somno, noute-dia, vida-morte, tornou-se moral e juridico, apparecendo como a opposição do Bem e do Mal, a doutrina da Virtude e do Peccado, consagrada no systema das penas e premios ultra-tumulares. A faculdade mythogenica do homem, desviada do processo dos tempos primitivos, exerce-se agora, não sobre os phenomenos naturaes, mas sobre os sentimentos religiosos a que a invenção dos mythos primitivos deu lugar e origem quando acordou o Medo no espirito do selvagem. A seu tempo veremos o latino fazer para os sentimentos civicos e moraes como os semitas fazem para a piedade e devoção.

Entretanto, é indispensavel não esquecer nunca a realidade, nem suppôr que a penitencia, a confissão e os sentimentos e praticas religiosas, cujo momento typico é aquelle em que os mythos da divindade adquirem um character psychologico-moral, apparecem abruptamente. Não. Cousa alguma é abrupta nem isolada na criação: tudo se contém em tudo, como germen, como flôr, como fructo ou como podridão; e a grande faculdade de analyse e de coordenação racional, modo tão intimo e tão unico de conhecer as cousas que levou á invenção das philosophias idealistas para as quaes os factos eram supposições e a vida verdadeira a dialectica; essa faculdade eminente do homem, corôa do seu espirito e alicerce do seu saber, é ella que separa systematicamente os phenomenos em series, e com

as series faz o systema d'essas construcções, só racionalmente independentes, a que nós chamamos sciencias.

Assim, portanto, no Medo primitivo do animismo já o observador encontra o germen de sentimentos religiosos, que são uma abjecção e uma orgia na mente afflicta e sensual do syrio e do phenicio, e que, desenvolvendo-se aeriamente, depurando-se, nos darão o exemplo tragico da compuncção prophetica de Israel. Se é sómente em periodos relativamente avançados e no pensamento de raças mais bem dotadas que a idéa do peccado chega a adquirir um valor psychologico-moral, é tambem, comtudo, fóra de duvida que nas regiões mais remotas e nos povos mais rudes se encontra já o rudimento d'essa idéa ainda vasia, com effeito, de al-cance piedoso. Por toda a America, desde as ilhas aleutianas, na Asia entre os habitantes de Ceylão, no archipelago de Tonga, observa-se o mytho historico de uma idade-de-ouro perdida por um erro, mytho que será piedoso quando a esse erro outros povos derem o valor de um peccado. O sinhala diz que no quinto periodo da energia creadora os homens immortaes que então habitavam a terra comeram certas hervas: então veiu a morte, então se tornaram em macho e femea. A saga de Chapewi, entre os indios norte-americanos, diz que o primeiro homem, no paraizo, deu aos filhos duas comidas — a branca e a preta — e prohibindo-lhes tocar na segunda, foi de longada em busca do sol para o pôr a allumiar a terra. Voltou com o sol e os filhos não tinham peccado. Tornou a partir em busca da lua, mas, demorando-se, os filhos famintos devoraram a comida negra: por isso ficaram mortaes. Em Tonga corre que os velhos, outr'ora, passavam uma certa montanha, banhavam-se n'um

lago e rejuvenesciam; porém as queixas de certa mulher contra a imperfeição do mundo, fizeram seccar a lagoa tornando os homens mortaes: é o mesmo que os aleutianos crêem.

O mesmo que succede com a idéa do peccado e com o mytho paradisiaco, succede com o rito da confissão — typo da penitencia, expressão espontanea do arrependimento. O sentimento do erro, a consciencia do crime, não se concebem senão n'um certo grau de evolução social relativamente adiantada, porque, para o homem primitivo, não havendo ainda noções de leis naturaes nem sociaes, não póde haver idéa de erros nem de crimes. Idéa de peccado não existe, como sabemos, emquanto se não deu a vontade como attributo aos deuses. A confissão primitiva não mostra pois ainda o traço que ulteriormente a distingue — a contrição, o arrependimento: é apenas a revelação de um segredo que pesa na consciencia nebulosa do réu. Entre homens, communicar é consolar; confessar um erro é como que justificar-nos, confessar um crime parece ao juiz e ao réu ser uma attenuante. Para o selvagem e para os povos que entraram na civilização sem saírem do animismo, a confissão tinha além d'isso o character realista proprio d'essa concepção infantil do mundo. Um erro ou um crime eram um espirito mau que entrava em nós, as doenças physicas eram as consequencias do domicilio d'esse espirito no nosso corpo: a confissão liberta o corpo e cura a molestia. Assim acontecia no Mexico, no Peru; assim os indios norte-americanos se abrem com um feiticeiro contando-lhe os segredos dos crimes; assim os samoas e os polyne-sios em geral se confessam para se curarem de enfermidades. Assim, tambem, diremos nós, o fiel catholico, se não crê tão rudemente na acção me-

dicamentosa da confissão, sente, ao levantar-se de ao pé do sacerdote, vasio o sacco dos peccados, aquella satisfação simples que é natural do homem quando, communicando, expelliu de si uma preocupação absorvente.

Cukulkan, o deus, o heroe da civilisação yucatan foi, no mytho, o introductor da confissão no Mexico: quando o enfermo, communicando o crime secreto, o expellia de si, ia-se com elle a enfermidade. Nas Honduras, os indigenas não se confessam só por doença: confessam-se diante de qualquer perigo imminente. Quando nas brenhas dos paúes de Cerqui, o jaguar apparece com os olhos fusilando entre a ramagem, o bando dos caçadores em cõro, na afflicção do medo, confessa todos os crimes — como acontece entre nós ainda quando as turbas desvairadas correm pelas ruas de uma cidade açoitada e varrida por um terramoto, clamando misericordia e rojando-se humildes, penitentes pelas lages das calçadas. <sup>1</sup>

Taes são as raizes primitivas d'esse mytho do peccado-original, nucleo de toda a religião dos semitas, nexo do dualismo naturalista que é no pensamento o Bem e o Mal; base de uma theoria da Morte e de uma concepção do Juizo-final diversa da do animismo; mytho que divide o mundo transcendente e o mundo real em dois mundos cuja essencia é tão diversa como a do Creator e a da Creatura, eterno e omnipotente um, morredoura e escrava a outra. A existencia torna-se pois uma orgia de abjecção contrita ou de embriaguez sensual; a virtude é um sacrificio, a vida um holocausto. Na adoração de um monstro voluntario

<sup>1</sup>V. *Historia de Portugal* (3.<sup>a</sup> ed.) 1, pp. 170-3.

que é a vontade creadora do Universo, os homens caem de joelhos miseraveis na consciencia da abjeção, rojando-se como brutos nos delirios da sensualidade. Deus é o mandado tyrannico! Deus é a semente da procreação!

Se os mythos divinos se não fundiram ainda amalgamando-se n'um deus unico, porque ainda ao regime da tribu com os seus chefes ou juizes, como os dos israelitas, não succedeu o regime monarchico, os mythos-deuses são bons e maus, voluntarios ou genesiacos, á maneira do que eram na terra de Canaan. A abstinencia severa, o ascetismo duro, as mutilações, o rojar-se no pó, o afogar a garganta em cinza, o chorar miseravel e contrito, tornam-se o culto dos deuses voluntarios que reclamam as penitencias em expiação dos peccados; ao passo que a promiscuidade desavergonhada, a prostituição sacramental, a orgia na sua hediondez solta, tornam-se o culto dos deuses genesiacos. Uma argamassa de cinza e sangue, um clamor feito de ais e gemidos de gozo e de dôr, uma loucura de carnalidade e açoites — eis a fórmula ritual que esta especie de allucinação mystica impõe na esphera objectiva, na esphera dos sentimentos e cultos religiosos.

Quando a unidade se consumma no Olympo naturalista e tudo obedece á vontade de um chefe omnipotente e creador ao mesmo tempo, assim como o exercito dos crentes obedece á vontade de um kalifa, o delirio funde-se no culto d'essa gente que oscilla entre a luxuria e o ascetismo, entre a servidão e a heroicidade, tendo de um lado o harem com as suas orgias, do outro o campo de batalha com as suas carnagens.

E' assim pelas terras do interior queimadas pelo sol, ennovoadas de areia solta do deserto que

o vento levanta em rolos suffocantes. E' mais suave a orgia nas encostas floridas da Syria, nas vertentes umbrosas do Libano, descendo para o Mediterraneo, na Phenicia cujas cidades recebem a brisa fecundante e rociada, banhando os pés na praia onde se estendem os molhes das alfandegas de Sidon e de Tyro — a terra dos mercadores e marinheiros. E' ahi, é em Byblos que o «Senhor» — Adonis — tem o seu sanctuario; ahi, onde o rio, cujo nome é o do deus porque outr'ora foi como um Nilo, vasa no Mediterraneo as suas aguas vermelhas dos saibros que traz dos montes remotos no mez de Thammuz. N'esse mez, o nosso julho, o phenicio em Byblos via na vermelhidão da agua o sangue divino: era então que nos fojos das matas do Libano o javardo bravio de Moloch estava matando Adonis. O sangue do deus corria, corriam pelas faces dos fieis as lagrimas de dó e arrependimento. As mulheres, chorosas, cortavam o ar com o seu clamor estridulo de angustias, arrancavam os cabellos, feriam as faces, batiam o peito com punhadas; os homens de rastos, no silencio do terror masculino, soluçavam, e as ondas vermelhas do rio, rolavam tambem consigo os cores mysticos dos penitentes — Ailam! Ailam! Misericordia! Misericordia!

Esse mesmo Adonis — Thammuz, o fugido, — resuscitava, ou voltava, quando, passadas as calmas seccas do verão, a natureza rejuvenescia, e os impetos sensuaes, e a alegria dos bosques humidos, a festa universal chamava a mente piedosa da penitencia para a orgia. Adonis, o segredo da morte, era o principio da creação; e n'um mesmo deus o phenicio punha as duas faces da sua loucura mystica — os desvairamentos do seu asce-



tismo funebre, e a soltura das suas orgias sagradas. <sup>1</sup>

## 2.

Os cultos syrios e os chaldeus são no fundo identicos, observa Duncker; mas a lascivia e a crueldade predominam mais na Syria do que em Babylonia, ao passo que o desenvolvimento da astrologia, visivel sobre o Euphrates, é ignorado na Syria. Por outro lado, como o leitor notou, attribue-se esta peculiaridade ao facto das tradições accadias que entraram na constituição religiosa das nações do Euphrates e não entraram na dos semitas occidentaes. O desvairamento que os mythos de deus ou deuses voluntarios põe nos phenomenos objectivos da religião — nos sentimentos e nos ritos — encontra nos segredos e mysterios da astrologia um alimento que o syrio e o phenicio encontram no ascetismo e na lascivia.

Entretanto, não se pense que Assur nem Babylonia, apesar de absorvidas na contemplação dos astros e na adivinhação dos seus segredos e influencias, desconhecem a orgia sanguinaria e sensual propria da religião dos semitas. Os mythos ethnicos são os mesmos: a sua influencia, determinante dos sentimentos e ritos, tem de ser igual. Todavia, n'isto, como em tudo, a acção regularisadora do clima e da historia é evidente; e Tiele attribue a esta causa a differença de character das orgias religiosas de Babylonia e de Assur. O requinte da civilisação babilonica, o character mais

<sup>1</sup> V. o leitor os traços que o desenvolvimento necessario do assumpto nos levou a pôr nas *Raças humanas*, II, pp. 168-84, e que por isso não reproduzimos aqui.

temperado do lugar, a maior uberidade do solo, fazem com que ahí o sacrificio da castidade, nos templos onde as virgens iam vender-se, exprima o holocausto exigido por um deus absorvente, que na Assyria, pobre e agreste, reclama sacrificios de sangue humano. Do mesmo modo, a Vontade omnipotente que na Assyria é o attributo dos mythos divinos da guerra, passa em Babylonia para os deuses da civilisação e das artes. O proprio Ramanu (Yav) que em Ninive e em Kalack era adorado como a potencia destructiva dos ares, fallando pela voz dos trovões, manifestando-se no raio e nas chammas ondeantes das queimadas de sarças nas charneças: esse mesmo Ramanu era em Babylonia a intelligencia das artes e o guia da virtude.

Nem a differença dos caracteres da adoração, nem a distancia dos momentos de concepção dos mythos divinos alteram, pois, o character d'esse pensamento que, vendo em deus uma vontade creadora, põe do mundo creado uma servidão miseravel, e na vida uma penitencia, na virtude um sacrificio. Uma tal idéa das cousas, observavel mais ou menos fugitivamente em toda a parte e na evolução de todas as mythologias, é porém a idéa essencial da mythologia dos semitas, o nucleo do seu pensamento, a semente particular germinada n'esses cerebros — é, finalmente, o *temperamento* mythologico d'essa raça, embora em outras ou em todas se encontrem documentos transitorios ou subalternos de um modo de ser igual. Todo o homem contém em si os traços de todos os homens, o que não impede que, estudado em si, cada homem nos appareça como typo do traço caracteristico dominante n'elle.

A vontade transcendente é, pois, o traço domi-

nante da mythologia religiosa dos semitas, e a penitencia e o sacrificio os sentimentos eminentes que caracterizam objectivamente essa mythologia — da mesma fórma que a apathia mystica e a absorpção no seio de uma divindade substancial foram os sentimentos proprios da mythologia animista do Egypto, quando essa mythologia, saindo do estado rudimentar selvagem, se tornou o alimento mental de um povo culto.

## 3.

O sacrificio, a penitencia, eis ahi, pois, os sentimentos intimos e a alma, digamos assim mythologicamente, da religião dos semitas. A virgindade e o sangue, eis ahi os dois holocaustos preferidos pelos deuses da Vontade obscura e tremenda. Os kahim arabes, sacerdotes (*kohên*, dos hebreus), offereciam em Meka aos deuses creanças femininas; e Luciano diz-nos dos tyrios que enlaçavam grandes arvores pondo-as de pé nos largos pateos dos templos, amarrando-lhes cabras, carneiros, passaros, colchas preciosas, alfayas e joias. Formado assim um *cargo* <sup>1</sup> colossal, os deuses eram levados em procissão em volta e, terminada a cerimonia, ardia tudo n'uma fogueira sagrada — devoradora, como a potencia terrivel da divindade.

Esse poder devorador é o poder da criação concebido negativamente. O El de Babylonia, venerado em Canaan, foi quem mutilou Baal-Sol, Baal-

<sup>1</sup> *Cargo* diz-se nos arrayaes da Estremadura portugueza de uma armação pyramidal de pau onde se penduram imagens, doces, flores, e que os festeiros levam nos braços sobre uma bandeja, pregoando-a em leilão. O fiel que arremata o *cargo* tem de dar um outro, *melhorado*, na festa do anno seguinte. E' de crer que o cargo seja a reminiscencia de sacrificios antigos.

Samim, cujo sangue veio fecundar as ribeiras e as fontes sagradas dos phenicios. Havia em Carthago, diz Diodoro, uma imagem de ferro de Chronos (El-Moloch) com as mãos estendidas de fórma que a victima collocada sobre ellas rolava para o ventre do idolo — uma fornalha accesa. As mães traziam os filhos, e assistiam alegres ao sacrificio. Chorando, peccavam. A labareda sagrada do desvairamento religioso queimava-lhes a face, enxugando á nascença os lagrimas que o instincto gerava. Crepitavam as victimas no ventre ardente do monstro, e na imaginação dos crentes ardia a loucura nascida pela acção do mytho que a propria imaginação inventara. A religião, n'um circulo mystico de sonhos e de fé, de creações phantasticas e de sentimentos lugubres filhos d'ellas, era a verdadeira labareda da fornalha de Moloch, onde as creanças ardiam; era como o rufar dos tambores e o assobiar dos pifanos sagrados que, abafando os ais agudos das victimas, abafavam a humanidade dos crentes.

O Moloch dos phenicios tinha cabeça e hastes de touro, como o El, o Saturno ou Chronos da Chaldêa. Era o mytho do Sol abrazador do verão, deus terrivel, devorador de vidas, — deus *pae*, que mutilando Baal derramou o sangue fecundante das fontes e dos rios. Não bastam para o alimentar, para o propiciar, afim de que abençoe as cearas, não bastam as victimas impuras, o sangue dos escravos e dos prisioneiros das guerras: nos momentos crueis, o deus reclama holocaustos superiores — como o do filho do rei de Moab sobre os muros de Kir Harosheth, quando Joram de Israel tinha cercado a cidade; como o de Hamilear, filho de Hanno, quando os carthaginezes tinham perdido a batalha de Himera. Diodoro diz-nos que Moloch

devorou em Carthago mais de trezentas creanças das familias principaes, quando Agatocles de Syracuza, desembarcando em Africa, derrotou os exercitos da republica phenicia.

Em Tyro, metropole das colonias mediterraneas, estava a Jerusalem dos phenicios com os seus templos gigantescos e funebres — pateos rectangulares ou ovaes, fechados por altas muralhas, recintos successivos que levavam á cella, no centro, como os terraços de Babylonia ao zakarut, no alto. Nos pateos havia os pilares onde se suspendiam as offertas, as aras onde se immolavam as victimas, as piscinas onde os animaes sagrados, symbolos da creação, os peixes das deusas mysteriosas da noute, eram alimentados pelo enxame de velhos suffetas, seguidos pela cauda de servos e servas das ceremonias sagradas. Annualmente vinha a Tyro a embaixada de Carthago com o dizimo das rendas da colonia para alimentar opiparamente os sacerdotes, senhores das vastas granjas da fabrica e do pé-d'altar das ceremonias rituaes. Eram elles quem sacrificava as victimas humanas, quem mutilava os fieis, quem desflorava as donzellas, cobrando a esmola devida como instrumento dos tributos do culto sagrado. O sangue avermelhava as aras sacrosantas: sangue de bois, de carneiros, de bodes, de pombos, de perdizes, de patos — sangue masculino sempre nos altares de Melkarth; sangue offerecido pelos fieis atormentados pelos males da sorte, ao deus redemptor dos infortunios.

A lua das adorações remotas, a lua mysteriosa das noutes negras do deserto, orgão do mysterio genesiaco, apparece ao lado dos deuses solares na mythologia dos semitas como a Mãe universal. Em Babylonia era Bilit (Mylitta); em Bor-

zipa, Nana. Rainha, mãe-dos-deuses, mytho da primavera e da fecundidade, a lasciva cidade do Euphrates dedicou-lhe os seus melhores templos — com alamedas umbrosas onde, por entre as arvores, no frescor das sombras verdes, as chorêas dos fieis, sacrificando os peixes prolificos das piscinas sagradas e o pombo mystico, sacrificavam a virgindade das donzellas que iam buscar aos degraus do templo. A orgia requintada de Babylonia era mais solta pelos paizes livres da Syria. Bilit, a Venus do Euphrates, era Derceto em Ascalon, Atargatis em Hierapolis, Ashera na Judêa; era Baaltis em Byblos, ali onde as donzellas iam sacrificar-lhe a virgindade entregando-se na praia nua aos braços dos marinheiros phenicios. Na terra de Canaan, Gaza, centro da federação dos philisteus, tinha o templo de Dagon — um peixe, o deus masculino da procreação; e pelas encostas do Libano, nos bosques de cedros negros consagrados ao culto, nas alamedas, nas grutas, nas clareiras, por entre a avelleira mystica, o cypreste esguio e funebre, o pinheiro de rezina acre, e a roman cuja flôr rutilante era o symbolo da fecundidade, embriagados pelas essencias do matto em abril, inundados pela luz do céu limpido, com o lançol ceruleo do Mediterraneo aos pés, e as aguas do rio sagrado de Adonis descendo n'um leito de areia vermelha, os servos de Baaltis, amando, resavam de caminho para a cella encastoadada no bosque; de caminho para as piscinas onde os cardumes de peixes coloridos e os bandos esvoaçando em torno dos pombaes acordavam na mente dos fieis o erotismo sacrosanto de uma religião de orgia.

Mas o leitor sabe já que essa orgia é dupla: tão carnal como sanguinaria. Assim tambem a Venus babylonica, Bilit amorosa, era Istar como guer-

reira. «A estrella de Dilbat (Venus), diz o texto sagrado, ao nascer do sol é Istar entre os deuses; a mesma estrella, ao pôr do sol, é Bilit entre os deuses». Quando a noute vem e o astro reina no céu, é Bilit—o amor, a vida, a orgia sensual da procreação e do sacrificio da virgindade; quando apparece o sol, Istar nasce no apagar da estrella—Istar que, representando a guerra, a ruina, a destruição, é o mytho d'esse mundo das trevas inferiores onde o semita com a sua mythologia activa e naturalista vê um aniquilamento, em vez da immortalidade animista concebida pela mythologia substancialista do hamita.

Em Carthago, Istar dizia-se Astarte. O seu culto é o inverso do de Bilit, um culto de penitencia e de sangue. Deusa da carnagem das batalhas, Astarte monta um leão e tem nas mãos a lança de guerreiro. Indefinida ou confusa nas suas origens da mythologia astral primitiva, é Venus, o planeta, mas é Lua, como todas as deusas nocturnas. Astaroth-Karnaim, Astarte-hastata, era a de Carthago com o disco lunar na fronte bovina ladeada de armas. Deusa do mundo inferior e da Morte que é uma destruição, Astarte é venerada com o celibato dos sacerdotes e a virgindade das sacerdotisas. A morte é esteril, a vida é o *acto* da orgia sensual—ao contrario do Egypto que via na morte do corpo a libertação da alma, e a porta da eternidade.

Por isso no templo de Astarte em Carthago não entrava mulher casada; e o seu culto, como o de Moloch, era terrivel: pedia o sangue immaculado das donzellas, e não a virgindade, como Bilit. Por isso os sacerdotes eram eunuchos e os fieis castravam-se por devoção. Nas festas solemnes a orgia era funebre e doida, em vez de lubrica: a allucina-

ção da morte nihilista produzia vertigens oppostas ás de embriaguez da vida sensual. Em vez de abraços nos bosques das avelleiras mysticas, havia golpes; em vez de suspiros de goso beato, ais de desespero e soluços de agonia. O phrenesi da allucinação mystica, a doidice mythologica era igual: os motivos eram oppostos — a morte nas suas ameaças funebres, e a vida nos seus arrebatamentos sensuaes.

Avançavam as columnas de fieis para o templo, com tymbales e pandeiros, com pifanos e trombetas, entoando os córos sagrados. As notas stridulas do canto, o som metallico dos instrumentos excitavam a furia sagrada dos cerebros transportados. Começava a furia, soltavam-se os diques da inundação religiosa, e em volta dos altares da deusa desenrolavam-se em ondas os grupos dos doidos da fé. Na vertigem os moços corriam ao sacrario, tomavam ahi a espada e mutilavam-se, caíndo, a gemer em dores, banhados em sangue no meio das rodas que dançando desabridamente com gestos de loucura, visagens de illuminados, extasis de mysticos, combatiam armados, acutilando-se para se ciliciarem, misturando o sangue ás preces, os retalhos de carne despedaçada aos canticos, e hymnos á negação da vida, á negação do amor, á morte medonha que viam sentada sobre o leão com a lança em punho, e o disco lunar argenteo na fronte bovina com hastes erguidas.

Na furia dos cilicios, no ardor da penitencia, acudiam as visões, as revelações, as prophecias. A loucura que Deus põe no juizo humano, tomando os sentidos, fazia-os vêr o que não viam, ouvir o que não ouviam, palpar o que não palpavam. O mundo tornava-se uma grande phantasmagoria sentida, depois que a imaginação inven-



tara para o conceber a phantasmagoria mythica. O ar, cheio de gritos de afflicção, povoava-se de visões, os cerebros afflictos de remorsos enchiam-se de medos. Vinham aos labios as prophcias e as confissões, e enquanto a bocca proferia as palavras de loucura, os braços dilacerados nas danças despediam com furia os açoites com disciplinas nodosas que rasgava as feridas, abrindo os golpes em chagas, sarjando a pelle de ecchymoses lividas. O turbilhão de gritos, de ais, de golpes, de soluços, rolando no ar com o assobio stridente do pifano, com o rufo surdo dos tympanos, era o incenso de piedade que subia em nuvens de desvairamento até ao altar onde Astarte, coroada de hastes, presidia. A noute vinha vindo; com a sombra, com o cansaço, a vertigem caía mollemente; e quando no firmamento a verdadeira Astarte, a lua, banhava em luz mystica a scena da orgia asceta, a mó da gente escura, coroada e contrita, rojava-se no lodo ensanguentado das ruas do templo funesto...

## 4.

A' maneira dos arabes, e, em theoria, segundo a regra commum a todos os povos, os semitas occidentaes, antes de adorarem deuses sob a fórma de idolos, adoraram pedras, montanhas e rios: isto é, a sua mythologia, antes de entrar nos moldes quasi-humanos em que no culto ha idolos, passou pelo estado anterior em que se adoraram (se tal expressão convem) fetiches. Dos fetiches naturaes vieram, como em toda a parte, os fetiches artificiaes ou portateis: pilares de madeira, cones de pedra — assim eram as *imagens* da Bilit ou Baaltis de Byblos. Assim era a ima-

gem de Amma, a Rhea ou Cybele phrigia do monte Agdo, junto a Pessino. A *deusa* era uma pedra informe, não tão grande que um homem a não levantasse, uma pedra sagrada confiada á guarda de leões e pantheras. Como no culto de Astarte, no de Amma o sentimento religioso era o ascetismo. Se em Cathago os fieis se vestiam de mulher para mendigar os obulos sacramentaes, na Phrigia os sectarios de Amma constituiam collegios mendicantes, do typo dos *franciscanos* modernos. Tambem em honra de Amma, na sua festa, os moços se castravam com uma concha cortante offerecendo os testiculos em homenagem ou holocausto á deusa—á imagem de Attis, o filho divino, tambem mutilado, que se assenta ao lado de sua mãe. Essa a que os gregos chamaram Demeter e os latinos Cybele, representando-a já com fórma humana n'um carro tirado por leões e pantheras, essa é a deusa orgiaca da Phrigia entre ariana e semita, zona de contacto de helle-nos e syrios, porta por onde hão de vasar-se na Grecia classica os cultos dissolventes do helle-nismo.

Amma, Bilit, Istar-Astarte, representam-nos porém agora, n'este momento do nosso estudo, a passagem de uma zoolatria coeva de estados transactos para um anthropomorphismo correspondente á humanisação da essencia dos mythos religiosos. Os deuses semitas, no estado em que os temos estudado, são já homens, ou monstros humanos, na intenção, na vontade, na força, na actividade; são porém ainda, nas fórmas symbolicas, ou idolos, ou fórmas entre humanas e animacs. Em breve observaremos o momento seguinte, estudando os mythos heroicos.

Mas antes d'isso é necessario registrar um outro

processo na evolução da mythologia naturalista. O mytho primitivo não tem sexo por isso que ainda não é pessoal; só quando essa ficção, concebida a principio como um espirito vago, pouco a pouco vem descendo e tornando-se alguma cousa, só então, dizemos, representando-o como animal ou homem, a imaginação tem de lhe dar um sexo. O sexo dos mythos divinos é oscillante, conforme a imaginação attribue ao individuo mythico um papel predominante ou subalterno: o leitor viu os sexos varios do sol e da lua, nos diversos estados ethnometricos.

O naturalismo, como se tem notado, poz o seu dualismo tambem no sexo; e ao mesmo tempo que fixava com caracteres zoologicos a nebulose do mytho primitivo, chamava á humanidade os deuses-animaes. O mar com os seus peixes, symbolo genesiaco da mythologia da Chaldêa, dá de si Oda-kon, o ultimo homem que foi peixe, ou o primeiro peixe que foi homem; e se nos templos da Phenicia, e por toda a área semita, as piscinas são o habitaculo dos velhos fetiches — como Apis semitas — já o creador não é o animal, mas sim um ser masculino conforme se vê nos monumentos de Ninive: homem coroado com um gorro cornudo, acabando em fórma de peixe. Os sacerdotes têm por mantos pelles de peixe. Dag quer dizer peixe, e Odakon, Dakan, Dagon, o homem-peixe, deus creador, deus de todos os canaanitas, de todos os phenicios, revela a transição da zoolatria para o anthropomorphismo. Em breve, repetimos, veremos nos heroes semitas a inteira humanisação da divindade.

Todavia, a mythologia naturalista, caminhando para essa unidade que é a exigencia constitucional do espirito humano, encontrava-se de frente

com o problema da sexualidade, e sem capacidade para proceder d'outra fórma, ella que dera sexo aos deuses desde que os tornara animaes-homens, supprimiu-lh'o inventando o androgynismo. O creador, vontade e potencia absoluta, não tem sexo: é em si os dois sexos, homem e mulher a um tempo.

E' isso que, definidamente claro no mytho do creador mosaico, se vê em esboço e em processo nos mythos de Tyro e Carthago, da Phenicia e da Syria em geral. Baal e Astarte fundem-se, unificando-se, confundindo-se os sexos. Astarte subordina a si Baal, Baal subordina a si Astarte, cujo nome é agora Ashera. O deus occupa-se de misteres femininos, a deusa empunha as armas — a lança, com que a vimos em Carthago no dia da sua festa. Fundidos, são um deus unico, summa do poder creador e da potencia receptiva. Astarte apparece com a barba solar de Baal; e nas festas solemnes da nova divindade androgyna, os sacerdotes vestem mantos vermelhos transparentes de mulher, e as sacerdotizas tunicas de homem e escudos, espadas e lanças de guerreiros.

Assim o elemento masculino e feminino do dualismo se confundia n'uma unidade synthetica indispensavel á noção de um creador voluntario; da mesma fórma que a idéa da vontade, idéa humana com a qual se concebia a natureza, ia pela evolução natural do pensamento tornar-se inteiramente pessoal nos mythos dos heroes.

## IV

### Os heroes

#### 1.

E' n'esta esphera da religião dos semitas que os traços da mythologia astral primitiva se mantêm com uma persistencia maior. Todos os heroes tem o character solar — esse character proprio dos iniciadores de vida culta, se encaramos o mytho sob o ponto de vista do seu valor ou da sua expressão no desenvolvimento formal da civilisação dos povos. Todos os heroes são na esphera religiosa os medianeiros entre a potencia creadora e a creatura — idéa que procede do facto observado da viagem diurna do sol, e da sua jornada mysteriosa da noute. E' então que o sol-heroe communica com os deuses absconditos, para voltar no dia seguinte a derramar entré os homens os beneficios da vontade divina.

Assim é o Oannes assyrio, assim o Dagon canaanita. Ambos «passam a noute no mar», conforme Berosio se exprime ácerca do primeiro, e, filhos das ondas, reúnem em si aos caracteres solares os caracteres ichtyologicos — mitras em fôrma de peixe, com hastes que representam os raios do sol. Durante o dia, communicando com os homens, ensinaram-lhes as sciencias e as artes, a construcção dos templos e cidades, as leis e as medidas, o semear e ceifar, tudo emfim o que é necessario á vida social. A viagem da noute é a

jornada symbolica, a navegação mystica, d'onde sem duvida procede a fabula da passagem do mar Vermelho pelos israelitas que tomaram para si, como povo, um papel de heroe collectivo e messias ou medianeiro universal, quando elaboraram independentemente os germens communs das mythologias semitas.

A viagem mythica pelos fundos dos mares, ou por mares ignotos inferiores, é a representação espontanea do facto ainda inexplicavel do sol se sumir no oceano, ao poente, para sair, na manhã seguinte, das ondas do nascente. Essa viagem faz-se no ventre de um monstro, como já observámos; faz-se n'uma barca mystica, á maneira da de Osiris; faz-se na taça de ouro, presente de Helios, quando o heroe é Herackles — denominação grega do Melkarth phenicio.

O heroe phenicio cujas façanhas mediterraneas nós lemos já em outro lugar, <sup>1</sup> medianeiro entre as divindades dualistas, e, como tal, nexo entre o creador e a creatura, é ao mesmo tempo a synthese do dualismo sexual quando se confunde com Tanith, no deus androgyno Baal-Astarte que ha pouco observámos em Tyro. E' pois no heroismo que vem consummar-se ou cristallisar essa mythologia cujo centro psychologico é a vontade, da mesma fórma que no mytho da morte cristallisa nas mãos dos egypcios o animismo.

Povo industrioso, marinheiro, commercial, o phenicio, dando aos seus heroes a substancia do seu genio, creou o typo do heroe da vontade e da acção humana, e esgotou ali a sua capacidade mythogenica. No templo de Melkarth em Tyro duas columnas, uma de ouro outra de esmeralda, uma

<sup>1</sup> V. *Raças humanas*, II, p. 196 e segg.

verde a outra fulva, côr do sol, symbolisavam os dois ventres em que se gerara o heroe: o mar glauco, scio da creação, e o fogo rubro, o sol medianoiro. D'esta semente cresceu o heroe que, humanizado, obedecendo á sorte commum a todos os mythos religiosos, conquistou para Tyro as costas mediterraneas, avassallando o mar até ao Atlantico e a terra até aos seus confins conhecidos, nas costas da Hespanha austral. Ahi acabava o mundo, ahi terminou, parando, a capacidade inventiva e creadora do povo que consummara os «trabalhos de Hercules».

## 2.

O limite expressivo do naturalismo, a capacidade do genio semita não coincidiam, porém, com o ponto que o phenicio attingira. Do hercules de Tyro faz Israel um santo; o heroismo activo torna-o mystico; a vontade, expressa nos combates com os monstros mythicos, será a vontade de um Job combatendo contra as crueldades da sorte e contra as provações do deus absorvente.

Eis ahi o que nós iremos estudar, assim que registremos os traços necessarios para accentuar a transição do naturalismo para o mysticismo, por via dos heroes que são como que a ponte por onde se passa, da mythologia geral dos semitas, para essa mythologia profunda da allucinação mystica de Israel. Se a morte é para o animismo o que o heroe é para o naturalismo, sem duvida alguma tambem os sacerdotes de Jerusalem, prostrados diante do mytho de Jehovah, têm para nós a mesma attitude e a mesma significação que os sacerdotes de Thebas adorando Amun. Deus tornou-se uno no Egypto e na Judêa, embora a uni-

dade não fosse tão absolutamente egual, por isso que eram diversas as idéas geradoras dos dois mythos summarios formados do amalgama ou da synthese de todos os precedentes.

Mas antes que o deus-vontade, deus absoluto e uno de Israel, vivesse na mente dos judeus, esse ramo dos semitas, que passara pelos estados mythico-religiosos precedentes na evolução, conforme vamos vêr, teve também o seu Melkarth na pessoa de Samsão.

Todos os traços característicos da mythificação do sol n'um heroe apparecem na figura do personagem que a Biblia tornou historico ou patriarchal,—como os escriptores latinos por exemplo, fizeram a Romulo. Sabemol-o hoje, desde que os estudos de Steinthal e Goldziher fizeram para os hebreus um trabalho analogo ao que Niebuhr fez para Roma.

A principiar pelo nome que a linguistica traduziu, Samsão quer dizer deus-sol. O sol diz-se em hebraico Shemesh: Shimsh-ôn = Samsão. E' o mesmo heroe a que os assyrios e os lydios chamavam Sandan, ou Sandon. A sua historia e as suas façanhas reproduzem os traços dos *trabalhos* de todos os Herakles. Tem a força e o privilegio nos cabellos que são por toda a parte o symbolo dos raios do sol; e estrangula o leão como Herakles — o leão que nos monumentos lycios é o animal de Apollo, o leão que para os semitas representa o estio, fulvo na côr, impetuoso na ardencia. E' esse o animal da estação correspondente no Zodiaco; é então que no céu domina Orion, o poderoso caçador, e Sirius cujo nome arabe é *cabelludo*. Sandon-Samsão, ou Herakles, matando o leão, exprimiram para os primeiros inventores do mytho (no estado remoto que já fica distante no nosso estudo) o po-



der benefico e protector da terra contra os raios abrazadores do sol do estio.

Na fórma de lenda sob que o mytho heroico se vê na Biblia, Samsão queima as cearas dos philisteus soltando rapozas com brandões accesos nas caudas: as rapozas são animaes solares como os leões. Para se vingarem, os philisteus queimam a noiva e o pae do heroe, que, depois de os derrotar, se esconde n'uma caverna. Assim Apollo se esconde, morto o dragão; assim Indra, depois da morte de Vrtra. O heroe astral some-se encoberto pelas nuvens.

Filho tambem dos deuses genesiacos, o Herakles semita não occulta a sua phisionomia orgiaca. Na Lydia, Sandon anda associado com Omphale; na Assyria, Ninyas com Semiramis; na Phenicia, Melkarth com Dido: a amante do heroe é a deusa do amor, da receptividade, do parto — a natureza passiva, concebendo ao calor do sol. E' umas vezes Lua, outras vezes Terra, e mais frequentemente ainda Agua — a agua creadora d'onde nasceu Venus, e que enche as piscinas sagradas dos templos de Mylitta, de Tanit, de Baaltis. Ora, na lenda biblica, das tres amantes de Samsão (Terra, Agua, Lua?) só se denomina uma, Delila, cujo nome quer dizer «ramo de cepa» ou antes «ramo da palmeira» (d'onde tambem se extrae vinho) que é a arvore sagrada de Ashera — a Lua, o astro da noute, nefasto, assim que os povos o substituiram pelo astro do dia, trocando a vida barbara pela vida culta. A' maneira de Semiramis que mata os amantes, assim Delila entrega Samsão aos philisteus que, cortando-lhe os cabellos, lhe destroem a força.

Mas os cabellos-raios do sol-heroe crescem de novo, á maneira dos dias que se succedem tambem

ás noutes; e com os cabellos volta a força do heroe para despedaçar os grilhões que prendem o sol do inverno. Samsão parte-os e abraçando-se ás columnas do templo — as columnas de Hercules, fim dos trabalhos, consummação da empreza, — despedaça-as, morrendo sob as ruinas.

Assim acaba o heroe — n'aquelle ponto a que chegou a capacidade imaginativa de que os phenícios deram o typo em Melkarth. Acaba um cyclo do naturalismo, mas das ruinas do templo e da poeira heroica do cadaver de Samsão, a mythologia naturalista dos semitas, na mente mystica de Israel, vae tirar invenções novas: um deus-vontade transcendente, e um medianeiro positivo na visão prophetica.

## V

### A Judêa

#### 1.

O lugar da mythologia hebraica é este: um lugar correspondente ao do Egypto na esphera do animismo, porque foi Israel o povo que tornou mystica a mythologia da vontade creadora ou naturalista.

Egypto e Judêa, passando além dos momentos mythologicos precedentes, extraindo dos mythos primitivos ou selvagens de pura representação e dos mythos barbaros secundarios, ou mythos de invenção, uma terceira categoria á qual nós chamaremos «mythos do pensamento», deram, cada qual por seu modo, a definição pura das percepções nebulosas do principio. A allucinação das divindades nascidas da observação dos phenomenos externos e internos, astraes e psychicos, e combinadas ao depois com as idéas moraes e racionaes nascentes, tornou-se psychologica ou mystica; e os deuses que começaram por ser entrevistos nos astros e nos sonhos, os deuses a que se attribuiu depois a criação do mundo e a civilização das sociedades, ganharam por esse processo um lugar absoluto no pensamento humano, já capaz de se conceber a si proprio de um modo que ainda não é critico, sem duvida, mas já é reflectido.

Tal é a elevação ou a profundidade que o my-

tho remoto do sol e do sonho adquire no culto de Amun-Râ de Thebas; tal é, ainda mais pronunciadamente, o valor do culto de Jehovah, o deus de Israel.

A par da evolução mental que deixamos registrada, e como causa ou effeito d'ella, observamos na Judêa (e em toda a parte) a evolução organica das fórmas sociaes. No XIII seculo antes da nossa éra os israelitas conquistaram uma parte consideravel da terra de Canaan. A sua mythologia religiosa era, ao tempo, analoga á dos outros ramos occidentaes semitas, tendo um deus nacional em El-Shaddai, nos Elohim deuses subalternos, e em Samsão-Sandon um Melkarth. Conquistadores, procederam como haviam de proceder os romanos e tantos outros, fundindo as divindades da terra com as suas proprias divindades, levantando no mesmo altar Jehovah e o Baal canaanita. Reis e sacerdotes, Samuel, Saul, David, reconhecem os deuses de Canaan; e Salomão, levantando em Jerusalem o seu templo magnifico, não recebeu construir sanctuarios para os deuses indigenas da terra sobre que reinava.

A Biblia, redigida n'um espirito exclusivo, como é o espirito prophetico posterior, pulula de condemnações para esses que chama crimes. «Tomaram por esposas filhas dos hittitas, dos amhorrenos, dos pheresianos, dos hivvitas, dos jebusitas; deram suas filhas aos filhos d'elles, e adoraram os seus deuses, adoraram os Baalim.» (*Jud. III, 5-7*) Salomão enchia os seus harens de escravas estrangeiras, recrutando no Egypto e na Phenicia, ou apartando-as entre os captivos das batalhas. A mãe de Rehabeam era ammonita, a rainha egypcia. «Adorou Astarte, a divindade de Sidon, e Milkom, deus dos ammonitas... levantou altares a Ka-

mosh, deus dos moabitas, sobre a montanha fronteira a Jerusalem, e a Moloch, deus dos filhos de Amun.» (*Reg. xi*, 1-13, 33) Akhab desposou Isebel, filha de Ithobaal, gran-sacerdote de Astarte, e restabeleceu os cultos phenicios. Baal e Astarte tinham templos em Samaria e bosques sagrados em todas as collinas, altares sobre o Sion, depois que Manasheh, subindo ao throno, levantou o partido pagão que governou com Akhaz.

Elias (Elijah), o propheta, clamava já contra a orgia phenicia introduzida na mansão de Jehovah: «Se Jehovah é deus, segui-o; se Baal é deus, segui-o!» Ezechiel descreve assim o interior do Templo: «Vi toda a especie de animaes e reptís e as paredes do templo de Israel estavam coalhadas de pinturas de idolos; e entrando pela porta que dá para o norte, vi mulheres sentadas chorando Attis; e no atrio vi homens com a face voltada ao oriente adorando o nascer do sol!»

Essa inundação de idolatria contra a qual os prophetas clamam é, porém, um relapso apenas na orgia phenicia introduzida por Jesebel na Judêa: não é a idolatria do tempo de Saul, de David, de Salomão, quando os deuses canaanitas se confundiram com os de Israel no templo. O Baal contra que Elias tropeja não é o de Canaan, é o de Sidon trazido na côrte da esposa de Akhab. O Baal canaanita e a cosmogonia, o mytho do paraíso e o do diluvio, o de Samsão e o de Jacob-Israel, tudo isso foi amalgamado e fundido na elaboração religiosa dos judeus na sua nova patria. Jehovah, o terrivel mytho dos desertos ardentes, modera a sua colera no chão pingue de Canaan «a terra onde o leite e o mel correm em ribeiras» e acceita do baal indigena os traços phisionomicos de um deus benefico, deus das bençãos e da abundancia.

D'esse ponto de partida vem a construcção prophetica — essa mythologia nova a que chamámos «do pensamento». A intelligencia e a piedade, o sentimento e a reflexão — e não já a imaginação, os sentidos e o medo apenas, como nas edades primitivas — elaborando combinadamente o mytho da suprema vontade que é a suprema lei e a moral transcendente, originam o typo das religiões historicas em que a philosophia e a sciencia alliadas á piedade e á esthetica constituem uma metaphisica mythologica.

Esse deus unico, mytho por fim racional ou abstracto, esse deus filho do naturalismo semita, só é Jehovah, o absoluto, no seculo VIII, isto é, quinhentos annos depois de Israel ter entrado em Canaan, quando a visão dos prophetas o annuncia; só é o deus-unico, depois do estabelecimento de um estado theocratico pela parte da nação que voltou do captiveiro.

Então, concebido o mytho da vontade abstracta e da summa lei, os deuses visinhos, até ahí inimigos, passam a ser falsos; descem á condição de demonios — como os genios do paganismo europeu, depois do estabelecimento do christianismo; e as sentenças e jeremiadas dos prophetas contra os lapsos da população no naturalismo realista do passado, vivo nos exemplos visinhos, denunciam-nos a realidade de estados transactos d'onde o espirito prophetico abstrahira um «mytho do pensamento», mas em que o povo se conservava ainda archaicamente. Assim, na Europa christan, os prophetas modernos condemnarão o paganismo das massas.

## 2.

Aproveitemos agora das indagações subtís e sabias dos mythologos, como Steinthal, Goldziher,

Tiele, para escavar no passado israelita, vendo que raízes prendem á trama dos mythos espontaneos os mythos psychologicos ou abstractos do prophetismo da Judêa.

A unidade da raça semita é conhecida; <sup>1</sup> com relação porém ao seu habitat primitivo, ao seu foco de expansão, não ha, nem pôde haver mais do que hypotheses. A de Schrader colloca esse nucleo no norte da Arabia, fazendo provir d'ahi as migrações que levaram para o norte os futuros babilonios e assyrios, os arameanos, canaanitas, phenicios e israelitas, e para o sul os ethiopes. Seja pois na Arabia, n'esses desertos onde já observámos o beduino errante com a sua mythologia astral nocturna, seja ahi que representemos a existencia primitiva do judeu. Nomada então, como até hoje o beduino ficou, o hebreu vê tambem o céu da noute animar-se e viver nas pleiadas de estrellas rutilantes, nos planetas, na lua mysteriosa e pallida. O ar fresco da noute ou a sombra bemfaseja das nuvens apresentam-se-lhe como os genios protectores da sua existencia errante nos desertos adustos. Essas que depois serão imagens do poderoso deus de Israel — a columna de fogo que encaminha os noctambulos, a columna de nuvens que os guia de dia, o *manná* que não é senão a chuva mitigando a sede no deserto resequido — essas são as divindades beneficas de uma gente primitiva que, como se vê em toda a parte, confunde na sua adoração a noute e a nuvem: toda a especie de treva que obscureça o sol terrivel dardejante. Ainda hoje tambem o arabe adora pedras e certos montes: assim fizeram os hebreus ao Sinai, reunindo n'esse fetiche geologico as duas

<sup>1</sup> V. *Raças humanas*, I, pp. 33 e 96-105.

faces da sua mythologia primitiva: o monte e a lua. Porque Sin é um dos nomes semitas d'esse astro a que a montanha deveu ter sido consagrada. Adorada no Sinai, a lua manteve-se na religião dos judeus até periodos conhecidos, como um substrato de mythologia archaica, preferido ainda pelas mulheres piedosas, quando já na terra de Canaan os habitos agricolas tinham substituido os nomadas. São as mulheres que por toda a parte guardam o thesouro das *superstições* — isto é, das crenças archaicas.

Mas não é só na imaginação viva das mulheres que se conserva a memoria dos estados transactos: por entre as linhas, por entre as letras dos textos sagrados, descobre hoje a erudição os vestigios transparentes da significação de lendas ou de historias, singulares umas, repugnantes outras, para serem actos de homens conservados na memoria dos povos. Assim, o episodio das filhas de Lot, pagina obscena da Biblia sagrada, é incomprehensivel fóra da interpretação mythologica. A' maneira dos incestos da mythologia aryana, este e os mais incestos semitas são apenas o mytho do cair ou do nascer do dia — pois para a imaginação primitiva do homem, núa ainda de idéas moraes, os actos com que ella representa os phenomenos astraes não podem ter moralidade. Ruben casa com a esposa de seu pae, Bilhah; e no episodio de Lot, conforme o vemos revestido de uma fórmula historica, foi depois da queima de Sodoma e de Gomorrha que pae e filhas vieram fugindo esconder-se n'uma gruta: a mãe, por ter olhado para a cidade perdida, ficara transformada em estatua de sal. As filhas embriagam o pae e, cada uma por sua vez, introduzem-se-lhe no leito, como esposas. Essas *filhas*, cujo nome a Biblia não diz



são, na versão arabe do mytho, Ragya, a maior, Zogar, a menor: são o crepusculo, da tarde e da alvorada, que Lot (da raiz *lût*, cobrir) *cobre* como a noute, a escuridão da tréva.

Ainda hoje commummente se diz «o manto da noute». Pois bem: a noute ou a nuvem — a mythologia confunde sempre as duas sombras — é uma *capa* no mytho semita expresso pela lenda de José e Putiphar no Egypto. Paradigma hebraico do mytho egypcio de Osiris, e do mytho phenicio de Adonis, José não morre, mas é vendido, indo parar ao Egypto, como o sarchophago de Osiris a Byblos, depois de combater com seus irmãos armados de settas: são settas os raios solares, e José a *nuvem* que o sol dissipa. E' filho de Rachel (a nuvem) e o seu nome, significando «multiplicador», define a chuva que nasce das nuvens e fecunda o solo. Chamado para o leito por Zalichâ, «a rapida», a aurora, foge, largando-lhe a capa. Ainda na imaginação do hebreu nomada a *capa* da noute, ou da nuvem, ou da chuva, não perdeu o lugar eminente. José entrará no leito, e a noute perderá a sua pureza e o seu encanto, quando o agricultor preferir os raios genesiacos do sol que germina a semente e amadurece a ceara.

Esse céu nocturno que o alegra, bafejando-o com a sua aragem fresca, libertando-o da luz ofuscante e do calor insupportavel do dia, é Jacob, o *pae* das doze tribus errantes do deserto; Abraham, o futuro patriarcha — Abh-râm, o *pae* (abh), elevado, alto, celeste (râm), com a sua hoste innumera de descendentes. E' elle o que sacrifica Isaac (Yischâk = risonho, sorridente, celeste); é elle, a noute, que leva ao altar (onde provavelmente os hebreus immolavam victimas humanas) o dia luminoso, o pôr-do-sol sorridente — porque

na linguagem primitiva rir e brilhar são synonymos; é elle, o *paë*, porque o dia gera-se da noute. Elle, Abh-râm, céu nocturno, tem por esposa a lua — Sara, que, ciumenta, expulsa do leito Agar a concubina. Quem é Agar ou Hâgâr? Dil-o a raiz arabe da palavra: *hajara*, correr. Agar é o nome feminino do sol; o sol e a lua disputam o leito do céu que, para o nomada, prefere o astro da noute como esposa e repelle o do dia como concubina.

Tambem Jacob, o outro mytho do céu nocturno, tem esposas e concubinas, mulheres legitimas e illegitimadas — e sempre as primeiras são a lua, as segundas o sol. Assim como Sara é princeza, senhora, lua-rainha no céu estrellado, assim é Leah, assim Rachel, imagens da noute e das nuvens. Râchêl significa ovelha, ovelha quer dizer nuvem: os arabes veneram a nuvem n'um carneiro branco e crespo de lan. Quando a chuva descia das nuvens, os hebreus diziam que «Rachel chorava por seus filhos», expressão de Jeremias e que veio da mythologia para a metaphora poetica. Ainda hoje o arabe diz «chover» pela palavra «chorar». E entre os filhos de Jacob, os de Levi são os filhos da serpente (Leviathan) do temporal que *devora* (encobre) o sol, como os dragões e monstros de todas as mythologias.

Os doze *filhos* do céu nocturno, filhos de Jacob, no sentido em que Isaac o é de Abraham e José de Rachel, filhos por ordem de successão nos phenomenos celestes, são a lua e as onze estrellas; são as doze tribus de Israel, algumas das quaes vieram a adoptar nomes geographicos. Assim a historia se relacionou com a mythologia na constituição do povo que, terminada a sua existencia nomada do deserto, vae entrando na terra promet-

tida de Canaan. Essa visão do paraizo terrestre «onde o mel e o leite correm em ribeiras» é a esperança que allucina o espirito barbaro das tribus errantes e miseraveis, das tribus dos moabitas, dos edomitas, dos sarracenos, dos ismaclitas, dos arabes, — dos hebreus, no caso especial de que nos occupamos; dos hebreus para quem a vida é um perpetuo combate, e uma provação dura, e o milagre a norma de uma existencia atribulada. Os deuses que vêm no céu, sentem-nos na allucinação do cerebro a condemnal-os, a regel-os, a vial-os, a defendel-os: são os reis omnipotentes das creaturas os que são os supremos creadores. D'elles — porque ainda a synthese unificadora da mythologia se não consummou n'um throno celeste, nem a authoridade politica se concentrou n'um sceptro — d'elles esperam a redempção.

## 3.

Estudemos agora o desenvolvimento d'esta mythologia astral nocturna no systema da sua opposição aos mythos solares: o drama que vae pela atmospheria, tal como a imaginação a representa, exprime-nos o choque entre as duas condições de vida, n'esse periodo transitorio da barbarie para a civilisação, e do estado nomada e pastor para o urbano e agricola. No ether, o antithese astral sol-lua dá lugar á invenção de casaes mythicos: Milka (a esposa de Nahor na lenda biblica) é o feminino de Melekh, rei, sol; Ashêrâ, Thanit ou Balatis hebraica, é esposa de Ashêr, o sol, tambem, que sob o nome de Lâbhân, o *branco*, tem por contraste Lebhânâ, a lua. Os mythos precedentes, mythos da noute barbara, como que se illuminam, transformando-se sem se alterarem: as-

sim o céu é o mesmo de noute e de dia, apenas diverso no aspecto e na luz. Também o instrumento inventor da mythologia, a imaginação viva, não mudou — mudou apenas a condição que impõe os typos aos desejos e sympathias humanas.

Isaac renasce á maneira de Osiris — resurreição que no texto sagrado se oblitera, apparecendo apenas na redacção o sacrificio intencional que Jehovah impede, porque já os costumes não consentem holocaustos humanos, nem a imaginação apagada concebe mais do que heroes ou patriarchas. Isaac renasce á maneira de Osiris, a exemplo do sol resuscitado cada manhan, sacrificado todas as noutes. Casa com Ribhkâ (Rebecca), nome que para o sabio Tiele equivale a Terra: assim o sol e a terra são frequentemente a origem mythologica dos homens. Envelhece, perde a vista — porque tambem, como nos monumentos egypcios, o sol hebraico é um olho, e a velhice é uma cegueira, — e manda para longes terras seu filho Jacob (Ya'akôbh) para que volte só depois de orphão e preparado para a lucta com seu irmão. O drama que se dera entre o pae e o filho, Abraham e Isaac, dá-se agora entre os irmãos: Jacob, Esaú, — e Laban, parente proximo na tradição, e de certo irmão tambem no mytho primitivo. O sol não ama a noute: por isso Jacob é expulso da casa paterna, da casa do *risonho* Isaac, pelo odio de Esaú, o *vermelho*, indo encontrar-se no exilio em opposição a Laban (Lâbhân), o branco. A noute, já repellida, por toda a parte encontra inimigos. Esaú toma do irmão «pelo calcanhar», como no proverbio arabe que diz: «a noute nasce com o calcanhar do mundo na mão!» Esaú (Esâv) é caçador, como todo o sol, e despede contra as nuvens ou «manadas» settas que são raios. Esaú-Laban são

duas imagens paralelas do sol, em opposição ao Jacob nocturno, e todos vêm de Isaac o «sorridente».

No mytho de Jephthah sacrificando sua filha descobriu a erudição o desenvolvimento do mytho antigo de Abraham, já por nós estudado. N'este, a victoria da noute sobre o dia é decisiva: no primeiro observa-se a victoria do dia sobre a noute. Jephthah (Yiphtâch) significa «a que abre, ou inicia», aspecto feminino do sol que sacrifica sua propria filha, Alvorada, e é como Enoch (Chânokh) um *inceptor*, um inventor. Da mesma fórma, no mytho anthropogenico de Adão e Eva, Edôm (Adão) rival de Jacob, é linguisticamente «o vermelho», e Chawnâ (Eva), «mãe de tudo o que existe» e a «circulante», um sol-femea cujo attributo está na redondeza e no movimento circulatorio, attributo que, entre outros, os aryanos tambem figuraram nos *carros* e nas *rodas* do sol.

Vão-se pois dissipando as trévas da noute, as sombras das nuvens; vae dominando o sol á maneira que a gente hebrêa passa da barberie do deserto para as veigas de Canaan. Transformam-se os mythos, apparecem os heroes-inventores. Em tempos remotos, Jabal (Yâbhâl) ou Abel (Hebhel) fôra morto por seu pae Lemech: agora o assassino é Cain (Kayin) o ferreiro, inventor das alfayas agricolas com que se lavra a terra e se colhem as cearas. Outr'ora Jacob achou-se a braços com o «vermelho» Edôn: agora debate-se contra Esâv «o trabalhador» nos campos que pedem sol.

Os dois filhos de Adão são dois typos novos do dualismo astral, duas expressões do dualismo ethno-metrico, exprimindo no seu drama a passagem da barberie para a civilisação. Cain é o sol ardente e terrivel, Abel a noute pallida e meiga, assassinada

sim, mas nem por isso condemnada. Cain é lavrador, Abel é pastor: assim acabava para o hebreu a antiga existencia do deserto perante a nova existencia agricola. Com saudades? Sim; com saudades e sympathia por esse viver adequado ao seu genio, só abandonado perante a fecundidade da terra de Canaan. Hebhel (Abel) em hebraico significa o «sopro do vento», a aragem da noute fresca borrifada de orvalho; e essa chuva é o ordenhar das vaccas ou ovelhas-nuvens do céu. Abel é o pastor celeste da existencia passada. Cain é o trabalhador rudo da vida de agora — vida agricola sem dó da terra que se rasga, vida que exige o sopro ardente da forja onde ruborescem os ferros dos primeiros arados.

O duello de Abel e Cain, o assassinato do pastor, a condempnação do passado, é o mesmo duello de Romulo e Remo. A civilisação assenta em sangue. Na Italia é o sangue de Remo, na Judêa o sangue de Abel, sobre cujo cadaver o irmão vencedor, iniciador, levanta a cidade a que deu o nome do filho — Enoch. Por toda a parte a mythologia exprime as mesmas impressões. As cidades e a lavoura condemnam a liberdade da vida errante, o mysterio da vida nocturna, a paz dos campos no meio dos rebanhos. A disputa do lugar traz a guerra, e o sangue ficticio com que o mytho rega os alicerces da Arx é o sangue real das populações vencidas que a historia vê derramado. O sangue de Abel é o dos canaanitas.

A victoria dos invasores consagra-se na apotheose da vida solar. O dia vae alto no céu e na terra. A luz vermelha inunda o ar e reflecte-se no chão vermelho tambem de sangue. O entusiasmo da victoria e da vida é a apotheose de Enoch (Chânokh), o filho de Cain, o que denominou ou fundou a pri-

meira Jerusalem. Foi sempre o sol o constructor das cidades. Elle, Enoch, «o que abre» ou inicia a vida urbana, vive 365 annos — exactamente o numero de dias do anno solar. E nem depois morre: sóbe, vagueia com Elohim no ether abscondito, como todos os heroes fundadores de cidades — como Herakles, como Romulo.

Jerusalem está levantada, conquistada a terra de Canaan. Serão tudo porém alegrias na victoria? A embriaguez da conquista, o instincto da civilisação, o amor da lavoura enchem os corações do semita de hymnos semelhantes aos do arya? Não; o seu genio é outro, a sua sympathia diversa. Nasceu barbaro, nomada, errante, como pastor ou como mercador. A cidade é uma prisão para a sua alma livre, a civilisação e a ordem são um sacrificio para o seu genio bravio e solto. A vida que hoje começa é o sacrificio permanente que elle fez a essencia da virtude: é a obediencia ao seu deus; porque no fundo da sua alma está a saudade pela vida errante e aventureira que o beduino continuou e continua levando nos desertos da Arabia remota.

Essa apotheose da vida barbara é evidente na mythologia, onde os vencedores são, com effeito, os mythos solares da civilisação, como Cain, mas onde os patriarchas são pastores — Abel, Jacob, Moisés, David. Não foi um castigo divino a ordem de «lavar a terra com o suor do rosto»? Assim os beduinos fallam com desprezo dos hadarís — os arabes agricultores; assim os dinka chamam selvagens ou «sylvestres» aos seus lavradores. E' que os limites de capacidade ethnometrica dão idiosincrasias varias aos povos: este não poderá sair do estado selvagem, aquelle do estado barbara: se as condições o forcarem a tanto, extin-

guir-se-ha. O hebreu ficou barbaro e nomada por indole, embora civilisado por historia: de pastor tornou-se mercador; expulso da Judêa, dessiminou-se na Europa, sem se enraizar nos campos, errando nas cidades, vivendo de rapina, fazendo de modo diverso e com outros elementos o mesmo que faz o beduino na Arabia. Esse é o seu ideal eterno, ideal diverso do aryano que tem no sangue o instincto da civilisação e no braço o genio da lavoura:

... Ut prisca gens mortalium  
Paterna rura bobus exercet suis.

## 4.

A historia diz-nos que a entrada dos judeus em Canaan não foi como uma conquista regular a que succedesse o estabelecimento de um governo fixo. A irrupção das tribus teve o character migratorio, character obscuro e collectivo que ainda se observa até certo ponto nas invasões dos germanos na Europa occidental pelos primeiros seculos da nossa era. Esse primeiro periodo de occupação da terra canaanita — periodo chamado dos Juizes — é uma especie de feudalismo espontaneo, em que os barões adoptam em grande parte as instituições phenicias, em que até o proprio nome dos juizes — shôphetín — é, segundo se pretende, a traducção do nome dos suffetas de Carthago, á maneira da denominação dos sacerdotes — kôhên — que é sabidamente phenicia. Os judeus em Canaan representam pois um papel semelhante ao dos *barbaros*, na Gallia, na Italia, ou na Hespanha. Assimilam os ritos, as instituições, e querem alguns que até a lingua dos vencidos. Os Juizes são, como os barões



germanicos, chefes de milicia; e se a imaginação popular já não teve na Europa moderna invenção bastante para crear personagens mythicos, chegando apenas a revestir de caracteres mythologicos os personagens historicos, a imaginação dos hebreus foi ainda capaz de conceber mythos como são muitos dos Juizes — Samsão, Jepthah, Gedeão, — e de combinar a invenção com a historia n'um grau que é hoje difficil ou impossivel á erudição destringar, fazendo aos Juizes hebreus o que por exemplo Dozy fez para o Cid das Hespanhas.

Aquillo que, por outro lado, se observou na Europa, isto é, a obliteração da mythologia indigena e a acceitação dos ritos e crenças dos povos affins em cujo seio os *barbaros* entravam, foi o que succedeu em Canaan com os judeus, affins tambem dos naturaes da terra. A identidade fundamental do systema dos mythos religiosos de invasores e invadidos torna facil aos primeiros a adopção dos ritos canaanitas e determina o aborto da evolução natural das fórmas particulares dos judeus: assim aconteceu á mythologia germanica abafada pela christan. Mas, enervados entre populações hostis, acaso inconscientemente envergonhados da sua barbarie, os hebreus, reflectindo, regressam depois á sua antiga mythologia nacional que, não podendo já crear um pantheon divino para oppôr aos elohim canaanitas adoptados, torna-se uma arvore de geração, um cadastro de nobreza, um livro de linhagens. De tal modo os antigos mythos se transformaram, não em deuses, não em heroes como os eponymos gregos, por exemplo, mas sim em patriarchas á maneira de um Romulo, talvez de um Numa.

Em Canaan os hebreus tinham conservado a sua antiga divisão de tribus: cada tribu teve o seu pa-

triarcha, filho de Jacob — o *pae* do povo de Israel. Os doze astros tornaram-se outros tantos avós. Abhrâm «o pae supremo» converteu-se em Abhrâhâm «o pae das nações», e em Ha-Ibhri «os hebreus». Do incesto mythico das filhas de Lot veiu a origem impura dos inimigos: moabitas, ammonitas. O antigo «rei» celeste Abimelek, o que concebera um amor ardente pela esposa da Manhan e pretendia raptal-a, passa á condição de rei dos philisteus; Shechem, a alverada, o seductor de Dinah, é convertido em principe dos hivvitas. O odio aos de Canaan vê-se na lenda que attribue a Cham, o mau filho que revela a nudez do heroe solar, a paternidade d'essa gente. De tal modo as arvores genealogicas das nações radicam o patriotismo e o odio ao inimigo: assim Israel achou na sua construcção patriarchal, extraída das ruinas de uma mythologia abortada, o alicerce para a futura elevação do seu genio politico e mystico. As bases do imperio estavam fundadas no odio aos visinhos, as do templo na solução evhemerista que limpava as imaginações dos fungos mythologicos para que no vasio imperasse absoluto Jehovah.

Exhausta a actividade mental creadora dos mythos (primitivos ou espontaneos), diz Goldziher, exhaure-se a faculdade de percepção subtil d'essas invenções, e os homens perdem a noção d'aquillo a que se póde chamar a etymologia do mytho. As figuras mythologicas individualisam-se ao mesmo tempo que, na linguistica, desaparece a polyonimia, isto é, que todas as phases anteriormente expressas por nomes diversos se fundem n'um unico ou em poucos nomes. Os varios synonymos que havia para o sol, para a sombra, desaparecem diante d'um nome summario que reúne em si, como designação de um individuo,

e, nos momentos e casos da sua existencia, todas as phases e aspectos dos phenomenos. Shemesh substitue, por exemplo, as multiplas designações solares precedentes, como são entre os hebreus Jephthah, Asher, Edom e outros, designações que, de mythos, passam a ser pessoas mythicas. Assim, das representações phisicas nascem as historias de deuses e heroes.

Entretanto, como resto d'esse estado mental outr'ora exclusivo, fica ainda a faculdade de bordar de caracteres mythologicos a biographia positiva de certos homens que de um ou de outro modo feriram a imaginação; e se ha, pois, os heroes mythicos nascidos dos astros, ha tambem os heroes reaes que o mytho põe ao lado dos primeiros. Jonas ou Jonah, cuja realidade historica é positiva, apparece-nos revestido pelo trajo mythico, sendo tragado e vomitado pela baleia em cujo ventre viajou como um sol. Moysés tem a sua historia tecida com uma trama de mythos solares. Recem-nascido, é lançado ao Nilo n'uma condeça, como Osiris, como Perseo. Vê a sarça ardente e inconsumivel, como a alameda de Feronia que arde sem se queimar. A sua vara milagrosa é um Pramantha: tambem Dyonisos faz rebentar das pedras as nascentes de agua e vinho. Se não lucha com leões como Samsão, mata um egyptcio, e, conforme os mythos do sol fazem sempre, corre logo a esconder-se. O mar que Moysés divide para os hebreus passarem, são as nuvens que o sol com effeito rasga caminhando no firmamento.

Ainda pois nos periodos em que a faculdade mythogenica deixa de presidir ao systema das noções humanas, ou, por outra, ainda quando o conhecimento sáe da nebulose mythologica para se formular empirica ou racionalmente: ainda en-

tão se conserva, como uma reminiscencia ou um archaismo, a capacidade de attribuir aos personagens historicos feições mythicas. Os exemplos abundam aos milhares: todo o heroe se torna mais ou menos mythologico — desde Alexandre até Napoleão. O sebastianismo é na nossa historia um documento eminente da especie.

Não pára, comtudo, aqui o que cumpre dizer. Determinados os limites em que se pôde affirmar que a faculdade mythogenica se extingue, resta ainda notar que o pensamento, substituindo a imaginação, e a reflexão a espontaneidade, na construcção systematica do conhecimento humano, inventam por seu turno seres novos a que nós podemos chamar talvez «mythos eruditos», porque saem, não das impressões, mas sim da elaboração do pensamento aquecido pela chamma da piedade.

Israel, vasio o firmamento de deuses mythologicos transferidos para os annaes de uma historia entre phantastica e real, consolidada com a grandeza dos seus patriarchas a eminencia da sua origem, Israel gerou com o seu pensamento simples, com a sua piedade ardente, o mytho erudito ou theologico de Jehovah — o deus absoluto.

## 5.

Ahi se pôde observar com claresa o limite de capacidade mental do semita: ahi, n'essa concepção summaria do seu genio, quando já o pensamento collaborava com a imaginação e com os sentimentos na criação de deus. Viu-se então com nitidez que essa apotheose dos mythos barbaros nocturnos, victoria mystica de Abel o puro contra Cain, o forte, iniciador da vida urbana e agricola; que essa noção da lavoura como um cas-

tigo — «regarás a terra com o suor do teu rosto!» — exprimia um instinto de barbarie nativa, agora expresso no character duro do deus absoluto e unico.

Jehovah governa o céu, governa o mundo e os homens, criação sua. Entre o creador e a creatura não ha outra relação. A prece do crente é a supplica do escravo a um senhor que, como abstracto, sem relação essencial com o mundo, tanto póde ser clemente como terrivel. Elle é só Vontade — uma vontade tão absoluta como imperscrutavel! A oração sobe dos labios e do coração do crente como um rolo de incenso do thuribulo nos degraus do altar. Quem sabe como o Senhor ouvirá os queixumes e as preces do escravo miseravel? Que sabe o mesquinho ácerca da essencia d'esse mytho phantastico, tanto mais adorado quanto é mais pura a expressão da sua inconsciencia?

Rolando no mundo á mercê d'uma vontade insondavel, ignorante de si, ignorante da essencia de deus, o judeu não pensa sequer em destinos ultra-tumulares, nem fórma theorias, como o egypcio, ácerca da vida futura, nem possui noção de alma n'um sentido transcendente. A sua alma é o sopro de Jehovah, a sua morte é a sentença da suprema Vontade. Por isso é pobre ou nulla a eschatologia dos hebreus: toda a face psychica das mythologias animistas e idealistas foi absorvida no seio da Vontade summa, creadora e governadora do mundo. Os *milagres* que assustam o hamita e despertam no aryano a curiosidade scientifica são para o semita revelações positivas e reaes d'essa vontade mysteriosa que, se dissipa as sombras do medo animista, fecha tambem as portas ás ambições do pensamento indagador. Deus, imperando em tudo, é a theoria de tudo.

Mas esse mytho da Vontade absoluta, pondo no mundo uma causa e por tanto um fim, retira o espirito humano da nebulose inexpressiva do cháos animista, dando ao pensamento humano uma significação, á virtude uma sanção transcendente, ao crime o valor de um peccado. A lei torna-se a revelação de uma ordem superior á natureza das cousas reaes, porque para além do mundo e dos homens está o deus que creou e governa ambos. Esta segurança dos fracos, este terror dos maus, esta exaltação dos bons, tornam a virtude em santidade e a sabedoria em visão prophetica, derramando balsamos de perdão sobre as fraquezas, ao mesmo tempo que fulminam raios de castigo contra os peccados. Transformado o mundo n'um theatro, a vida n'um drama, cujas peripecias o supremo author combina, os homens são actores, e o que fazem é apenas aquillo que deus destina.

De um tal estado as conclusões são duas: a do fatalismo que, enlouquecendo, esterilizou os arabes, conservando-os barbaros no seio do requinte da civilisação; e a do heroismo que, endoidecendo os judeus, os matou, depois de deixarem nas paginas da Biblia da humanidade os mais profundos e mais bellos hymnos de poesia mystica.

A' força de engrandecerem deus tornaram esse mytho do pensamento um monstro da imaginação: fizeram d'elle o supremo tyranno do céu; e a Vontade que, para ser absoluta, tinha de tornar-se independente da bondade ou maldade dos seus actos, chegou a fazer-se má, para n'essa mesma perversidade mostrar a sua omnipotencia. Assim Jehovah premeia os peccadores e atormenta Job, para com um paradoxo dar a prova da sua Justiça absoluta. O mytho da abstracção tinha de produzir o rito do paradoxo — pois as duas espheras religio-

sas, a subjectiva e a objectiva, se encontram sempre em equação.

Ao animismo hamita faltou a noção de uma vontade creadora: mantinha-se tudo n'um cháos selvagem de substancia identica; do susurro das almas, que ficava ouvindo-se pelas paragens remotas, fez-se no Nilo o systema de ritos em que o mysticismo do homem culto não distinguia no tribunal do Osiris mais do que o peso do merito ou demerito das acções. O naturalismo semita extraiu do cháos um acto, da substancia uma vontade, da vida uma orgia. Os barbaros pararam quando inventaram os heroes, pararam celebrando as ceremonias funebres ou esplendidas, ascetas ou lubricas; mas Israel abstraiu do mundo essa potencia creadora, inventando um deus que é, formalmente, para a gente semita, como Osiris, o mystico, fôra para o animismo. O mundo, que era um cháos no Egypto, torna-se na Judêa uma tragedia: a allucinação, fazendo-se mais intima, mais psychologica, vae crescendo: era uma indecisão? torna-se uma loucura; era uma aberração? torna-se uma vertigem.

Falta que o aryano, produzindo tambem o seu mytho summario do pensamento, o seu deus-idéa, venha consummar a triada, para que, ao depois, percorrida a viagem, se possa dizer que a mythogenia acabou, dissipando-se no seio da critica as visões da imaginação creadora e do pensamento allucinado.

A critica é incapaz de inventar, de sentir, de vêr o que não é, e de ouvir o que não sôa: é capaz apenas de desempenhar este dever triste mas forte de dizer a homens feitos quanto eram illusorias essas nuvens doiradas da sua mocidade!

---





# LIVRO TERCEIRO

## Idealismo

---

### I

#### Os Vedas

##### 1.

Quando nos nossos climas meridionaes, á entrada do estio, o calor principia a seccar o ar, formam-se com frequencia as vagas de nuvens que toldam o céu, a atmosphaera saturada de electricidade pesa, o vento é morno, o firmamento baixo. São as tempestades de maio. De repente estoira o trovão, fusila o relampago, chove em grossas bagas, e o temporal ruge pelas quebradas das serras, caminhando. Depois o céu é purissimo, o ar refresca, a vegetação humedece, e o sol paíra radiante: dir-se-hia que do seio da nuvem caíu sobre a terra uma chuva de benções.

Assim parece agora, quando entramos nas veigas do Punjab, regadas pelo Indo, habitadas pelo aryano cujos hymnos soam como um ciciar de brisa que vae subindo beijar as cristas doiradas do Himalaya; assim parece agora, que descansamos o ouvido fatigado com o rugir dos trovões do deus de Israel e os olhos cegos com o fusilar dos relampagos de Jehovah. Esse temporal divino rebentou dos ares carregados da electricidade natu-

ralista, da embriaguez orgiaca dos cultos da Phenicia, dos mysterios de Babylonia. . .

A Biblia do arya chama-se o Livro da sciencia — *Rig-Veda* quer dizer «sciencia do agradecimento». O coração entôa os hymnos de acção-degrasas, a cabeça aspira ao céu da intelligencia pura, ahi onde se aprende a conhecer a essencia das cousas.

Leva-me, ó Sôma! para o imperio da luz eterna, para o mundo immorredouro que o sol habita.

Dá-me a immortalidade, ahi onde Vaivasvata reina, no sacrario do céu regado pelas aguas caudalosas.

Dá-me a immortalidade, no terceiro céu onde a vida é livre e os mundos são radiantes.

Dá-me a immortalidade, no lugar onde nascem os votos e as ambições, onde o sol rutila e tudo é liberdade e gozo.

Dá-me a immortalidade na mansão da ventura e das delicias, da alegria e dos prazeres, consummação dos nossos desejos.

Assim, ao alvorecer, ao meio-dia e á noute; assim, ao regar a lenha dos sacrificios com o leite e a manteiga sacramentaes; assim nas phases da lua e na passagem das estações, o arya, descendo para os valles do Djumna e do Ganges, pisando o Punjab, no decurso da sua viagem épica para a conquista do mundo inteiro, invocava os «devas», os deuses do ar subtil, acclamando-os para que lhe dessem a fortuna e o saber, a victoria na terra e a eternidade na gloria bemaventurada.

Já lá fica, para além da muralha espessa e altissima do Himalaya, a região, qualquer que ella fosse, <sup>1</sup> onde, reunidos ainda, os futuros europeus, os futuros persas e os futuros indios passaram a

<sup>1</sup> V. *Raças humanas*, I, pp. 122-4.

sua infancia e esboçaram os rudimentos da sua mythologia. A religião vedica e o brahmanismo e o budhismo, o mazdeismo e o hellenismo, com as mythologias abortadas dos celtas, slavos e teutões — eis ali os rios divergentes que vieram sarjar o solo do pensamento religioso, nascidos todos da fonte desconhecida do primitivo *habitat* aryano. Ahi, o drama constante do dia e da noute, ferindo a imaginação infantil do barbaro, foi a primeira semente d'onde nasceu a floresta rumorosa dos mythos. Passando da terra para o ether, essa gente cuja força latente continha o destino do mundo, via já nos céus guerreiros e combates, via dardos e lanças, e via os rebanhos pastoreando nas campinas de Varuna, onde o dia alvorecendo lhe apparecia como um esquadrão de carros de guerra puxados por tiros de cavallos indomitos.

Alegravam-se então os corações, entoavam-se os hymnos ordenhando as vaccas fecundas: a luz era a alegria, a vida e a esperança — a luz era o symbolo de um pensamento de sabedoria indeciso ainda nos limbos da inconsciencia. Se acaso as nuvens toldavam o sol protector e amigo, vinha o tremor de um medo como o da creança que se encontra só na vereda afastada do monte. Roubar-lhe-hiam o sol que loureja as messes e doira de alegria o coração? E quando a noute descia, essa gente, quasi feminina apesar de forte, fazia como certas flores que fecham a corolla adormecendo. Elles encerravam a choça para se defenderem da treva medonha e sonhavam terrores na esperança do dia vindouro.

Entretanto, as indagações subtis da erudição fazem suspeitar que antes do momento pastoril em que nos apparecem, os aryas, obedecendo ás regras constantes da evolução, tivessem possuido

tambem uma mythologia lunar: Dyu, o deus solar, diz Goldziher, não é primitivamente o espirito supremo, mas sim Indra, o céu pluvioso, com Varuna que, em contraste com Mitra, radiante, é o céu estrellado da noute. A lua, adduz-se, é a base da chronologia vedica, na qual o anno lunar tem doze mezes com a intercalação accidental de um decimo terceiro. Maiores reminiscencias, accrescenta-se, se encontram no *Avesta*, onde a série dos corpos celestes principia sempre pelas estrellas, seguindo pela lua, acabando no sol; entre os persas onde o tempo se conta por noutes como entre os arabes.

Como quer que seja, o céu aryano que se descobre nas auroras da historia não é nocturno: é o ar do dia illuminado, o ether que os *devas* (de *div*, brilhar) habitam. E' Varuna; é o sol radiante de Mitra que persegue a mentira dos falsarios e ladrões: é Aryaman, é Bhaga,— o *deus* generico dos slavos e dos persas— que determina a sorte dos mortaes; são estes «*devas*» eminentes com o seu cortejo de «*asuras*» ou «*áhuras*», os «*vivos*», os «*espiritos*», anjos e medianeiros. Em honra de todos o arya consumma os sacrificios rituaes commungando a *sôma* ou *haoma* que é a bebida dos immortaes, e praticando as artes da magia primitiva em volta do lar onde arde o fogo mysterioso e divino.

Todos esses mythos da invenção remota são apenas representações simples dos phenomenos celestes; mas em Varuna-Mitra, «o que persegue a mentira», vê-se já um nódulo de crystallisação moral, uma semente do idealismo profundo que ha de caracterisar o pantheon dos deuses vedicos. Ahi, diz Tiele, os *devas* que não eram mais do que os phenomenos e potencias do céu luminoso concebi-

dos como pessoas, filhos de Dyaus, o deus-céu, e de Prithivî, a deusa-terra, apparecem como seres dotados de qualidades moraes, superiores á natureza o ao mundo. Se na doutrina dos espiritos e no culto dos avós, bem como no character infantil de mais de uma idéa, se vêem os restos da concepção animista do mundo, é factó o predominio da idéa de uma divindade que encarna em cada um dos deuses superiores por fórma a eleva-lo á primazia sempre que é venerado pelos fieis.

Acima pois dos devas, surge a idéa pura da divindade como a luz intangivel que envolve o sol e as nuvens e os rios e a terra com os picos altissimos dos montes, cada um dos quaes parece um altar erguido até ao céu, regado em baixo pelas aguas do Indo onde corre a sôma fertilisante das veigas do Punjab.

## 2.

A religião não é um medo, nem uma submissão servil: deus não é uma substancia, nem uma vontade. Passou o Egypto, e o trovão de Israel callou-se. A prece não é uma evocação como no animismo, nem uma penitencia como no naturalismo: é um hymno — o cantico entoado em honra da idéa essencial das cousas que anima os deuses e dá força aos homens para as fainas da lavoura e para os trabalhos da guerra. Não se vêem os beiços tremer de medo, nem o ciciar dos beijos no pó, nem as mãos batendo nos peitos, nem os ais da gente afflicta. A cabeça erguida, os labios francos, soltam o hymno sagrado que sobe para o céu como um rolar de incenso: assim vão para o ar as exhalações da terra e a evaporação dos rios!

Invocamos em nosso auxilio a protecção dos tres rios caudalosos, as grandes aguas, as arvores, as montanhas, o fogo.

Abracem com a sua protecção a nossa sorte, e as montanhas e as aguas e as plantas generosas, e o céu e a terra com as arvores e ambos os mundos.

Seja-nos propicio o sol que se levanta caminhando para longe! Sejam-nos propicias as quatro regiões do céu! propicias as montanhas espessas! propicias as ribeiras e as aguas!

Ouçam-nos os montes poderosos!

Protejam-nos as cordilheiras abençoadas e os rios brilhantes.

Protejam-nos as auroras nascentes e as ribeiras que entumescem e as montanhas firmes. Protejam-nos os manes quando invocamos os deuses.

Queremos em nosso auxilio o céu e a terra: pedimos aos rios geradores e ás montanhas copadas de verdura, ao sol e á aurora, que nos mantenham puros.

Tal foi o hymno do arya nas raizes do Himalaya, debruçado na margem do Indo. Sente-se o filho querido da natureza inteira: os montes defendem-no da secura adusta dos desertos da Asia interior, os rios sarjam o terreno que pisa tapetando-o de verdura e flores. O heroismo accende-o; a sua prece é um cantico; pede como quem sente em si o direito de exigir. Para que existe o mundo, senão para elle? As ambições do seu futuro fervem-lhe na mente e o ar que respira, embalsamado e fresco, embriaga-o. Mas a força que sente em si, vê-a na candidez da sua alma, na innocencia do seu coração: pede a todos, ao céu e á terra, aos montes, aos rios, ao sol e á aurora, que o mantenham puro, porque a virtude é a sua força.

Os ventos derramam o mel sobre o homem piedoso, as ribeiras levam mel no seu seio: circule o mel nas nossas plantas!

Seja mel a lua e a aurora, cheio de mel o firmamento sobre a noute e o céu inteiro — nosso pae!

Mel (madhu) é todo o alimento e toda a bebida: é a agua, é o leite, é tudo o que delicia: o mel é o symbolo dos premios que esperam o homem piedoso. A morte impura é a condemnação dos maus que Varuna abandona. A morte não afflige o arya como aterrava o semita: afflige-o a impureza e o peccado.

Desliga-me do meu peccado como de uma cadeia, e faremos crescer, ó Varuna! a fonte da tua lei. Que o fio se não quebre enquanto eu vou tecendo o meu hymno. Que se não parta o molde do artista antes do soar da hora.

Poupa-me a este susto, ó Varuna! rei justo, havei piedade de mim. Desliga-me do peccado, como quem tira a soga do pescoço do vitello. Longe de ti nem posso mover os olhos!

Não nos castigues, ó Varuna! com as armas guardadas para os malfeitores. Não nos mandes para a região onde se apagou a luz!

Eis ahi o estado mental formado pela invenção mythologica; eis ahi a esphera objectiva da religião ou o corpo de sentimentos religiosos que, formulados sobre os mythos primitivos, reagem sobre elles, dando-lhes uma expressão moral. A luz torna-se virtude.

### 3.

O céu diurno, na successão dos seus phenomenos, desdobra no pensamento um hymno de piedade. Tudo é optimo — ao contrario do semita para quem tudo é pessimo, á excepção da *graça* com que ao tyranno omnipotente apraz escolher algum mortal. No ar que respiramos na India, o

mundo inteiro, com a luz que nos illumina, com as montanhas que recortam o céu, com os rios que sarjam a terra, tudo é bom, tudo é bello, tudo é santo. A graça divina é a propria alma do universo: respira-se a fortuna e a pureza. Foi um parto doloroso quando a imaginação semita deu á luz um deus gerado do dualismo grosseiro do naturalismo primitivo: é um nascer sorrindo o modo porque os deuses da piedade bella saem dos mythos astraes da Índia. O traço remoto, o *peccado* original, vê-se além distinctamente: aqui perde-se a similhaça do passado. Nos Asvins, «os medicos do céu», diz Tiele, observa-se uma tal elevação de caracteres racionaes com paixões e emoções humanas, que é difficil dizer quaes eram os phenomenos naturaes com que uma vez estiveram relacionados.

O caracter subalterno dos deuses femininos, mythos da receptividade genesiaca, é outra prova da elevação idealista a que o pensamento aryano chegara na edade vedica. As deusas que restam são tambem principios ou idéas, piedosas ou intellectuaes: Sraddha, a fé, Vach, a lingua, confundida com a deusa antiga dos sete rios, Sarasvati; e as Ushas — a alvorada, rasgando as trevas da noute, dissipando as sombras do pensamento. Quem lhe atrela o carro são os asvins mysticos; e como uma vacca dourada, ou uma egua fulva, isto é, como uma nuvem luminosa, nasce todos os dias para afugentar as trévas e desvendar os thesouros do mundo velado. E' a donzella adornada para a dança, é a filha que sua mãe vestiu, é a noiva amorosa quando se aproxima do esposo, é a mulher encantadora que se levanta do banho e confiada na seducção descobre o seio aos olhos do amante. Assim dizem os Vedas, mostrando-nol-a



no seu carro luminoso subindo nas campinas de Varuna tirado por cavallos côr de ouro e por vacas da côr do sol, derramando a vida que é luz, soltando o gado do estabulo nocturno e as aves dos ninhos escondidos nas ramarias das arvores. Ella veio, trazendo a luz que é paz e virtude; e o mundo alegre cantou, pelo mugir dos rebanhos, pelo trinar dos passaros, pelos hymnos que o arya entôa ao sol que vem surgindo.

E' Sûrya «o brilhante» que se levanta no horizonte como um globo de lume, doirando as neves das cristas himalayas, impellindo diante de si os bandos alados da aragem da manhan, os maruts que passam «adornados como mulheres». São os filhos de Rudra, obreiros das boas obras, origem da fortuna e da riqueza da terra e do céu. Herões, roçando no vôo as penhas das serranias, amam os sacrificios piedosos!—A aragem da manhan, vivificante, passou: a terra folga, o gado pasta nos rebanhos, e nas campinas do céu impera o sol do meio-dia, Savitri ou Savitar, com a sua luz que dá força e vida. Por toda a parte corre uma onda de alegria, sôa o hymno da felicidade pura do lavrador cavando a sua terra, ao som dos cantos das aves que chilram nas ramadas frescas das arvores... Assim o dia vae andando, a harmonia vae seguindo, o hymno da vida vae desenrolando as suas estrophes de paz e innocencia. Passou a calma, vêm a tarde com as suas brizas: os maruts abençoados que regressam. O lavrador encarando o céu vê o sol do ponente, Pusham, ir descendo brandamente para as terras distantes: vae com elle a vaga esperança dos destinos que lhe germinam no cerebro. E' elle «o que faz crescer as cousas», o que alimenta, o que pastoreia os rebanhos do céu—essas nuvens rubras, de con-

tornos phantasticos acompanhando o occaso do sol, estendendo-se na vasta campina do firmamento azul avermelhado. Tambem elle, o lavrador da India, está recolhendo o seu gado, juntando as vaccas para as encerrar no estabulo. Pusham é como o arya: tecem a lan dos rebanhos, guiam as manadas de vaccas e os bandos de cavallo, um no céu sereno, outro na campina verde do Punjab.

Sumiu-se agora, ao largo, o sol de hoje. Varuna-Mitra, na immensidade do seu manto azul, na pureza doce do firmamento crepuscular onde os tons suaves se esbatem quando as agulhas brilhantes das estrellas apenas começam a oscillar duvidosas, Varuna enche a alma do trabalhador, caminhando para a sua cabana ao repouso da noute, enche-a de uma satisfação quieta e doce. O sol é o olhar de Varuna; foi Varuna quem lhe ensinou a jornada — elle que tudo vê, tudo sabe, tudo anima! E' a guarda da justiça, elle que é em si a luz que desvenda as perfidias da noute, escura como a sombra das intenções do homem mau. E' a verdade, a confiança, a fé, e a virtude: tudo isto contém em si a luz candida, penetrante e inevitavel. Ella vae aos mais ultimos recessos, do mundo e da alma, desfazer a tréva e patentear o crime, punindo os impios, castigando os falsos. As sombras somem-se, as virtudes manifestam-se e são amadas: esse é o seu premio! Vendo tudo, governa tudo e está em toda a parte. Foi quem descreveu o seu gyro ao sol: marcou tambem a derrota dos rios, abrindo-lhes o leito fofo das terras ferteis, e sabe, porque o traçou, sabe o caminho por onde voam os ventos e os bandos de passaros que povoam o ar. . .

Quando se reúnem dois homens, ha sempre com

elles um terceiro: Varuna. Agora que anoiteceu, crepita o fogo no lar, e os dois esposos, acabado um dia, ao recolherem-se ao leito, sentem a presença do deus da virtude que os guarda. Assim na vespera da morte o hão de sentir chamando-os a si!

## 4.

Porém a vida não é apenas o pastorear dos rebanhos, nem o céu é sempre limpidez e paz. A vida são também as batalhas com que os invasores conquistam o solo dos rios sagrados; e o céu também tem as suas batalhas, em que Indra, colerico e forte, despedaça os exercitos das sombras nevoentas. O homem é virtude e força: o lavrador é um soldado, o crente é um heroe. A sôma da immortalidade na fé é a bebida que avigora o braço — a bebida querida de Indra, o forte:

Vem Indra! vem regalar-te com as comidas e libações, para que te prepares para a victoria!

Na batalha com as nuvens que abafam, poucando no dorso das montanhas, Indra solta as «serpentes» do céu derramando as chuvas fertilisadoras. Indra vem como um rei ou um general conduzindo os esquadrões dos maruts, capitaneados por Vayu e Rudra. O despojo da batalha é a rega, a victoria está nas fontes que rebentam depois da trovoada. De verão as pastagens seccam no Punjab, seccam as nascentes, e o calor engrossa as nuvens encostadas contra o muro do Himalaya: é então que Indra acode em defeza da terra da sua escolha. As nuvens são Vritra e Ahi, monstros escuros ameaçando prender o sol e condemnar

a terra á sede. Quando a trovoadá começa, Indra entrou em campo, as chuvas torrencias que se soltam do céu attestam a sua victoria, os eccos dos trovões reboando pelas quebradas do Himàlaya, os relampagos que sarjam o ar, são os clamores e os golpes d'essa batalha phantastica em que a lança da Indra tem um fusilar de lume. Indra e o exercito dos maruts vêm das montanhas, nos seus carros de combate limpando a estrada do sol — como elephantes selvagens que despedaçam tudo na carreira. Assim tambem o arya, descendo dos montes sobre as nuvens negras da população dravida da India, corria como os elephantes triturando tudo sob o seu pé invencivel.

Guia-nos, ó Indra! manda que os esquadões dos maruts avancem á frente dos exercitos.

Ergue a tua lança, ó deus opulento, levanta o coração dos nossos guerreiros, fortalece o vigor dos fortes, faze com que os clamores da victoria se ouçam do alto dos nossos carros triumphantes.

Sê connosco, ó Indra! quando as bandeiras fluctuam ao vento; guia para a victoria os nossos dardos, protege-nos na guerra.

Venha o medo comprimir o coração dos nossos inimigos, grudando-lhes os labios.

E á maneira que a migração aryana descia combatendo, á maneira que a guerra se tornava o officio por excellencia nobre, assim o throno de Indra ia subindo levantado pelas victorias, deixando na sombra o velho deus Mitra dos tempos simples de outr'ora. Indra guarda o districto sacrosanto do nordeste, onde, para além dos Himalayas, fica o monte divino de Meru que illumina o norte e em cujo circulo se movem o sol, a lua e as constellações. Indra protege a região abençoada dos sete-rios, *sapta sindhava*, o Punjab regado

pelo Sarasvati e pelo Indo com os seus cinco afluentes de leste — o Vitasta, o Asikni, o Iravadi, o Vipaga, o Çatadru.

E' ali, n'essa patria nova, que se constituem os novos estados militares de um povo que tão bem maneja a espada como o arado, ordenhando o leite das vacas dos seus rebanhos e derramando o sangue dos seus inimigos. Assim Indra faz ás nuvens, atravessando Vritra com a sua lança e regando a terra com o leite das «vacas» do céu. Das conquistas nascem reinos, das batalhas cidades: tambem a lança, como o arado, abre a valla que circunda a fortaleza. Os chefes, *rajas*, são imagens terrestres do Indra celeste. Governam as villas, *grama*, e os castellos, *pura*; têm exercitos e menezes e bardos que celebram as victorias dos conquistadores da India. Vestem cotas de malha de ouro, correm sobre os carros de guerra tirados por cavallo. A vida é um combate desde que á lavoura se alliou a conquista; é uma apothose desde que da conquista veiu a riqueza. Os deuses têm palacios de mil columnas com mil portas: são assim os palacios dos rajás que vivem do saque da India opulenta, coalhando-a de fortalezas que enfreiam o dravida sob a guarda dos barões feodatarios.

Bebeu-se a sôma da immortalidade que um falção trouxe do lugar aereo onde Varuna a collocara. Entrou a força no braço do guerreiro, a confiança no seu peito, e a piedade que existia em seu coração desenrola-se em hymnos e visões durante a embriaguez que a bebida produz, dando a saude aos enfermos, a riqueza aos ricos, e ao sabio o segredo da immortalidade ideal. Indra concedeu-lhes a grande victoria!

Tu és grande, ó Indra! Terra e céu obedecem ao teu imperio.

Quando nascees, o céu treme, tréme a terra, de terror pela colera do seu filho. Dançam as fortes montanhas, suam os desertos, correm as aguas...

Cantamos a tua gloria, ó Indra! eterno malhador, potente, audaz, grande, infinito, heroe viril cujo raio é bom...

Cantamos as tuas victorias e as carnagens.

Para nós que queremos rebanhos de vaccas e cavallos, ambiciosos de riquezas e mulheres, Indra, o poderoso deus, é o vaso em que bebemos como o balde bebe na cisterna.

## 5.

A ingenuidade das ambições simples, — rebanhos, riquezas, mulheres, — exprime o optimismo ingenito d'esses homens para quem o mundo é deus e a eternidade. Viver, gozar, amar, n'um estado de innocencia forte — eis ahi o céu. De tal modo vivem os deuses. A propria virtude e a candidez da alma piedosa são um sentimento innocente tambem, ingenuo, instavel como a limpidez do céu de Varuna que o inspira. O aryano esboça nos seus hymnos a summa sabedoria a que na velhice, varridas todas as illusões, dissipadas todas as visões chimericas dos mythos, a humanidade chegará; mas esse esboço é inconsciente e por isso inconsistente. O céu conturba-se, o vencedor é batido: vacilla a confiança ingenua e das agonias nascem fraquezas e crimes. A força da harmonia é ephemera como as victorias e riquezas: só é eterna a confiança na vontade que o semita poz em deus e que o abraçou. O aryano perdeu-se no vago aereo do seu optimismo. Nós, filhos Moraes de semitas e arianos, educados por dezenas de seculos de uma vida atribulada, sentimos a harmonia optima no nosso pensamento e a força indomavel

no nosso character. A nossa alma, que é a essencia dos deuses, fez-se com o residuo dos mythos.

O aryano dos Vedas apparece-nos como o filho do ar inconsistente e forte ao mesmo tempo: é como Varuna, transparente na innocencia piedosa, como Indra, valente na tempestade passageira. O ether subtil é a essencia do seu pensamento mythologico.

Mas nós sabemos que a imaginação infantil é ferida simultaneamente pelos aspectos do mundo externo e pelas allucinações e sonhos — origem que dissemos psychica da mythologia, nexa inevitavel entre o mundo astral inatingivel e o mundo da realidade positiva. Nós vimos de que modo, nos typos mythologicos já estudados, a imaginação dos povos concebe e representa os phenomenos psychicos e os põe em relação com a mythologia astral.

Para o aryano idealista, o fogo — esse objecto indefinivel, vivo no aspecto, como uma alma, — é o nucleo e o nexa do systema da sua representação do mundo. Agni é a alma intima e a origem primaria — o medianeiro entre os homens e os deuses.

Eu, Agni, sou a origem, dotada com a sciencia de tudo o que existe. Sou o sopro vivo da natureza triplíce. Sou o metro do firmamento. Sou o calor eterno. Sou a oblação.

A natureza triplíce do gnomo do Universo está nas tres fórmulas por que apparece: no raio, no relampago e no roçar da madeira que o produz. Agni vive no coração de tudo — no céu e na terra. Saltitante na labareda, *coxêa*, andando nas voltas irregulares da chamma: assim é côxo Wayland, assim Haphaestos, assim o proprio deus dos na-

maquas. Fugidio, esconde-se quando se apaga: é mistér geral-o de novo roçando a haste (*matha*, *pramatha*) no disco de madeira, pelo processo quasi universal da invenção do lume. A haste é pae — Matarisvân — o disco é mãe: da copula gera-se o filho que, nascendo, consome os paes. E' a imagem da criação. Geral-o, comtudo, é prendel-o, captival-o — de outro modo fugirá: por isso o verbo que dizia roçar, passou a significar prender — *pramantha*, o captiveiro do fogo = *pramâtha*, e o que rouba e prende = *Pramathyus* ou *Prometheu*. Matarisvân, a haste que gera ou encadeia o lume, é o *Prometheu* da India.

Assim a invenção do lume era um sacramento (ainda hoje memorado nos ritos da Semana-santa catholica) e o fogo o genio intimo do Universo, o medianeiro, — diriamos a Idéa, involvida n'um manto de chamma crepitando no lar do arya piedoso. Do sol distante o raio de Agni era o emissario, da força abscondita a alma era a scentelha cuspida pelo friccionar da haste no disco de madeira. Tambem no céu havia pois bosques e arvores onde vivia escondido o fogo aereo. Assim na mythologia dos germanos as nuvens encastelladas, prenes de raios, são a *Wetterbaum* — a arvore da tormenta. O espirito da terra e do céu era um e o mesmo, e no seio de Agni consummava-se o mysterio da identidade do Universo, na chamma crepitando no lar o sacramento da mediação entre o homem e os deuses.

Agni é calor, é a côr rubra, é o voar do passaro de azas de ouro — o passaro-rajo, como o *cysue-sol* do mytho algonqui. Voando entre a terra e o céu, habitando o ar, põe em communicação as duas regiões distinctas. Vê-se na vermelhidão dos fructos que amadurecem, vê-se nos espinhos e



pennachos rubros das plantas que são as pennas e as garras da ave de azas de ouro.

A vida é fogo que arde em nós, a morte o fugir de Agni. De dia é sol, de noute é a fogueira que afugenta as feras, ou a chamma do lar que prende em torno a familia e a acompanha protegendo-a como penates. Lá por fóra, de manhansinha, é elle quem vem afugentar os espiritos da noute, quando os asvins precursores da alvorada largam as redeas dos cavallos. São dois cysnes, dois falcões, dois gamos, dois bufalos, dois mastins de guarda, esses a que os gregos chamaram Dioscuros. Vém voando, mais leves que o vento ou do que as idéas dos homens; vêm visitar as moradas dos crentes; vêm encher os uberos das vaccas, dar a ração aos rebanhos e fecundar as esposas. Amanhecendo, Agni empallidece na la-reira para brilhar no céu illuminado.

Então, sobre os altares, offerecem-se os sacrificios aos deuses, e a chamma que os consome é Agni — Agni é o summo-sacerdote, sempre media-neiro. Nas suas azas de fogo vão as oblações. E' para os deuses o que a taça é para a bocca do homem: leva em si as homenagens da gente piedosa!

Mas, tambem, quando a cólera o excita, a bondade protectora de Agni torna-se em furia tremenda. Solta os cavallos vermelhos do seu carro, ruge, strue, correndo a mugir como um toiro. Os passaros caem de puro medo quando elle passa consumindo as hervas da campina em labaredas, ou quando, como um leão, lambe a floresta com os dardos flammejantes da sua lingua. As chammas crepitam correndo como ondas de mar, soltando pennachos de uma espuma de faulhas rubras. Os deuses têm n'elle o seu grande guerreiro para

limpar a face da terra, deixando-a nua como a face rapada do arya.

Por isso o homem piedoso, seguro da protecção de Agni, lhe pede que desencadeie contra o inimigo as suas espadas de fogo, elle que, manso, treme submisso e captivo sobre a lareira.

Vem! Sobe rapido em nosso auxilio. Luz, protegenos contra o peccado. Dá-nos força para a acção e para a vida.

Destroc nossos inimigos. Defende-nos contra os Raks-hasas.

Livra-nos da ave de rapina assassina e cruel, e do adversario que medita a nossa ruina.

Repelle os inimigos que nos não trazem dadivas: apenas settas viradas contra nós — repelle-os tu, que tens por arma a clava rutilante!

Ninguem póde acercar-se de tuas chammassas terriveis: consome pois os maus espiritos!

## 6.

No recesso intimo do pensamento do arya ha pois um ponto obscuro, uma sombra de medos. Nem tudo é luz no Universo, nem tudo harmonia, nem tudo forças amigas protectoras. Um nevociro de almas, um esquadrão de espiritos maus, persegue e afflige ainda o espirito d'essa gente crente em si, no seu optimismo. São as visões dos sonhos, as allucinações da sombra, que o temperamento innocente dos homens bons não profunda, antes evita com um temor e repugnancia instinctiva. Agni, o protector, não absorve em si todas as visões psychicas: é um espirito sim, mas um elemento, e por isso mesmo tangivel. Para além d'elle fica ainda o mysterio das cousas absconditas, conservadas na lembrança do animismo primitivo. A representação épica do Universo não in-

clue o episodio da morte, ou antes, não o contém systematicamente em si. Já tudo se organisou n'um corpo de harmonias, mas quando a noute chega, o aryano fecha-se temeroso e antipathico á sombra: da mesma fórma a sua mythologia — ao inverso da do Egypto e da Judêa — ao passo que se eleva ás maiores alturas nas azas da piedade luminosa, desdenha de profundar o abysmo, deixando o mytho da morte no estado rudimentar do animismo primitivo. As idéas eschatologicas e o culto dos avós eram entre os aryanos exactamente eguaes aos dos selvagens; era grosseira a noção da bemaventurança, embora já tivessem formulado a theoria de premios e castigos ultra-tumulares.

A elevação e a originalidade aryana terminam, pois, logo que passamos da mythologia astral para a psychica e das representações da vida para as da morte. O leitor que sabe qual é o systema dos mythos eschatologicos dos selvagens, pouco ou nada vae encontrar original n'estes barbaros da India, cuja piedade idealista chega aos pincaros da sabedoria no systema das representações da vida.

O primitivo uso aryano parece ter sido o enterramento. Só depois da separação, no Iran, adoptaram a exposição, e na India juntaram ao enterramento a cremação.<sup>1</sup> Os hymnos vedicos mostram-nos claramente o systema de impressões acordadas pelo phenomeno da morte. Quando o cadaver era enterrado, no sacrificio que precedia a inhumação, levantava-se um marco de pedra symbolico a separar os vivos do morto, para defender, os que ficavam, da perseguição da Morte.

<sup>1</sup> V. *Raças humanas*, II, pp. 78-85.

Prosegue ó morte o teu caminho — caminho diverso da estrada dos deuses.

Vê e ouve o que te digo : não offendas as creanças nem os homens.

Este marco é a divisoria dos que existem : ninguém se aproxime da méta.

Fique a morte abafada n'esta pedra, e vivam os vivos cem outomnos.

Eis as esposas, alegres, trazendo a manteiga e as unturas sacramentaes, subindo a olhos enxutos os degraus do altar.

Sobe, ó mulher, para o mundo da vida ! Apagou-se o sopro do que celebras ; consummou-se o casamento de aquelle que um dia te desejou, levando-te pela mão.

Tire-se da mão do morto o arco, symbolo da honra e da coragem na soberania. Leve-se á terra-mãe que se abre para o receber.

Abre-te, ó terra ! não sejas mesquinha para elle : cobre-o como a mãe que envolve o filho no seu manto.

A alma-elemento do mundo, Agni, o media-neiro, intervém depois nas ceremonias mortuarias quando a cremação se estabelece como uso : a morte espiritualisa-se, combinando-se a sorte do defuncto com as concepções feitas ácerca do mundo inferior de Yama. As velhas familias sacerdotaes, senhoras dos segredos da invocação dos deuses, sabedoras do modo de entoar os hymnos dos sacrificios, herdeiras da tradição da feiticeria primitiva, preparavam a fogueira em que o cadaver ia consumir-se.

Vá o olho ao sol e o espirito ao vento ! Vae, ó morto ! vae ao céu e vae á terra, como convém ! Vae ás aguas se ahí cabes ; repousa os membros no scio das ervas.

Aquella partê que não nasceu, aquece-a, ó fogo ! com o calor da tua chamma brilhante ; leva-a, ó Agni ! nas tuas fórmãs mais carinhosas á séde dos bemaventurados.

Assim os sacerdotes cantavam diante da fogueira consumindo o cadáver: o corpo vae ás aguas, ás hervas; a alma, nos braços de Agni, vae á bemaventurança. Esses hymnos eram a herança de seus avós, e cada familia tinha um signal sagrado: os vasishtha um laço de cabello sobre o lado direito, os atri tres, os angiras cinco, os bhrigus o cranco rapado. Sabiam o destino das almas:

Accende, ó Agni, accende o teu olhar e o teu ardor, e leva-o á região do Bem, a juntar-se aos paes, porque elle vinha junto de ti fazer as libações do sacrificio.

Elevem-te os maruts nos ares, orvalhando-te com chuva!

Conduza-te Pushan, o sabio, o pastor do mundo que nunca deixou tresmalhar uma ovelha. E' elle quem sabe as veredas do Espaço: irá diante, como uma lampada, elle, o perfeito heroe que distribue as benções.

Segue a antiga estrada que nossos paes trilharam.

Verás então Varuna e Yama, bebendo as libações divinas.

Vae para junto dos paes, viver no céu altissimo com Yama: assim o mereces!

No caminho verdadeiro, foge aos dois perros de quatro olhos, filhos de Sarama, para que chegues onde estão os paes em união com Yama.

Abraça-o tu, ó Yama! com a tua protecção contra os perros da tua guarda...

Com a fauce aberta, ávidos de homens, com os pellos rubros de sangue, os dois mensageiros de Yama vão por meio dos homens. Deixem-nos elles respirar mais um dia, vendo o sol!

A morte é pois ainda um maleficio, como no animismo primitivo: não é um castigo como entre semitas, nem uma consummação como entre hamitas. A inferioridade expressiva e moral-religiosa da mythologia vedica é evidente n'esta esphera da eschatologia — facto que o systema dos mythos at-

testa. A morte e a vida, o dia e a noite, a vigília e o sonho, as representações astraes e psychicas, isto é, os polos do dualismo fundamental que tanto se observa nos mythos como nos sentimentos, não se combinam. Yama está no céu ao lado de Varuna, a morte ao lado da vida, sem se penetrarem explicando-se reciprocamente n'uma theoria unitaria como succede no mytho de Osiris e na vontade jehovica. O desenvolvimento das duas correntes visceraes da mythologia religiosa não é parallelo: ao passo que os mythos astraes definem um estado mental de uma elevação augusta, os mythos psychicos mantêm-se nos limbos do realismo selvagem.

A concepção dos premios e castigos é infantil ainda: nada se vê comparavel com o tribunal de Osiris. A bemaventurança é uma campina alegre — o ideal das veigas do Indo «onde ha a luz e o esplendor eternos, onde Vaivasvata (Yama) reina, onde correm as grandes aguas, onde ha a paz e a ambrozia, a alegria e o deleite, e onde se cumprem as esperanças e os desejos».

E' um paraizo infantil ou selvagem, e os ritos familiares são como os dos selvagens. Os mortos *assistem* aos banquetes sacramentaes, *vêm-se* sentados em volta do lar, *comem* e *bebem* os dons que se lhes poem sobre a relva das sepulturas. Diariamente a familia offerece libações aos avós e cada lua nova celebra uma festa de finados com offer-tas especiaes.

Yama, o deus dos mortos, foi o primeiro que morreu. Subindo das profundidades da terra ás alturas do céu, traçou o caminho dos finados. No seu paraizo habitam os bons — os heroes mortos em combate, os piedosos, os immaculados — como corpos luminosos. Não ha ali servos nem senho-

res. O paraiso de Yama está para o Sueste a mil dias de jornada a cavallo.

Eis ahí como se desce das eminencias do céu de Varuna — um céu de piedade idealista — á infantilidade das concepções eschatologicas. A impropriedade de conceber a morte foi a fraqueza do genio aryano na India e na Grecia: por isso, além, caíu na metempsychose do brahmanismo e do buddhismo, descendo á barberie; por isso na Grecia o hellenismo foi abafado pela eschatologia egypcia e pelo messianismo semita, quando o christianismo se formou.

Yama, para mostrar o caminho dos mortos, atravessou «as aguas rapidas». D'este mytho antigo faz o indio moderno a pratica ridicula de se segurar, morrendo, ao rabo de uma vacca para ser levado por ella a salvamento atravez do rio terrível, Vaitaranî — o stygio aryano.

## 7.

Desequilibrada pois no desenvolvimento paralelo dos mythos do mundo externo e dos do mundo interno, a religião vedica, sem poder formular uma synthese como a de Jehovah ou de Osiris, cáe. Os seus elementos inferiores abafam a efflorescencia do seu idealismo astral, da mesma fórma que tambem a India passa de mão em mão, presa de todos os invasores. Quando uma raça perde a emnencia do seu pensamento religioso (ou mythologico, ou critico) as nações em que essa raça se organisou dissolvem-se.

As religiões dogmaticas nascidas da mythologia vedica e assentes sobre «mythos do pensamento» demonstram na rigidez systematica, commum a essa especie de construcções mentaes, as aberrações necessarias a que a inconsistencia das noções com-

binadas da vida e da morte deviam levar. A falta de um mytho synthetico apparece no parsismo formulada no dualismo organico da religião de Zoroastro. «Tenho duas almas, diz Araspo a Cyro, porque uma só alma não póde ser boa e má ao mesmo tempo». Ormuzd faz 24 deuses e mette-os n'um ovo, Ahriman faz outros 24 que partem o ovo: d'ahi o bem e o mal.

Por seu turno, o brahmanismo cáe do animismo simples e ingenuo na theoria da metempsychose que avassallou todo o Oriente, introduzindo-se no corpo de crenças das raças sujeitas ou ao dominio ou á influencia aryana. Os castigos ultra-tumulares passam a ter realidade nas reencarnações das almas, e a doutrina attinge o ridiculo de uma casuistica. «Qualquer que seja a disposição de espirito em que o homem pratica um certo acto, supportará as consequencias d'elle, reincarnando n'um corpo dotado de tal ou tal qualidade, ou maculado por este ou aquelle defeito», diz a lei de Manu. Na segunda existencia expiam-se os crimes da primeira: o que roubou alimentos, renasce dyspeptico; o calumniador, com mau halito; o ladrão de cavallo, côxo; outros são os idiotas, os cegos, os surdos, etc. O assassino de um brahmane terá uma sorte pavorosa: depois de torturado n'um inferno terrivel, renascerá animal ou pária. O adultero renascerá cem vezes como herva trepadeira, o cruel como fera sanguinaria, o ladrão como rato ou abutre, etc. Ao padre Godinho, viajando na India, dizia um brahmane: «Nós queimamos os corpos dos nossos defuntos para que as almas, levantada a homenagem que lhes tinham dada, possam passar de uns a outros; e os christãos enterram os defuntos, fazendo com isso que as almas estejam presas áquelles corpos, sem poderem mudar-se para ou-



tros, ou sejam de homens ou de vacças, o que é grande pena para as almas que têm a sua gloria n'estas mudanças». (*Rel. do novo cam. etc. v.*)

A infantilidade da cosmogonia aryana é outra consequencia da inconsistencia da sua mythologia considerada no systema combinado dos elementos originaes parallellos. Só se póde attingir uma concepção firme da creação quando se chegue á synthese d'esses elementos n'um mytho unitario como o de Osiris, ou quando se parta, como faziam os semitas, do mytho abstracto de uma vontade inventiva. Com a cabeça embriagada pela sôma da sua mythologia astral, onde com effeito luzia o clarão da verdade e uma irradiação de innocencia pura, o aryano não podia digerir lentamente os outros rudimentos dos problemas das cousas.

O seu mundo, tão bello, tão puro como idéa, é, como construcção real, tão infantil como as representações barbaras dos americanos. Tambem na America uma tartaruga monstruosa sustenta o mundo no seu dorso — como a Kurmaraja sanskrita. E se não é a tartaruga directamente, é a cobra Sesha, ou um elephante, que tem o globo na cabeça ou no dorso; cobra ou elephante, porém, pousam sobre a tartaruga que é Vishnu sobre o qual gyra a montanha de Mandara movida pela corrêa ou serpente Vasuki, com que os daityas e os danavas batiam o lago de leite para fazer a amrita sagrada.

Dado o desequilibrio de desenvolvimento nas duas correntes parallelas da mythologia espontanea, quanto mais o pensamento profunda e escava, maiores monstruosidades encontra; e uma vez perdido o fio conductor, ás extravagancias succedem as aberrações: assim veiu á India o diluvio de dogmas de morte e de protervia em que agonisou

por seculos; assim á Persia o delirio barbaro dos seus satrapas precursores de uma ruina igual. Xerxes açoitou o Hellesponto agrilhoando-o, e enterrou vivos uns centos de rapazes e raparigas para propiciar os deuses da terra: quando no requinte da civilisação se conservam as crenças animistas da selvageria, a vida, desordenada, produz monstros. Era essa mesma a Persia que adorava no branco da pureza immarcessivel a côr sagrada dos cavallos do Nisam! E' essa mesma India que divinisa a paz cerulea do céu, a innocencia forte do espirito, é essa a que mais tarde se agita nos terrores do medo animista e nos delirios do ascetismo, regressando ao estado selvagem. O calender, ou derviche baneano dorme sobre a terra nua, come apenas arroz, anda nú com um farrapo a cobrir-lhe as vergonhas. Descalço, descoberto, com um bordão na mão, esmolando, resando, acompanhando os enterros, os derviches vão aos pares, humildes e miseraveis. Tambem nós aryanos da Europa, depois do hellenismo — a nossa idade vedica — tivemos derviches: os franciscanos. Tambem na nossa Edade-media o animismo, renascendo com a crise, sussurrava agoirentamente aos ouvidos das populações amedrontadas. Os demonios formigam na India, os maus espiritos habitam a gruta, a arvore que está proxima da cabana da aldeia. De noute o ar povôa-se de medos: qual é o que se atreve a arrostar com a sombra? Se uma obrigação o impelle, o indio avança cautelosamente com o ouvido attento. Repete os exorcismos, traz no pescoço os amuletos a que se abraça, murmura resas, leva na mão um tição de lume para afugentar os inimigos invisiveis. Ramalham as arvores? Pia alguma ave nocturna? Uiva alguma rez nos apriscos, ou al-

guma féra nas brenhas? Treme, vacilla, recua, e para vencer o seu medo grita.

A sombra da noute povoada de almas obscureceu o céu de Varuna, a allucinação do medo baniu a piedade innocente e candida. Na phantasmagoria mythologica, regressaram n'um turbilhão as nuvens do principio. Porque? Falta-nos dizer agora o nosso pensamento ácerca da ruina da mythologia vedica—ruina que veremos repetir-se, nos seus caracteres essenciaes, na mythologia hellenica.

O idealismo não podia resolver o problema da morte. Era antipathico ao seu principio proceder como o Egypto ou a Judêa; não tinha dados para conceber a absorpção na substancia, nem a vontade abstracta—por isso mesmo que era uma representação ideal da existencia. Formular a theoria dynamica da morte no seio da mythologia que é o systema das representações realistas, isto é, inventar o mytho do nada, seria contraproducente. Apenas como indicio, mais accentuado ao depois no buddhismo, se percebe o vasio da ultravida, e como a eternidade é apenas o mytho dos mythos—o mytho de uma existencia phantastica cuja unica realidade está na successão das existencias individuaes. O Nirvana buddhista é, porém, apesar de nihilista, ainda um céu. A doutrina critica que só vinte ou trinta seculos de elaboração e de ensaios, de pensamento e de observação, de estudos e de reflexão, começam a affirmar—não podia a capacidade espontanea dos aryas formulal-a. Decaíram por isso; não chegaram á synthese dos deuses da vida e dos da morte, e, não lhes consentindo o genio inventar um phantasma transcendente, ficaram presos pela superstição das almas emquanto voavam livres para a região pura das idéas percebidas nos astros.

## II

### A mythologia slavo-germanica

#### 1.

Começaremos por este ramo da arvore indo-europêa, para passarmos depois á Italia, finalmente á Grecia nossa educadora. <sup>1</sup>

A inferioridade das mythologias indo-europêas, quando comparadas ao typo vedico, inferioridade que é maior entre os wendes ou slavos do que entre os germanos, e entre os italianos do que entre os gregos, parece achar-se em relação directa com o grau de desenvolvimento que cada um d'esses povos attingiu antes de christianisado.

Mas parece tambem que todos elles, no decurso das suas migrações, como que se engolpharam na barberie, vindo a apparecer na Europa n'um estado quasi selvagem como constituição, e mais ou menos degradado como mythologia. A mythologia slava era um animismo só comparavel ao dos selvagens remotos. Ao passo que o aryano da India caía na degradação pelo encerramento de um cyclo, o slavo, ou nunca saíra do estado selvagem, ou regressara a elle no decurso das suas migrações atravez da Asia, com destino á Europa.

<sup>1</sup> «Aquillo que communmente se considera como historia d'esta religião (a celtica) parece-me tão duvidoso e vago que preferi deixal-o inteiramente de parte a propagar mórns conjecturas que poderiam afinal ser apenas erros.» Tiele, *Outl. of the hist. of rel.* (tr. Carpenter, do holl.)

Os slavos orientaes parece que nunca chegaram a ter sacerdotes nem templos: tinham apenas lugares sagrados e feiticcios; os lithuanios apresentam, comtudo, já um esboço de sacerdocio digno de tal nome; e entre os prussos existia um «kriwe» ou «griwe», especie de patriarcha, habitando sósinho um recinto sagrado «romowe» onde se guardavam imagens dos deuses e d'onde partiam as encyclicas e pastoraes. O culto primitivo dos slavos é o fetichismo, proprio do estado animista da mythologia. Os amuletos, compostos de toda a especie de fetiches, tomam sempre a fórma de um botão, de um fecho, de uma rede: servem para *prender* o espirito protector—o anjo-da-guarda—afim de que elle defenda o portador, dos espiritos inimigos! Os oraculos, para conhecer o tempo, o resultado das cearas e das guerras, e o destino da vida, têm sempre o character de *sorte* genuinamente animista. Os sacrificios fazem-se á margem de um rio, ou sob a arvore sagrada que é de preferencia o carvalho. As ceremonias têm uma efficacia magica: nas festas estivaes os servios vasam ainda hoje baldes de agua sobre uma rapariga adornada de folhas de arvores: assim pedem ás «mulheres do céu», os espiritos das nuvens, que lhes deem chuva.

São espiritos as nuvens, espiritos os astros e o ar e todas as cousas—segundo a regra do animismo, ácerca do qual não é mistér fatigar de novo o leitor. Dos espiritos astraes saem deuses—*devas*, dizem os lettos, usando ainda a propria palavra aryana; *bogu*, os slavos. Sobranceiro a todos, no firmamento, está o novo Indra que é Perun ou Perkun, deus do trovão, cujos raios dispersam os demonios, ferindo-os e derramando-lhes o sangue em chuva sobre a terra. Em sua honra ardia perennemente uma fogueira de carvalhos. O

empyreo é numeroso, sem ser novo, nem crédor de observações singulares. Os lithuanios têm dois soes: Patrímpo, o diurno, alegre e jovial, e Pecollos, o escondido. Os cazaes de mythos astraes formigam: Dazhbog, o deus do dia, é filho de Svarog, o do firmamento crepuscular; Lado é esposo de Lada — uma é a mulher, mãe de todas as estrelas do céu, o outro, o homem, é a Lua cujo sexo, como se sabe, é masculino por via de regra no animismo.

O ar, a agua, as arvores, o fogo, a casa, são o habitaculo dos espiritos que enchem o ambiente phantastico da imaginação do slavo. O inverno é duro n'essas regiões geladas: é mau Koshchei, o seu genio. As molestias andam errando levadas pelas velhas e pelos homens hediondos. A noute povoa-se de bruxas e feiticeiros que affectam em vida a fórma dos lobis-homens, e depois da morte a dos vampiros que vão sugar o sangue aos que dormem. Um medo obscuro inunda a sombra da noute e a pallidez dos invernos. Nos pinhaes sussurrando com o vento ouvem-se os lyeshis, demônios-do-bosque, e os deuses da tormenta que têm nos furacões o cortejo nupcial e nos redomoinhos as danças do noivado. Nos charcos, nos rios e nas lagoas que o inverno gela e que ás vezes fendendo-se engolem, na agua transparente, traiçoeira, enganadora, mas maravilhosa e mystica, espelho onde se vê o que não existe, vivem os vodyannis com o seu rei Morskoi, um *tsar* rodeado de cysnes, de filhas, com a côrte das rusalkas traiçoeiras. Mas para defender a choça de todos os perigos, habita lá dentro o domovoy, espirito da casa e do lar, protector e amigo dos homens e dos animaes domesticos. E' o Agni slavo, e tem como voz o canto do gallo que afugenta os demonios da noute

sombria, annunciando a volta da manhan luminosa.

Não se imagine, porém, que ao romper do dia resplende a luz n'essas vastas steppes que o slavo habita. De inverno o ar é pardo, o sol côr de occa, e no espaço frio tremem descendo como farapos os nevões. O chão é um lançol branco, as arvores, as casas, cómoros n'um oceano de neve. O vento levanta ondas brancas jogando com essa poeira frigida como faz na Arabia com a areia ardente: os temporaes da steppe são como os do sahará, e as columnas de neve queimam como as de areia.

E' pelo meio d'esse ar torvo que as almas dos finados vão, vêm, errando nas suas viagens indefinidas, sem que os actos da vida sejam motivo para um destino de premio ou castigo, sem que em si propria a existencia ultra-tumular diffira da existencia real. Se o cadaver foi enterrado, o reino da alma é o mundo inferior; se foi queimado, ella sobe no fumo para o ar; mas nem o céu nem o inferno (*inferior*), nem Rai nem Peklo, correspondem ainda a lugares de premios ou penas. A's vezes o cadaver queima-se ou enterra-se n'um barco: então a alma segue viagem com destino a Buyan, a ilha do sol. Mas, d'onde quer que resida, vêm constantemente ao mundo, pairando nos ares, apparecendo aos vivos que tremem d'ella e repetem festas e sacrificios para a propiciar. As almas são como deuses, desde que existem na especie imaginada para as divindades. Vêm-nas como um lume vago que o deus do raio accendeu, como uma estrella que fulge no céu, como um vapor, um sopro d'ar, uma sombra — como tudo o que é sensivel sendo incorporeo; vêm-nas porém egualmente animando as aves cujo vôo tem o quer que

é de singular ou espiritual, e os insectos alados — dushickhas, «alminhas»; vêem-nas ainda nos ratos fugitivos, e, relacionando ratos, estrellas e almas, chamam á via-lactea, estrada dos mortos, o «caminho dos ratos».

Por um dado tempo a alma ficou junto do cadaver, balouçando-se no ar livremente; depois larga para o seu mundo, «Nava», o mundo dos deuses, das almas e dos mortos, ou jornadeando a pé pela via lactea ou pelo arco-iris, ou indo por mar ao seu destino.

A imaginação slava não terminou a viagem; a mythologia d'esses povos não saiu da idade animista. Achavam-se ainda perdidos no turbilhão phantastico dos espiritos, quando veiu do Occidente o christianismo impôr-lhes leis e crenças estranhas.

## 2.

Outrotanto aconteceu aos germanos e scandinavos: nem era maior a lucidez da sua visão. O culto era uma magia, o sacerdote, — «êwarto», aquelle que sabe a «êwa», lei divina e humana, — o sacerdote era um mago. A prece era uma evocação, o sacrificio uma seducção: os deuses, em rudimento, obedeciam aos exorcismos e encantos dos sacerdotes-feiticeiros, das prophetisas como Velda e Ganna. Theoria de penas e premios ultra-tumulares não existia, ou era um esboço apenas em via de extracção do dualismo metereologico. Coalhado o ar de almas, a terra estava inundada de bruxas — völva — e os rios, as fontes, as arvores, as pedras habitadas por genios.

São o oriente e o occidente; são o vento do sul, de leste, de oeste; são as brisas constantes ou caprichosas, voando asperas ou faguciras.



São os furacões impetuosos que destroem ; são as forças adstringentes e expansivas que se chocam e se combinam no fundo da terra.

São os germens activos que fecundam o humus e dão ás arvores a sua folhagem ; são as fórmãs e côres mudaveis e todos os genios poderosos do ar.

São as gotas leves, as torrentes, as cataractas, os ribeiros que serpeiam e os orvalhos que reluzem.

São as neves, as geadas e o gelo ; são as vagas estreptosas.

Não se ouve n'este sussurrar dos genios do *Edda* um movimento mais vivo? Não se sente que deixámos a charneca fria e nua pelas terras da Germania umbrosa, da Gallia sarjada de rios fertilisantes? Os genios que tremem nos farrapos de neve, rugindo no cascalhar das ondas, são os que habitam para além, na Scandinavia, tranzidos de frio, ao clarão das auroras phantasticas pelo meio da noute fatigante.

Para áquem do Baltico a natureza ri, o bosque viçoso sussura, os rios não gelam de inverno. As arvores são altares, templos as florestas, offertas os fructos da terra. Nas ceifas dá-se aos deuses um molho de espigas; nas macieiras deixam-se cinco ou seis fructos como offerta; nas arvores penduram-se corôas e festões de flôres: as terras da Hesse pagam aos deuses a renda de um ramo de lyrios.

Entremos na floresta sagrada. Os carvalhos nodosos, sempre verdes, com a sua folhagem rendilhada por onde a luz passa como n'um crivo, distribuem no ar uma chuva de scentelhas de sol. Tremem com o vento as ramarias sussurrando com vozes divinas, e assim treme a poeira de luz que allumia a clareira do bosque. O ar vive, palpita e falla; nos altos ramos das arvores, bordando no céu uma renda mysteriosa, pousam os deuses invi-

siveis; dos troncos rugosos pendem as pelles e as cabeças dos animaes sacrificados no altar. A gente entra no sanctuario embriagada de religião, e ouve e sente em si o viver dos espiritos sagrados. E' uma gente barbara e ingenua: tão forte quanto simples, com a imaginação afinada para os sonhos e invenções das idéas inconscientes, com o braço nu, musculoso, prompto para a carnagem das batalhas. Innocente e forte, sanguinario na candidez, poeta com mãos de lavrador e soldado, é este o aryano que passou das faldas do Himalaya para os bosques da Germania.

Em volta do tronco do maior dos carvalhos está o *fanum*, segundo o denominou Tacito, o *pûr*, como elles, indigenas, dizem. E' uma cella de toros cosidos com vimes, cobertos de ramos: uma choça. Ha imagens lá dentro? Tacito dizia que não; a erudição de hoje (Grimm) affirma que os germanos já tinham passado do culto dos fetiches para o dos idolos. Em volta do templo a gente que entra vem depôr as offertas: os caçadores trazem as primicias do matto, os pastores cavallos, bois, carneiros, os lavradores trazem fructos, espigas, flores em corôas e grinaldas. E' mistér alimentar os deuses para que nos protejam! Os pratos de Berhta e de Hulda estão sobre a mesa, e, ao vasar o copo da cerveja espumante, não se esqueça o homem piedoso de cuspir um trago no chão—para Zemylene, a deusa da terra! Nas festas sponsalicias da Norwega, Thor despeja as taças de cerveja com os convivas: assim o contam as sagas.

Assim agora, tambem, rodeando o altar, a cerveja espumante, avermelhada com o sangue da victima, passa de mão em mão nos vasos sagrados. A victima—um cavallo, pois esse era o animal

preferido nas solemnidades, — jaz estendida e morta sobre o altar: fôra presa da ultima batalha, abandonado por algum chefe caído na lucta. . . O sangue derramado punha a sua côr em tudo — nos vasos sagrados com que eram ungidos, na cerveja das libações, na face agreste, nos peitos e nos braços nus, da gente que o sacerdote aspergia ritualmente. A luz coada pelas franjas dos carvalhos vinha pousar sobre essa nodoa vermelha engastada no viço da floresta, e o cheiro acre da carnagem, o halito de calor das entranhas despedaçadas, subiam como incenso aos deuses invisiveis no seu throno aereo de ramaria verde e murmurosa.

Já o sacerdote, como um carniceiro, partia em pedaços a rez, e as urnas aqueciam sobre as fogueiras: a carne cozia-se, não se assava; das caldeiras untadas de sangue o sacerdote repartia pelo povo os retalhos abençoados, guardando para alimento dos deuses o figado, o coração e a lingua. A pelle, com a cabeça, ficava pendente dos galhos das arvores como os estandartes da victoria que se collocaram depois nas naves dos templos. Gotejando sangue, baloiçando-se ao vento, a pelle da victima ia augmentar o numero d'essas sanefas singulares que adornavam a clareira do bosque dos carvalhos sagrados.

Se o cavallo era a rez escolhida para os sacrificios solemnes, o homem era a victima nos momentos graves. Matavam-se inimigos captivos, escravos comprados para o altar, ou criminosos: porém nas grandes afflicções os deuses reclamavam victimas puras. Assim, á maneira dos *diabateria* dos gregos, os frankos, ao atravessarem um rio, immolavam mulheres e creanças. Contra a lepra, emparedavam-nas; e nos momentos extraordinarios eram sacrificados os filhos dos proprios reis,

como succedeu a Thoro, como Oen, o velho, que successivamente offereceu nove filhos a Odhin para que lhe conservasse a vida; eram sacrificados os monarchas em pessoa, como Domaldi que os suecos immolaram na afflicção de uma fome.

## 3.

Entre o céu vedico e o germanico — visto atravez das tradições e lendas e pelos *Eddas*, biblia commum de teutões, scandinavos e normandos — são graves as differenças. A mythologia germanica manifesta um estado mental superior ao dos slavos, mas nem por isso comparavel em pureza idealista ás remotas invenções aryanas. A migração com as suas cruezas, o contacto com outros povos, a natureza, finalmente, da Europa nevonta que habitam, altera nos germanos a qualidade mythogenica.

Distinguem-se ainda os deuses da antiguidade aryana, mas em pequeno numero e subalternos. Dyaus vê-se em Tyr que para certas tribus, como os suabios e semnones, é ainda o mytho supremo do ar e da luz, mas que no Edda baixa á condição de deus da espada e das luctas fraternas: a espada é a representação mythica do raio, e a lucta a das tempestades metereologicas. Em Fiorgyn encontra-se o paradigma nacional do Perun ou Perkun slavo, nos *elfes* e nos *mares* acaso os ribhavas e os maruts da mythologia vedica; mas nenhum d'esses, nem Tyr, nem Fiorgyn, nem os mares, tem papel preponderante. A soberania mythologica passa a Odhin e a seu neto, Thorr, deuses puramente germanicos, inventados já como deuses e não por uma subjectivação de mythos astraes primitivos. As mythologias secundarias, ramificadas

de um tronco commum, á maneira de todas as dos europeus, formam-se já n'um periodo avançado de evolução.

Não se perde entre os germanos o antigo nome de divindade, Deva, mas as designações genericas, puramente germanicas, de «aesir» e «vanir» predominam. Os deuses são principes ou soberanos entre os aesir ou divindades. Estas são o opposto das potencias maleficas da natureza representadas como gigantes — jötunn, os devoradores, thurs, os bebedores, que eram venerados com violencia e terror e propiciados com sacrificios humanos. Entre os gigantes e os aesir-vanir collocavam-se as tres classes de elfes, genios indecisos entre o bem e o mal, ambiguos, semi-humanos na sua fórma de anões — «liös» os da luz, «soart» os negros, «döck» os sombrios. Sombra e negrume viviam no seio da terra.

Sobre este alicerce de espiritos naturaes que, se por um lado nos aesir-devas se prende á concepção idealista aryana, por outro, nos elfes, raia com o animismo slavo; n'este cortejo de genios palpitantes na terra e no ar, destacam-se as divindades já individualisadas. Freyer ou Fro, que tem na mão a espada da virtude, é o deus do céu brilhante, origem da vida e da fertilidade, e creador — tanto quanto esta noção era compativel com o idealismo ingenito dos arianos. No seio dos aesir tornou-se o deus da paz e do amor. Sua irman, Vana Freya, «a dama», esposa de Njördr, deus do mar, mytho da terra ou da lua, torna-se a Venus formosa e fecunda do empyreo germanico, roubando a Frigg o lugar ao lado de Odhin, o deus eminente de quem Tyr-Tiw-Ziu (dyaus) passa a ser apenas um *filho*, quer dizer, um aspecto.

O principio de unidade mythologica de um povo

guerreiro está no deus das batalhas — em Indra, em Odhin. Na pessoa d'elle vêm reunir-se todos os traços característicos da moral e da força, subordinando a si os mythos dos elementos. Odhin-Wuotan-Wodan é a sabedoria que rege o mundo, o general supremo: é «sigtyr», o deus, «sigfödr», o pae da victoria, é «vîgsigor», o vencedor. Identificar a sabedoria com a victoria, a força com o saber, o combate com a curiosidade e o estudo, eis o proprio do pensamento de uma gente em cujo cerebro fervem as idéas de envolta com a ambição do imperio. Sentado no Hlidskialf, o seu throno, Odhin vê e governa o mundo, servido pela força ardilosa de Geri e de Freki, os dois lobos, guiado pela cogitação e pelo pensamento de Hugiun e de Muniun, os dois corvos que lhe poisam nos hombros. O Walhalla a que preside está na cidade santa de Asgard, ahi onde tem o seu throno, rodeado dos aesirs n'uma gloria semelhante áquella em que se representam os deuses christãos entre nuvens de anjos.

A' frente d'esses, como um archanjo, primeiro entre os aesir ou *âsa* por excellencia, *âsabrâg*, está Thorr-Donar-Thunar, cuja voz é o trovão. O seu olhar é o relampago e o raio — o de Odhin é o sol. Vive nas nuvens, rega com a chuva os campos dos lavradores humildes, amaciando os ardores do verão e domando as potencias más do inverno. O servo adora-o: o guerreiro adora Odhin — deus dos nobres e senhores.

Descidos á condição de maus, vêem-se os deuses remotos, mythos da noute selvagem e do inverno funesto. Assim cae Loki (de *lukan*, fechar, seg. Grimm), o que monta o cavallo das ventanias frigidias, Svadilfari, para se collocar á frente de todos os demonios: o lobo Fenrir, a serpente

Midhgardh, e Hell, a deusa da treva inferior ou nocturna, aquella que ainda hoje denomina o inferno. A crise do pensamento, determinada pela passagem da vida barbara para a vida agricola que condemna os deuses da noute, vê-se retratada no drama mythico de Baldr que é ao mesmo tempo o esboço de um Genesis, e uma theoria do Peccado. A crise determina a constituição de um dualismo, pois que todos os aesir tomam parte na contenda mythica: Odhin bate-se com Fenrir, Tyr contra Managarm, Thorr contra a serpente de Midhgardh, Heindall contra Loki — o pae dos monstros.

O crepusculo dos deuses, *Ragnarök*, foi a tragedia de Baldr-Baldäg, o deus branco do dia. O novo empyreo começava com um novo estado do povo. Ao mesmo tempo que os deuses emergiam da noute, saíam os selvagens da sua barberie. Esses tempos remotos appareciam-lhes escuros de crimes, e para além d'elles collocavam uma idade primitiva de innocencia — a idade ideal, vencida pela mentira e pelo roubo. O crime dos crimes foi a morte de Baldr, o melhor e o mais sabio dos aesir — como um Attis germanico, ou um Jesus, se Jesus, que existiu, fosse um mytho e não um heroe (como um Alexandre ou um D. Sebastião) em quem o povo imprime as feições mythicas. Loki, o nocturno, é o assassino de Baldr. Do crime vêm as trevas de um inverno obscuro de tres annos, e uma guerra feroz. Os deuses tinham dominado os gigantes, mas estes quebraram as cadeias e Loki gerou n'uma gigante os monstros que fazem do mundo um chãos de peccados, e destroem a humanidade. Ella resuscita com Baldr que volta do mundo inferior com os aesir purificados; e o mundo dividido em dois, o mal e o bem, reconquista a paz na ordem e na virtude.

A erudição attribue a influencias persas este mytho que dá ao systema das invenções germanicas um character de moral subjectiva desconhecida á mythologia infantilmente optimista dos aryas. A mortalidade dos deuses revela uma percepção mais profunda, e põe acima da representação puramente intellectual do mundo exterior uma força eminente. Se os deuses tambem morrem, é porque o phenomeno da morte acordou na mente germanica idéas mais profundas do que as do animismo primitivo dos aryas. O mytho de Baldr exprime o nexo das percepções do mundo externo e do mundo interno, e um rudimento de theoria dualista simili-persa. Para além do turbilhão de deuses do céu, para além do formigueiro das almas da terra, da noute, dos bosques, dos sonhos, presente-se alguma cousa — a necessidade de um principio de unidade que o semita definiu tragicamente no seu mytho abstracto do Deus voluntario.

O europeu esboçou de um modo vago o mytho de uma força obscura, indeterminada, a que o latino chama *Fatum*, o grego *Moirá*, o teutão *Norn*. As *norns* germanicas são tres: *Urdhr*, o passado; *Verdandi*, o presente; *Skuld*, o futuro. São como as *Parcas* dos latinos, que tecem a vida e cortando o fio determinam a morte. O lugar obscuro que occupam no corpo da mythologia mostra quanto é rudimentar ainda o pensamento da morte, mas o seu apparecimento, na nebulose das idéas, prova que o problema da existencia, desaperebido como tal pelo aryano, começa a formular-se no cerebro do europeu.

Quando a invasão do christianismo fez abortar a mythologia germanica, o Fado teutonico foi absorvido pela Vontade do deus novo tomado dos se-



mitas. A Europa moderna passou a existir, mythologicamente, da combinação dos dois mythos eminentes. A invenção teutonica não pôde pois desenvolver-se: não degenerou, abortou.

Quanto custou a deitar por terra a arvore mystica de Ygdrasil, viu-se no caracter particular do christianismo germanico medieval, e nos trabalhos que teve Carlos Magno para derrubar o colosso de Ermensul. Para que o povo entrasse no templo de Christo foi mistér que o sacerdocio collocasse os novos altares no lugar dos antigos — nas clareiras dos bosques umbrosos tintas de sangue, com as colgaduras de pelles de victimas pendentes dos ramos das arvores.

### III

#### A mythologia Italiana

##### 1.

Dos bosques da Germania, passemos agora aos da Italia: a paisagem é outra, outra a luz, outro o genio d'esse povo que tem pela terra um culto profundo e mystico.

Fechado de mattas embrenhadas, o solo da Italia avassallado pelos invasores era o theatro dos dramas sangrentos da existencia d'esses povos, ou ainda ignorantes da agricultura, ou impedidos ainda pela guerra e pela espessura dos bosques de trilhar a terra com o arado. A floresta da Italia é diversa da Germania, mas as impressões que as sombras e rumores das arvores acordam no espirito ingenuo da gente bravia são identicas. O carvalho veiu a ser a arvore de Jupiter, o loureiro de Apollo, a oliveira de Minerva, o myrtho de Venus, o alamo de Hercules — quando no pantheon de Roma construida houve nomes e lugares para todos esses deuses, nacionaes uns, tomados outros aos gregos.

Agora, porém, o sussurrar do bosque meridional, onde ao lado do carvalho arrendado está a figueira caprichosa nos seus troncos, de folhas amplas e espessas, é ainda um positivo murmurar de deuses, um sussurro de almas que perpassam com o vento, como sombras, quando a aragem põe em

movimento a teia espessa de folhagem tremendo nos ramos entretecidos. O bosque é povoado de almas, como os rios e as nascentes, *capita fontium*, como o fogo, como o ar. Cada arvore é um espirito — depois será o templo ou habitaculo de um deus, como o carvalho vetusto do Capitolio em Roma, primeira morada de Jupiter, onde Romulo vae depôr os fructos das suas batalhas; como o carvalho de Lucano

Exuvias populi veteris, sacrataque gestans  
Dona ducum.

E na floresta obscura e palpitante, cujo ramalhar infunde o terror religioso na alma sombria do italiano, n'essas grutas escuras de folhagem verde-negra, em que o pinheiro esguio alterna com a oliveira suave e com a figueira extravagante, é ahi que habita, resumindo em si a somma de todos os rumores sagrados, Fauno, o deus da floresta, o mytho do bosque animado pelo zephyro de oeste na primavera — favonio.

A vida é cruel no meio d'esses bosques que as feras infestam, erriçados de espinhos das arvores, impenetraveis ou hostis. São sempre crueis os deuses da vida agreste, invenções de gente endurecida na lucta com a natureza. Os mythos são monstros, a devoção medo, o culto holocaustos. Dos ritos primitivos do italiano sanguinario ficaram em Roma vestigios mais do que bastantes para se entreverem essas ceremonias barbaras nos bosques dos tempos primitivos. A religião sombria do romano nunca perdeu de todo o tom que lhe imprimiu o genio das primeiras edades. Fauno foi sempre adorado ao ar livre, nas cavernas e nos bosques sagrados que ficaram bordando os campos

em memoria já inconsciente das brenhas do passado: nem a civilização pôde tornal-o domestico.

Tambem nos ritos dos tempos historicos se vêem como symbolos as provas dos homicidios sagrados de outr'ora. Povoada de almas a natureza inteira, quando o lavrador incendeia o bosque para arar a terra, ou quando o *pontifex*, engenheiro, lança a ponte para galgar o rio, é mistér propiciar o genio que de tal modo se offende. Por isso em Roma, nos idos de maio, se deitavam ao Tibre do alto da ponte Sublicia trinta *argei*—manequins de vime, imagens humanas com as mãos e pés atados: imagens dos *sexagenarii de ponte*, os vellos que n'outras edades eram sacrificados ao *pater*, ao genio, *Tiberinus*. Da mesma fórmula as *oscilla* que tremem pendentes nos ramos das arvores, representando vultos e imagens, representam o que se fazia com os membros e cabeças dos homens e animaes immolados nos sacrificios. No *Ver sacrum* matava-se gente e rezes em honra de Marte: depois abandonavam-se symbolicamente creanças para que fossem buscar uma nova patria sob a protecção do deus. Nas *Ferias latinas* ainda até ao tempo dos imperadores o sangue de um criminoso devia regar o altar de Jupiter. Nas *Luperciales*, em que se sacrificava um bode, o sacerdote tocava na frente de dois rapazes nobres com uma faca ensanguentada: memoria do homicidio sagrado de outros tempos. A nodoa de sangue era lavada com lan molhada em leite; e depois da cerimonia começava a orgia em que os *luperci*, cobrindo-se com as pelles dos bodes immolados, percorriam a cidade dançando. Nos bosques primitivos eram assim as danças dos caçadores, vestidos com as pelles das rezes, como vimos entre os indios da America. Nas mãos levam os *luperci* chicotes da pelle

da victima com que açoitam as mulheres para as tornar fecundas; e caíndo a noute, pela escuridão das viellas de Roma, desencadeia-se desenfreada a luxuria mystica. Assim nos bosques, depois das danças guerreiras e eroticas, á luz fugaz e avermelhada das fogueiras a orgia rematava a cerimonia.

Fauno, a alma da floresta (paradigma italiano do Pan grego com que depois se identificou) era o mytho da fecundidade, animal, vegetal. Tocou Maia-Fauna, ou Bona-Dea, com o ramo de myrtho, como o favonio que desce dos montes vasando no seio virginal da terra a seiva abundante e vigorosa — embriagando a esposa, como quando, ao rebentar das nascentes, os campos se vêem florir na primavera. Fauna apparece no mytho sob a fórma da serpente que enroscada fórma o *annum*, o anel symbolico do rejuvenescimento periodico dos campos.

Do bosque, arroteado, veiu a campina que o lavrador semeia. Por isso tambem Marte, o genio das brenhas do Apennino, com o seu esquadrão de lobos e a sua ave sagrada, o pico, operario e cantor das florestas cujo bico como uma verruma penetra nos troncos das arvores sacando-lhe o cerne; Marte é o defensor dos campos, e do pico faz a imaginação historica a lenda de Picumnus, o verei benemerito dos lavradores. Tambem Fauno, o espirito mysterioso da floresta cuja voz aterrorisava, atribulando os corações, se transforma n'um deus protector. Quando o homem lavra a terra, o trabalho abençoa-o e o interesse torna-o bom: os seus deuses tremendos fazem-se benignos. Fauno ouve-se agora, mas no fragor das batalhas atemorizando o inimigo. A sua sombra vagueia por entre as arvores de noute na indecisão da luz, ou

apparece nos sonhos do lavrador; mas esse velho genio tremendo dos bosques, domesticando-se com os homens, é agora o genio das pastagens suaves que tapetam de relva o chão, é o que ensina a domar o boi agreste da campina, o que defende os rebanhos das feras que descem dos montes, o protector dos pastores que o denominam Inuus, Lupercus. As *lupercalia* terriveis da caça primitiva são agora danças pastoris.

A civilisação tornou campinas e pastagens as brenhas de outr'ora. Trilharam-se, queimaram-se os bosques: a terra pôde receber em cheio a luz do sol e abrir o ventre fecundo ás sementes. Assim tambem no ar se dissiparam as sombras animistas e ao sussurro obscuro dos espiritos primitivos succedeu o silencio da paz luminosa ou o canto largo do vento correndo livremente sobre as cearas louras ondeantes. Mas não se apagam assim as lembranças do passado, nem morre na alma mystica do italiano o culto das edades antigas. Os espiritos dos bosques vivem ainda pelas brenhas dos montes, nos pendores do Apennino, com os seus sanctuarios nas clareiras — *nemora*, *lucus* d'onde veiu o nome á Lucania. O deus dos caçadores antigos é agora o velho Sylvano, de longas barbas brancas, deus dos lenhadores e mateiros.

E o proprio lavrador das varzeas e terras baixas, arroteando as leiras, deixa de espaço a espaço, mosqueando a campina, grupos de arvores sagradas que são os sanctuarios venerandos do passado. Ahi o fugitivo encontra asylo, e ai do que pisar o chão divino sem iniciação! Vive na rama das arvores o terror dos deuses remotos. Bordando os campos e as estradas, a Italia inteira está coalhada d'estes templos vivos, rumorosos; na propria Roma o Viminal, o Esquilino são bos-

ques sacrosantos de velhas arvores divinas, e o amor do italiano é tão forte por esses deuses antigos que Plinio conta o caso de um romano que definhou e morreu de paixão por uma faia.

## 2.

Arados porém os campos, os deuses antigos transformam-se ou envelhecem. O pico de Marte torna-se o genio da lavoura como filho de Stercutus—o deus dos adubos da terra. O velho Sylvano apparece caduco, abordoado a um cypreste ou a um chorão, as arvores da morte, lá para o longe onde restam ainda florestas, como um defensor das fronteiras, *tutor finium*. Só ás vezes vem visitar os seus dominios antigos, hoje coalhados de granjas e cearas, e chega como um velho bom, arrastando os annos: *Sylvanus domesticus*.

A imaginação dura do italiano é solicitada agora por outros motivos: os deuses dos bosques não são os dos lavradores. Os deuses de agora são os genios inventados para presidir e proteger, não só todas as condições da vida social, como cada um dos momentos dos trabalhos agricolas. O lavrar, o semear, o ceifar, o encelleirar, têm genios seus; tem-no até o supprimento annual de trigo no mercado (*Annona*). A' frente do systema do animismo rural está Terminus, o deus-marco, divisor dos campos, dando á propriedade una sagração.

Delimitar as terras era uma festa—as Terminalia. Os proprios marcos eram como fetiches. Abria-se a cova, e em torno, ungidos, adornados de festões e ramos floridos, os lavradores celebravam o sacrificio que ardia lá dentro. O chão era regado com o sangue da victima, havia libações de mel e vinho e offertas de incenso e

fructos ao genio dos limites; e quando o lume consumira o animal immolado, sobre os ossos e sobre os restos ainda fumegantes collocava-se o marco divisorio, nivelando-se a terra em volta ao som de hymnos graves em honra do deus Terminus.

Consagrada a propriedade, podia começar a lavoura com as suas festas e sacrificios. Nas *Ambarvalia*, em que se invocava Ceres, immolava-se uma porca, *porca praecedanea*; nas *Suovetaurilia*, pela primavera, immolava-se a Jupiter um porco, uma ovelha e um touro para purificar os campos; a Marte *sylvanus* sacrificava-se por tenção dos rebanhos; nas *Hordicidia*, em abril, quando, passadas as geadas do inverno, se celebra Tellus, o genio da gleba, sacrifica-se uma vacca prenhe, arrancando-lhe a cria do ventre e queimando-a á parte: as cinzas, recolhidas pelas vestaes, serviam para as purificações das *Palilia*. Saturno (ainda não identificado com o Chronos grego), o pae universal, que vive no coração da terra, tinha na sua semana sagrada uma celebração em que toda a vida se interrompia: trabalhos, tribunaes, castigos — até a sorte do proprio escravo desapparecia, comendo á mesa do seu dono. Nas *Saturnalia*, o mundo invertido era um entrudo sagrado, e os lavradores em bandos pelos campos soltavam os córos do hymno divino — Io Saturnalia!.. Ops era ainda a terra, como femea, como fecunda: adorava-se de rastos, palpando o solo mysticamente com as mãos.

Não será, no animismo rural italiano, uma reminiscencia da antiga barbarie o genio da terra-nocturna, Lua-mater ou Lua-Saturni, que é a gleba esteril ou malfaseja? Parece. Entretanto, os genios chtonicos da mythologia italiana prendem-se todos ao systema das invenções psychicas domi-



nantes no animismo, ligando-se intimamente aos genios da morte e não aos mythos astraes. Acca Larentia, Consus, Tellus, Ceres, e todas as divindades ruraes são genios do mundo inferior. O camponez, semeando e ceifando, tinha diante de si presente o sonho da morte e da vida que o fazia palpar de esperança e medo.

Recolhido á granja, o *pater-familias*, que é o sacerdote d'uma religião domestica, sacrifica aos genios do lar—genios obscuros tambem como os da gleba. No atrio está o altar que é mesa: <sup>1</sup> a casa é templo, a comida sacramento, o pae sacerdote: «Sabei que é o amo quem sacrifica por toda a familia», diz Catão. Lá por fóra vivem os genios da terra, para áquem do vestibulo estão os genios do lar—lares (do etrusco *lars* = senhores, potentados) e penates (de *penus* = lar domestico). Em todo o ar, por toda a parte, os espiritos dos mortos ondeiam: os *manes*, matutinos, brilhantes, bemfasejos; as *larvæ*, as *lemures*, phantasmas errantes da sombra, mais ou menos maleficos. O ar está cheio de visões, os sonhos de apparições phantasticas. Tudo tem o seu genio, o seu espirito: as molestias são almas, a saude, visivel na carne vermelha do corpo humano, é Carnia, o genio que afugenta os vampiros.

Por isso, não só a casa, tambem o tumulo é um altar. Ainda no tempo de Cicero os romanos acreditavam que na cova ficava habitando a alma do morto: *sub terram reliquam vitam agi mortuoram*. Sobre o tumulo depunham as offertas—bolos, fructas, sal, leite, vinho, ás vezes o sangue de alguma victima—abrindo um furo no chão para que os alimentos chegassem ao morto, pedindo-lhe em ora-

<sup>1</sup> V. *Raças humanas*, II, pp. 121-2.

ções que acccitasse, engrinaldando-lhe o tumulo com festões de ramaria florida. Os *manes* ondeavam como sombras em volta do cadaver, sem poderem passar, comtudo, do seu mundo inferior para o céu dos deuses astraes — *numina*; sem poderem tornar-se heroes como os gregos. A separação das duas fontes mythologicas, psychica e astral, interna e externa, mantem-se até ao fim na Italia, mostrando como o systema das invenções religiosas nunca chegou ahi a um periodo synthetico similhante ao do Egypto e ao da Judêa — similhante ao que veremos esboçar-se de um modo ephemero na Grecia. Numa jámais passou de homem: nunca foi divinizado como Theseo em Athenas.

As lendas mythologicas são pobres e simples. Nascidas do trabalho rude da vida agricola, são prosaicas, praticas e monotonas. O heroè protector ou fundador da cidade é um filho maravilhoso do deus lar que protege alguma familia illustre: ás vezes nasce d'uma faulha despedida pela lareira domestica. Assim nasceu Romulo, assim Servio Tullio, assim Cœculo, fundador de Prenesto. A auréola (appendice iconographico adoptado pelo christianismo) em volta da cabeça atesta a sua origem, annunciando a sua grandeza futura. Na vida é sabio, piedoso, bom, legislador justo e venerador dos ritos. Consummada a sua empreza, esvae-se ou some-se, voltando á existencia animista — *non comparuit!*

E' tambem do seio d'esse mundo de espiritos que se ergue o alicerce da cidade, cujo fundador nasceu do lar e se consumiu desaparecendo. Com o arado abria-se um rego fundo — o *mundus*, consagrado aos espiritos dos mortos e aos deuses chtonicos, do ventre da terra. No interior da valla

collocava-se uma lage, *lapis manalis*, a lage dos manes, porta do imperio subterraneo sobre a qual cada um lançava um punhado da sua terra indigena e as primicias das produções ruraes. O *mundus* era o coração da cidade cujo perimetro se marcava com a charrúa tirada por um touro e uma vacca, ambos brancos, a vacca no introdorso, o touro no extradorso da linha circular — *primigenius sulcus*.

A cidade desentranhava-se pois dos campos e dos manes, da vida rural e da mythologia eschatologica. Esse povo curvado para a terra como lavrador, temia sobretudo os espiritos obscuros da terra e do sonho, os deuses tutelares domesticos e chtonicos. Vesta, o lume sagrado, e os Penates, no culto publico, os Lares na casa, os Sylvanos no campo, eis ahi os companheiros queridos da sua imaginação mysticamente obscura. No pantheon, os *numina*, deuses da mythologia astral, eram hierarchicamente superiores: no coração intimo eram eminentes os deuses da visão mystica. O grego orando, levanta, como um aryano, os olhos ao céu: o latino (como etrusco?) vela a face, contrito e pensativo. Absorve-o a visão d'esse mundo interno, tão mais temivel quanto é obscuro. Domina-o o terror sagrado que põe nos ritos um caracter sanguinario, tornando o hymno em *devotio* — a abnegação tremenda que precipita Curcio no vortice de Roma, que mata os velhos na batalha de Allia, que manda os Decios immolarem-se nas guerras tremendas dos latinos e dos samnitas.

Nos perigos crueis, o crente sente-se victima de expiação necessaria, no decorrer suave da existencia sente-se orgão obediente de um pensamento que se manifesta nos ritos da vida rural santificada. O casamento é o sacramento de Ceres ou de

Tellus, o nascer dos filhos é como as colheitas, o fundar as cidades é lavrar o sulco, em torno do *mundus* onde se evocam os penates e todos os deuses chtonicos.

Sobre o Capitolio, porém, levanta-se o templo onde vivem os *numina*—deuses do ar e dos astros, deuses mais urbanos do que ruraes, muitos d'elles mais gregos do que latinos: especie de superstrucção mythologica erguida na cidade que vae tambem transformar o arado em espada, o dominio da Italia no dominio do mundo, os lavradores em soldados, a vida rural n'uma vida de batalhas e debates forenses. A *devotio* latina tornar-se-ha uma religião da lei, a visão mystica uma revelação do direito, os ritos um formalismo juridico, os deuses uma tabula de abstracções que seccarão a fonte religiosa por esgotarem o veio da piedade poetica.

## 3.

Do seio da nuvem de almas que povoam a mente do italiano, o latino abstrae, porém, já um certo grupo de *numina*—isto é, de deuses cuja qualidade excede a esphera expressiva do animismo, deuses com character positivo humano, intenções e vontades. Se Robigo, o fungão ou ferrugem das cearas, Consus, os germens absconditos, Carmentis, as encantações magicas, e outros, se não destacam bem ainda da pleiade dos *genios* indeterminados, Fauno, o deus dos pastores, Saturno, o das sementeiras, Vulcano e Vesta, Jupiter Jano e Marte, são pessoas-deuses, *dei, divi*, ou olympicos na plena expressão da palavra; são-no tambem Tellus, a terra alimentadora, Ceres, Pales, Ops, Termino, Neptuno, Tiber, Mater e Liber-Libera. Muitos dos antigos mythos ruraes e chtonicos so-

bem para o Olympo onde residem os mythos astraes que na série primitiva dos deuses precedentes são representados por Jupiter, Jano, Mater-matuta.

Marte, o deus italiano por excellencia, o que defende e mata, o campeão que empunhando a lança protege os rebanhos e seguido pelos seus lobos sagrados desce dos matos em defeza da gente que protege; o que denomina o primeiro mez do calendario romanò e dá o nome aos romanos primitivos (Marcus, Mamercus, Mamurius), aquelle a quem no *Ver sacrum* se sacrifica gente e gado, em nome da paz dos lavradores e da fecundidade dos rebanhos, abafando-se os gemidos das victimas com o som agreste das flautas «ne flebilis hostia immoletur!» Marte, deus dos deuses, tem merecido aos criticos descendencias varias. Mommsen filia-o na Morte — Mavors, Maurs, Mors; Roscher no sol, da origem *mar* = brilhar; Preller fal-o descender de *mas*, o poder masculino, e d'ahi o mytho da vida e o genio da guerra.

Ninguem contesta, porém, a origem astral de Janus, — a mais peculiar de todas as fórmulas da divindade em Roma, e proventura a unica para cujo culto havia uma effigie particularmente italiana, diz Mommsen. Jano é a porta, é o que abre, é *dianus* «o brilhante»; mytho do verão e do dia, deu o seu nome ao primeiro mez depois do inverno — *januarius*. No ádito de Roma, ás portas da Italia culta, Jano abre a estrada da civilisação que o sol allumia, ao passo que Marte, fundido com o Quirino dos sabinos, empresta a sua lança á cidade soberana para impôr o seu dominio eminente á Italia e abrir o antigo pantheon dos pastores do Lacio aos deuses indigenas. Jano é bifronte, porque abre e encerra o dia; é como sol o esposo da

lua: Dianus-Diana. Quando Numa lhe ergueu a estatua no Forum, uma das faces olhava para o nascente, a outra para o poente. Jano é o *pater matutinus*, a luz creadora e geradora, esposo tambem de Juturna, a deusa das nascentes, e como tal progenitor, quasi-creator, supprindo vagamente a ausencia dos mythos cosmogonicos no pensamento espontaneo dos latinos.

Não é só Dianus-Jano, porém, o unico mytho solar da Italia: as reminiscencias aryanas são muitas e mais de um dos deuses do Gauges é venerado no Tibre (e no Ilissus) com o proprio nome remoto. Urano é Varuna; Jovis-pater, Jupiter, é Diespiter, Diaus-pita: o céu azul do crepusculo e o céu brilhante do dia têm na India e na Italia o mesmo nome. A lenda latina de Caco, diz Mommsen, é o ultimo ecco d'esse antigo mytho naturalista aryano em que o divino galgo Saramâ, guardando para o senhor do céu o rebanho das estrellas, reunindo as nuvens para ordenhar «as vaccas celestes», conduzindo os mortos á bem-aventurança, se tornou entre os gregos Hermes, na historia enygmatica do roubo do gado de Helios.

As reminiscencias da noute selvagem encontram-se no culto sabino do obscuro Summano que, como todos os deuses da treva, é tambem o genio do ar carregado de nuvens nas tempestades meteorologicas. Porém os genios da noute são em geral femeas desde que a vida rural deu a eminencia aos mythos solares. Para além da Diana que chegou até nós confundida já com a Artemisa grega, depois da hellenisação do Olympo latino, houve uma Lua ignota, indigena, adorada na sombra dos bosques de Aricia, ás bordas do lago Nemi — genio obscuro da noute servido pelo seu demonio negro Virbio, cujo sacerdote era unguido com sangue hu-

mano sobre o cadaver do antecessor que devia matar em duelo depois de ter quebrado a haste do pinheiro sagrado.

A Diana hellenica tornou-se depois bemfazeja. Raiou no céu a deusa da manhan, Mater-matuta, ajudando as mulheres nos partos, ella que é a parteira do dia, celebrada nas *matralia* jocundas. Todo o ar illuminado canta a festa de Juno-Jovina, a esposa de Jovis, rainha e matrona do céu, que tem no bosque de Lanuvio a caverna sagrada com a serpente symbolica da geração, onde cada anno uma virgem lhe vae offerecer o bolo ritual. Regina-mater, a Juno é *lucina* quando a lua nova desenha no azul do céu a sua curva enygmatica. Então as mulheres gravidas consagram-lhe as sobancelhas que protegem os olhos, luz do corpo, e as sabinas estereis vão implorar a lua para que as fecunde. Cresce a onda das superstições entre as mulheres, conservadoras de todos os velhos ritos, amigas por instincto e genio da protecção dos fetiches que ajudam nas afflicções. . .

No céu romano, illuminado pelo clarão de Jove, não se dissipam as sombras, nem no pensamento religioso se dissipa esse medo proprio dos cultos animistas. A voz profunda do italiano não póde entoar os hymnos antigos na sua pureza innocente. Os deuses assustam, infundindo um medo semelhante ao dos espiritos: não é um temor metaphisico ou piedoso, é o temor do réu perante o juiz ou do devedor perante o crédor — assim se exprime Mommsen; não é a compunção profunda do semita perante a Omnipotencia, é o receio de gente dura, simples e terra-a-terra, o receio de ter faltado aos deveres para com os deuses.

Ainda no tempo de Numa os cultos romanos não tinham entrado no periodo idolatra, e Varrão lem-

bra com saudade os dias em que os deuses eram adorados *sine simulacro*. Não havia então em Roma templos propriamente ditos: apenas espaços sagrados onde se sacrificava e se orava em commum — curias e atrios com mesas simples onde se depunham as offerendas em cestos e bandejas. Os altares eram bancos de relva; já se não sacrificava gente: apenas animaes, apenas flores, fructos e legumes — a *mola salsa* de todas as festividades. Os vestigios do fetichismo eram evidentes nos symbolos ainda não substituidos por estatuas: a pedra de Jupiter (*Jupiter Lapis*), os animaes como o lobo e o pico de Marte, as arvores sagradas, etc. Uma lança cravada no chão é Marte, e a estatua de Jupiter elevou-se no Capitolio por imitação da Etruria. Nos campos, um tronco de arvore ornado de ligaduras e flores servia de deus. E ainda quando, depois de dois seculos (170 annos, diz Varrão), os templos romanos se encheram com as obras primas da estatuaria grega, ainda então Vesta, a deusa mysteriosa, continuou a ser adorada sem imagens — apenas na chamma perpetua que ardia sobre o altar do seu templo.

O medo do romano pelos deuses, esse sentimento opposto ao lyrismo appolineo hellenico, vem do cunho animista que a religião nunca perdeu, póde dizer-se, apesar das transformações por que passou. Ha deuses maus, os *ve-diovis*, ha espiritos das febres, das doenças, talvez até do roubo (*Laverna*); ha aparições phantasticas das lemures, mas não se observa aquella compunção profunda que é o sentimento proprio da mythologia quando sae da esphera realista do animismo para a esphera de um pensamento naturalista ou idealista. Propria e espontaneamente, diz Mommsen, a religião romana nada teve semelhante ao culto de



Apollo revestindo a moralidade positiva com uma auréola de gloria, nem ao culto de Dionysos, ou aos cultos chtonicos de Demeter-Persephone, cultos mysticos em que se exprimiam sentimentos profundos e absconditos.

Em Roma ha apenas um medo ingenuo e uma veneração simples. O romano vela a face para não encarar os deuses; o camponez treme de encontrar um fauno. Na oração a Pales, diz Ovidio: «Livranos de ver as dryadas ou o banho de Diana, ou Fauno quando passeia nos campos durante o dia.» E o medo é tal que, invocando os deuses, não se lhes pronuncia o nome: o homem, sabendo que ha pessoas divinas distinctas, não se atreve a individualisal-as quando ora: «Sive deo, sive dea; sive mas, sive femina, sive quo alio nomine te appellari volueris!»

## 4.

D'este estado mental primitivo a consciencia romana formou, desenvolvendo-se, um typo mythologico seu proprio embora nos traços essenciaes muito semelhante ao parsismo, conforme observa Tiele. Na Persia e em Roma, os elementos moraes ou ethicos imprimem um cunho á definição dos mythos psychicos e astraes; os deuses tornam-se virtudes, e este desvio da evolução normal synthetica faz com que ao lado das divindades principalmente saídas dos mythos astraes se mantenha o cortejo de genios oriundos das antigas almas. A mythologia, nas suas duas faces parallelas, não se chega a fundir n'um pensamento synthetico, como nos mythos de Osiris ou de Jehovah, e a separação primitiva das duas espheras mantem-se nos periodos avançados de evolução.

Por isso, muitos d'esses proprios deuses astraes, cuja determinação é sempre mais rapida e mais facil, póde dizer-se que nunca attingem em Roma a interpretação pessoal, ou anthropomorphica, por via de regra commum. As potencias naturaes que em epochas anteriores não chegaram a ser humanisadas ficaram na condição de espiritos, ou tornaram-se symbolos de idéas abstractas. Os deuses romanos casam pouco e raras vezes têm filhos. O genio da abstracção que a vida civilisada acordou poz ponto á vida imaginativa, e a mythologia foi abafada por um pensamento juridico. A idéa de ordem, entrando no Olympo em via de construcção, fixou as attitudes, organisou os elementos rudimentares ainda, e manteve severo, immovel e monotono um edificio ainda não rematado. O Olympo ficou, pois, regular, unificado, como a *urbs*; mas dentro das muralhas da cidade não cabem a compuncção, nem a piedade, essencias sentimentaes da religião. O desenvolvimento da civilisação como typo social e como idéa juridica abafa o desenvolvimento mystico dos mythos.

Uma faculdade innata de analyse abstracta dá feições proprias a muitos d'esses proprios mythos em que o grego põe uma expressão de individualidade ideal. Jupiter e Juno tornam-se representações summarias da humanidade nos seus dois sexos; Dea, Dia ou Ceres torna-se o principio do poder creador, Minerva figura a memoria, Dea-Bona a bondade. O Olympo não tem pois dramas; a sua arvore da vida seccou, os deuses são principios abstractos, os cultos são formulas. Varrem-se da lembrança os mythos mais geraes da cosmogonia e da anthropogenia: a imaginação abafada pelo pensamento rigido não tem mais curiosidade. Por tudo isso o romano inventa una palavra sua

que se tornou universal — Religião, isto é, o laço que une, congrega, *religa* os homens na observância de um corpo de leis dictadas por uma corporação de juizes abstractos ou divinos.

E' sabido quanto os elementos estranhos de varias origens concorreram para formar o pantheon classico de Roma. A Etruria, o Oriente, a Grecia principalmente, tiveram um papel eminente n'este movimento de absorpção que data da epocha dos Tarquinius. De um lado observa-se a introdução de deuses novos que mudam de nome para se nacionalisarem, como *Hermes* donominado *Mercurio*, *Athena* *Minerva*, *Persephone* *Proserpina*; do outro vê-se a fusão dos deuses distinctos, gregos e italos, representantes porém de um mesmo mytho original, como *Venus*, a *Feronia* dos sabinos, umbrios e etruscos, dos latinos e dos volscos; a *Flora*, a *Murcia*, indigena da Italia, identificada com a *Aphrodite* grega; vê-se *Bakchos* fundido com *Liber*, *Demeter* com *Ceres*, *Artemis* com *Diana*, etc.

Todavia este facto da nacionalisação de divindades estranhas e da fusão de nacionaes com forasteiras é apenas formal ou exterior, porque os deuses estrangeiros nacionalisam-se religiosamente em Roma. N'essa idade dos reis, em que a cidade soberana se construia idealmente, a revolução intima e grave está na expressão abstracta que os mythos adquirem no *Capitolio* da *urbs*.

*Jupiter*, mytho do céu e da luz, da paz e do raio, summa dos phenomenos metereologicos, torna-se na éra dos Tarquinius, diz *Preller*, um deus politico e social: *Jupiter optimus, maximus*, soberano ideal, *rex* dotado de todos os attributos da monarchia. Os feciaes, seus sacerdotes, são os magistrados supremos da republica, o seu culto é

o pacto social. A verbena sagrada colhida *ex arce* com a raiz e o torrão e levada nas procissões rituaes pelo *verbenarius* diante do fecial, symbolisava o territorio inteiro da cidade e o laço religioso dos cidadãos. Ligados pela lei, tinham em Jupiter o deus do juramento — Jupiter-fidius — pelo qual o fecial jurava os tratados e alianças, empunhando a lapide herdada do fetichismo já remoto mas ainda tradicional.

Em Jupiter unifica-se o pantheon e quasi se póde dizer que se attinge um monotheismo: tal é a distancia que separa esse deus de todo o cortejo de deuses e genios. Elle é o principio de unidade mythologica, percebido na soberania da lei e na religião da fidelidade. Velhos deuses como Fides, como Terminus, são quasi absorvidos, ficando como hypostases ou attributos da divindade: Fides é a consciencia e a honra do cidadão, attributo de Jupiter-Lucetio; Terminus é a ordem, o limite — *Jovis terminus*.

O passo que apenas falta dar para dissipar de todo as nevas da indeterminação mythologica, deu-se quando no Capitolio romano se ergueu a estatua da Fides-publica — a consciencia do povo romano. Dissipado o mytho primitivo, ficou a idéa ou o nucleo representado n'um «mytho do pensamento»: o deus é um principio de moral abstracta, o Olympo é a cidade, a religião é a lei positiva, o sacerdocio é o magisterio, o culto são as ceremonias sociaes, politicas.

E a piedade? O duro romano, cidadão por genio e qualidade eminente, sentia poucas necessidades mysticas. Secco e forte, bastava-lhe para deus a consciencia moral: era stoico antes do stoicismo que appareceria mais tarde como a philosophia d'este instincto. Entretanto, a humanidade não

prescinde d'essa ordem de chimeras que são a parte mais doce da existencia e como que o fundo vago, enfumado, em que as realidades se desenham nos seus contornos nitidos. Assim os corucheos e minaretes de uma cidade se recortam com dureza no horisonte immenso, indefinido.

Roma, atrophinando com abstracções o desenvolvimento aereo das vegetações imaginativas, abafando a mythologia com a religião jurista, deixava por isso mesmo abertas as portas ao formigar das superstições archaicas. Assim na China a moral de Confucio, varrendo para longe a mythologia, é a conservadora do animismo. Tambem em Roma, ao lado da religião publica ou social, cada homem tem o seu genio, cada mulher a sua Juno, cada objecto, cada acção, cada qualidade, cada momento, cada um dos deuses até, o seu espirito, ou a sua alma. Esse bando de espiritos aereos da phantasia, como os insectos alados que repellimos com a mão, volta zumbindo, sussurrando, mordendo, porque o pensamento, em vez de os fundir n'uma synthese, como a de Jehovah por exemplo, julgou supprimil-os negando-os.

Elles voltam, e não voltam só com a fórma primitiva de almas: voltam nos *Indigitamenta*, esses roes de genios em que a abstracção romana quer fazer para as creações da visão psychica o mesmo que realisou para os grandes mythos astraes. O *Indigitamenta* são as listas dos deuses especiaes e exclusivos que acompanham os actos da vida desde o berço até ao tumulo, attendendo ás necessidades mais communs, como o alimento, a moradia, o vestuario. Vaticanus é o que dá o primeiro grito á creança recém-nascida, Fabulinus o que soletra a primeira palavra, Educa o que ensina a comer, Potina o que ensina a beber, Cuba

o que mantém o berço quieto; Abeona, Adeona, Iterduca, Domiduca ensinam a andar, etc. E' a formação completa de um animismo, em vez de espontaneo, systematico, em vez de imaginativo, abstracto.

O genio juridico-social que assim transfórma o animismo sem lhe alterar a essencia, proseguindo, reage sobre o Olympo abstracto e ataca a solidez do monotheismo instavel. Crescendo todos os dias o numero dos *genii*, os attributos destacam-se das divindades, e a religião romana, que no principio é um polydemonismo, é no fim uma phantasmagoria. O terror e a pallidez nas batalhas, a paz e a liberdade, a esperança e a boa-sorte, tornam-se objectos de culto real. Depois de terem elevado Fides no Capitolio, os romanos levantaram ahi Concordia, Pudicitia, Mens, Pietas, Æquitas; depois Constantia, Liberalitas, Prudentia; depois Securitates-sœculum, Indulgentia-domini-nostri, Clementia Cæsaris. As *virtutes*, primeiras que se tornaram *genii*, destacaram-se dos deuses cujos attributos eram: *fides* de Jupiter, *concordia* de Venus, *pudicitia* de Juno, *mens* de Fortuna. Depois, cada sentimento, cada idéa moral, foi individualisada; e por fim quando a evolução social chegava ao seu destino na constituição do imperio e quando o pensamento religioso déra tudo quanto era capaz de produzir, viu se claramente expresso o termo ultimo da religião, identico em todas as religiões — a apotheose do homem. Esse é o cerne do mytho de Deus, espelho vago em que nos vemos a nós mesmos. Roma divinizou Cesar, a Judêa fez outro tanto ao seu Messias.

## 5.

Acabando, a mythologia romana demonstrava uma vez mais a constancia dos problemas metaphisicos inevitaveis, e das necessidades mysticas imprescindiveis. Com o seu genio abstracto pensou dissipar o nevoeiro das almas, e reduzindo o Olympo á Urbs, a piedade á moral, sem resolver nenhum problema, apenas soube vestir com abstracções os bandos de espiritos que ondevam no ar. Chamou-lhes *genios*: a imaginação popular, sem perceber as abstracções sacerdotaes, continuou a tel-os por almas, e a vel-os, a sentil-os, não na clareza do pensamento, mas nas sombras da noute durante os sonhos, ou á luz do dia nas allucinações da vigilia.

As invenções dos doutores exprimiam apenas em fórmulas cultas a grosseria ou o acanhamento do genio da raça — eminente para vida pratica, incapaz de elevação poetica ou mystica. Do medo primitivo extrahiu ella a idéa de um pacto entre os genios ou deuses e os homens. As relações transcendentales foram como as civis, os ritos como o processo, para essa gente de legistas que via nos crimes offensas aos deuses, e que fez do direito penal um direito canonico, da religião um codigo, secando com o espirito juridico o desenvolvimento do pensamento artistico e metaphisico, ou mostrando n'esse espirito a ausencia de sementes de tal pensamento.

No tribunal e no templo a formula é tudo. «Qui virgula cadit, causa cadit» diz a jurisprudencia. A religião diz outro tanto. Não se pede compunção, piedade, candura, amor, no trato com os deuses: exige-se observancia dos ritos no sacerdote e

no crente. A oração deve ser proferida com clareza e nitidez, sem hesitações, nem duvidas. Ex-tasis, contemplação mystica, não existem: o romano é positivo e pratico, e os deuses que concebeu são (como os deuses são sempre) a imagem ideal do genio que os creou.

Por isto abundam os traços que demonstram no romano um temperamento moral forte na estreiteza — alguma cousa semelhante por varios lados ao genio dos inglezes modernos. Tito Livio conta de uns soldados que na vespera da rebellião, temendo o perjurio, pensavam em matar primeiro o general: o crime era a infracção do juramento prestado nas mãos d'elle, não era o assassinato.

A propria *castitas*, tão venerada, vinha das lustrações, das fumigações, das aspersões sagradas. A oração tinha um poder magico: alterar-lhe as fórmas era o peccado, peccar apenas um erro. A pureza é o vestuario limpo: « *Casta placent superis, pura cum veste venite* » diz Tibullo. O Flamen dialis não podia tocar objecto impuro, nem ouvir as nébias pelos mortos, nem pisar o chão de uma sepultura. O horror á morte prova a exterioridade da religião: só é intima a que se praz na contemplação do fim.

Cada um dos deuses era ainda, foi sempre, o espirito de um acto, o patrono especial de um momento. Escolher, pois, o verdadeiro deus que se deve invocar, importa o mesmo para o sacerdote, que para o advogado o determinar a maneira de propor uma demanda: a oração é um debate com os « superiores ». Causidico, o sacerdote, vacillando, appella para a ambiguidade invocando Jupiter O. M. « *sive quo alio nomine te appellari volueris* » — optimo, maximo, ou qualquer outro nome por que te agrade seres invocado! Escolhido o deus, e as-



sente a fôrma do processo, os canones marcam es-  
pcciosamente as maneiras de pedir : se dedica um  
templo, o sacerdote segura a porta; se invoca  
Tellus, bate no chão; se se dirige a Jupiter, le-  
vanta os braços ao ar.

O culto é uma especie de magia, a prece como  
uma evocação, o sacerdote um feiticeiro — porque  
de facto, embora petrificada em abstracções, a  
mythologia romana não sae completamente da es-  
phera do animismo. D'entre os ramos da familia  
indo-europêa o latino, quaesquer que sejam as  
causas determinantes do phenomeno, apresenta,  
com effeito, um caso de paralyção de desenvol-  
vimento na esphera da mythologia. Estará o motivo  
do phenomeno no desenvolvimento excepcional que  
deu ás instituições civis e politicas, á idéa do di-  
reito e aos preceitos da moral? Talvez. A defini-  
ção da cidade social parece ter reagido sobre a  
definição da cidade mystica, fixando-a n'um ponto  
rudimentar e imprimindo-lhe um cunho estranho.  
O idealismo ingento do aryano vasou-se aqui  
em moldes juridicos, tomando por typo a Jus-  
tiça e por norma o Character: a metaphisica e a  
poesia voaram, fugindo, do seio forte e duro d'essa  
gente pratica.

D'ahi resultou uma religião official, severa, for-  
malista e secca. Accessivel a todos, capaz de ligar  
fortemente a mediania da gente na sua mediocri-  
dade constante, a religião romana era adequada  
a uma nação de dominadores e conquistadores:  
religião de ferro e formulas, sem as hesitações do-  
ces do mysticismo. Mas quando o imperio es-  
tremecendo propoz a crise, essa religião omni-  
potente para o mando viu-se mesquinha para a obe-  
diencia: os servos e os infelizes carecem de deuses  
que os consolem! Deu-se então alguma cousa simi-

lhante ao aspecto da agua n'um charco se se resolvem os lodos do fundo. Conturbou-se tudo, e o cõro de gritos desordenados, as loucuras desvairadas que surgiram, deram a prova de quanto era inconsistente o edificio do Capitolio começado desde o tempo dos reis.

Isso a que os philosophos chamam *superstitio* é para o povo a verdadeira religião: um animismo primitivo que o culto vestia de trajos classicos, mas que nenhuma theologia digna de tal nome pudera resolver em mythos syntheticos dos mysterios astraes e psychicos, em «mythos do pensamento» (para usarmos da expressão que adoptámos) equivalentes aos de Osiris ou de Jehovah, — synthese da substancia no Egypto e synthese da vontade na Judêa.

Não ha duvida que, no meio da tempestade de loucura animista, da vertigem mystica da quéda do imperio, surge o pensamento atheu com a sua critica ou o seu sarcasmo, mas esses factos sporadicos são prematuros. Para que o espirito humano chegue a dissipar de todo a nevoa mythica, vendo-se a si na sua propria invenção, é mistér que essa vegetação espontanea alargue os ramos, crescendo, até cair por fim, esgotada a seiva. Quando a querem derrubar a machado, nascem das feridas rebentos mais viçosos. Por isso o criticismo antigo não fazia senão precipitar cada vez mais o romano no desvario da allucinação animista, provocando um movimento regressivo em vez de incitar á marcha no sentido do progresso.

## IV

### A Grecia.

#### 1.

Fossem quem fossem os pelasgos, esses predecessores dos hellenos no solo grego, e a quem elles chamavam «filhos da terra negra» pelos considerarem autochtonas, <sup>1</sup> é facto que as tribus immigradas posteriormente, em vez de exterminarem os deuses indigenas, os incluíram no corpo das suas mythologias.

Esses deuses attestam os momentos primordiaes das creações imaginativas, mostrando uma vez ainda a constancia da evolução dos pensamentos e fórmas mythicas. Diz-nos Hesiodo que o «reinado» de Zeus foi precedido pelo de Varuna, noticia que, traduzida criticamente, significa a precedencia do mytho do céu nocturno ou crepuscular do estado nomada, ao céu luminoso da vida agricola. Nos animaes que posteriormente são os companheiros ou servos dos deuses, vê-se tambem o resto do animismo zoolatra em que esses animaes eram os proprios deuses: a aguia de Zeus, o lobo de Apollo, o mocho de Athenea, etc. Por outro lado, encontram-se numerosos fetiches, com a vara ou «sceptro» de Pelopidas em Cheronea, como as pedras sagradas de Delphos e outras; como, entre

<sup>1</sup> V. *Raças humanas*, I, pp. 175-8.

muitas arvores, o carvalho de Dodona, no templo do Zeus pelasgo do Epiro que adquiriu um lugar eminente na mythologia dos gregos, continuando-se a ouvir o oraculo no ciciar da ramaria da arvore santa. Os seus fieis, *selloi*, foram tantos que d'esse nome, diz Tiele, veiu o nome nacional de hellenos substituir a antiga denominação de *grai-koi*. Oraculos de um povo rural, os pelasgos ou os gregos primitivos adoravam ao lado de Zeus uma deusa que em Dodona se chamava Dionê, em Olympia Hera, adorando tambem em Pan um fauno protector das pastagens e das cearas.

N'este momento remoto, as mythologias posteriormente divergentes de italos e gregos denunciam uma identidade. Diovis-Jupiter é o proprio mytho de Dyaus-Zeus, Vesta é Hestia, Juno é provavelmente Dionê; Jano, ao que se pretende, corresponde á fórma grega de Zen; Mars e Ares são identicos; Neptuno, o Apâm-napat dos antigos aryanos, não apparece, perdeu-se entre os gregos. O leitor sabe que a theoria da identidade primordial dos povoadores da Italia e da Grecia, isto é, de que a Grecia foi povoada por um ramo de italos é accete por mais de um mestre em ethnogenia.<sup>1</sup> Mas, ao passo que a formação da mythologia latina se fez sobre si, vindo a soffrer influencias não-aryanas só em tempos já plenamente historicos, as immigrações de italo-gregos na Grecia foram successivas, e a ultima, a dos doricos, no XII seculo antes da nossa éra, lançou para a Asia-menor os eolios, os achaios, os jonios, pondo essas familias hellenicis em contacto proximo com os phrigios e com os semitas da Phenicia.

<sup>1</sup> V. *Raças humanas*, 1, pp. 180-1.

D'esse contacto resultou a civilisação brilhante que precedeu a grega propriamente dita e avassalhou a costa occidental da Asia-menor e Creta, com a supremacia dos lydios na Troada e na Lycia e com o reino poderoso de Minos. Da penetração dos povos diversos no extremo golpho mediterraneo, da disputa das colonias em que o grego succedeu ao phenicio, <sup>1</sup> veio a introdução dos elementos não-aryanos no corpo da mythologia rural primitiva. Na tradição troyana vê hoje a critica os documentos da justaposição: ao lado de nomes assyrios como Ilos (Ilu) e Assarakos, ha nomes phrigios como Kapys, Dymas, Askanios, Kassandra, e puros nomes gregos como Andromacha, Ashtyanax, etc. Curtius, o perspicaz e sabio historiadador da Grecia, demonstra o facto, nos nomes duplos de mais de um dos personagens da epopêa troyana, como Paris-Alexandros, Dareius-Hector, nomes em que a primeira fórmula é phrigia, a segunda grega.

O mytho do heroe, mytho do pensamento semita no qual o medianeiro (que por varias fórmulas a imaginação nunca póde deixar de conceber), é um homem e um luctador—isto é, a vontade omnipotente tornando-se real e por isso limitada embora descommunal na força e na piedade—o mytho semita do heroe, dizemos, nacionalisou-se grego. O Sandâm assyrio, Samsão israelita, Melkarth phenicio, fez-se Melikertes ou Makar e encarnou no Herakles neo-aryano, que com Dionysos, Danaos, Argos, Agenor e outros representam a pleiade propriamente grega, a cujo lado Cadmo, o irmão de Kilix e Phenix, vem assentar a tradição semita.

<sup>1</sup> V. *Raças humanas*, II, pp. 202-5.

Além do mytho do heroe com os seus trabalhos — noção distincta da dos eponymos cuja origem é em toda a parte autochtona por ser psychica — o grego, ao que se crê, recebeu do phenicio o culto dos planetas, a divindade das estrellas e a arte de representar os deuses por imagens. E além das modificações formaes que dão para logo á mythologia grega um character novo, observam-se influencias mais intimas que modificam a expressão religiosa do Olympo, por introduzirem na piedade simples do grego elementos de uma compunção profunda, dando um cunho de mysticismo metaphisico aos sentimentos que, entregues a si, os italianos formulam n'um ritualismo juridico.

Qualquer que seja o valor da palavra Kronos, é certo que nada ha de commum entre ella e o Chronos «tempo», e que o deus que mutila seu pae e devora seus filhos é de proveniencia genuina norte-semite: um deus da treva que devora a luz, deus da noute que absorve o sol, seu *filho* na fórma d'essa pedra que é Zeus, e que o *pae* é forçado a vomitar na manhan seguinte. O Olympo rural neo-aryano rejuvenescia-se de tal modo com mythos astraes formulados pelos semitas, e, assim como o Zeus pelagico de Salamis, modificando a sua phisionomia sob a influencia de Baal-Shalam, se tornava Zeus-Epikoinios, tambem o Zeus de Creta veiu para a peninsula e supplantou na veneração geral o de Dodona.

No empyreo feminino a lubrica Astarte ou Ashtoreth de Sidon, ou Istar de Babylonia, fez-se Aphrodite e os elementos que compunham a phisionomia sagrada de Tanith espalharam-se por outras divindades. Os mythos simples da florescencia rural ganharam assim na Grecia um

cunho que não tiveram na Italia — um fundo de expressão mystica genesiaca, expresso comtudo em fórmãs de uma poesia alegre, em vez de o ser nos ritos da orgia funebre. De tal fóрма o mytho ingenuo da Demeter benefica, a terra-mãe que fructifica em sua filha Kore, florida primavera creada por um Zeus protector da agricultura e distribuidor da abundancia: de tal fóрма, esse mytho rural genuinamente grego, adquire uma expressão mystica no mysterio eleusino em que a influencia estranha juntou a noção profunda da morte na pessoa da deusa obscura do mundo inferior que Poseidon torna mãe de Persephonê. Do mesmo modo, ao lado do mytho de Prometheu, mytho neo-aryano, com as suas paixões e attributos humanos, observa-se na lucta parallelã de Zeus e Kronos e Ouranos um drama cosmogonico de character e de origem semitas.

Assim, emquanto umas vezes a assimilação de elementos estranhos nos mythos indigenas é perfeita, como nos exemplos de Dionysos, de Apollo, de Athenea, outras vezes mantêm-se o duplo aspecto, como se observa na Artemisa joven, pura e casta, protectora da modestia e da innocencia, hostile a tudo o que é selvagem e lubrico; n'essa deusa hellenisada que o grego não póde mais identificar com a deusa sanguinaria e sensual da Taurida, da Asia-menor e de Creta. Hellisando umas vezes os mythos estranhos, introduzindo outras nos mythos ruraes indigenas as idéas mysticas dos povos visinhos, a Grecia coloriu com uma tinta esbatida de semitismo o corpo das suas invenções rusticas. A criação e a morte, a cosmogonia e a eschatologia imprimiram de tal fóрма um character metaphisico á mythologia ingenua, pondo as premissas de problemas que o pensamento dos philo-

sophos rumina, buscando explicar dentro do optimismo poetico dos neo-aryanos as invenções do pessimismo terrivel ou orgiaco dos semitas.

Da Asia-menor e d'esse movimento de penetração semita não veio porém á Grecia apenas a visão de uma cosmogonia suave, nem o receio vago da morte mysteriosa. O sol medianeiro ganhou tambem ahí uma expressão mystica; e Apollo, collocado ao lado de Zeus, n'um empyreo esboçado com linhas de piedade e justiça, tornou-se na imaginação da Lycia o rudimento de um futuro «mytho do pensamento» — o medianeiro ideal, verbo de justiça e amor, christo da theologia delphica.

## 2.

Pequenos symptomas dão a chave de grandes enygmas. Já dissemos que, orando, o romano velava a face: o grego olhava para o deus com a cabeça descoberta. Na attitude encontra-se a revelação do sentimento piedoso, e n'este a idéa que anima o mytho da invenção religiosa. O grego, perante o altar de Apollo em Delphos, não temia — adorava.

O mytho apollineo dos doricos é a mais elevada e a mais pura concepção religiosa do idealismo aryano — a mais bella invenção humana na região aerea da phantasia piedosa. No hellenismo, que tem em Delphos o seu nucleo, encontra-se a synthese suprema da mythologia aryana, formulada n'um «mytho do pensamento», isto é, n'uma invenção divina de caracter metaphisico e moral, filha, sem duvida, das representações imaginativas primordiaes, mas revestida e como que remodelada pelo pensamento piedoso. E' a religião de Eschylo, é ainda a de Sophocles — e por isso o thea-



tro grego do grande seculo é para nós, europeus, uma Biblia tão sagrada como os hymnos da compunção prophetica de Israel. . .

Já antes de Homero, em Delphos, no sopé do monte Parnasso, havia um oraculo famoso de Apollo. Zeus e Dionysos habitavam tambem o templo que se tornou sacrario da força dorica quando essas tribus hellenicas deixaram a Thessalia, e, emigrando, levaram por toda a Grecia o culto da divindade pythica. Delphos tornou-se a capital da liga amphyctionica e o centro da unidade nacional dos gregos da grande éra; os sacerdotes do templo ganharam uma influencia soberana nas instituições, nos cultos, nas festas; o oraculo pythico tornou-se a voz protectora da Hellade, e Apollo o órgão do hellenismo, n'esse periodo da hegemonia spartana que é o acume do desenvolvimento do idealismo mythologico dos gregos.

A legislação de Lycurgo foi sancionada em Delphos: o sanctuario do deus era o supremo tribunal da ordem e da paz na virtude limpida. Da Phrigia, da Lydia, da Italia inteira e até da propria Roma, vinham a Delphos consultar o oraculo de um templo onde o estrangeiro era hospede e não *hostis*, onde não havia lugar para os tropheus nem para as offertas sangrentas das guerras civis. Na placitude luminosa do céu do idealismo grego, o antigo optimismo solar do aryano attinge uma pura expressão metaphisica — é a ordem, a limpidez do coração piedoso. Ao passo que o romano punha toda a virtude no rito, o grego apollineo punha o merecimento inteiro no estado da alma: uma gota apenas da agua sagrada de Castalia bastava para a purificação, e nem todo o mar com as suas ondas seria capaz de lavar as nodoas do coração polluido!

O genio dorico, imprimindo assim um caracter metaphisico e moral ao culto apollineo, transfigurava tambem o Olympo inteiro, dando ao Zeus de Elis o cunho sagrado que fez d'essa região da Grecia a terra santa do hellenismo, depois da instituição dos jogos olympicos, durante a hegemonia de Sparta. O monotheismo, ou pelo menos um monarchismo olympico sob a soberania de Zeus, é o aspecto de unidade necessaria que na evolução formal do mytho exprime a sua idealisação. Zeus, — o ar luminoso dos primordios, o *dyaus* da mythologia aryana, ainda hoje Deus, — é absoluto, não á maneira de uma potencia voluntaria e creadora, conforme o concebeu o naturalismo dos semitas, mas á maneira de uma idéa synthetica, a idéa do « pensamento em si » do Universo. Hera, sua esposa, velho mytho lunar obliterado, embora se lhe opponha, é tão incapaz de o dominar como seu irmão Poseidon. O verbo da divindade é Athena e é Apollo, o medianeiro — ambos *filhos*. A genealogia mythologica é sabidamente o mytho da descendencia das percepções no seu encadeamento logico.

Em Athéna, a Mêtis, estava a razão em pessoa e a sabedoria do divino pae, que o acompanha e o inspira obedecendo-lhe, porque a sabedoria que é *filha* da nossa intelligencia, é ao mesmo tempo aquella que nos dirige, obedecendo-nos porém como instrumento da nossa vontade em acção. Apollo é o proprio Zeus humanizado, o *filho*, medianeiro ou verbo: cinco seculos depois, Zeus será o Padre-eterno, Apollo será Jesus, quando o messianismo de Israel, fundindo-se na Europa com as reliquias do hellenismo caído, produzir a mythologia christan. Tambem então Iris ou Hermes, os mensageiros da divindade no mundo, dentro da

realidade do qual o idealismo mythologico não concebe que a divindade pura possa manifestar-se, se tornarão archanjos revestindo os caracteres dos demiurgos e dos heroes que o povo rude, incapaz de attingir a sublimidade da interpretação theologica, continúa a *ver* nos lugares sagrados, continúa a implorar como medicos nas fontes maravilhosas que documentam os restos archaicos do animismo.

Já no periodo homerico, todavia, já antes da idade pura do idealismo dorico, a mythologia dos hellenos apresenta um estado de anthropomorphismo que manifesta ao mesmo tempo a linha do seu desenvolvimento e um vicio organico, tambem, na sua constituição. Os deuses perderam já todo o character nebuloso de mythos astraes: são concebidos como homens d'um mundo superior contraposto ao mundo real, que só se distingue d'elle por ser finito. Assim tambem os olympicos se distinguem dos homens principalmente por serem immortaes, não por virtude de um principio transcendente ou ideal, mas apenas pelo fluido particular que em vez de sangue lhes corre nas veias: o *ixog* da mythologia achaia é a *sôma* da mythologia vedica. Desenvolvendo-se, pois, porque a humanisação dos deuses extrahidos dos mythos é um progresso, a mythologia mantinha-se no terreno de um realismo infantil conciliavel com todas as allucinações do animismo. As aparições de almas nebulosas eram visões de homens transfigurados, o Olympo uma phantasmagoria, a mythologia uma fabula—e, sobre esse chaos de pensamentos, a morte indefinida e obscura pairava, como nos proprios mythos primitivos, na fórmula de uma guela aberta para tragar os homens—para tragar o proprio Olympo, quando as idéas do Egypto e os cultos do Oriente viessem invadir o solo da Grecia.

Mas o instincto de idealismo que corria no cerebro dos gregos, como piedade em uns, como poesia em outros, como religião nos doricos, e como arte em Athenas, dava já nos tempos homericos aos deuses recebidos primitivamente dos ascendentes aryanos e dos semitas na Asia menor, uma côr sua propria. Hermes, o antigo mytho aryano do vento conductor das almas, podengo de Yama no céu vedico — mytho conservado na sua pureza ainda visivel nas fabulas que a imaginação poetica lhe attribue, como o rapto das vaccas (nuvens) de Apollo, a morte de Argus, o duello com Stentor, etc. — Hermes torna-se na mão dos gregos o medianeiro e o arauto de Zeus, e o deus da musica, da eloquencia, da rhetorica dos argumentadores. Por outro lado, Aphrodite, a deusa phenicia de Chipre e de Cythera (Astarte-Ashtoreth-Istar) que os gregos adoptaram com Kinyras, com Adonis, com Pigmalião; deusa semita que (como o leitor viu) era o mytho da fecundidade geradora da agua combinada com a influencia genesiaca da lua; Aphrodite, dizemos, sáe da onda como o typo da belleza e da graça na alvura da espuma e na fluidez voluptuosa da vaga ondeante, vivendo no Olympo como a deusa da primavera nas suas flores, da geração no seu erotismo.

Dir-se-hia que o mundo, com os mysterios profundos que o agitam, apparece ao grego como uma paysagem suave, de contornos breves, sempre graciosos, n'uma atmospherá de luz doce e perfumada. A sua vista não penetra o mysterio, ao seu olfacto repugnam as exhalações do laboratorio da vida. O dia corre placido, a onda brinca sobre a praia loura, o sol scintilla nas mattas de loureiros viçosos: a vida é alegre, a falla um canto, como o do rouxinol, de uma melodia nitida

e breve. Tudo é classico em belleza harmonica. Do conductor das almas no céu profundo fez-se o mensageiro alegre de Zeus; do mytho obscuro da geração, a voluptuosidade encantadora do amor.

Ao idealismo esthetico veio o dorico dar uma expressão piedosa. Podia o grego entoar outra vez o canto largo dos hymnos vedicos? Não. A Grecia é minuscua diante da Asia; o Parnasso uma collina diante do Himalaya. O canto que se ouve em Delphos é fugitivo: ha apenas um Eschylo, como um dia de sol claro e forte no meio de uma longa primavera amena. As leis de Lycurgo são tanto um esforço como a piedade ideal de Eschylo: o grego, fatigado de heroismo, ambiciona a vida solta da democracia, e o culto alegre de Dionysos, enchendo os bosques de murta e louro com os sons festivos da flauta amena.

A hegemonia spartana cáe, cáe a aristoeracia dorica, despova-se o sanctuario de Delphos, Athenas succede a Sparta, depois que a Grecia attingiu a gloria batendo o persa. Victoriosa, torna a si, relembrando-se do passado alegre e solto.

## 3.

Deve-se attribuir ao contacto remoto dos gregos com o naturalismo profundo dos semitas o character superior que tem a eschatologia hellenica, se a comparamos á latina? E' natural. A semente do christianismo europeu foi lançada á terra doze ou quinze seculos antes do apparecimento de Jesus e da crise que revolucionou a mythologia classica.

Entretanto, nas concepções da vida ultra-tumular encontra-se o mesmo dualismo que observamos no systema dos mythos astraes: a penetração

dá-se, mas vê-se ao mesmo tempo um parallelismo nos elementos que não puderam chegar a fundir-se. A morte semita, realista, faz do defuncto um ser que existe em sombra, sem acção nem consciencia, prolongando melancolicamente uma vida como a real, uma vida escravizada ao designio da vontade transcendente. E ao lado d'esta vê-se a morte indo-europêa com os seus mythos de viagens afortunadas em que a alma era levada para o occidente ao pôr-do-sol, entrando nas ilhas abençoadas do Elysio.

Os mortos de Homero tem uma existencia ultratumular realista. A formula usada ainda hoje «que a terra lhe seja leve!» vem d'então; o defuncto reclama domicilio, alimentos, vestuario: por isso lhe dão sepultura, por isso ha banquetes e offertas funebres. Que lhe não faltem amantes! Quando, tomada Troya, cada qual voltava a casa trazendo consigo uma captiva, os gregos immolavam Polyxena aos manes de Achilles para que tambem elle tivesse no outro-mundo a sua parte de regalos.

Os proprios heroes vivem no tumulo como os mortaes, apparecendo como almas-penadas. O seu culto é um systema de praticas fetichistas ou animistas, em que se vê o residuo das invenções primitivas. Os marinheiros que navegavam no Pontocuxino, ao passarem á foz do Ister, onde estava o tumulo de Achilles, viam o heroe, divinamente bello com a sua armadura de ouro e os seus cabellos louros, dançando e cantando um *pean* de victoria. Os habitantes da Troada diziam que Hector habitava a sua terra, e viam-no tambem ás noutes nas exhalações dos relampagos illuminando a campina. Em Marathona appareceu o espectro de Theseu vestido com uma armadura de luz a guiar os batalhões gregos contra os barbaros. Em

Salamina, conta Plutarcho referir a lenda que no decurso da batalha surgiu uma grande luz do lado de Eleusis e a planicie desde Thriasia até ao mar repercutiu vozes confusas como de multidão cantando o côro mystico de Iacchos. Viu-se uma nuvem de pó ir subindo pouco a pouco nos ares, depois baixar e cair sobre os navios; viu-se no céu uma legião de homens armados vindo desde a ilha de Egino em socorro dos triremos dos gregos. A allucinação collectiva, nos momentos febrís das batalhas, não acabou com os gregos: todas as chronicas de todas as nações modernas estão cheias de milagres similhantes. Na exaltação do perigo, o fundo de instinctos humanos sobe como uma erupção, e o pensamento, por claro que seja, conturba-se na multidão delirante.

O heroe grego é como o penate latino, como o santo christão — ou um protector local, ou um antidoto contra certos males. Contava Isocrates que uma sêcca assolava a Grecia, quando os habitantes de Egino resolveram fazer preces *ad petendam pluviam* a Eaco: o filho de Zeus intercedeu e o flagello cessou. O poeta Stesichore cegou por ter fallado mal de Helena, mas confessando o seu erro, Helena restituiu-lhe a vista. Nas suas luctas, as cidades oppunham os seus penates: quando Argos invocava Adrasto contra os inimigos, Clisthenes soccorria-se a Melanippo. Os restos dos heroes eram um thesouro, como o foram depois as reliquias dos santos na Edade-media. Quando Cimon cercava Skyros, a Pythia, consultada, respondeu que Athenas só venceria se trouxesse para dentro de seus muros os restos de Theseu. O resto do heroe, ou do santo, é um fetiche, mas no facto do nome e da personalidade nitida vê-se todo o progresso d'este mytho sobre o dos penates innomina-

dos de Roma, espiritos que ainda não chegam a ser gente. A individualisação *anthropomorpha* é o processo constante da evolução de todos os *mythos* animistas, e, como Tiele diz, uma divindade sem nome denota uma potencia que ainda não foi humanisada.

Todo o pantheon grego, astral e psychico, superior e inferior, *numina* e *genii*, para usarmos dos termos latinos, nos apparece já sob o aspecto de figuras humanas. E já em Hesiodo vemos tambem formulado o *mytho* das ilhas beatas, região mysteriosa, Elysio de delicias reservado para alguns heroes e para raros mortaes, como Radhamanto ou Meneláo, Diomedes, Harmodio e Aristogiton. Comtudo, se dos heroes só Herakles entra no Olympo, tambem dos mortaes são poucos os que deixam de obedecer ao destino commum da humanidade — o obscuro Hades. A idéa de que a personalidade consiste nos membros e o principio da vida no diaphragma, implica a noção do acabamento com a morte. O Tartaro, residencia dos tytaens vencidos, onde habitam Sisipho ou Ixion e Tantalo, é tambem um destino excepcional reservado aos grandes *mythos* do crime. Absorvidos no nada os homens na sua generalidade, e errantes na terra como divindades chtonicas os heroes, a eschatologia grega mostra-nos uma construcção inconsistente na qual a doutrina das penas e castigos é apenas o privilegio de seres excepcionaes, ou a consagração moral de velhos *mythos* animistas.

O espirito mystico não profundou ao ponto de incluir a humanidade inteira n'um destino accentuado por uma idéa moral, saíndo comtudo da esphera nebulosa da indeterminação animista absoluta. Sobre o fundo do nevoeiro das almas desta-



cam-se illuminadas com a luz do Elysio, ou agri-lhoadas no Tartaro, pessoas que, sendo typos, não conseguem chegar a representar no seu todo a familia humana. O pensamento religioso oscillava indeciso: proseguiria na estrada luminosa do idealismo apollineo? ou inclinar-se-hia fatigado de tensão heroica, para o mysticismo realista, accessivel ao commum, facil, ingenuo, e alliavel á divinisação espontanea da natureza?

## 4.

Nós já indicámos o caminho que a Grecia tomou. O culto de Dionysos e o mysterio de Demetêr, nas suas origens aryanas eivadas já de mysticismo orgiaco e de phantasmagorias penitentes, servia aos tyrannos melhor do que o culto de Apollo, o ideal creador dos heroes. Porventura a capacidade dos gregos não chegava para constituir em norma o estado de elevação mental que a nação attingiu na pessoa dos grandes homens do v seculo; ou acaso foi a sua historia que, dando a hegemonia ás plebes, impoz á sociedade como typo um pensamento mythologicamente archaico e metaphisicamente inferior. Com effeito, os sacerdotes de Delphos, não chegando a constituir-se em classe dominante como os brahmanes, não poderam tirar do culto apollineo uma religião theologica á maneira da India. O hellenismo ficou ondeante como theologia, sem se consolidar como religião: da mesma fórma, como um esboço, ficou o socialismo spartano. Um e outro viverão até ao fim: Platão virá representar as reminiscencias classicas eivadas de todos os elementos posteriores dissolventes que o povo, dominando na pessoa dos tyrannos ou dos demagogos, vae introduzir, rea-

gindo contra uma idéa de ordem superior e de liberdade moral que não attinge.

Pisitrates e os seus successores favoreceram a expansão do culto de Dionysos que as massas acclamavam chorando no mysterio sagrado de Demeter, em Eleusis. Onomakrito deu ao mytho do deus da Thracia um novo requinte mystico. Pindaro, iniciado nos mysterios eleusinos, desenvolveu os dithyrambos coraes bacchicos, lançando a semente d'onde nasceu o theatro. Surgiu então a grande éra de Eschylo e de Phidias, momento de equilibrio fugitivo em que o idealismo grego se manifesta como arte na Athena do Parthenon e no Zeus de Olympia, manifestando-se como pensamento nas tragedias do propheta incomparavel. Ahí, n'uma combinação excepcional, apparecem as licções nitidas como os raios do puro hellenismo dorico, fulgurando sobre o firmamento profundo das sombras mysteriosas de Eleusis. Apollo coroadado de gloria heroica destaca-se da nuvem da indeterminação, como um medianeiro e um verbo — como um mytho puramente racional.

Mas por isso mesmo a imaginação vulgar com as suas necessidades de mythos realistas não é capaz de attingir a sublimidade da fé, pura de representações nitidas. O instincto da grosseria domina-a. O semita creou com elle Jehovah, que absorvendo tudo na sua vontade absoluta, não implica duvidas por isso mesmo que destroe o homem. O grego, chegando aos confins do pensamento, para além de Apollo punha Zeus — e para além de Zeus? Para além de Zeus, a Moira — a fatalidade, um deus innominado e por isso obscuro, uma guela de sombra que, exprimindo a obscuridade da morte, estava aberta e imminente para tragar o Olympto inteiro. Todo elle lhe obedecia.

O grego que não podia achar theoria para a morte, deixava com una ferida aberta as suas bellas e eternas theorias da vida. Morte e vida explicam-se reciprocamente no seio da natureza inconsciente em transformação constante, e no seio da força, — pensamento, ou vontade — immanente e eterna. A Moira grega é como a rocha escura do recife remoto onde vae naufragar a bella nau, na sua viagem pelos mares de Aphrodite doirados pelo sol de Apollo.

Por cima de ambos, natureza formosa e creadora e idéas puras e piedosas, por cima de ambos, paira o clarão de Zeus; mas o pensamento indaga, ao cair da noute, ao cair da vida, qual é o Principio: se a Moira innominada, ou Zeus conhecido? Nasceu o dia da noute, ou a noute do dia? Manda a vida sobre a morte, ou a morte sobre a vida? Emquanto este dualismo mythologico se não resolve n'um mytho synthetico, á maneira do de Osiris ou de Jehovah, o pensamento fluctua indeciso, e a religião precaria. A situação a que o hellenismo chega, é aquella a que chegou a mythologia dos Vedas. Dir-se-hia que ao aryano faltava a capacidade para definir a morte com a sua repugnancia ingenita pela sombra. Mariposa, voando em torno da luz, ia queimar-se n'ella.

Introduzir a moralidade social no Olympo humanizado, fazer dos deuses typos de virtude e piedade, de heroismo e abnegação, já o grego conseguira, desenvolvendo a sua mythologia astral. Doirar esse Olympo com uma compunção suave e até uns longes de penitencia mystica, pudera tambem fazel-o depois da educação recebida na Asia-menor. Mas fundir os mythos do sonho e da sombra com os da luz, a morte com a vida, a noute com o dia, isso não. Emquanto o pensa-

mento alado subia no ether, a meditação profunda conservava-se nas regiões sombrias do animismo psychico, conseguindo apenas pôr á frente da legião dos espiritos phantasticos um mytho negro, innominado e informe — a Moira.

No dia, pois, em que a crise ameaçou as instituições e as idéas, alastrando sobre a Grecia a invasão de gente e de cultos de todas as partes, n'esse dia o povo afflicto pela obscuridade da sua sorte, dorido pela crueza dos males da sua vida, parado diante do enygma da morte, absorto perante a visão negra da Moira — o povo lançou-se nos braços de todas as supérstições velhas e novas que pullulavam nas cidades maritimas como as flôres de peste nas lagoas putridas. Os deuses de fóra sopram no lar os mythos animistas, o ar povoa-se de phantasmas, as ruas de santões, adivinhos, magos, ventriloquos. Multiplicam-se as sociedades secretas, os conventiculos mysticos. Toda a gente endoidece, e Alexandre, na sua loucura épica, imagem da allucinação universal, é o Ante-christo. A religião nova, formada com os detritos de tudo o' que a historia trouxe para as praias mediterraneas, vae apparecer iniciando a Edade-media, periodo de gestação mythologica egual por tantos lados aos periodos primitivos.

---

# LIVRO QUARTO

## A mythologia christan

---

### I

#### Crise da mythologia classica

##### 1.

O desenvolvimento da civilização antiga poz, como é sabido, em contacto as mythologias já diferenciadas da Italia e da Grecia com as dos semitas e dos egypcios. Não é menos sabido tambem que a mythologia latina obedeceu no seu desenvolvimento a poderosas influencias hellenicis, em periodos já claramente historicos e quando a mythologia dos gregos, a principio identica á italiana, se constituiria tambem já sob a influencia de elementos phrigios e phenicios.

No ponto de vista a que obedece o nosso estudo, nós podemos, pois, reunir agora n'um só corpo os dois ramos da mythologia classica, para observar a acção dissolvente que tem sobre ella as duas noções profundadas pelo pensamento dos semitas e dos hamitas, isto é, a Morte egypcia e a Vontade hebraica. Parece-nos ocioso insistir de novo sobre a theoria da formação d'estas duas noções que os povos da costa austral do Mediterraneo formulam nos seus mythos theologicos ou «do pensamento». Parece-nos tambem desnecessario vol-

tar a mostrar os motivos ou pelo menos o modo porque a mythologia classica não chega a consolidar isso a que chamamos mythos syntheticos, provenientes da fusão intima e da comprehensão reciproca das representações dos phenomenos astraes e psychicos.

A noção da Morte que o Egypto concebe é grosseira; a noção de Causa que o naturalismo semita imagina, e a Vontade transcendente em que a localisa, são barbaras. Porém o pensamento humano não socega sem que ache uma solução a taes problemas — para que, finalmente, esgotada a serie das soluções (mythos racionaes successivos), chegue a reconhecer o contrasenso de procurar em si e comsigo a razão de si proprio! Um tal estado, que principia a ser o do nosso tempo, era inconcebivel ainda ha dezoito ou vinte seculos: sabia-se muito pouco, vivia-se apenas n'um canto acanhado do mundo.

Por grosseiras, pois, que fossem as noções de Causa e Morte, por barbaros que parecessem com razão ao idealismo indo-europeu os mythos theologicos do Egypto e da Judêa, é facto que o commum da gente encontrava n'elles uma satisfação intellectual, que nem a Moira grega nem o Fatum latino podiam dar, encontrando na compunção, na penitencia e na orgia mystica, um alimento para o fervor piedoso. A formação do christianismo, vasta aggregação espontanea das summas das tres mythologias mediterraneas, affigura-se-nos, pois, como a traducção religiosa d'esse movimento de generalisação historica determinado pela fusão mais ou menos completa das nações visinhas no corpo de um imperio. <sup>1</sup>

<sup>1</sup> V. *Raças humanas*, II, pp. 256-8.

Obedecendo já á pressão exercida pela invasão das doutrinas estranhas, tanto a Grecia como Roma apresentaram no platonismo e no stoicismo duas *religiões* (esse é o nome que convém ás philosophias antigas) parcialmente percursoras da christan. Platão e os stoicos pretenderam introduzir no idealismo as noções novas — estranhas, quer ao hellenismo, quer á mythologia historica de Roma. O platonismo caracteriza mais propriamente este movimento na Grecia, o stoicismo é mais particularmente italiano. Platão, para achar a Causa e explicar a Morte, inventa um mundo phantastico de mythos racionaes — as Idéas, que tambem volteiam no ar ondeando como puros espiritos animistas. Os stoicos, appellando, como os prophetas de Israel, para as revelações da consciencia, não chegam com effeito a definir o grande mytho do deus-ex-machina da Judêa, e por isso mantém a morte na sua obscuridade, deixando de pé as superstições animistas que o romano alliava á sua mythologia abstracta. Em Platão e nos stoicos vê-se pois o genio creador das duas mythologias parallelas formular metaphisicamente as suas conclusões, sob a influencia externa das idéas hamito-semitas, e sob a pressão de uma crise social dia a dia mais grave.

Vêem-se ao mesmo tempo, na evolução do espirito classico, os symptomas que denunciam a conclusão natural de um cyclo mythologico. Em Roma, a tentativa de Augusto para restaurar a religião de Numa torna-se apenas uma consummação do civilismo. O imperador é o deus-dos-deuses; os *lares* são *augusti*; o pantheon inteiro e todas as cohortes de genios reduzem-se ás proporções de um culto burocratico, em que a extravagancia dos scribas inventa o genio das Contribui-

ções-directas, *genius portorii publici!* A faculdade mythogenica, mumificada nas secretarias imperiaes, não póde evidentemente alimentar a piedade profunda de um povo que, tendo vivido no medo das almas, gera na mente de Virgilio um evangelho mystico, tão precursor como o evangelho de Platão.

Ao inverso de Roma que divinisa os monarchas e as instituições, a Grecia de Evhemero humanisava o Olympo, dizendo que os deuses eram apenas homens-celebres de quem a imaginação simples fizera individuos sobrenaturaes.

E assim, por duas vias oppostas, a Antiguidade patenteava a conclusão do cyclo da sua mythologia, reduzindo os deuses, nascidos das representações primitivas, á condição natural de pessoas humanas. Não ha duvida que n'este momento um grão de sabedoria inspirava os homens, mostrando-lhes os céus vazios, e dizendo-lhes que os seres phantasticos eram invenções do seu pensamento, delirios da sua imaginação. E' o que o scepticismo unctuoso de Plutarcho e o materialismo das philosophias e dos poemas nos affirmam.

Entretanto, os problemas da Causa e da Morte ficavam sem solução, ao mesmo tempo que, do outro lado do Mediterraneo, o Egypto e a Judêa acenavam com dois espectros que faziam scismar e tremer, ao mesmo tempo que a invasão de forasteiros inundava com os seus cultos a Italia e a Grecia, ao mesmo tempo que o povo gemia nas afflicções da crise provocada pela tyrannia e pela desordem militar e economica, ao mesmo tempo que os philosophos e os poetas, Platão e Virgilio, apresentavam as suas religiões antigas remoadas por um sentimento de piedade profunda e por um systema de mythos novos — as Idéas.

Comtudo, nem a eschatologia virgiliana, nem o



stoicismo, nem as idéas platonicas — conjunto de noções por via das quaes, parece-nos, a mythologia classica poderia ter continuado, sem christianismo, a sua evolução nos tempos modernos — serviam ás massas ignaras e infelizes, estranhas á cultura scientifica, sympathicas á penitencia que lhes consolava os amargores da vida, sympathicas á protecção, ao delirio, á vertigem, á loucura mystica dos novos cultos que invadiam a Italia e a Grecia como precursores do christianismo e das epochas degeneradas que elle denominou, consagrando-as.

## 2.

As guerras medicas, momento culminante da historia grega, marcam a éra da invasão dos cultos barbaros. Athenas levava as suas frotas e esquadras por todos os portos do mar Egêo, e os marinheiros e soldados trouxeram para a patria as religiões da Thracia, da Phrygia, de Chipre. Por todas as colonias lavrava a propaganda dos cultos indigenas no seio dos habitantes gregos, e as cidades maritimas da peninsula, onde o numero de estrangeiros era cada vez mais numeroso, tinham-se tornado focos de iniciação no delirio mythologico.

A nova expressão mystica e orgiaca dada ao culto antigo de Dionysos e ao mysterio de Demeter, sob a influencia dos paradigmas phrigios d'estes ritos, produzia os desvairamentos mystagogicos de Sabazios e as penitencias que compunham as ceremonias mysteriosas dos adoradores da Mãe-dos-Deuses. Dionysos, o deus bifronte da orgia e do mysticismo, é o nucleo em volta do qual se consumma a perversão da mythologia hellenica. Sobre os momentos de um mytho agricola assentaram os traços dos mysterios genesiacos das lendas

de Attis-Adonis de origem norte-semita, dando ao antigo deus aryano uma phisionomia nova: o aspecto duplo de criação e morte. Baccho tornou-se o deus funebre das angustias e penitencias; e o mytho da mocidade florente, do gozo carnal da vida, do poder fecundante, como diz Pfleiderer, appareceu como deus da natureza agonizante e rejuvenescida, fluctuando entre a dor e a alegria extremas — assim se exprime Otf. Muller.

O seu culto fôra sempre um mysterio, por ser a representação do drama da vida que tinha no orphismo um alcance acaso tão profundo como o do Egypto. Em vez da alegria desvairada, o pensamento do antigo deus provocava uma tendencia asceta para a pureza immaculada da vida exterior, fundada na crença da immortalidade e na esperança da purificação abençoada das almas. A abstenção de alimento animal, o celibato, a alvura dos vestidos e todos os detalhes do culto descripto por Herodoto, precedem os ritos das communitades therapeutas, essenianas e christans — d'esse christianismo que se caracterisou no Egypto com os traços predominantes de uma theoria da morte.

O orphismo dionysiaco era, pois, esse terreno bem preparado para servir á expansão dos sentimentos desorganizadores da mythologia classica, amparado pelos tyrannos da demagogia a quem o hellenismo heroico e aristocratico não convinha por não convir ao povo — conforme já indicámos n'outro lugar. E é a partir do IV seculo que Dionysos toma o nome de Sabazios, nome phrigio, vestindo a mascara de Attis, o messias semita, e presidindo ao soltar da orgia lubrica e asceta a que nós assistimos em Byblos. A sua *missa* celebra-se de noute, no segredo e na escuridão da treva, com um rito de promiscuidade mystica, «porque o pu-

dor manda esconder o commercio entre os dois sexos» diz o Siculo. O deus é a serpente sagrada fecundadora das mulheres atacadas de erotismo divino. Assim foi a mãe de Alexandre que gerou o heroe ao contacto das serpentes que no seu leito substituíam Philippe, o rei da Macedonia; assim ella e as devotas do deus da Phrigia se mostravam em publico com esses animaes enroscados nos seus thyrsos e corôas de bacchantes, ou deitados sobre as almofadas de hera dos seus açafates mysticos.

Sabazios, filho de Zeus, tem as hastes de touro, vestigio da sua obliterada origem solar; a serpente é o proprio Zeus, que introduzindo-se pelas roupas, no seio das bacchantes, representa o momento e a fórma em que o pae dos numes violou Pherphatta, a filha de Kore. A lubricidade sanctificada larga o freio á orgia que se solta em danças desgrenhadas por toda a Grecia. As prostitutas são sacerdotisas, como Glaucos, a filha de Kore. A prostituição é um rito, como em Babylonia nos degraus do templo de Istar. Ninos, Theoris, Trypheria, Aristion, fazem do leito um altar, e nos conventiculos secretos dos fieis, eranos e thiasios, vêem-se mulheres como Phryné presidindo ás ceremonias desvairadas. Evoé! Evoé! Os córos das bacchantes offegando no delirio da orgia ou na loucura da penitencia, batendo nos peitos, expondo simulacros de mortos, ou trazendo ao seio phallus impudicos: representando o enterro ou o amor, o leito ou o tumulto, n'um delirio que vem da allucinação do mysterio: esses bandos de mulheres religiosamente doidas dançam por toda a Grecia, enchendo com os seus gritos agudos o mesmo ar onde se ouviu a nota suave, purissima da lyra apollinea.

Ouve-se agora o assobio excitante da flauta de

lôto do Sabazio. Evoé! Evoé! A ronda das bacchantes vem descendo afogueada, ao som das castanholas sagradas, nos pinhaes de Cybele. O vinho espuma, os braços torcem-se, o corpo inteiro, na embriaguez da orgia, curva-se, enrolando-se como a serpente mystica. Soltos os cabellos ao vento, purpurina a face, offegante o peito, o proprio amor conforta Aristion, a bella entre as bellas bacchantes! A sombra do bosque enramado, a sombra do antro sagrado de Creta onde habitaram os curetes, assistiu ás festas dos dias passados, quando o thyrsos girava no rodopio das danças phreneticas ao som do pandeiro e da flauta de Cybele, tocados pelos satyros, inventados pelos corybantes, nas trietéridas em honra de Dionysos. Evoé! Evoé! O amor é cruel, a orgia pede sangue, os abraços reclamam cilícios. Rojem-se pelo chão as bacchantes, dilacerando com as mãos a carne vermelha das victimas. O vinho e o sangue ruborisam os braços, pondo nos seios e nos labios a côr do fogo. A noute desce, a morte chega, e ouve-se a voz de Bromios chamando — Evoé! Evoé! São as chammas do facho de Baccho despedindo no ar as faulhas vivas, como almas, chamando para a outra vida, n'uma embriaguez de incensos funebres, o côro que, rodopiando, cantando, no negrume da noute vae fugindo por entre as arvores, chorando em grita, lavado em lagrimas, para as terras distantes dos altos montes da Phrigia sagrada...

Depois da orgia, a penitencia; depois do amor, a morte; depois do leito vem o tumulo, depois do Sabazio vem Attis-Adonis, vem Astarte, a deusa de Babylonia a quem os iniciados pagavam como a deusa-prostituta, jurando pela amendoeira, a arvore nascida da semente de Attis quando o mutilaram; vem Cotytto-Cybele, a nova Demeter, Mãe-

dos-deuses cuja iniciação era um baptismo celebrado ao som do tambor e do *rumbos*, disco de cobre ou tam-tam sobre que se batia com um chicote de tres ramos de ossos. O delirio da morte completa a orgia da vida: a paixão de Attis, messias do amor carnal, mutilado por ciumes, sobre cujo cadaver a amante chora, é o momento de erupção do desespero agonisante, em que os fiéis se rojam no pó, cobrindo-se de cinza, expiando n'uma penitencia cruel os peccados de uma origem impura.

Essa vertigem que endoidece a Grecia, tresvaria a Italia, invadida tambem pelos deuses da orgia mystica. No Aventino ergue-se uma Diana nova: a Artemisa de Massilia, deusa de Epheso. Do Egypto vem Isis e Serapis; da Phrigia e da Cappadocia vem a Bellona, Magna-mater (Demeter), vem Attis, vêm por via da Grecia os thiasios de Sabazio e a loucura das bacchantes; de Carthago vem Dea-Syria (Bilit-Tanit), vêm Maiuma, Deus-Sol, Elegabal: de toda a parte uma nuvem de numes desvairados invadem o pantheon romano que se despedaça apesar dos protestos dos stoicos e das reformas de Augusto. Os felizes, os ricos, escarnecem da religião antiga, as plebes miseraveis esperam milagres da allucinação dos cultos novos. A Italia inteira, coalhada de funcionarios e soldados, inventa, de rastos, abjecta e ridicula, uma mythologia diversa — a dos imperadores. Augusto e Tiberio resistem, Vespasiano ri-se, mas Adriano foi o *olympio*, e Nero o proprio Zeus, libertador e salvador do mundo!

## 3.

Tamanha vertigem obscurece a lucidez do pensamento. O mundo apresenta-se como um charco

onde as aguas quietas e transparentes se conturbam, subindo ao de cima os lodos do fundo revolvidos pelo tropear de um rebanho de elephantes fugindo. A vasa das superstições animistas jazia por baixo das camadas superiores de mythos piedosos e racionaes; jazia no fundo das aldeias afastadas, em que as populações se conservam sempre n'um estado anachronico; jazia nos recessos intimos do pensamento das plebes das cidades, incapazes de attingir a elevação da philosophia, mas passivas e guiadas durante os periodos de ordem social.

Foi essa ordem que a Antiguidade perdeu, e, perdendo-a, desencadeou-se um desvario de superstição, onda obscura em que o mundo europeu como que recomeçou a historia. Obliterou-se o que se sabia; desvirtuou-se o que se pensava. A sociedade foi decapitada intellectualmente, e as populações, ainda no seio das fórmulas civilizadas que a invasão dos barbaros virá destruir, apresenta já no pensamento religioso um estado de barbarie regressiva.

O ar povoa-se de phantasmas, a imaginação de medos; nas ruas das grandes cidades antigas formigam os adivinhos, os feiticeiros e mystagogos. A mythologia que deixara a Morte esquecida, acaba afogada n'uma erupção de animismo spiritista que sobe no ar obscurecendo-o, e substituindo á veneração dos olympicos luminosos o culto da Hecate nocturna — a lua dos tempos remotos, a lua, primeiro entre os fetiches com que o mago evoca os mortos dos seus tumulos e chama os deuses impondo-lhes as suas ordens. Caligula, que fôra enterrado sem as ceremonias rituaes, errava em alma pelo espaço, e o medo foi tanto, as apparições tão repetidas, que o desenterraram para o

enterrar de novo convenientemente, segundo conta Suetonio. Plauto falla de outro phantasma. As almas errantes eram maleficas, á maneira dos tempos primitivos: maleficas, porque o medo é afflitivo. Atormentavam os vivos, soltavam as epidemias, estragavam as cearas, arruinavam o pobre povo desvairado que recorria aos doidos e aos charlatães pedindo soccorro. A loucura considerava-se uma possessão: *mania*, diziam os gregos, de *man* ou *men*, significado de alma, d'onde vêm os *manes* latinos. O doido denominava-se em Roma *larvatus*, cheio de larvas, cheio de almas de mortos. E na divinisação espontanea das almas, o romano chamava á epilepsia uma enfermidade sagrada ou prophetica — *lues deifica*. As palavras eram fetiches, como nos tempos primitivos, como o vão ser na glossolalia mystica dos christãos; curavam molestias como se vê n'esta receita contra as luxações: Tome-se um vine verde de quatro ou cinco pés de longo, corte-se pelo meio; dois homens o terão apontado á côxa; cante-se logo «Daries dardaries astataries dissunapiter», repetindo, até que as extremidades dos dois pedaços se toquem. Então cortem-se em pedaços fazendo uma ligadura para o membro luxado ou roto, e cante-se todos os dias «Huat hanat huat esta pista sista domiabo damnanstra.» — Ninguem ria d'esta receita deixada por Catão, porque estamos na vespera dos exorcismos catholicos, dos bentinhos que curam molestias, dos santos collados nas portas para afugentar as epidemias, das aguas therapeuticas das fontes milagrosas, de toda a farragem fetichista que se protrahe gravemente até aos nossos dias. <sup>1</sup>

Hecate impera no céu obscuro da Antiguidade

<sup>1</sup> V. *Portugal contemporaneo*, 1, p. 334.

agora que descem sobre ella as sombras de uma noute final. As artes dos charlataens valem tanto para o espirito desvairado das gentes caducas, como o charlatanismo ingenuo e crente dos feiticeiros primitivos valia nos tempos barbaros. O templo da nigromancia é uma camara escura: o tecto é azul, no chão está um tanque com a agua das evocações; esse tanque tem um vidro no fundo e n'um recinto inferior ficam os comparsas que fazem de deuses e demonios, promptos á chamada do mago. O céu reflecte-se na agua e, assustada, a mulher crente vê no fundo a Hecate dos mysterios terriveis. Mas nem só a agua evoca os deuses: o fogo é um elemento egualmente magico: uma figura desenhada na parede com uma mistura de bitume inflammavel, ou um passaro solto no ar com uma cauda de estopa accesa — eis ahi como Hecate apparece á gente prostrada de joelhos, contrita e crente, soluçando de medo na camara obscura.

Todas as velhas grutas se repovoam de genios, todas as fontes de milagres, por toda a parte ha *manteions*, sanctuarios de adivinhações, ou magos ambulantes que prognosticam o futuro. A vida é uma phantasmagoria e uma penitencia; os charlataens e os crentes de mãos dadas, perdida a noção da realidade de um mundo que se despedaça, vivem de jejuns e allucinações, de sonhos e doirdices. A Thessalia era povoada de bruxas; os psyllos de Parium e da Lybia tinham o poder de domar as serpentes, de conjurar os ventos, de transformar os homens em animaes. Assim acontecia nos mythos da religião antiga: e se os homens subiam á condição de deuses, porque não succederia na realidade o que se dera na phantasia remota? Nada parecia impossivel depois das faça-



nhas de Alexandre. O milagre invadia tudo, respirando-se no ar inteiro e em todas as cousas que se observavam. Ninguem dava pelos artificios mais transparentes, ninguem curava de indagar a acção nem o character natural dos phenomenos. As grutas sombrias eram boccas do inferno; as cavernas d'onde saem aguas ou vapores therapeuticos, as nascentes thermaes sulphurosas ou carregadas de acido carbonico, eram templos da Cybele phrigia, como em Hierapolis, ou de Isis e Esculapio de Serapis. A fé auxiliando o medicamento produzia os milagres sonhados no delirio da allucinação. A medicina e a prophecia, de mãos dadas, repartiam entre si todos os lugares que de qualquer fórma impressionavam a imaginação excitada pelas bebidas narcoticas, pelos anesthesios, pela enervação dos jejuns que davam a prophecia ás pythonisas, o delirio sagrado aos thaumaturgos, e a saude aos hystericos e rheumaticos.

Nos *manteions*, com os seus feiticeiros vindos da Syria, da Asia-Menor, da Phrigia, da Thracia, do Egypto, os oraculos proferidos em linguas estrangeiras, desconhecidas do vulgo, impressionavam por isso mesmo muito mais os crentes que attribuiam um valor sagrado a sons vocaes inintelligiveis: assim o nosso povo *adora* fetichistamente o latim da missa que não entende. O character estrangeiro das novidades auxiliava-lhes a propagação em nações que tinham chegado a perder a confiança em si. A magia era uma cousa nova até na propria palavra que só entra no dictionario grego depois das invasões de Dario e Xerxes. Os sacerdotes chaldeus, dispersos depois da queda de Babylonia, inundaram a Asia-Menor fundando eschola em Cós. Os *mathematicos* do Egypto trouxeram comsigo a astrologia judiciaria. Plutarcho fal-

la-nos dos sectarios de Serapis e de Cybele que forjavam oraculos para os escravos e para as mulheres «a quem a medida dos versos e o esplendor poetico das expressões seduzem». Platão conheceu e descreveu o orpheoleta, mystagogo e sacerdote do orphismo bacchico, levando consigo «uma collecção de suppostos livros de Orpheu e de Museu sobre os quaes funda as suas prophecias»; viu e retratou «o sacrificador ambulante, o adivinhô que põe cerco ás moradas dos ricos, persuadindo-lhes que obteve dos deuses, por meio de certos sacrificios e encantos, o poder de perdoar os crimes dos vivos e de seus antepassados». Plutarcho e Theophrasto pintam-nos os *escrupulos* d'esse tempo, em que o homem possuido de um medo regressivo vae a cada instante á confissão pedir ao orpheoteleta que o absolva das faltas commettidas. «Quando a desgraça o assaltou, senta-se inerte e submisso á porta de sua casa; cobre-se de farrapos imundos; roja-se na lama confessando em voz alta os seus peccados: comeu tal especie de alimentos, bebeu uma certa bebida, seguiu um caminho opposto ao que a divindade ordena».

E' como um fakir da India: por caminhos diversos, no Oriente e na Europa, os dois ramos filhos da mesma raça chegaram ao mesmo porto. O supersticioso de Plutarcho parece-se exteriormente com Job sobre o monturo: por dentro são diversos. Um tem apenas o medo animista, o outro sente a compunção profunda que vem da visão de um mytho moral—o deus da vontade que faz os heroes, capazes de soffrerem todas as desgraças, por isso que os homens se consideram a *cousa*, o escravo miseravel de um deus omnipotente.

## 4.

Eis ahí o sentimento íntimo que o christianismo virá introduzir no desvairamento da mystagogia, sem o dissipar — pelo contrario, sanctificando-o. Da cooperação dos factores historicos — a piedade israelita, a eschatologia egypcia, o idealismo hellenico, e a universalidade ou catholicismo da abstracção latina — do amalgama de elementos formulados pelas civilisações circummediterraneas, unificadas politicamente pelo imperio romano, saíu um corpo novo de mythologia theologica, ou uma religião — a christan, cujo verbo vae abafar o desenvolvimento das mythologias nacionaes de slavos, celtas, e germanos, á maneira que esses povos forem entrando, com o decorrer dos tempos modernos, no seio da civilisação occidental europêa.

Generalisação summaria e não synthetica, o christianismo tem sido e será por muito o assumpto de theorias oppostas e egualmente fundamentadas. Terão razão os que virem n'elle uma religião da Morte, porque toda a eschatologia egypcia, com o tribunal de Osiris, entrou no seu crédo. Terão razão os que virem n'elle a compunção prophetica de Israel, porque a alma de Jehovah e o messianismo compozeram a figura do Pae e do Filho, dando á divindade um character de Vontade creadora, causa e architecto do Universo. Terão razão, tambem, os que affirmarem a supremacia do idealismo classico, porque o Filho, messias, é com effeito o Verbo, isto é, a Idéa absoluta revelando-se ao mundo na fórma e portanto no pensamento humano. Não errarão, finalmente, os que, encarando sobretudo a constituição da Egreja e as práticas e os principios da moral, affirmarem que

o stoicismo latino, a moral social, o instinto juridico e o pensamento catholico são os traços originaes da religião nova.

Tudo isto é assim; todas as opiniões são sustentaveis, pela razão allegada de que o christianismo amalgamou historicamente sem fundir syntheticamente essas conclusões dos pensamentos nacionaes congregados. D'ahi veiu a sua força de expansão e a sua inconsistencia theologica. Pulverisado em seitas até ao momento em que, tornando-se religião official do Imperio pôde mandar em vez de convencer, o christianismo incluia em si tantas egrejas quantas nações, e em cada uma d'ellas dominava o principio mais sympathico ao temperamento ethnico. Servindo a todos, na sua modalidade excessiva tornou-se ubiquo em torno do Mediterraneo, até que o islamismo lhe roubou as costas austraes scindindo essa região do gremio europeu em que o dominio romano a fizera entrar.

Chegados, pois, a este momento em que todas as linhas da nossa viagem convergem a um ponto — pois tudo converge para o centro mediterraneo do mundo — achando no pensamento eminente acabada a evolução da mythologia, já nos seus tres momentos metaphisicos (animismo, naturalismo, idealismo), já na série das fórmulas constantes que, partindo das representações ingenuas, seguem pelas divinisações para acabar no humanismo; chegados, pois, a este momento, e observando uma regressão universal formulada nos mythos novos do christianismo, que conclusão devemos adoptar?

Desde o começo notámos que na construcção espontanea das mythologias ha duas origens paralelas — a astral e a psychica. O homem primitivo animisa os astros e os phenomenos metereologicos que vê, e os sonhos e as sombras que *imagina*

*ver*: d'ahi saem os olympos e a eschatologia, as theorias da vida e da morte, evoluendo-se parallelamente, chegando umas vezes a fundir-se n'uma religião synthetica (como no Egypto e na Judêa), mantendo-se outras vezes separadas e em graus diversos de evolução — como entre os indo-europeus. As syntheses porém não trazem a paz, trazem a morte — ao Egypto afogado em sonhos eschatologicos, e á Judêa sufocada pela Vontade esmagadora do seu deus. Por outro lado, o idealismo, chegando na esphera da mythologia astral a mostrar o vazio dos céus ou o humanismo das idéas mythicas, pára na esphera da mythologia psychica sem poder sair do estado animista na interpretação da Morte; vindo-lhe d'esse disequilibrio a desorganisação e o regresso evolutivo que, depois de produzir o desvairamento orgiaco, se consolida no christianismo.

Parece-nos a nós, presentes os documentos adduzidos, que a theoria d'estes casos está na propria natureza das duas grandes regiões de mythos — os reaes e os phantasticos: as invenções achadas para explicar o que se *vê*, e aquellas que explicam o que se *julga ver*. O Egypto e a Judêa reduziram tudo á allucinação, descobrindo a unidade na morte ou animista ou psychologica. O idealismo classico, por virtude da superioridade constitucional d'esse pensamento, genio ou *vis* intima da raça entre todas eminente, não podia enlouquecer. A sua definição humanista da mythologia astral era um primeiro termo da evolução do espirito critico. Dissipando as nuvens do ar, não podia comtudo dissipar ainda as sombras da allucinação e do sonho. Vendo que a mythologia das cousas reaes ou visiveis era uma ficção, não possuia ainda saber sufficiente para vêr tambem que

eram illusões subjectivas os mythos das cousas suppostas. Pôde fazer do céu phantastico um firmamento astronomico, mas não podendo varrer dos ares as almas dos mortos nem os deuses da visão, inventou o mytho das Idéas para os conceber. E' muito maior a difficuldade de analysar e definir as illusões do nosso pensamento, do que as supposições da nossa vista; e o estado mental que deu de si o regresso ao animismo com a obliteração da sciencia e da philosophia antiga, é sem duvida alguma uma possibilidade actual ainda — embora seja muito maior e mais forte o alicerce de saber positivo que temos para estribar o nosso pensamento.

A superstição rebenta no seio da propria sciencia, e o fetichismo viça dentro da religião herdeira dos semitas e dos gregos. Umas paginas de exemplos documentarão estas affirmações, completando o circulo do nosso estudo.

## II

### Os factos de sobrevivencia nos tempos modernos

#### 1.

Todos os povos tem, qualquer que seja a religião que reconhecem, um conjunto de superstições archaicas: na Europa moderna essas superstições, residuo de mythos, já remotos durante a Antiguidade, são as do animismo, porque o christianismo, admittiu no seu seio, mudando-lhes os nomes para mais tarde lhes mudar o significado, todos ou quasi todos os elementos mythologicos das religiões que o precederam concorrendo para o constituir. Em mais de um caso, porém, o fetichismo dos ritos antigos passou tal qual para os novos: assim no Russilhão as reliquias de S. Galderico são mergulhadas, como outr'ora a imagem de Cybele, para obter chuva; assim o phallus dos cultos genesiacos é venerado n'uma capella de S. Vito, junto de Schwitzerhoff, e para não ir mais longe nem fatigar o leitor com exemplos de um caso sabido, citaremos apenas os «testiculos de S. Gonçalo» que se vendem como pãesinhos bentos na romaria de Amarante.

S. Vito foi o herdeiro dos templos dos Hermes, substituindo-se-lhes no culto; a Virgem tomou o lugar de Ceres; na Allemanha, o Christo, S. Miguel ou S. Martinho succederam a Odhin, e a Donar S. Pedro ou o proprio Jesus; Fró foi supplantado por S. André, S. Estevam, S. Nicolau. Nossa-Se-

nhora herdou o culto de muitas deusas, S. Gertrudes o de Gerdha, etc. n'esses templos da floresta que os missionarios, não podendo destruir, sanctificavam adaptando-os á religião nova. <sup>1</sup>

De Loki fez-se o demonio, e, ao lado dos anjos que se filiam nas *idéas* platonicas e nas *virtudes* latinas, os genios obscuros da terra e do ar passaram a formar a coorte dos espiritos infernaes. Pela porta do inferno, que não é o Hades grego, mas sim um Tartaro desenhado com feições egypcias principalmente, os *genii* entraram no corpo da mythologia neo-mediterranea ou christan, com um caracter negativo. Hecate era tambem o demonio que apparecia de noute nas encrusilhadas e que as *casulae* evocavam nos *fana* consagrados aos vellos deuses. A Antiguidade pela bocca dos seus philosophos condemnara como *van* a magia, e a Igreja pela bocca dos seus doutores condemnava como *infernal*: n'isto se vê o grau d'essa crise que, como todas as crises sociaes, exacerbando as tendencias mystagogicas, conturbando a pureza do pensamento, desequilibrando a balança da ordem ideal, fazem reviver os archaismos mythicos.

No inferno se congregaram todos os elementos da mythologia eschatologica dos antigos, e dos genios, lares, penates, manes, fizeram-se demonios. Os heroes foram archanjos, diabos os deuses chtonicos e os do céu nocturno. A alluvião de gnomos das mythologias celto-germanicas deu o maior contingente ao inferno da imaginação popular: os trolls, kobolds, elfes, ondinas, nix, da Allemanha e da Scandinavia; os follets, goblins, lutins, da França; os brownies e eluricannes da Escocia e Irlanda; os dusii (*deuce*, demonio) e os nigr, nick,

<sup>1</sup> V. *Hist. da civ. iber.* (2.<sup>a</sup> ed.) pp. 28-9.



da Inglaterra, onde hoje ainda o povo chama ao diabo *old nick*.

Transformadas nos nomes muito mais do que na expressão, as mythologias neo-aryanas da Europa, christianisadas, tornavam-se subalternas do monotheismo psychologico semita e da eschatologia egypcia com que os doutores da Egreja construíam o edificio theologico do christianismo. Sobre a structura dos mythos espontaneos, vistos agora pelo povo com uma côr nova, assentava a structura dos mythos «do pensamento» — deus, verbo, idéas, juizo-final, peccado-original, redempção, etc. isto é, a herança aggregada do hellenismo, do semitismo e da religião dos egypcios.

O recrudescimento da *superstição*, ou dos stratos inferiores da mythologia, nas epochas de decadencia ou reconstrucção social, é um facto já indicado por nós mais de uma vez, já estudado na Antiguidade, e que se repete na Europa moderna quando na Renascença os progressos do pensamento começam a desconjuntar o systema da combinação christan. Observa-se então uma série de phenomenos regressivos: vêm-se mythos de representação grosseira e o fetichismo correlativo tomarem o lugar dos mythos do pensamento ou racionaes; e do seio da religião herdeira do hellenismo saem por degeneração os fetiches theologicos — os bentinhos, as medalhas, as imagens, as cruces, e a hostia. Como os áugures de Roma na decadencia, parece que tambem na Roma de Leão X os padres, consagrando, diziam com uma ironia abjecta, *panis es et panis manebis!* Encerrado, assim, um circulo historico, o sacerdote sceptico, verdadeiro charlatão, vale menos do que o feitiçeiro com o seu charlatanismo simples e ingenuo.

Dadas estas explicações summarias, excluamos

do quadro do nosso estudo os mythos «do pensamento» no christianismo, productos da consciencia individual que pertencem á theologia ou á philosophia, e entram por isso na esphera da historia propriamente dita. N'essa que nós chamamos pre-historia, isto é, na esphera do colectivo, do espontaneo e do inconsciente, ficam-nos os mythos da imaginação, factos de sobrevivencia ou de regressão. E das observações summariadas resulta que o systema d'esses mythos na Europa moderna se póde dividir em quatro grandes categorias: *a*) os animistas primitivos; *b*) os tradicionaes indo-europeus, suffocados e condemnados pelo christianismo; *c*) os christianisados; e *d*) os que nascem por degeneração da propria religião nova.

Destrinçar em cada exemplo a parte que compete a cada um d'estes elementos, é trabalho que não cabe, senão de um modo grosseiro, nos limites nem no quadro do nosso estudo: a perspicacia e o saber de quem lê poderão supprir, comtudo, muitas vezes a deficiencia do texto.

## 2.

As festas do S. João e do Natal, <sup>1</sup> chegam até

<sup>1</sup> Para não repetir citações, convém dizer que, afóra das origens mencionadas no texto, colhi os materiaes d'este estudo, no que diz respeito á Peninsula, na sabia obra de Pelayo, *Hist. de los heterodoxos*, e nas monographias com que os srs. Ad. Coelho e Consiglieri Pedroso iniciaram entre nós o estudo critico dos mythos populares nacionaes. (A. C. *Ethnographia portugueza*, no Bol. da Soc. de Geo. de Lisboa, e *Revista de Ethnologia*, 1-IV; e C. P. *Estudos de mythographia portugueza e Contribuições para uma mythologia popular portugueza*, 1-VII). Estes trabalhos são materiaes colligidos com saber e paciencia. Alguma coisa devo tambem ao sr. Th. Braga nas suas *Epopéas de raça mosarabe*, livro em que, porém, a preocupação systematica do germanista de então levava a vêr origens godas em cousas que já Strabão dava como existentes na Lusitania.

nós desde os tempos primitivos como residuo de cultos metereologicos a que as mythologias neo-aryanas, primeiro, e depois a christan deram significação religiosa. Nos dois solsticios do verão e do inverno, a natureza animizada desfolha-se em milagres. O nosso povo diz ainda: «Depois que o *menino* nasceu, tudo cresceu». Esse *menino* que no christianismo é Jesus, apparece no momento em que os dias começam a augmentar, na noute em que na Allemanha e na Scandinavia appareciam os genios elementares, a noute de Iole, Joel ou Geole. Seis mezes depois, quando principia o movimento inverso, celebra-se o precursor, o Baptista, nas fogueiras nocturnas que já desde o tempo de Strabão eram o culto celtiberico por excellencia. E' por toda a parte essa a noute dos encantos e dos milagres ingenuos, sem character theologico. No nosso Minho dança-se em torno de um pinheiro ou de um mastro enfeitado, saltam-se por todas as provincias as fogueiras, queimam-se as alcaxofras, colhem-se nos mattos as hervas e as flores mysticas, bebe-se a agua de sete fontes, não se dorme para receber o orvalho da manhan que dá formosura aos moços e vida aos velhos, toma-se o bochecho esperando o nome do noivo, deitam-se os ovos propheticos, vê-se a lua serena espelhar-se na agua dos tanques. As «mouras encantadas» soltam-se n'essa noute luminosa que é a antithese das noutes escuras do Sabbat, noute divina e boa. São tão simples na sua candura, tão remotos e obliterados no seu valor religioso esses ritos, que a Igreja não se offende, nem condemna. Ella propria ignora que de tão velhas invenções, como d'uma semente sáe uma arvore, ou d'um tronco a rede dos ramos, saíram os cultos que defende e propaga como sagrados.

As ceremonias populares são o documento de mythos que ainda vivem ou se dissiparam já na mente do povo — os mythos da representação primitiva em que se dava uma alma ao ar e ao fogo e aos dias e ás pedras e ás arvores: a tudo. Esses cultos das fontes thermaes milagrosas, da agua que preserva de bruxedos, da que mata o piolho das favas e o pulgão das vinhas, superstições correntes entre nós, são o residuo de um estado remoto da imaginação popular. Ainda no VI seculo da nossa éra, diz-nos o livro de S. Martinho Dumienne *De correctione rusticorum*, duravam entre os gallegos as invocações aos genios de todos os actos da vida, os sacrificios e offertas ás fontes sagradas, o maleficio por hervas, o culto das pedras e das arvores, de envolta com os restos da mythologia latina no rito romano das Kalendas, e na veneração dos trivios, lugar predilecto para as evocações de Hecate.

O periodo wisigodo da Peninsula foi apenas um acto da dissolução da sociedade antiga; <sup>1</sup> o regresso á superstição remota deu-se tanto aqui como na Italia, na Gallia, na Grecia. O mesmo desvairamento de feiticaria e animismo abraça os pagãos e os christãos, os grandes e os pequenos, os sacerdotes, os monarchas e o povo. Se ha quem hoje ainda consulte bruxas, esses soberanos dos primeiros seculos christãos tinham nos feiticeiros os seus primeiros ministros — depois de Marco Aurelio ter tido stoicos por conselheiros!

Assim se retrogada. Para o povo da Bretanha as avenidas de monolithos de Carnac <sup>1</sup> são batalhões de guerreiros petrificados: é o mesmo estado

<sup>1</sup> V. *Hist. da civil. ibérica* (2.<sup>a</sup> ed.) pp. 31-62. — <sup>2</sup> V. *Raças humanas*, II, p. 219.

mental que na Africa e na India vê gigantes nas cristas de rochas erguidas, <sup>1</sup> e a Niobe do monte Sipylo, e «homens de pedra» nas estatuas peruvianas de Tiahuanaco. Assim tambem certas cavidades de rochas que são por todo o mundo primitivo pégadas de deuses ou heroes, tornam a ser no seio do christianismo as passadas de Adão — como a que se vê em Ceylão e recebe as adorações de brahmanes, moslems e buddhistas. Para os primeiros é Siva, para os segundos Adão, para os terceiros Buddha: os christãos vacillam entre S. Thomé e o eunucho de Candacia, rei da Ethiopia. Este mytho, da ordem d'aquelles a que Tylor chama «de observação», acha-se em todo o mundo primitivo: em Samôa são as duas pégadas de Tiitii quando ahi, de pé, levantou a cupula do céu; na roca de Tlanepautla os mexicanos viam a mão e o pé de Quetzalcoatl; e no seculo XVII os jesuitas achavam na Bahia o paraizo e as pégadas de Adão. <sup>2</sup>

Não pôde o christianismo, pois, varrer com o grande mytho da vontade jehovica as alluviões de espiritos que animavam a natureza. A imaginação do povo continuou a vêr ondinas nos rios, fadas nas fontes, e nas sombras escuras da noute, nas aparições dos sonhos, visões de almas-do-outro-mundo perseguindo como remorsos vivos a mente dos criminosos, <sup>3</sup> ou affligindo com lembranças as saudades dos vivos. A Egreja, que ainda hoje, por exemplo, em Traz-os-Montes, benze os rebanhos e os animaes domesticos como se fazia na data das *Ordenações*, fechava os olhos a essas crenças ingenuas, naturaes no seio do spiritismo christão, e communs ao povo e ao sacerdote rural que é

<sup>1</sup> V. *Raças humanas*, I, p. 102. — <sup>2</sup> *Hist. de Portugal* (3.<sup>a</sup> ed.) II, pp. 197-9. — <sup>3</sup> *Ibid.* (3.<sup>a</sup> ed.) I, p. 179 as aparições de D. João II.

povo tambem. Na Allemanha da Edade-media o padre que dizia a missa-nova devia dançar com a mãe: se era orfão, dançava com a alma materna que se introduzia sob o calix salvando-se do purgatorio. O animismo remoto entrelaçava-se de tal modo como fetichismo da nova mythologia. Na Bulgaria de hoje visitam-se os mortos no domingo de Ramos com banquetes nos cemiterios, deixando-se os restos para pasto dos defuntos que, na crença popular, vivem alli, nas suas habitações mortuarias. No domingo seguinte de Paschoa, o povo entra na egreja com velas que o padre accende dizendo «recebei o Espirito-santo!» A vela accesa no altar é levada a casa, e vasculham-se os cantos para afugentar os espiritos. A semana depois da Ascensão é consagrada ás *vilas*, as fadas dos prados e das fontes que se alimentam de certas flores cuja virtude cura a epilepsia e a esterilidade das mulheres que se rojam sobre a herva rociada. Não se levam entre nós para casa as velas da Ascensão que livram de trovões, e as velas accesas em sabbado de Alleluia, boas para partos difficeis? Nas egrejas aldeans da Hespanha meridional, á missa, as mulheres vestidas de negro têm diante de si uma peanha com velas accesas — tantas, quantos os mortos por quem choram. Vêem-nos ainda no tremer da luz sobre a vela de cera? E' natural que mais de uma os veja.

As representações dissipadas ficam como eccos nas palavras. «Ardem-lhe as orelhas» diz-se ainda quando se falla de alguém, porque outr'ora se acreditava no poder das palavras para apressar as pulsações do sangue d'aquelle a quem se referiam. Mas os mythos das almas não só vivem como eccos, vivem como representações reaes. Repugna a todos o uivo do cão, mas ainda o camponez da

Allemanha ouve n'elle uma predicção de morte para o enfermo; ainda para muita gente é mau-agouro. E quando o doente acabou, o camponez abre as portas da casa para que a alma possa sair. O gallego considera funesto receber o ultimo olhar do moribundo: não se fechem de repente as *portelas* para se não ferirem as almas que expiam os seus peccados; nem ao ir á romaria de San-Andres de Teixido se pise nenhum reptil, porque as almas dos mortos andam assim cumprindo a *romaxe*, a penitencia (equivalente ao *pardon* bretão) que não cumpriram em vivos. A noção semita do peccado e a penitencia combinam-se no christianismo com a transmigração, como já vimos na alma da mãe do padre novo que vae collocar-se-lhe sob o calix. Incrustam-se na mythologia nova os residuos do animismo primævo.

E não se creia que, ainda ha tres ou quatro seculos, eram do povo apenas estas superstições, mais ou menos retiradas hoje para os confins das aldeias remotas. Eram de todos: ingenuas nos simples, theologicas e sabias nos doutores. Lutheró, fallando da morte do seu inimigo Carlostad, diz que um amigo lhe noticia de Basilêa andar um spectro errante em volta do tumulo e na propria casa do morto, deitando pedras e terra que sujam e poem tudo em desordem. Mas, no espirito dos doutores, as almas não têm o character simples que têm no do povo. O medo vago do animismo torna-se horror theologico, e os spectros appareções infernaes. Carlostad morrera ás mãos do diabo, cujas visitas são frequentes. Na Saxonia, conta o frade, junto a Halbersdat nasceu um Kilkropff: mamando seccou a mãe, e tantas mulheres quantas lhe deram; levaram-no no berço e baloiçando-o sobre o altar da Virgem de Holckelstadt, sumiu-

se, fugindo para o demonio que o gerara. Em Bamberg nasce uma creança com cabeça de leão: viram-se logo cruces no céu; os padres abafaram a noticia, sendo grande n'esse anno (1525) a mortandade de principes.

Mas antes de travarmos relações mais demoradas com o demonio moderno, é mistér deixar indicado o lobis-homem — esse mytho em que o animismo, simples nas aparições dos phantasmas, se combina com a zoologia religiosa, para dar de si uma enfermidade real, correspondente á doença dos visionarios do medo, combinando-se tambem, como alma-penada, com a idéa do peccado e da penitencia. O lobis-homem, *vervölfe*, *loup-garou*, *voukodik*, dos allemães, francezes e slavos, mytho geral aos povos indo-europeus, é aquelle que por um fado se transforma de noute em lobo, jumento, bode ou cabrito montez. Os sacerdotes do Sorano sabino, nos bosques da Italia primitiva que nós visitámos, vestiam-se com as pelles do lobo, animal do deus: a imagem confunde-se com o objecto na imaginação infantil, o sacerdote com o deus, a profissão com o fado. Porventura o mytho nasceu do rito, assim como da crença veiu a enfermidade.

Os traços com que a imaginação do nōsso povo retratou o lobis-homem são duplos, porque tambem essa creatura infeliz, conforme o nome o mostra, é dual. Como homem, é extremamente pallido, magro, macillento, de orelhas compridas e nariz levantado. A sua sorte é um fado, talvez a remissão de um peccado; mas esta addição vê-se quanto é estranha ao mytho na sua pouca generalisação. Por via de regra, o *fado* é a-moral — é uma sorte apenas. Nasce-se lobis-homem: em lugares são os filhos do incesto, mas, em geral, a predes-



tinação não vem senão de um caso fortuito, e liga-se com o numero que a astrologia accadia ou chaldaica tornou fatidico — o numero 7. O lobis-homem é o filho que nasceu depois de uma série de sete filhas. Aos treze annos, n'uma terça ou quinta feira, sáe de noute e topando com um lugar onde um jumento se espojou, começa o fado. D'ahi por diante, todas as terças e sextas feiras, da meia noute ás duas horas, o lobis-homem tem de fazer a sua corrida visitando sete adros (cemitérios) de egreja, sete villas acastelladas, sete partidas do mundo, sete outeiros, sete encruzilhadas, até regressar ao mesmo espojadouro onde readquire a fórma humana. Sáe tambem ao escurecer, atravessando na carreira as aldeias onde os lavradores recolhidos não adormeceram ainda. Apaga todas as luzes, passa com uma frecha, e as matilhas dos cães ladrando perseguem-no até longe das casas. Diga-se tres vezes « Ave-Maria » que elle dará um grande estouro, rebentando e sumindo-se. O sino-sainão (signo de Salomão) é um fetiche contra o maleficio. Quem ferir o lobis-homem quebra-lhe o fado: mas que se não suje no sangue, de outro modo herdará a triste sorte.

Eis ahi nos seus traços mais geraes essa invenção da imaginação rural, nascida das sombras dos bosques aninadas pelo vento e povoadas pelo medo primitivo. Na imagem que primeiro se desenhou na mente fixaram-se todos os traços mythologicos posteriores, e, afinal, crida como realidade a invenção, essa crença, actuando sobre a imaginação, produziu uma especie de loucura conhecida — a lycanthropia. Se o leitor tem presente a analyse psychologica por onde começámos este livro, facilmente constroe o processo do pensamento inconsciente. « Por força d'este delirio, diz o nosso

Braz Luis d'Abreu (*Portugal Medico*), se obrigam os que padecem a romper em todas as acções do Lobo; e especialmente os inclina esta melancolia ferina a andar de noute, como lobos, por lugares obscuros, tristes e funebres; e até pelos cemiterios e adros desenterrando os mortos e ceivando-se nos corpos fétidos e corrompidos». <sup>1</sup>

Desde a representação espontanea no mytho até á loucura na allucinação completa-se, pois, uma série ou um circulo em que o effeito anterior se torna em causa posterior. Primeiramente, só se viam *almas* na phantasia, depois existem doidos que essa phantasia tresvariou. O que succede com os lobis-homens succede com as bruxas, succede, digamol-com firmeza scientifica, até com os proprios deuses. Invenções espontaneas, a sua acção reflexa cria a superstição e a allucinação que endoidece; e os que creem ter ficado em seu juizo vêem no louco, senão o proprio deus inventado, uma creatura quasi divina em que elle habita.

Na passagem da mythologia classica para a christan, Luciano e Marciano morreram santos e martyres, em Vich, da Catalunha, durante a perseguição de Decio, ao que se crê. Antes de christãos eram magos, e possuiam artes e philtros para vencer donzellas e casadas; namorando-se porém um dia de uma christan, os demonios que evoca-

<sup>1</sup> O snr. Cons. Pedroso achou no *Liberal* de Madrid (19 de julho de 1881) a noticia authentica de um caso actual de monomania bestial, referido pelo medico de Carmona. E' um pastor, de quem o medico diz: «Unas veces, quando se vê atacado, anda velozmente hasta que, rendido, cae casi exanime. Otras, las mas, adopta la existencia cuadrupeda y pára en ella varias horas — de seis á diez — andando de dicha manera é imitando con la posible exactitud los movimientos y las funciones de un buoy, incluso el paecer yerba y ruminarla, segun el dice, y no es dudoso, dada la poderosa influencia de su monomania». V. a Noticia, no *Positivismo*, 1881, pp. 329-30.

ram disseram-lhes: «Emquanto quizestes vencer almas infieis e ignorantes do deus que está no céu, foi-nos facil ajudar-vos, mas contra esta alma castissima que guarda a sua virgindade para Jesus Christo não podemos». E d'ahi converteram-se, e com tão sincera fé, com uma allucinação tão poderosa, que soffreram martyrio.

O christianismo, pois, mantendo, com o seu inferno e com as suas visões, a esphera animista no proprio seio da theologia, não significava para o povo senão uma definição nova dos seus mythos espontaneos. Que outros deuses podia conceber e *vêr* a imaginação rude das populações simples? Esses espiritos, gnomos, almas, são os deuses mesquinhos dos paúes e das florestas, germinados nos sonhos tristes do camponez lavrando o campo, pastoreando as cabras, accesos á fogueira do lar pela mulher fiando, scismando. Ha uma grande religião sabia que cobre o mundo como uma nuvem espessa de dogmas e canones; mas o povo, não os percebendo, não sente n'essas formulas e n'essas doutrinas o poema aereo do seu espirito. Obedece e repete machinalmente as orações e credos que os padres ensinam, mas os seus deuses intimos e verdadeiros são, serão sempre, os gnomos da phantasia, as sombras dos terrores ruraes e nocturnos.

## 3.

Façamos agora para os fetiches e para os feiticeiros o mesmo que fizemos para os mythos animistas: o leitor sabe que a feiticaria é a esphera objectiva ou cultural do estado animista, d'onde provem. E procuremos tambem, quanto possivel, dar a preferencia a exemplos caseiros, para fixar os traços d'esta historia commum a toda a Europa

chistianisada com os documentos do pensamento archaico de um povo conhecido na Antiguidade como supersticioso: Strabão affirma-o, e Silio Italico descreve os gallegos como *fibrarum et pennae divinatorumque sagaces*.

Vimos os mythos dos elementos, vejamos os ritos da metereologia fetichista. A' maneira dos povos selvagens, ainda os serbios de hoje, pedindo chuva, levam em procissão uma creança ornada de flores, dançando e cantando em volta d'ella emquanto lhe vão despejando baldes de agua na cabeça: a affinidade animista entre a imagem e o objecto — a agua dos baldes e a das nuvens — é evidente. Não o é menos, quando o marinheiro inglez assobia a bordo durante a calma para chamar o vento, não consentindo que se assobie quando elle sopra porque virá demais, em tempestade. Ainda ha um seculo, senão hoje mesmo, a Galliza possuia os seus *nubeiros*, herdeiros dos *tempestarii* dos antigos, que exorcisavam o ar para afugentar os demonios das nuvens tormentosas com palavras e ceremonias.

Exactamente como o selvagem do Taiti que despedaça os fetiches quando elles não respondem aos seus desejos; exactamente como os ostiaks da Siberia, como os singalezes e os chinezes, assim entre nós se deita o Santo-Antonio, fetiche por excellencia popular, dentro do poço, á maneira do pescador de Napoles que lança pela borda fóra os santos que o não ouvem no temporal, pisando aos pés as imagens da Virgem e de S. Januario presas no seu gorro; ou á maneira do pescador da Povia que apedreja o sanctuario da senhora da Lapa onde arde o farol da barra, quando, apagada essa luz, nas sombras da noute as ondas encapeladas condemnam ao naufragio as lanchas retarda-

rias que as mulheres em turba chamam da praia com gritos selvagens dilacerantes. Maltratar o fetiche, é maltratar o genio, espirito ou alma, porque na imagem de uma cousa está para a imaginação rude a essencia d'essa propria cousa.

Os camponezes russos cobrem a cara dos santos que têm nas casas quando fazem cousa indigna perante elles; e na Russia, como por toda a parte, as imagens têm valores particulares, creditos adquiridos, passando por emprestimo nas occasiões adequadas. Frazier conta de um capitão hespanhol que atava ao mastro do navio uma pequena imagem da Virgem Maria declarando que a teria alli suspensa «de castigo» até que lhe desse vento favoravel. Della Valle refere o caso sabido dos marinheiros portuguezes atando Santo-Antonio ao mastro da mezena para o mesmo fim. E na *Historia tragico-maritima*, ao contar-se a viagem de Jeronymo de Albuquerque, lê-se assim: «O dia em que nos deu a tormenta mandou J. de A. por conselho de alguns companheiros lançar no mar uma cruz de ouro em que trazia uma particula do Santo-Lenho da Vera-Cruz e outras muitas reliquias, amarrando a dita cruz com um cordão de retroz verde a uma corda muito forte com um prego grande por chumbada e o cabo e ponta d'esta corda ataram á dita nau». Amansou o temporal, e o milagre ficou consummado.

Este fetichismo que se mantém entre christãos e com reliquias sagradas, mantém-se parallelamente nas religiões correlativas ao christianismo, como são o buddhismo e o islamismo. Na *Viagem* do padre Godinho, preciosa por tantos titulos, achamos praticas identicas ás precedentes. Uma vez, a bordo de uma nau de mouros, o remedio contra a calmaria «foi pendurarem por pôpa um

cavallinho feito de pau com uma cauda muito comprida a som de frautas e atabalinhos». Outra vez, contra o temporal no mar da India, a bordo de uma nau de gentios, «tirou um d'elles da sua canastra por um idolo de metal, figura de Rama, uma campainha e duas soalhas do mesmo metal e foi-se com tudo isto á prôa do navio, donde se lhe ajuntaram todos os outros gentios vestidos de roupa lavada, e depois de cantarem, tangerem e bailarem ante o idolo, se empolvarisaram de sendur: logo saíram em volta da nau em procissão entoando cantigas ao som das soalhas. Depois lançaram um côco ao mar, contra o vento».

A palavra é, como o leitor sabe, um dos grandes fetiches primitivos: não é ella a representação mais viva de uma cousa? Os *ensalmadores* que curam com palavras e exorcismos homens e animaes — do mesmo modo que na Egreja o sacerdote expulsa o demonio do corpo do possesso — são entre nós os herdeiros dos *salutadores* antigos; e a crença é tão geral e tão profunda que em 1654 D. João IV, a braços com a guerra castelhana, promulga o seguinte alvará: «Eu elrey faço saber aos que este meu alvará virem que tendo respeito á informação que se me deu das curas que Antonio Rodrigues, soldado, tem feito com palavras em alguns cabos, capitães e soldados do exercito do Alemtejo, etc.» mando se lhe dê 40\$000 réis de accrescentamento do seu soldo com obrigação de assistir no exercito para se poderem valer d'elle os referidos e os curar. <sup>1</sup> Tal era o estado mental, não do povo, mas do rei e da côrte: de que modo, senão de um modo animista, podiam conceber-se os mythos christãos? Como não viveriam no povo as supers-

<sup>1</sup> V. *Hist. de Portugal* (3.<sup>a</sup> ed.) II, p. 126.

tições fetichistas, quando assim grassavam na côrte?

Por isso é corrente no seculo XVII, e não é rara ainda no nosso, a crença no «mal de olhado»: a vista possui o condão de transmittir os desejos de quem tem o poder de introduzir doenças no corpo alheio. Se o céu tem na Galliza os seus *nubeiros*, se as cearas têm os excommungadores do pulgão e dos gafanhotos, para os homens ha os que sacam os espiritos, os *desolhadeiros* que combatem com um feitiço opposto. E, para enriquecer ou ser afortunado em amores, ha quem escreve cedulas de virtude em papel ou pergaminho virgem, cedulas que se trazem ao peito ou se suspendem nos fechos das portas, ou se enterram nas hortas, nas vinhas e nos pomares; sem faltar quem ainda interroga os agouros como o Cid, consultando á moda antiga o vô dos corvos, das codornizes, dos açores e das aguias.

Mas a tradição astrologica da influença dos planetas é mais persistente na Europa, onde o astrologo é pessoa obrigada das côrtes medievas, onde os cometas são um objecto de terror ainda não inteiramente dissipado em nossos dias. Luthero contesta a theoria nova de Copernico da rotaçaõ da terra, como uma temeridade que a historia de Josué condemna; os astrologos erram, diz elle, attribuindo ás estrellas influencias más: só os cometas as têm. O de 1531 «que voltou a cauda primeiro para o sul, depois para o norte» prenunciava-lhe ameaças para o Imperador e para o principe seu irmão.

#### 4.

Depois d'estes breves exemplos vê-se a inefficacia da legislação canonica e civil no sentido de

arrancar do coração do povo as crenças vetustas. As nossas *Ordenações*, classificando como crime a feiticaria, perdiam bastante authority desde que o povo lia documentos como o alvará de D. João IV. A Igreja, nos canones dos Concilios peninsulares e nas prescripções constitucionaes dos Bispados, condemnando a feiticaria antiga, não podia destruil-a desde que mantinha no corpo dos seus dogmas o mytho do Diabo e o do inferno, dando ao espirito maligno uma potencia quasi divina. Se esses ritos eram diabolicos e o diabo tão poderoso, como lhe resistiria o pobre povo? Por isso, a legislação civil e a canonica (que mostram na repetição monotonica das suas condemnações atravez dos seculos a sua inefficacia) ficaram-nos como catalogo do fetichismo vetusto, ao mesmo tempo que os ritos e usos da superstição catholica nos dão os documentos do fetichismo novo, filiado na mesma origem do antigo—isto é, no estado animista da consciencia popular.

Os primeiros concilios peninsulares <sup>1</sup> condemnam sobre tudo os ritos pagãos que se mantinham apesar do estabelecimento do christianismo. O illiberritano (300-5) prohibe a conservação dos idolos domesticos; o luçense (569) que os clerigos sejam feiticeiros, que os fieis levem comidas aos tumulos dos defuntos, que se adore o sol, a lua, o curso das estrellas, que se adornem as casas com louro e folhagens, que se usemervas como encantos; o narbonense (589), no tempo de Reccaredo, condemna o descanso á quinta-feira (*dies Jovis*), manda castigar os feiticeiros, *caragios* e *sorticularios*; o III de Toledo (589) prohibe as nenias nos funeraes, e os cantos e danças por occasião da missa; e suc-

<sup>1</sup> V. *Historia da civil. iberica* (2.<sup>a</sup> ed.) pp. 48-51.



cessivamente as assembleás canonicas da Hespanha, por seculos, repetem com uma constancia monotona as prohibições e castigos, mostrando d'esse modo a sua inefficacia.

Quando á legislação clerical se substituiu a civil, os codigos apresentam o mesmo phenomeno, a partir do *Puero Juzgo* (L. III, tit. II, liv. VI) e até á ultima redacção das nossas *Ordenações* portuguezas. As *affonsinas* (1446) mandam que ninguem busque ouro ou prata ou outro haver, nem lance varas, nem faça circo, nem veja em espelho. Una postura da Camara de Lisboa, em 1385, ordena que «ninguem use nem obre de feitiços, nem de ligamento, nem de chamar os diabos, nem lance roda, nem sortes, nem ponha mão, nem meça atá, nem escante olhado com ninguem, nem lance agua por joeira». Não se cantem Janeiras nem Mayas; o carpir e depennar sobre os finados é costume que descende dos gentios.—E' quasi um catalogo das superstições, como o que as *Ordenações* posteriores formulam, incluindo n'um mesmo rol o fetichismo vetusto e o novo que se serve das imagens catholicas: fica apenas de fóra o ortodoxo.

A *Ordenação* manuelina (1521),<sup>1</sup> cujo texto, n'esta especie, é quasi fielmente reproduzido na redacção philippina (1603), contém o quadro mais completo das superstições historicas populares. Não se tenham mandragoras, nem cabeças de saudadores engastadas em ouro e prata; não se pregoem os endemoninhados; não se tome pedra-d'ara, nem corporaes; não se invoquem espiritos diabolicos em circulo ou encrusilhada; não se lancem sortes, nem se veja em cristal, nem em agua, nem em espelho, nem em espada, nem em espa-

<sup>1</sup> V. *Hist. de Portugal* (3.<sup>a</sup> ed.) II, pp. 10 e segg.

dua de carneiro; não se adivinhe em imagens de metal, nem em cabeça de animal ou de homem morto; não se traga dente ou baraço de enforcado, nem membro de homem morto; não se passem doentes por silvão, ou machieiro, ou lameira virgem; não se benza com espada que matou homem ou que passasse Minho e Douro tres vezes; não se cortem solas em figueira baforeira, nem cobro em lumiar de porta; não se levem os santos á agua pedindo chuva e ameaçando afogal-os; não se revolvam penedos, nem se lancem á agua para haver chuva; não se lance joeira; não se dê bolo a comer para saber de furto; não se passe agua por cabeça de cão para conseguir algum proveito. — A lei condemna e castiga taes actos «peroo esto nom auerá luguar nos astrologos que por sçiençia e arte de astrologia, vendo prymeiro as naçenças da pessoa, disserem algũa cousa segundo seu juyzo e regra da dita sçiençia».

De todos estes usos remotos, fragmentos de mythologias passadas, mais de um vive ainda com tenacidade no espirito popular; e as investigações contemporaneas mostram-nos que o rol das *Ordenações* era apenas um indice summario de crenças que envolviam e envolvem a imaginação do povo n'um espesso nevoeiro de crenças animistas. Beijar as solas dos sapatos livra de espectros e sonhos maus; beber agua com uma luz na mão, póde trazer morte repentina; deitar na cova de um defunto uma mão-cheia de terra, é o meio de evitar que a alma nos não persiga; se o morto fica de olhos abertos, é que chama por algum parente; queime-se a cama do morto, para que não volte a este mundo; pendurem-se cinco-reis á porta, para se ter dinheiro todo o anno; deite-se alecrim no lume quando troveja, para afugentar o raio; dê-se

ás recém-paridas caldo de gallinha preta; trazer dente de cão ao pescoço livra de cousas más; o chavelho de carneiro livra de quebranto, e, quanto mais retorcido, melhor; uma batata no bolso livra de rheumatismos; pisar a sombra de uma pessoa é mau; não se ponha a luz no chão ao deitar, porque apparecem almas; pregue-se na roupa do defunto um alfinete: elle pedirá a Deus por nós; não se brinque com a propria sombra: é brincar com o diabo — etc. O catalogo das nossas superstições populares nem está feito, nem que o estivesse caberia aqui, nem porventura poderá completar-se nunca. Quem é capaz de enumerar todas as folhas e botões que nascem no campo ao rebentar das arvores? Pois assim rebenta na imaginação do povo a vegetação dos mythos. As crenças novas condemnam as velhas, mas as invenções recentes são, no fundo, identicas ás vetustas, porque o homem rude de hoje vive como viveu o homem do passado.

As *Constituições* dos nossos bispados, datando dos seculos XVI e XVII, são ainda uma fonte de estudo do animismo popular porque todas insistem na condemnação dos ritos fetichistas. Não se benza com cutellos de taxas pretas, nem se vista camisa fiada e tecida em um dia, diz a de Evora (1534); não se levantem figuras pelo movimento ou aspectos do sol, da lua, ou das estrellas, nem por signaes do corpo humano, riscas e veias das mãos e outras partes, ordena a de Braga (1639); não se deem sortes de chumbo, ou de estanho, ou de cera derretida, manda a de Gôa (1568); não se rese á lua, nem ás estrellas, não se observem os dias para bons e maus agouros pelas vozes e encontro dos animaes ou pelo cantar e voar das aves, nem se exorcise pulgão, lagarta ou gusanos, nem se

usem ensalmos ou palavras para curar feridas ou doenças, ou levantar a espinhela, prescreve a do Porto (1687); e todas condemnam os feitiços, superstições, artes magicas, etc.

Todavia, a Igreja dava ao povo que não podia passar sem elles, em troca dos fetiches condemnados, fetiches sagrados — como a agua-benta, o signal-da-cruz, as velas da Ascenção, as palmas de domingo de Ramos, os rozarios, as medalhas, os bentinhos que se trazem ao pescoço, os santos de papel que se collam nas portas ou em cima das feridas, todos os amuletos e talismans do novo strato religioso; sem impedir que os antigos votos animistas renascessem sob a mesma fórma, nas velas que os marinheiros offerecem depois do naufragio, nas offertas das pessoas que se pesam a cera, nos quadros dos milagres que adornam os sanctuarios, nas *oscilla* de cera que se penduram nos altares, nas *promessas* que se cumprem nos dias festivos, indo nas procissões descalço, <sup>1</sup> ou caminhando de rastos para o templo.

<sup>1</sup> V. *Hist. de Portugal* (3.<sup>a</sup> ed.) II, pp. 22-3.

### III

#### Demonologia

##### 1.

O christianismo, adoptando na sua eschatologia o inferno, isto é, o Hades classico e o Scheol ou Gehenna dos hebreus combinados com o mytho egypcio do Juizo-de-Osiris, designou desde logo a patria de todos os mythos anteriores condemnados. A insufficiencia do saber deu pela observação um caracter como que scientifico ao inferno, cujas *boccas* se continuaram a vêr nas grutas singulares onde ha erupções gazosas ou thermaes e nas crateras dos vulcões activos como o Vesuvio, o Etna e o Hecla.

E' um facto sabido que entre homens e deuses os vencidos são egualmente condemnados. A tremenda sentença que o latim formulou — *Væ victis!* — apparece consagrada na esphera espontanea e ingenua da mythologia. A raça esmagada passa á condição de feiticeira, e os deuses vencidos á de demonios. Na Hespanha, depois da Renascença, os *moriscos* andaluzes, perseguidos e errantes são feiticeiros e bruxos. Os lavas da Birmania, suppostos restos de um povo exterminado, são temidos como homens-tigres. Os budas da Abyssinia vivem n'uma condição semelhante á dos nossos ciganos: são ferreiros, caldeireiros, louceiros, feiticeiros e lobis-homens. Os orang-benuas para os malayos, como os

dravidas mundas para os indios de Chota-Nagpur e de Singhbun, como os kurumbas para os todas e badagas, são creaturas temiveis dotadas de poderes maravilhosos, de segredos singulares e maleficios obscuros. Assim na Europa do norte o finnio e o lapão se tornaram malignos, chegando a fazer-se do nome de finnio um synonymo de feiticeiro, á maneira do que succede no sul com o de cigano. Assim tambem, na Allemanha, os protestantes vão ter com o padre catholico para os exorcisar, para consagrar as hervas, para dar *remedios* e descobrir os ladrões.

Uma reforma religiosa é como a victoria de um povo — a consagração de uma força mais elevada. O facto é uma sentença quasi sempre bem fundada. Quem vence tem razão — ou o povo por valer mais, ou o culto por ser mais elevado. Por isso o vencido é um condemnado. Por isso as almas e os deuses pre-christãos desceram ao inferno; e embora a religião nova puzesse no céu outras almas e outros deuses da mesma especie, havia para além d'essa repetição uma innovação — o grande mytho de um Deus, vontade e consciencia do mundo, deus abstracto e psychologico, ainda visto, atravez da imaginação semita, n'uma opposição mystica á natureza real e á vida activa cuja apothose a mythologia classica fizera. Todos os pensamentos e vontades humanas se representavam em Deus, unificando-se mysticamente n'um instinto de negação do mundo: por isso todas as forças e potencias da realidade, divinizadas até então, se unificaram tambem n'um mytho opposto — o Demonio. A tragedia divina transcendentalizou-se: o demonio tornou-se tão abstracto como deus. O Universo inteiro caiu sob o imperio d'estas duas potencias antitheticas, igualmente abstractas, e cu-

jas revelações ou hypostases eram de um lado as visões do pensamento mystico, do outro as visões do instincto realista. Deus estava em toda a parte, em toda a parte o Demonio — ubique *dæmon*!

Na nova phantasmagoria, pois, são tão verdadeiros e reaes os milagres divinos como os demoniacos. Ambos nascem de um mesmo estado mental, gerados com as mesmas faculdades; mas uns são os que obedecem á visão da vontade mystica, outros os que obedecem aos impulsos do instincto carnal; uns são os que entram no corpo dos dogmas reconhecidos bons, outros os que pertencem aos mythos remotos condemnados. Theologicamente, Demonio é o Mal, Deus é o Bem.

Mas para o povo, ignorante da theologia e conservador das suas tradições, usos e amores antigos, o demonio, nas suas hypostases diversas (representantes modernos dos antigos typos de divindades chtonicas ou eschatologicas, principalmente) não é mau absolutamente: é um vencido que frequentemente merece admiração, *sympathia*, quasi amor. O nosso povo chama-lhe Cornudo, Unha-revolta, Tição-negro, Barzabú, Fusco, Zarapelho, A-cousa-má, Pedro-de-malas-artes, Tisnado, Macanito, Satanaz, Mafarrico, Carocho, Galhardo, etc. — e nenhum d'estes nomes exprime odio: uns dizem medo, outros até *sympathia*. «O diabo não é tão feio como o pintam» é uma expressão vulgar ainda, e usada n'um sentido metaphorico. O diabo do povo não é o dos theologos, e os diabretes, dragos, fradinhos-da-mão-furada, que habitam nas casas como genios ou gnomos que são, herdados das mythologias anteriores, não têm maldade, são apenas travessos: quebram a louça, apagam as luzes, divertem a monotonia silenciosa da noute. O povo que os não teme, põe em Satanaz as len-

das antigas dos tytaens e os *trabalhos* dos heroes : o diabo é o author das grandes obras que impressionam a imaginação, como as pontes sobre as torrentes — como a nossa ponte da Misarela, alta de 23 m. sobre o rio. As «obras do diabo» são os grandes arrojos da arte humana, como mais de uma cathedral.

O povo, no seu sentir colectivo, é como as creanças que desconhecem a caridade: põe o diabo nos côxos e aleijados, como o selvagem que concebe nas doenças a visita de uma certa alma. Os doídos, os côxos, os cegos, os mudos, dizia Lutherô, são homens em que o diabo habita: os medicos, tratando estas enfermidades como tendo causas naturaes, são ignorantes que desconhecem a potencia do demonio. Lutherô, o representante mais genuino da alma popular germanica, via a patria do diabo por toda a parte: havia muitos na Prussia; na Suissa, junto de Lucerna, no lago de Pilatos, morava um demonio terrivel; em Eisleben, terra natal do protestante, conhecia elle um paul semelhante: era uma prisão de diabos; se se deitava uma pedra na agua, levantavam-se ondas e tremia a terra. Em Sussen, n'uma sexta-feira santa, o diabo levou tres escudeiros que se lhe tinham vendido.

Para a Hespanha do seculo XVI o livro de Ciруelo (*Reprobacion de las supersticiones*, 1556) é o tratado da demonologia peninsular. Ahi, esse mytho summario da Edade-media em cuja realidade o author crê, embora não creia nas *superstições* do animismo primævo, apparece dotado de todo o saber:

Sabe los movimientos de los cielos y de los elementos, y sabe las virtudes de las estrellas, los eclipses y las conjunciones y otros aspectos de los planetas. Sabe las propiedades de los metales y piedras, yerbas y de todas las



medicinas y las de los peees y de las animalias de la tierra. Sabe la astrologia, philosophia y medecina, mejor y mas perfectamente que todos los philosophos y sabios del mundo. . . De las cosas ya pasadas en el mundo, tiene memoria, y las sabe casi todas como y en que manera acaescieron y las puede contar como un grande coronista, porque todas las tiene en su memoria y puede luego recontar las historias de los santos patriarchas de las primeras edades del mundo y las de los Hebreos, Griegos y Latinos y de todas las otras naciones barbaras porque el se halló en todas ellas donde quiera que acontecieron. . . Y todas estas cosas el diablo las puede revelar á los malos hombres siervos suyos.

A sciencia do diabo não é pois má em si propria : é a sciencia verdadeira, vista atravez do inferno. A imaginação synthetica inventou para oppôr ao Deus semita um Demonio formado com todos os elementos mythologicos do pensamento neoaryano, n'esse mytho novo em que vêm sommar-se tambem todas as tradições animistas. Se Deus, pensamento ou vontade do mundo, está em toda a parte, em toda a parte está igualmente a sua antithese e o seu émulo — visto e ouvido nos sonhos e nas allucinações. «De noute, quando acordo, diz Lutheró, apparece o diabo que disputa comigo e me propõe idéas singulares, até que eu, animando-me, o dispeço dizendo-lhe : beija-me o c. . .!» Não houve grande espirito, n'essas edades geradoras precedentes da nossa, que não visse o demonio : era uma apparição que saía das entranhas do pensamento universal, como o fumo das cabanas das aldeias se levanta de madrugada dos vales, subindo e envolvendo os montes erguidos.

Pico de Mirandola attesta as visões de Savonarola, e Melanchton consulta spectros que lhe respondem. O demonio vivo apparece a Lutheró na Wartburg e é repellido com o tinteiro do doutor :

ainda hoje se mostra a nodoa da tinta na parede. «O inimigo de todo o bem e de toda a saude galopa-me ás vezes na cabeça impedindo-me de ler ou escrever o quer que seja.» Mas a allucinação não pára na região do pensamento: chega a perverter os sentidos: vêem-se dragos, serpentes e monstros inominados.

E' só aos espiritos agitados pelo protestantismo que o diabo apparece? Não. Os melhores dos santos são perseguidos; e quasi se póde dizer que a tentação é uma condição de santidade. Santa The-reza conta no *Libro de su vida* que, estando uma vez rezando, o diabo lhe appareceu do lado esquerdo: saía-lhe uma grande chamma branca do corpo, uma chamma que não dava sombra. Dizia-lhe que ella se lhe escapara das mãos, mas que voltaria. A santa fez o signal da cruz, o diabo desapareceu. De outra vez deitou agua benta com o mesmo exito. Resando com fervor, na igreja, o diabo veiu e sentou-se-lhe sobre o livro; repelliu-o, elle fugiu e voltou: isto por varias vezes. A santa *via* o purgatorio e as almas que a sua prece ia remindo: por isso o diabo a interrompia.

O problema da synthese summaria das duas origens parallelas da mythologia, problema que o christianismo devia resolver com o mytho da Vontade abstracta, resuscitava no dualismo simultaneo da theologia dos doutores e da allucinação dos santos. Porque? Porque a Europa, avassallada um momento pela idéa dos semitas, não podia submeter a essa abstracção dura a sua *vis* creadora. Passado o terror do millenio, e provado que o mundo viveria, os filhos dos aryas, obedecendo a um instincto, recomeçavam, atormentados, uma lucha derradeira em busca da summa sabedoria.

A grande phantasmagoria do mundo enlouquece, e n'essa epocha da Renascença em que cada dia surgem descobertas tão imprevistas como as dos mares e continentes incognitos, as cabeças andam á roda — como o mundo que novos sabios affirmam girar no espaço! Vacilla tudo, segundo Luthero diz. A Egreja poz frente a frente, sobre a Montanha, Deus e o Diabo em opposição: nem os sabios, nem o povo, sabem qual dos dois póde ou vale mais, chegando a confundil-os. «A tentação da carne é pouco: a primeira mulher a cura. Eustachia teria curado S. Jeronymo. Mas Deus nos livre das grandes tentações da Eternidade! Não se sabe então se o diabo é deus, ou deus é o diabo.»

Nas palavras de Luthero vê-se, ao acabar da Edade-media, que a mythologia religiosa, digerido o semitismo, se encontra no mesmo estado em que se viu a Antiguidade platónica: assim uma alvorada torna depois de uma noute escura. A situação mental de Luthero é a de Loyola <sup>1</sup> — é a situação da Europa inteira, que achou para ella duas soluções oppostas: a Obediencia e o racionalismo dos jesuitas, e a Liberdade e a illuminação dos protestantes. A solução de Loyola, abraçando-se aos joelhos de Deus e rojando como um Job a face no pó, é a solução orthodoxa; a de Luthero, protestando, abre a um tempo o caminho parallelo da extravagancia illuminada, da ironia acerba, e do bom-senso pratico. O remedio contra as tentações, diz o doutor, é resar, trabalhar e não estar só. O diabo é triste, a musica afugenta-o: se não bastarem contra elle as palavras da Escriptura, usem-se termos picantes e motejos.

A orthodoxia mandava usar cilicios, jejuns, peni-

<sup>1</sup> V. *Hist. da civil. iberica* (2.<sup>a</sup> ed.) pp. 190 202.

tencias; mandava castigar a carne rebelde, castigar os desejos, o mundo: tudo isso era o Demonio, e Deus a paz do aniquilamento mystico. Por isso, o diabo que resumira em si toda a realidade da vida na Edade-media, apparecia agora aos catholicos encarnado na propria pessoa do herege que scindia a Egreja. Luthero e o Papa repetiam na historia o famoso duello da Montanha. Cochlaeo affirmava que o doutor provinha de um incubo; os hespanhoes na dieta de Augsburgo (1530) acreditavam que Luthero e Catharina engendrariam o Ante-christo.

Não será porventura temerario vêr n'esta humanisação positiva do Diabo a sua morte. O demonio é um deus, e os deuses acabam no dia em que attingem a phisionomia de homens.

## 2.

Mas falta-nos ainda estudar a feiticeria sob o seu aspecto particular á Edade-media e ao christianismo, isto é, a feiticeria demoniaca, para nos aproximarmos do termo da nossa viagem.

O feiticeiro, que n'outros tempos ou n'outros lugares é o medianeiro das almas e dos deuses da noute ou dos sonhos, torna-se na Edade-media o *filho* do demonio, desde que toda essa phalange de mythos se fundiu na pessoa de Satanaz. A bruxa nasce de um coito com o demonio, ou vem de um erro liturgico do baptismo, ou de ter sido baptisada por um padre bebado, etc. E' uma allucinada, uma hysterica — por isso, como diz Michelet, por cada feiticeiro ha dez mil bruxas. A mulher nasce fada: a exaltação torna-a sibylla, o amor bruxa, a malicia feiticeira. Entre bruxa e feiticeira a distancia é grande: a bruxa é apenas a creatura

do demonio, passiva; a feiticeira tem o poder de evocar e mandar sobre os espiritos maleficos. «Nenhuma póde ser bruxa, diz, comtudo, uma sentença da Inquisição portugueza (1559), sem subir pelos degraus de feiticeira e alcoviteira» — o que dá á bruxa o lugar eminente: graduação concebivel, pois se a feiticeira é aquella que tem *pacto* com o demonio, a bruxa, embora passiva, é em si um quasi-genio, uma larva que toma a fórma de mulher.

Bruxas e feiticeiras são boas para o pobre povo: não vimos nós que o diabo, tão odiado pela theologia, não deixava de ser simpathico? Para quem hão de appellar as populações que uma vida cruel afflige e que a Egreja ameaça com as suas orações funebres, os seus ritos egypcios — ritos de morte em que se esvaíram todas as notas da alegria pagan? Vimos quantas sciencias o demonio sabe: é astrologo, é medico, é adivinho de thesouros e venturas inaccessiveis. A bruxa, seu sacerdote, conhece os segredos das hervas consoladoras (*solaneas*), hervas que embriagam e adormecendo fazem esquecer uma vida funebre, sonhar com um paraíso semelhante aos dos fumadores de opio.

E são terriveis os tratos que soffrem para poderem distribuir as consolações, livrar dos partos as mulheres afflictas. Renegaram de toda a fé: estão perdidas para todo o sempre. O diabo, a quem se venderam, assignando o livro negro do juramento, vem de noute e leva-as comsigo, arrastando-as pelos ares, arrancando-as do leito onde dormiam ao lado do marido ignorante...

Vôa, vôa,  
Por cima de toda a folha!

Assim viajam por longes terras, vão á India, vão ao Brazil, e voltam embarcadas em cascas de ovos; e o povo que as procura de dia a pedir-lheservas e receitas, teme-as de noute, aferrolhando as portas, vedando as janellas. E' de noute, n'essas viagens da phantasia pelos ares, que a bruxa se torna malefica: é má quando é apenas um sonho, em realidade é boa. Mas o medo animista representa-a como gato, sentada na borda do berço dos netos, sugando-lhes o sangue; vê-a vestida de branco, desgrenhada, alta noute, errando nas encruzilhadas por entre os pinheiraes á espera do diabo. Formam uma confraria de servas do demonio, conjurando-se para o infanticidio, e do sangue que chupam fazem os unguentos com que se untam para irem á meia noute ao Sabbat. Contra essas perseguições funestas, o povo afflicto multiplica os remedios: ramos de alecrim e arruda com uma thesoura aberta em cruz sob o travesseiro do filho; um rosario de cabeças de alhos ao pescoço; uma figa, como gesto e como amuleto; chinelos velhos queimados; uma luz accesa sempre desde que a creança nasce até que se baptisa; uma ferradura pregada na porta; meias calçadas ao avesso, espada núa á cabeceira, etc. Com estes remedios as bruxas serão impotentes durante a noute, emquanto se dorme.

A saudade do marido ou do filho que partiu nas naus da India ou nos galeões do Mexico, e anda por longes mares, affligia os dias na idade das conquistas. Morreria? Quem o dirá, senão a feiticeira para quem o mundo não tem segredos? O seu poder é enorme: a Camaicha, de Montilla, converteu em cavallo a D. Alonso de Aguilar. O diabo obedece-lhe e acode logo que ella o chama. Umastraçam um circulo no chão, diz Ciruelo, outras

n'uma redoma cheia de agua, ou n'um espelho, ou em pedras preciosas, ou no polido das unhas das mãos. O diabo apparece conforme lhe apraz: umas vezes homem, outras de saias, outras de cão, de gato, de lobo, de leão, de gallo, assim que foi chamado.

Eu te encanto e te recanto e sobreencanto com todos os encantadores e com a casa santa de David e com a hostia consagrada se é assim

Alleluia, Alleluia  
 Sam Marcos te amarque  
 Sam Manços te amanse  
 A graça do Espirito santo te abrando  
 A Hostia consagrada te encarne  
 Quando me vires  
 Em mim te remires  
 Quando me não vires  
 Por mim gemas e suspires.

Á feiticeira é a amante do demonio; os seus amuletos são os fetiches orthodoxos: a hostia, a pedra-d'ara, os corporaes do altar. Sacerdotisa de um deus que é a antithese do verdadeiro, os seus ritos são as formulas *satanicas* da negação.

Ao esconjuro textual de uma feiticeira nacional que ahí deixamos exarado, é necessario juntar os traços que a litteratura nos fornece? Gil-Vicente, no seu *Auto das Fadas*, dá-nos um tratado da feiticaria classica portugueza. A feiticeira retrata-se a si assim:

Ando nas encruzilhadas  
 A's horas que as bem fadadas  
 Dormem somno repousado,  
 E estou com um enforcado  
 Papeando-lhe á orelha...  
 E havendo piedade

Das mulheres mal casadas  
 Pera as ver bem maridadas,  
 Ando pelos adros nua  
 Sem companhia nenhuma  
 Senão um sino samão  
 Mettido n'um coração  
 De gato preto, e não al...

Faz-se em scena a evocação, n'um alguidar «feito ao luar, debaixo das sete estrellas, com cuspinhos de donzellas» onde vem toda a serie dos feitiços: sangue de leão mexido com rabo da Huja, fel de coruja, fressura de sapo, mama de porca, barbas de bode furtado, fel de morto excommungado, seixinho de ao pé da forca, bolo de trigo, bico de pega, aza de morcego, bafo de drago

...reliquias minhas  
 N'esta agua clara mettidas  
 Havedes mister mexidas  
 C'o lixo das andorinhas.

A noute, porém, caminha, e o diabo espera as bruxas e feiticeiras nos olivaeos remotos para a Missa-negra do Sabbat:

Cavalgo no meu cabrão  
 E vou-me a Val de Cavallinhos  
 E ando quebrando os focinhos  
 Por aquellas oliveiras  
 Chamando frades e freiras  
 Que morreram por amores...

No Diabo tomaram corpo todos os mythos condemnados: no Sabbat praticam-se os velhos cultos prohibidos, dando-se largas ao desespero que opprime as populações perseguidas por uma clerezia ávida e por uma nobreza cruel. O que foram ceremonias tornam-se em sonhos e allucinações. Na



Hespanha, a região do Sabbat é a das montanhas, na serra Morena, na serra Nevada, nas faldas vascongadas do Pyreneu onde está o Prado-del-cabron. Ahi as feiticeiras ou xorguinias iam ouvir a Missa-negra a que o diabo presidia em fórma de satyro ou semi-capro negro e feio. Parodiava-se a confissão, a eucharistia e a missa, acabando o carnaval satânico por uma orgia lubrica em que os assistentes se soltavam aos bandos, sob a fórma de gatos, lobos, rapozas, talando os campos. Eis aqui a descripção dada por umas bruxas portuguezas, penitenciadas pela Inquisição em 1559 :

Sendo nos ditos campos, disse que se achava lá outra muita gente de muytas partes, a saber, portuguezes de todo este reino, mouros, judeus, francezes, e de outras muitas nações e diversas linguas e muytas mulheres e homens portuguezes e alguns muito fidalgos com algumas filhas moças e formosas ; e alguns levavam cousas de comer, e tanto que lá chegavam, muito com ellas os demonios em pouco espaço de tempo dormiam com ellas muitas vezes carnalmente... e que elles (demonios) tambem dormem com moças virgens as quaes suas mães por serem bruxas e outras tambem bruxas lhe alcovitam e provocam a que pequem e durmam com elles e com os mais da sua diabolica seita... Nos campos onde se ajuntam, os demonios dão aos mesmos homens bruxos mulheres muito formosas com que durmam, as quaes eram os mesmos demonios que tomavam a figura de mulheres... Depois de folgarem nos campos e ajuntamentos com elles (demonios) lhes poem uma mui comprida mesa de umas taboas negras, estas em cima da terra sem toalhas e sem mais outra cousa, e lhes trazem em uns pratos de páo preto e delles nas mãos muita somma de carne de bode muito cosida e delida e a lançam pelas mezas para que ellas com elles comam. E as que não querem comer andam em seus passatempos carnaes e seus torpes ajuntamentos pelos campos folgando. A qual conida... fedia muito a enxofre e alcatrão : e nas mesas estavam por candeias umas tochas com cabos de cordas alcatroadas com breu e alcatrão que davam um negro, escuro e fedorento lume. E na cabeceira da mesa estava sentado o seu maioral em sua cadeira de

espaldas negra, com um roupão, com o capuz frizado e ás vezes o tinha tosado muy negro e una barba muito comprida e como rei o adoravam e obedeciam todos os outros e o serviam de joelhos e na mesa serviam muitos d'aquelles espiritos malignos. . . E estando n'estes desenfadamentos e folgares cantava no campo um gallo preto que estrugia as orelhas que devia ser algum demonio que sempre cantava á meia noute e a modo de gallo. E logo n'um momento se desfaz a festa e o folgar e todos os demonios desaparecem e os que lá têm suas amigas e mancebas as tornam n'um momento a trazer do modo que as levaram as suas casas.

O Sabbat portuguez é apeñas carnal; é simples e grosseiro como a imaginação rude do povo que o concebe. Quasi não tem caracteres satânicos, como a Missa-negra da Biscaya. Sonho de espiritos allucinados, apparece como um espelho da vida: o Sabbat não é outra cousa mais do que a visão nocturna, a apparição em sonhos d'aquillo que durante o dia parece ser o summo da orgia.

A marcha d'esta crença é correlativa á outra, — dos lobis-homens: dos trajos nos sacrificios dos bosques veiu a confusão dos homens e das bêstas, e d'essa confusão supposta a allucinação da lycanthropia. Com o Sabbat succede outro tanto. Até ao anno 1000, as reuniões nocturnas fazem-se para a celebração das ceremonias pagans que a Egreja condemna; fazem-se de noute, em campinas afastadas. A turba confusa de gente que os senhores lançaram na condição de servos adora Dianom (Diana-Hecate-Lua) accendendo-lhe velas; o lupercal persegue as mulheres e as creanças com a velha mascara negra do phantasina Hallequin (Arlequin). Assim se celebra fielmente o *pervili-gium Veneris*; mata-se no S. João o bode de Priapo-Baccho-Sabazio, durante esse carnaval popular que a Egreja repelle para a noute e para a som-

bra dos bosques. O latim em que ella profere a sua Missa é um mysterio para o servo, e á maneira que a Antiguidade se afasta, os seus deuses tornam-se o demonio (conforme vimos) e as Sabazias a Missa-negra ou Anti-missa do Demonio que é o Anti-Deus: tambem o servo é o inimigo do senhor feudal!

Por dois ou tres seculos — a idade aurea dos pactos — o Demonio é o protector de todos os afflictos, dos miseros na sua mesquinhez, dos sabios e doutores nas complicações e enygmas da escholastica e da alchymia, dos artifices nos atrevimentos das suas construcções aereas que desafiam as leis da estabilidade — principalmente do povo dos campos, perseguido pela crueldade dos senhores, perseguido pela fome, perseguido pelos filhos chorando por pão! As orgias do Demonio são este-reis, as bruxas afogam as creanças no berço: Viva quem nos livra da afflicção dos filhos! A Missa-negra, especialmente na Europa central, onde os servos se congregavam ás noutes em multidões de seis, de doze mil cabeças, é o fermento das *jacqueries* levedado pelo satanismo, excitado pelas bebidas narcoticas e pelo delirio das rondas de Sabazio. O Baccho antigo é já claramente o Demonio: um idolo de pau, hastato, com o bode symbolico ao lado, sobre o altar onde a feiticeira celebra a missa ao clarão das fogueiras lugubres que fazem dançar no fundo negro do ar as duas moles medonhas — a da torre feudal distante que é a perseguição na terra, e a do corucheu da egreja onde o latim dos padres repete em permanencia as orações da morte com ameaças de tormentos eternos. Tudo é lugubre — a terra e o céu! Satan é o unico protector e messias do servo.

A partir do seculo XIV a Missa-negra de Saba-

zios-Satan já se não celebra nos campos, mas fica por lembrança na imaginação do povo, para arrebatat as mulheres hystericas—as bruxas. A famosa untura com que ellas se preparam para a viagem pelos ares compõe-se dos succos da *datura stramonium*, da belladonna, da mandragora, succos excitantes, narcoticos poderosos que produzem as allucinações do sonho: o alcaloide da *dat. stram.* é a mesma atropina que se extrae da belladonna, e maçan-d'espinho, maçan-do-somno, maçan-do-diabo são denominações da planta celebre das feiticeiras. Gassendi conheceu ainda no principio do XVII seculo um homem do Languedoc que usando do oleo de stramonia tinha a certeza de ir passar a noute ao Sabbat: sabia muito bem que dormia, mas *sabia* tambem que as viagens dos sonhos eram *realidades*.

Com que argumentos se lhe provaria não o serem, se elle via, sentia, gosava? E o leitor não esqueceu de certo ainda como a psychologia do homem primitivo *vê* acordado o que sonhou dormindo, e como as aparições da noute se tornam allucinações de dia. D'esse estado pathologico do systema nervoso veio a lycanthropia e vem tambem outra molestia egualmente filiada nas superstições ou factos de sobrevivencia da nossa Edade-media: a choreomania. Note-se o facto sabido do character contagioso das affecções nervosas, e comprehender-se-ha a realidade phantastica de um tempo em que tudo são bruxas, tudo lobis-homens, tudo rondas de gente desvairada no delirio da dança-macabra, a que os allemães chamam de San-Witt, os francezes de San-Guy, os hollandezes de San-João, que para os italianos da Calabria é a Tarentula, e para os *jumpers* do Monmouthshire, ahi por 1785, uma

homenagem a Deus em memoria de David, o que dançou perante a Arca!

As nuvens de almas que povoam a phantasia são a verdadeira mandragora da imaginação: são ellas que enlouquecem o povo, desde que os doutores fizeram com todos os mythos o dualismo transcendente de Deus-Demonio. O desvairamento é egual, na vertigem demoniaca e no extasis mystico; a loucura identica, para o critico, nos que *vêm* o Demonio porque respiram um pessimismo satanico, e nos que *vêm* Deus porque respiram um optimismo religioso. A Egreja, porém, não podia pensar assim. Ella viu, vê tambem o Demonio que é o seu inimigo; e combatia-o com as armas do inferno, com as tenazes e o lume, condemnando ás chammas reaes aquelles que a theologia condemna ás chammas phantasticas de outra-vida. Em vão surgem sporadicamente os protestos contra a crueldade: nem os inquisidores nem os feiticeiros se crêem victimas de uma allucinação. Em 1518 Wier, de Westphalia, dil-o porém, chamando á lycanthropia, ao Sabbat, ás feiticeiras, casos de hysterio-demonopathia; em 1453 Edelino, doutor da Sorbonna, affirmara que as saturnaes diabolicas eram apenas sonhos doentios; e, em 1520, Grillando, um inquisidor de Arezzo, vem declarar que os Sabbats são imaginarios e as bruxas pessoas atacadas de hysterismo. Mas estes preununcios de uma lucidez scientifica e critica luzem ainda apenas como alvoradas. A Europa é uma casa-de-doidos, hystericos da sabedoria que vêem Deus, hystericos da feiticeria que vêem Demônios: os primeiros queimam os segundos. As fogueiras da Inquisição crepitam e a diabolatria nasce, como uma phenix, das cinzas dos queimadoiros. Desde a Hespanha até á Allemanha, a Eu-

ropa é uma fogueira em que uns doidos queimam outros doidos: em Wurtzburgo arderam de uma vez 800, em Bamberg 1:500, em Genebra no anno de 513 mataram-se 500 feiticeiros em tres mezes. A Hespanha, á sua parte, queimou (1547-1805) 32:000 pessoas, entre feiticeiros judeus e hereges; Portugal (até 1732) 1:454. <sup>1</sup>

## 3.

Mas quem ignora hoje a influencia anesthesica da allucinação? O fogo não queima, as feridas não doem, a morte não assusta. Em todas as perseguições se observa a embriaguez do martyrio que é contagiosa, e se os *Acta sanctorum* consideram milagre a coragem dos christãos, os feiticeiros têm tambem o seu martyrologio, e quasi em nossos dias a Liberdade, idolo novo, o teve tambem. Na revolução franceza morria-se com indifferença, quasi com prazer, e de certo com vaidade. A um doido que tentou suicidar-se cortando as guelas no hospital de Paris, ouviu-se dizer: «Tive logo a voluptuosidade ineffavel de cortar o pescoço e vêr correr o meu sangue!»

O hystericismo produz uma como loucura, porque, se as facultades mentaes não estão desorganisadas, a desordem nas sensações dá-lhes impressões erroneas: é uma loucura reflexa, se assim é licito dizer. Affirmam os medicos que no hystericismo o enfermo sente subir do hypogastro ao pescoço como um nó que teria penetrado, sem se saber como, no organismo. As constrictões, os movimentos involuntarios, a desordem que sentimos não poder dominar, fazem-nos crer que obedecemos a

<sup>1</sup> V. *Hist. de Portugal* (3.<sup>a</sup> ed.) II, pp. 31-40 e 186-91.

uma vontade alheia. Experimenta-se a sensação de picaduras, formigueiros, oppressão na pelle e nas visceras, e com isto furias, uma força muscular extraordinaria, a bocca escumante em accesos de gritos e palavras sem nexo. Eu vi uma hysterica rachar com uma palmada um tijollo argamassado no chão de uma casa alemtejana; vi-a por horas fixando o sol sem cegar; ouvi-a ladrar como um cão. Todos conhecem os factos observados de analgesia ou insensibilidade local: como as mordeduras não doem mais aos lipemaniacos do que o varão de ferro em braza que o cão damnado comprime na bocca; como se têm nas mãos carvões ardentes e se praticam sem soffrimento tantos actos dolorosos — explicação obvia de mais de uma das *provas* dos Juizos-de-Deus dos povos primitivos.

O hysterico é o possesso: o nó que sobe do hypogastro é o *demonio* que presta a sua força áquelle em que entrou, fallando-lhe pela bocca espumante, manifestando-se na insensibilidade da pelle. Chamava-se signal-do-diabo ao ponto em que impunemente o exorcista enterrava uma agulha, prova evidente da possessão demoniaca. Essa condição morbida em que o homem apresenta faculdades anormaes não podia ter outra explicação senão a transcendente: Deus ou o Demonio, seres que se confundem nas raias da visão, não se sabendo bem, mais de uma vez, se a allucinação de um *alumbrado*, <sup>1</sup> por exemplo, é divina ou demoniaca, heretica ou santa. Mas os symptomas extravagantes ou repellentes do hysterismo quadram melhor ao demonio do que ao deus, e é um instincto que estabelece a distincção, quando não é o

<sup>1</sup> V. *Hist. da civil. iberica* (2.<sup>a</sup> ed.) pp. 183-9 e 98.

comportamento ou a doutrina seguida pelo enfermo na lucidez. Subjectivamente, o paciente experimenta a mesma illusão. Todo o ar que respira é divino ou demoniaco: crê-se visitado por deus ou pelo demonio. Já demos exemplos bastantes d'este estado de imaginação que, se hoje é talvez só dos alienados, foi já commum a toda a gente. Vimos a opinião de Luthero, vemos com elle sabios e doutores defenderem muito positivamente a realidade da possessão. Martin del Rio allega o caso de Maria Pacheco, a senhora de Coimbra em quem o demonio entrou e que, feita homem, partiu para a India onde praticou façanhas. Ambrósio Paré, o celebre naturalista, crê na possessão, nos pactos, nas sortes e malefícios; classifica os demonios em varias ordens: cacodemonios, coquemares, gobelinos, incubos, succubos, lutins; diz que se transformam em bodes, jumentos, cães, lobos, corvos, lagartos, para apparecerem no mundo; e que introduzindo-se nos possessos, fallam linguas ignotas, fazem tremer a terra, chamam relampagos e trovões.

O paciente experimenta a mesma crença que está no espirito dos que o rodeiam; julga-se a si aquillo que os mais crêem que elle é, e por isso se observavam possessos que se deliciavam na honra ou que se penitenciavam d'ella. Esses casos, geraes outr'ora, repetimos, são hoje relativamente raros fóra dos hospitaes de loucos. Ahi observa-se que á maneira que o chefe do estado é rei, imperador ou presidente, assim os doidos se crêem a si quando a mania das grandezas os ataca: nos hospitaes de Paris, depois da Communa, foram numerosos os casos de mulheres *satanisadas* que se confessavam petroleiras ou guias dos prussianos em Sedan. A afflicção universal imprimia na lou-



cura um cunho de protesto que é como um ecco distante dos protestos demoniacos do povo na afflicção da Edade-media; e entre a loucura constitucional e a loucura reflexa produzida pelas allucinações do hysterismo (casos distinctos para o medico) não ha, sob o nosso ponto de vista, differença, porque ambas levam a um mesmo estado mental que nos doidos é constante e nos hystericos intermittente.

Comtudo, como em outros tempos se dava realidade á possessão, a intermittencia das crises tornava-se uma loucura chronica, porque até na lucidez o homem sujeito a accessos se acreditava e era tomado como presa do demonio. Passivo, e não quasi-demonio como as bruxas e feiticeiras, vehiculo apenas e não sacerdote ou *filho* do diabo, os que *tratavam* com elle, repetimos, ou abraçavam ou repelliam o tentador. Não ha santo a quem o diabo não falle, não ha homem que elle não tente, não ha corpo que não visite: é abraçado ou repellido, e d'ahi vêm as numerosas lendas dos Faustos, cujo destino é o céu ou o inferno, conforme na vida escolheram deus e o mosteiro ou o demonio e o mundo.

Torralba, medico da rainha D. Leonor, mulher do nosso D. Manuel, é um Fausto hespanhol cujo Mephisto foi Zequiel. Em sua companhia viajou pelos ares a assistir á tomada de Roma pelo Bourbon (6 de maio de 1527) conforme D. Quichote o conta em Clavileño.

Acuerda-te del verdadero cuento del licenceado Torralba a quien llevaron los diablos en volandas por el aire, caballero en una caña, cerrados los ojos y en doce horas llegó á Roma y se apcó en Torre de Nona... y vió todo el fracaso, asalto y muerte de Borbon; y por la mañana estaba de vuelta á Madrid ya, donde dió cuenta de todo lo

que habia visto: el cual asimismo dijo que quando iba por el aire le mandó el diablo que abriese los ojos y los abrió y se vió tan cerca á su parecer del cuerpo de la luna que la pudiera asir por la mano y que nó osó mirar á la tierra por nó desvanecer-se.

A ironia caustica de Cervantes abraçava na sua condemnação pelo bom-senso a cavallaria e a feitiçeria, <sup>1</sup> mas na historia monastica portugueza de S. Frei Gil, conforme a conta Fr. Luis de Sousa (*Hist. de S. Domingos*), vê-se quanto os pactos eram ainda considerados realidades no fim do seculo XVI, e tambem muito mais tarde. <sup>2</sup> S. Frei Gil nascera em Vouzella em 1190 e estudava medicina quando o demonio o tentou — porque na Edade-media o diabo tenta de preferencia os medicos que estudam os segredos da vida. Fez-se o pacto. «Foi-se com elle onde o esperavam os ministros da officina infernal. Era uma gruta na raiz de um monte em lugar ermo e longe de povoado. Aqui entrou e residiu, feito discipulo de Lucifer.» Essas covas, onde Gil esteve, eram junto de Toledo, e d'ahi foi a Paris tomar grau, e entregava-se á devassidão do mundo quando lhe appareceu um cavalleiro brandindo uma lança e dizendo-lhe: «Muda a vida, homem, muda a vida!» Fugiu aterrado, vindo parar a Palencia, onde ao tempo se erguia um convento de S. Domingos. Confessou-se e tomou habito, vindo transferido para Santarem proseguir a sua vida de penitencias e cilicios para reaver o papel que dera ao diabo. Na allucinação das orações, a terra abria-se e via o inferno com as suas chammas, e vozes diziam-lhe que seria essa a sua morada eterna. O diabo apparecia-lhe em fórmias desvaira-

<sup>1</sup> V. *Hist. da civil. iberica* (2.<sup>a</sup> ed.) pp. 240-3. — <sup>2</sup> V. *Hist. de Portugal* (3.<sup>a</sup> ed.) II, pp. 153-5 e 221-2.

das: de uma vez «tomando a figura de um monstruoso centauro armado de arco e flechas embebia uma no arco com tanta força que lhe fazia juntar as pontas e apontava em Frei Gil com geito e ferocidade tal que lhe parecia não podia escapar de atravessado»; de outra vez «arremete a elle feito uma feia e disforme tartaruga de cabeça e bocca tão desmesurada que promettia podel-o engulir». O martyrio durou sete annos, ao fim dos quaes, n'uma batalha derradeira, «notou que vinha descendo do alto da capella da parte onde a vazava uma abertura pela qual os (diabos) vira ir fugindo de tropel, hum pedaço de pergaminho que pera signal do que era e de quem o ganhara e dera a victoria se veio como posto á mão offerecer e assentar aos pés da Senhora sobre o altar».

Reconquistado o papel-fetiche, roto o pacto, Frei Gil volta a Paris estudar theologia e as suas visões mudam. Não vê o inferno, vê o céu. «Acontecia-lhe muitas vezes arrebatarse subitamente e ficar alienado de todos os sentidos, de tal sorte que entrando algumas pessoas onde estava, de nenhuma dava fé.» Ex-possesso do Demonio, passou ao poder de Deus: ficou o mesmo homem, governado por outro espirito. Regressa a Hespanha como Provincial da Ordem: é santo, faz milagres depois de ter commettido feiticarias, e é quem intima ao nosso Sancho II a deposição tramada pelo clero e ordenada pelo papa. Morre em 1265, e as suas reliquias ficam sendo dos melhores remedios contra os doentes de possessão — um antidoto para o *vinho-damnado!*

## 4.

Na historia de S. Frei Gil vê-se um typo do animismo bifronte ou dual que inspirava a theolo-

gia e a demonologia. O feiticeiro é um santo-domal; o santo, um feiticeiro divino. Um *vê* e falla com o Demonio, o outro com Deus. Mas no dualismo dos factos de sobrevivencia, moldados em dogmas ou crenças modernas, observa-se ainda o mesmo character que notámos como fundamental no animismo primitivo: o mal é a morte, o bem é a vida; deus é o ar luminoso d'onde saem os mythos astraes diurnos, o demonio é a escuridão da noute e a visão do sonho. O inferno é obscuro, o diabo apparece de noute; deus é illuminado e vê-se em aureolas de sol, entre as nuvens. Deus é o genio dos astros e da vida, o diabo um deus chtonico e eschatologico. Transfigurada a existencia, o céu e o inferno são os mythos da vida e da morte: por isso o instincto faz de Deus uma apotheose e do Demonio uma condemnação.

Mas, na apotheose e na condemnação, o estado mental e o processo psychologico são identicos. As aparições do ar, tão frequentes, tão constantes como as evocações das sombras, valem para a critica a mesma cousa. Santa Thereza, allucinada celebre, perguntada como *via*, respondeu — «com os olhos da alma!» (*Libro de su vida*) Era com esses olhos que *via* os padres da companhia de Jesus «en cielo con banderas blancas en las manos, y he visto de ellos otras cosas de mucha admiracion.» (*Obras*, 1, 7) Visões como as de Loyola,<sup>1</sup> de S. Francisco de Assiz, de Santa Catharina de Sena; visões como a de S. Gregorio papa quando, na peste de Roma, S. Miguel appareceu sobre o mausoleu de Adriano brandindo uma espada ensanguentada, valem o mesmo que as dos persas que vêem Al, o espirito da febre es-

<sup>1</sup> V. *Hist. da civ. ibérica* (2.<sup>a</sup> ed.) pp. 190-202.

carlatina, ou dos karrian vendo La, o genio da epilepsia. O proprio Malebranche *ouvia* dentro de si a voz de Deus, e isto nos mostra quanto um phenomeno animista, identico sempre, póde trazer consigo, aggregados, corpos diversos de pensamentos moraes ou metaphisicos, desde a inconsciencia selvagem, até ao heroismo de um Loyola ou de um Albuquerque, <sup>1</sup> até, finalmente, á lucidez do philosopho dotado de uma segunda-vista.

Entretanto, se a medicina explica a theoria d'estes anachronismos psychicos, porque não tem outro nome a coexistencia de visões animistas com um estado mais ou menos critico do pensamento, é necessario dizermos duas palavras ácerca do lugar dos embustes. Pareceu-nos sempre absurda a doutrina que pretende explicar por artificios os milagres e as feiticarias, suppondo nos authores uma consciencia completa e nos espectadores uma obtusidade inconcebivel. Da allucinação crente até ao charlatanismo ha uma successão de momentos em que os dois elementos se combinam de modos variados, mas parece-nos poder-se affirmar que o charlatão puro é muito mais raro do que o puro allucinado. Entre ambos, porém, e como quantidade maxima, é mistér collocar as allucinações provocadas em vez de espontaneas, e distinguir as que se provocam inconscientemente e por vontade. <sup>2</sup>

Já Ibn-Kaldhun dizia que «quando se receberam revelações varias vezes, supporta-se mais facilmente o contacto do mundo espirital.» O mistér da pythonissa, do propheta, do energumeno, do santo, torna-se professional; e o systema nervoso, solicita-

<sup>1</sup> V. *Hist. de Portugal* (3.<sup>a</sup> ed.) I, pp. 241-64. — <sup>2</sup> V. a este respeito a monographia do sr. Julio de Mattos, *Allucinações*; Porto, 1880 (2.<sup>a</sup> ed.) trabalho copioso e lucido.

do com frequencia, habitua-se a obedecer céga-mente ás impressões mentaes. A imaginação fortemente sobreexcitada, escreveu Goerres, póde modificar a nutrição do tecido cutaneo sobre o ponto desejado com energia e persistencia, até determinar sobre esse ponto ecchymozes, exsudações sanguineas e especies de chagas. Eis ahi como artificios, mas inconscientes, e que em nada se parecem com o charlatanismo, provocam os extasis dos santos, a visão dos prophetas, e até os stygmas sagrados ou as Santas-chagas de Christo que S. Francisco de Assiz teve e que por um tempo foram o cumulo da ambição piedosa de tantos doídos de santidade.

Não têm o mesmo character da inconsciencia e innocencia os cilicios, os jejuns, as fadigas, as vigílias, as orações que tambem artificialmente provocam a visão e o extasis? Artificio existe pois, mas involuntario e inconsciente, e por isso inconfundivel com o charlatanismo. Na mesma categoria será mistér collocar umas vezes, outras não, o hypnotismo provocado pela fixação prolongada da vista n'um objecto luminoso, n'uma superficie, e até n'uma cousa qualquer indeterminada. E o mesmo character ambiguo convém egualmente aos sonhos e delirios produzidos por substancias anesthesicas, narcoticas e inebriantes, como o elleboro, o stramonio, o aconito, a belladona, a mandragora, a papoula—todos os *venenos* das solaneas das feiticieiras, e que para ellas tanto podem ser segredos sacramentaes á maneira dos tempos remotos e dos estados primitivos, como artes puras e charlatanescas. Aqui, a linha divisoria não está no processo que é sempre o mesmo: está no espirito de quem o pratica. E é incontestavel que, ao decaír da vertigem da Edade-media, quando a ironia e o sar-

casmo, de mãos dadas a uma sciencia incipiente, acalmavam a loucura divina e demoniaca, houve charlataens nas egrejas e nas *fana* dos feiticeiros; houve gente que viveu — e vive! — de explorar a frio a credulidade ingenua. Um fogareiro, cera virgem, uma esponja embebida em sangue e agua — basta isso para fazer suar os Christos e chorar as Madonas. No museu de Cluny ha mais de um crucifixo que, á maneira das bonecas Nuremberg, move a cabeça, os olhos e a lingua.

Essas artes, por grutescas, não têm alcance. Mas não succede o mesmo aos verdadeiros milagres — verdadeiros no sentido de serem cridos por gente que tem o espirito n'um estado archaico — da religião e da sciencia de hoje. Casos como o de Lourdes e reputações como as de um Kardec, levam a temer que, nem ao lado de uma sciencia como a nossa, o animismo possa desapparecer de todo, pois o vemos renascer sobre as ruinas do velho inferno na idolatria das fontes sagradas da Virgem e nas aberrações do spiritismo. A observação clara da sciencia dissipa o nevoeiro dos mythos nascidos no estado crepuscular em que a intelligencia confunde as imagens com os objectos reaes: mas póde a sciencia por si só affirmar-nos que nós e o mundo sejamos a verdadeira realidade, e não apenas uma imagem de outros seres e outros mundos que a razão, n'um estado de mythologia metaphisica, póde sem duvida conceber? Não: a sciencia não basta; o pensamento carece de fundamentar o systema das suas observações no alicerce inabalavel do senso intimo e da consciencia — as duas bases da philosophia.

Essas duas vozes fundamentaes do nosso pensamento dizem-nos que nós somos uma realidade dotada de uma vontade: eis a definição derradeira

do mytho obscuro da alma, na qual a imaginação ingenua poz a theoria da causa e a explicação da morte. A unica alma verdadeira é a nossa personalidade revelada na consciencia, orgão claro da vontade organica; a alma de cada um de nós é como a chamma produzida por uma combustão: essa combustão é a vida, e no seio de tudo está latente o fogo de que o aryano fez o medianeiro, e de que nós nos servimos como comparação. Os mythos do passado são as metaphoras do presente. *Nomina-numina*, era o aphorismo de Burnouf; Max Muller chama aos mythos um dialecto, e Breal identifica-os na sua essencia com as suas denominações. Assim, o que nasceu das palavras acaba por ficar apenas no estylo.

O vento sopra, a chamma apaga-se, a alma foge, o homem morre: então o pensamento e a vontade que arderam em nós voltam ao seio de Inconsciente, não como alguma cousa tangivel, mas como o som de um instrumento partido. Voltam com a fórma que se desmancha, com a materia que se desaggrega. A morte é absolutamente final, porque a personalidade ou a alma que foi dissipa-se, perdendo a consciencia de si; mas o pensamento é eterno, porque a possibilidade de personalidades ou almas individuaes é a propria existencia da grande alma do Universo, que mostra nos factos de transmissão a prova da sua unidade. A nossa penna obedece agora, por exemplo, ao pensamento de um Platão, sem que por isso esteja em nós a *alma* do philosopho grego.

Foi este facto da transmissão — facto que exprime concretamente para nós a unidade e a eternidade do Pensamento-Vontade, — o que, apercebido pela imaginação primitiva, deu de si o mytho da transmigração das almas: fórmula grosseira



de representar, como na realidade tangível, mysterios de uma realidade sómente racional. O pensamento inconsciente, — alguma cousa semelhante, como dissemos, ao lume que arde em chamma e se apaga, torna a arder, e é ubiquo, eterno em si e fugitivo nas suas apparições: o pensamento inconsciente é o grande reservatorio da vida, d'onde tudo nasce, onde tudo volta. . . será Deus, se tambem esta palavra se despir de todos os caracteres animistas e mythicos.

Na chamma fugitiva do pensamento de cada homem a psychologia descobre uma dualidade, porque a nossa razão consciente faz de nós mesmos, como instrumento raciocinante, um objecto de raciocinio. Visto atravez da imaginação sobreexcitada, este phenomeno dá as allucinações; sonhado, dá as visões d'onde saíu a pleiade dos deuses. Momento de pensamento proprio e consciente, nós, como personalidade, sentimos em nós o Inconsciente. *Est Deus in nobis*, disse o apostolo. E essa visão, produzida pelo desdobraimento do nosso pensamento; essa visão que nas suas alvocradas obscuras gerou os deuses mysteriosos, que foi depois o demonio de Socrates, a voz abscondita de Malebranche, que mostrou o céu aos santos nos seus extasis, é para o critico a revelação do Inconsciente na Consciencia, ou da Eternidade na Vida, ou do Universo no Individuo.

E' ella o mais sublime estado do espirito — sem ser o mais forte, nem até o mais lucido. E' ella a fonte do enthusiasmo e da fé, que dão ao pensamento uma energia correlativa á energia muscular do hysterico. E' ella que faz os heroes e os santos, dando-lhes a *mens diviniór* de uma Joanna d'Arc, segredando-lhes as harmonias classicas da arte, as notas penetrantes da musica, o verbo pro-

pheticos da poesia, a unção doce da caridade, e a piedade augusta que divinisa o homem.

Assim, o sonho mythologico, ou a selva emmanhada dos mythos, dissipa-se ou desfaz-se, deixando pura a noção de um estado que se sente sem poder definir-se. Encarar de frente o Inconsciente sem tentar reduzi-lo ás formulas inadequadas da realidade que nós podemos comprehender, é a summa sabedoria e o estado do espirito verdadeiramente critico e religioso a um tempo. As representações mythologicas são infantis, a negação é grosseira, as phantasias da invenção cosmogonica são pueris, e as aberrações do realismo spiritista são symptomas de uma senilidade que volta á primeira infancia.

## IV

### Religião e religiões

#### 1.

Procuraremos resumir agora e accentuar nitidamente as conclusões do nosso estudo.

Houve quem chamasse á religião uma doença (Feuerbach) e quem a radicasse psychologicamente no medo (Schleiermacher): a religião seria pois a doença do medo. Outros (Max Muller) chamam-lhe a «ambição do Infinito» — expressão metaphisica que resume a theologia orthodoxa nos seus elementos classicos. A nós parece-nos que, se é possível uma definição summaria, essa definição não deve buscar-se nos sentimentos nem na imaginação: nós definiríamos a religião como «a theoria das relações entre o homem e o universo».

Essa theoria, formulando-se por via de faculdades mentaes, successivas conforme os estados de cultura, é, evolutivamente, uma representação infantil e grosseira, uma percepção systematica, uma intuição moral, uma formula metaphisica — e afinal, despidos todos os caracteres transitorios e historicos, uma noção pura. <sup>1</sup>

Por outro lado, n'este phenomeno mental a que se chama religião é mistér distinguir dois momentos ou duas phases — o espontaneo e o reflexo.

<sup>1</sup> V. *Raças humanas*, I, p. LXIX, nota.

O primeiro é como a evaporação de um lançol d'agua; o segundo como o nevoeiro ou a chuva, agua que torna e humedece ou molha os campos. Do cerebro humano sáe uma concepção com que elle define a existencia: essa idéa, que se formúla em mythos, condensada nos ares, cáe sobre os homens como aguaceiros que fazem brotar no sentimento as devoções — os ritos, os cultos, as preces e as penitencias. Quando se diz, pois, que a religião é o medo, commettem-se dois erros: primeiro, vê-se o phenomeno só nos seus actos reflexos, esquecendo-se o movimento anterior de invenção espontanea; segundo, toma-se o sentimento que é, sem duvida, chronologica ou evolutivamente o primordial, como sendo o nucleo e o principio organico. Medo, compunção, e amor, piedade ou caridade, eis, parece-nos, a successão ou a série dos sentimentos visceraes da religião objectiva, ou reflexa.

Na esphera subjectiva ou espontanea, ao inventar dos mythos, ao conceber dos deuses, o espirito humano, dizem outros, possuido por uma illusão, obedecendo a uma allucinação, é victima de uma doença. Nós diremos que então o espirito humano vê n'um sonho, sob aspectos phantasticos, cousas que não existem, com effeito, mas que só debaixo do aspecto de realidades são ainda concebiveis. N'este sentido, a religião é o sonho ou o delirio do Inconsciente — doença, se se quizer, mas sem a qual a saude do espirito era impossivel, porque a evolução pelos mythos é a estrada que leva successivamente á lucidez da razão e á candura piedosa, cimentando no saber do passado a impossibilidade das aberrações.

A expressão de doença, portanto, é inadequada: diga-se rudimento. Assim como os organismos su-

periores saem por evolução dos precedentes, afirmando-se, conformando-se: assim dos mythos, a partir dos mais grosseiros, saem as noções puras da nossa intelligencia e os dictames da nossa consciencia. Vistos atravez dos sonhos eram como o sol encoberto por nuvens: alluniavam sem se definirem nitidamente.

Essas nuvens, porém, essa sombra que envolve as noções, dizem, são a propria essencia da religião — a doença que conturba o pensamento. Mas uma tal doutrina esquece-se de nos mostrar a origem *ex machina* d'esse elemento estranho; esquecendo-lhe tambem que os instinctos e sentimentos religiosos que na visão produzem, com a fé, as aparições dos deuses, são aquelle mesmo entusiasmo e aquella intuição que na lucidez dão o genio do heroe, do artista e do poeta. A visão, facultade por excellencia religiosa, a religião entra-nhas vivas do pensamento humano, saem ao mesmo tempo, e por uma relação necessaria, da nebulose mythologica para a lucidez da critica, mas nem se extinguem nem se alteram. A poesia será a corôa eterna da humanidade (se ella não mentir aos seus destinos); a religião, na pureza aerea do pensamento mystico, será sempre a alegria ínfima e sagrada do homem digno d'esse nome.

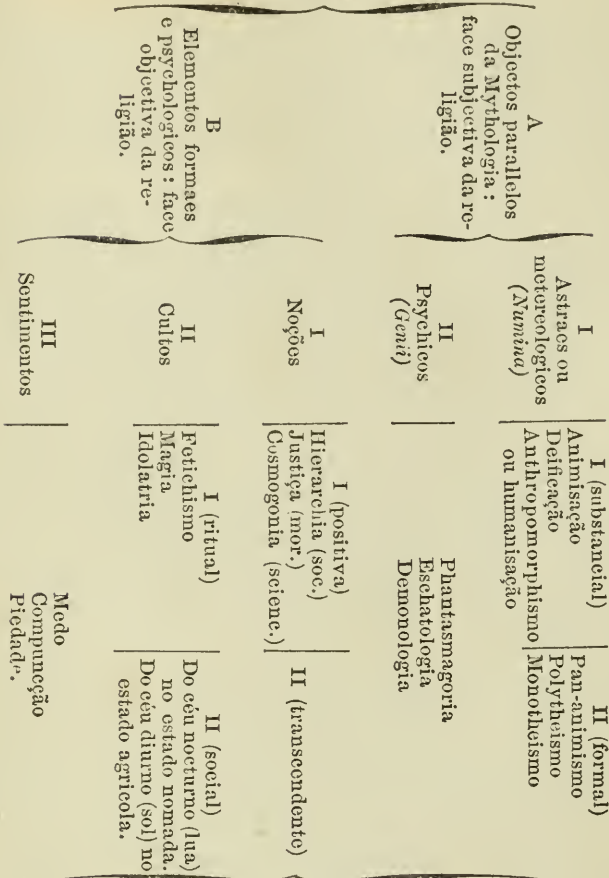
Como que encerrado um cyclo em que a construcção mythica se consolida para se dissipar — á maneira de uma trovoada que se fórma, e afinal se resolve — tornamos ao estado religiosamente vago do arya primitivo, mas combinando com esse estado uma firmeza de pensamento critico que, impedindo-nos de voltar a inventar mythos, não pôde impedir-nos de penetrar nas regiões mysticas da piedade, do amor, da caridade. A nossa razão, analysando e definindo, pára diante do Absoluto,

e, não podendo defini-lo, chama-lhe o Nada — noção inconcebível. Fica pois um mysterio no coração de um mundo que nós podemos todavia explicar intellectual ou racionalmente, sem o poder sentir senão religiosamente, ou no fundo da nossa consciencia moral, ou no fundo das nossas faculdades piedosas. A rigidez do stoico póde ainda basear-se n'um principio racional, mas a unção do santo é estranha ás definições e o enthusiasmo alheio aos raciocinios: se deixa de ser uma percepção nebulosa e vaga, cáe no amor negativo da paz buddhista ou no amor mystico dos christãos, para condemnar logo formalmente a realidade. A religião é pois irreductivel á metaphisica; o corpo de idéas e sentimentos com que a mythologia formou os deuses, e a theologia Deus, excede os limites de uma concepção racional como é a noção do Absoluto. Deus pensa-se, mas sente-se tambem; a vida humana não é apenas uma dialectica, é tambem um amor e um enthusiasmo. Esses sentimentos, ainda obscuros sob a fórmula de medo, foram a argila com que os primeiros homens amassaram as imagens dos deuses: são ainda o nucleo do Deus da theologia, e serão a expressão poetica do homem ainda quando se tiver dissipado no mundo o ultimo dos mythos inventados á sua imagem.

O schema que expomos, para terminar, summarisa tudo o que temos escripto no decurso d'esta obra :

**Religião :**

Percepção das relações do homem com o Universo, pela allucinação ou entusiasmo.



**Evoluções.**

**I Animismo**

noção da Substancia, ou realismo religioso, cujo typo é a rel. de Osiris.

**II Naturalismo**

noção da Vontade, ou espiritualismo religioso, cujo typo é a rel. de Jehovah.

Estes dois typos são syntheticos : i. é. propoem um systema em que se fundem os elementos astracs e psychicos ; nas outras relig. animistas dá-se uma paralysação de desenvolvimento e por isso não ha synthese.

**III Idealismo**

noção do Pensamento, ou racionalismo religioso, cujo typo é a religião de Apollo.

## 2.

Radicada a religião espontanea na faculdade eminente e creadora do pensamento, o enthusiasmo, e tendo de explicar a existencia, absorve em si, progressivamente, todas as espheras do conhecimento, tornando-se uma theoria.

A principio, a theoria não sáe da esphera inexpressiva de uma representação grosseira, e nem os inventores dos mythos rudimentares são capazes de medir o alcance da obra que encetam. Os homens vêem, sentem, explicam a seu modo, e caem de joelhos transidos de medo. Tudo em volta é sombra e noute; não ha sociedade, nem leis; não ha moral, nem sciencias—n'esse momento generiaco do animismo em que, para explicar o mundo externo e o interno, apparecem os ares e os sonhos coalhados de espiritos. Ao systema dos mythos d'esta categoria chamaremos nós « da representação simples ».

Depois, a sociedade constitue-se como uma crystallisação, e esboçam-se idéas scientificas, isto é, percepções e opiniões obtidas pela comparação, pela observação. Surge outra esphera de mythos que nós dizemos « da invenção » porque é por via d'elles que o pensamento *inventa*, na sua definição, os casos que sollicitam a sua curiosidade. O medo remoto torna-se n'um grande respeito, n'uma compunção profunda pelos deuses que se crê presidirem á moral na sociedade, e ao mundo na cosmogonia.

Depois, ainda a religião progride, quando nos mythos sociaes e cosmogonicos, deuses moraes e creadores, se introduzem ao lado das fórmulas representativas as idéas substanciaes, pondo a par da



mythologia remota aquelles que nós dizemos « mythos do pensamento » e que são as invenções abstractas da theologia e da philosophia — como o Verbo alexandrino e as Idéas de Plotino. N'este momento, em que a revolução da religião espontanea é profunda, vê-se tambem uma revolução na religião reflexa: o medo, já transformado em respeito e submissão, torna-se um amor, uma piedade, uma caridade fervente.

E' obvio que na religião succede o que succede em tudo: estes momentos ou typos successivos nem são universaes, nem synchronicos, nem exclusivos. Os documentos archaicos accumulam-se, e todos os estados coexistem na realidade: só a razão abstrae das realidades, na sua confusão, as leis na nitidez das suas linhas.

Na successão d'estes tres momentos ou phases — representação simples, invenção, pensamento — observa-se um movimento constante de humanisação de um lado, de unificação do outro. Como circulos concentricos, delimitando cada vez mais uma área, assim os movimentos da religião caminham constantemente para um foco de monotheismo e para a explicação de Deus pelo homem. O principio de unidade está n'estes dois phenomenos correlativos, porque á maneira que as nevoas se dissipam, assim se vae vendo que todas as faculdades e attributos divinos se reduzem a um unico, e que esse unico é a imagem ideal humana reproduzida no espelho dos céus.

Mas a derrota para este destino permanente não é constante, nem são identicos os momentos em que param e se petrificam as construcções religiosas. Cada raça tem o seu temperamento e a sua capacidade limitada; cada povo e cada historia tem os seus acasos. O que succede com o desen-

volvimento social, succede com o desenvolvimento religioso. O judeu attinge a unidade pela noção do character, o grego pela da intelligencia: um tem por faculdade eminente a compunção, o outro o raciocinio. No buddhismo da India acaba por dar-se uma combinação degradante entre a metaphisica vedica e o animismo indigena. O islamismo dos negros do Sudão e o christianismo dos de Angola ou dos indios do Brazil reduz-se a um fetichismo assente sobre os dogmas do catholicismo ou sobre os versetos do Alcorão. Na Mongolia o buddhismo é tambem um shamanismo primitivo. Entre os persas chiitas, a adoração de Ali transformou o islamismo n'uma idolatria pratica em que os traços de mazdeismo affloram. Por toda a parte as combinações ethnicas dão de si combinações mythologicas ou religiosas, á maneira do que succede com as linguas, porque as religiões são, como as linguas, productos espontaneos que desabrocham e florescem conforme o torrão em que as sementes foram lançadas. Por isso as combinações são fecundas ou estereis; por isso os factos de degeneração abundam; e da confusão enorme da realidade só a analyse extrae as linhas elementares da ordem.

## 3.

Classificar, contudo, as religiões, isto é, aquellas mythologias que attingiram a idéa de unidade no pantheon divino e idéas metaphisicas nas representações do mundo; classificar, dizemos, pelos aspectos dos dogmas ou pela natureza do culto é impossivel. As rubricas de fetichismo, sabeismo, anthropomorphismo, polytheismo, monotheismo, etc.

correspondem a traços morphologicos exteriores não só incaracteristicos, como communs, póde dizer-se, a todas as religiões, por isso que são momentos formaes por onde todas ellas, no seu desenvolvimento, em regra devem passar. Por outro lado, tomar como typo o culto, é tambem proprio, pois não só os cultos se reproduzem, como, ainda quando assim não fosse, nós sabemos já que essa phase da religião é apenas reflexa ou objectiva.

Feitas estas observações e considerando que a religião é, como a civilisação, uma e a mesma em toda a parte, variavel porém nos aspectos, na historia e nos limites, com a capacidade, com os dotes e com a natureza da vida dos povos, concluiremos facilmente que a unica possivel classificação das religiões é a ethnologica. Uma religião é uma raça: assim se tem dito e não sem fundamento. E é no momento em que as mythologias primitivas, identicas ou quasi na sua obscuridade indeterminada, attingem caracteres unitarios e metaphisicos: é n'esse momento que as religiões se differenceiam, tornando-se a summa do pensamento particular de cada povo.

N'esta categoria a historia encontra varios typos. Da mythologia aryana sáe o brahmanismo na India e o mazdeismo na Persia; e na Europa, abortadas as mythologias particulares dos celtas, slavos e germanos, póde talvez elevar-se á categoria de religião o hellenismo delphico e o stoicismo latino que resumem as mythologias dos gregos e italos. Os judeus, dão no jahveismo prophetico a summa do pensamento semita, e os chinezes no taoismo e na doutrina de Confucio uma construcção similhante ao que foi o stoicismo europeu, mas que se tornou religião constituída, ao

passo que este não passou da esphera particular da philosophia religiosa.

Taes são os typos de religiões ethnicas — hieraticas, chama-lhes Cournot, — umas das quaes (hellenismo, stoicismo) foram absorvidas e dissolvidas, outras ainda vivem, embora concorrentes com as posteriores ou esterilizadas por ellas. N'essas religiões posteriores, catholicas ou proselyticas, observa-se um momento novo. Não se póde dizer que a essencia do pensamento se altere, mas vê-se que se expande. O deus de Mahomet não é intrinsicamente superior ao dos judeus, pelo contrario, mas de um deus nacional passa-se para um deus universal. A unidade, consagrada na esphera do pensamento metaphisico, torna-se geral á terra e á humanidade, de particular que era de um certo povo e de um dado lugar.

O islamismo nascido dos semitas, o buddhismo nascido dos indios e o christianismo gerado no seio dos povos mediterraneos, eis-ahi os tres crédos catholicos ou universaes — concorrentes no sentido da conquista da hegemonia religiosa, localizados hoje pela ponderação externa das forças sociaes em conflicto, um na Europa e na America, outro na Africa e na Asia anterior, outro em todo o Oriente.

O christianismo póde dizer-se a religião da raça indo-europêa, o buddhismo da raça mongolica, e o islamismo da raça semita expandindo-se na raça negra e na cafre. Dividido em seitas, o christianismo é *orthodoxo* entre os slavos, é *romano* entre os italo-celtas ou *latinos*, e é *protestante* entre os teutonicos; assim como o islamismo é *chiita* entre os persas, e *sunita* entre os arabes, syrios e hamitas.

Ao lado das tres religiões *ecumenicas* ou univer-

saes, mantêm-se (além de ritos minúsculos a que não é possível dar attenção) as grandes e antigas religiões ethnicas: o judaismo em via de extincção, o mazdeismo dos persas, o brahmanismo da India e o shintoismo privativo da China. E para além ainda das religiões nacionaes estende-se a multidão de cultos barbaros nas populações indigenas, atrophiadas na Oceania e na America, mas numerosissimas ainda na Asia e na Africa, patrias de dravidas e malayos, de negros, cafres e hottentotes. <sup>1</sup>

1	EUROPA	ASIA	AFRICA	AMERICA	OCEANIA	TOTAL
<b>A RELIGIÕES PROSELYTICAS</b>						
<b>I Christianismo</b>						
a) Orthodoxo, grego, russo, armenio.....	89	6	—	—	—	95
b) Catholico romano .....	135	0,8	0,6	38	0,4	175
c) Protestante .....	68	0,7	0,4	41	2,2	112
d) Abexi.....	—	—	3,5	—	—	4
Total... (292)	(292)	(7,5)	(4,5)	(79)	(2,6)	(386)
<b>II Buddhismo</b>	—	484	—	0,1	0,2	844
<b>III Islamismo</b>	11	92	108	—	0,1	211
Somma geral... (303)	(303)	(583,5)	(112,5)	(79,1)	(2,9)	(1:081)
<b>B RELIGIÕES NACIONAES</b>						
I Judaismo .....	4	0,1	0,1	—	—	4
II Mazdeismo .....	—	18	—	—	—	18
III Brahmanismo.....	—	148	—	—	—	148
IV Shintoismo.....	—	38	—	—	—	38
Somma geral... (4)	(4)	(204,1)	(0,1)	—	—	(208)
<b>C CULTOS BARBAROS</b>						
Diversos.....	2	0,4	0,4	0,9	—	4
Sommas... <u>309</u>	<u>309</u>	<u>824</u>	<u>199</u>	<u>85</u>	<u>5</u>	<u>1:422</u>

Os numeros não podem, evidentemente, valer senão como aproximações grosseiras. Além das deficiencias estatisticas, ha a considerar a multidão de gente *convertida* que só nominalmente pertence ás religiões superiores, e a somma crescente de deistas ou atheus, muito consideravel sobretudo entre os christãos da Europa e da America.

Póde pois affirmar-se que desde que a humanidade attingiu religiosamente a unidade metaphisica dos mythos, a humanisação transcendente dos deuses, e por fim a idéa do coëmpolitismo, a evolução iniciada pelas representações grosseiras do realismo primitivo terminou. Não parece crível a invenção de religiões, assim como se não concebe a invenção de linguas. Essas vegetações da mente humana requerem a espontaneidade da infancia ignorante e ingenua. O mundo envelhece, o pensamento dos homens ganha consistencia e madureza. Perderá em poesia, virão saudades como as que nos assaltam ao recordar os primeiros annos, mas a infancia não torna. Apenas ás vezes, nas crises da senectude, o homem volta á meninice caduca: assim tambem o nosso tempo tem observado as invenções ridiculas de mais de um extravagante. Cairão n'um côro de gargalhadas e desdens todos os que quizerem erguer novos idolos sobre altares novos: os que restam, e com motivo, servem para as phalanges retardatarias que em toda a sociedade se alongam, como a esteira de um navio que passa, até se perderem nas nevoas das superstições remotas pelas aldeias sósinhas nos desvios das serras...

## 4.

Não se exija d'esses, que acompanhem os que vão á frente com passo largo: nem todas as aves têm a amplidão de azas da fragata! Não se lhes roubem os deuses que são o seu consolo e a sua alegria; não se lhes destruam os altares a que se ajoelham; não se pretenda que galguem de um salto a distancia percorrida por outros. Cairiam,

prostrados no embrutecimento, infelizmente mais commum do que devera ser.

Não se applaudam porém, tampouco, os esforços corruptores dos que imaginam «restaurar a religião» e regressar ao tempo em que os mythos viviam, desenterrando do passado os fetiches e os milagres que parecem um escarneo e fazem do sacerdote um charlatão. Não se confunda a conservação com a reacção; nem se applauda o pharisaismo brutal dos iconoclastas, nem as artes dos novos orpheetelas.

Ampare-se o passado ainda vivo, para que pela vida e não pela violencia venham a caminhar na estrada aberta da religião pura os que ainda trilham a vereda nebulosa da mythologia. Ella não é um erro, nem uma enfermidade: é uma iniciação e uma aprendizagem. E' nos mythos que o homem soletra aprendendo a ler na Biblia humana — esse livro em que o nascer e o morrer são como o florir das arvores e o cair das folhas na floresta rumorosa de uma eternidade que está na successão das nossas existencias fugitivas e no absoluto dos nossos pensamentos ideaes; esse livro em que o céu é a apotheose dada aos justos e aos piedosos, e o inferno, para os nullos, um Hades de esquecimento e para os maus um Tartaro de condemnação exacranda.

Lancemos corajosamente para ahi tambem os pedantes e os doutores, os mystagogos e os homens seccos, esses que aspiram a um estado de embrutecimento no cretinismo milagreiro, ou a um estado acaso peor ainda de materialismo chatin. Mal da sociedade que repellir os primeiros para se entregar nas mãos dos segundos: como um rei descoroadado descera do throno a confundir-se na

plebe das gentes que a natureza destinou para escravos!

A impiedade do coração é a fraqueza no braço e o latego no dorso. Uma sociedade materialista em que os homens limitam a vida aos annos de gozo, perdendo o sentimento do nexo do passado e da responsabilidade para com o porvir, abandonando-se ao requinte e ao diléttantismo como os athenienses de outro tempo, ou á brutalidade da riqueza com que se paga o fausto e as mulheres, como os romanos do passado; uma sociedade surda pelos gemidos dos que soffrem, pelas vozes dos que clamam, está condemnada a cair. No gozo vae-se a força, no optimismo ingenuo pelas «maravilhas da civilisação» perde-se o sentimento do que a civilisação é, identificando-a exclusivamente com o luxo de artes mercenarias ou com a grandeza de obras apenas utilitarias. Perdido o norte, obliterada a moral, ignota a caridade, a vida torna-se uma lucta sem nexo, e cada homem para o seu semelhante, *hostis*, inimigo, como era o estrangeiro na Roma barbara. A sciencia generalizada, e desmoralizada, é um instrumento grave na mão de homens bestificados: á navalha succede o revólver, ao revólver os venenos subteis (strichinina, aconitina), aos venenos, quem sabe? o raio produzido por pilhas portateis, quando a electricidade tiver dito quanto póde. Matar é a regra de todo aquelle que não soube viver.

Amplifique-se o quadro que nos offerecem as grandes cidades com os seus exercitos de proletarios, as opulencias vulgares dos seus ricos, os desvairamentos das suas Bolsas, os seus bandos de facinoras, as suas plebes depravadas, a sua promiscuidade repugnante: amplifique-se, absorvendo a população ainda ingenua dos campos, e talvez



não pareçam chimericos os receios de uma nova crise como a da Antiguidade, que tambem ouvira Platão e obedecera a Marco-Aurelio. As oligarchias dos nossos ricos pedirão como as antigas uma espada que as defenda das plebes miseraveis tambem ávidas de gozar, e a espada será um açoite, esporas e um freio — se porventura houver janisaros bastantes para esmagar as multidões dos novos barbaros. Chegarão a vêr-se na Europa exercitos de berberes, de indios, de turcos assoldados pela França, pela Inglaterra, pela Italia, pela Russia? O caso não seria novo, nem a solução imprevista.

Mas no dia em que tal succedesse, a Europa acabaria, e sobre as ruinas de uma civilização algum futuro Dante veria no ondear funebre das multidões barbarisadas

le genti dolorose  
Ch'hanno perduto'l ben dello'ntelletto.

---



# BIBLIOGRAPHIA

---

- Constant, B.**— *De la religion considérée dans sa source, ses formes et ses développements.* Paris, 1824-31 ; 5 vol.
- Creuzer** — *Symbolique et mythologie des peuples anciens* (trad. Guigniaut) 1825-51.
- Pfeiderer, O.**— *Die religion, ihr Wesen und ihre Geschichte.* Leipsig, 1869 ; 2 vol.
- Muller, M.**— *Origine et développement de la religion.* (tr. Darmesteter) Paris, 1879.
- *A history of ancient sanskrit literature.* Londres, 1850.
- *Lectures on the science of language.* Londres, 1873 ; 2 vol.
- *Introduction to the science of religion.* Londres, 1873.
- *Chips from a german workshop.* (vv. I e II) Londres, 1867.
- Tiele, G. P.**— *Outlines of the history of ancient religions.* (tr. Carpenter) Londres, 1880.
- *History of the egyptian religion.* Ibid. 1881.
- Hegel**— *Philosophie de la religion.* (tr. Vera) Paris, 1876.
- Hearn, W. Ed.**— *The aryan household.* Londres, 1879.
- Cox, W.**— *Mythologie des peuples aryens.* (1870) tr. fr. Baudry. Paris, 1880.
- Grey, G.**— *Polynesian mythology.* Londres, 1855.
- Gill, W. W.**— *Myths and songs from the south Pacific.* Londres, 1876.
- Wilson, J. L.**— *History and condition of Western Africa.* Philadelphia, 1859.
- Casalis, E.**— *Les Bassoutos.* Paris, 1860.
- Brinton, D. G.**— *The myths of the New-World.* Nova-York, 1868.
- Dorman, R. M.**— *The origin of primitive superstitions, etc.* Philadelphia, 1881.
- Tylor, E. B.**— *Primitive culture.* Londres, 1871 ; 2 vol.
- *Researches into the early history of mankind.* Londres, 1878.
- Lubbock, J.**— *Origin of civilisation.* Londres, 1874.
- *Prehistoric times.* Londres, 1878.
- Farrer, J. A.**— *Primitive manners and customs.* Londres, 1879.
- Peschell, O.**— *The races of man.* (trad. ing.) Londres, 1876.

- Goldziher, Ig.**— *Mythology among the hebrews.* (tr. R. Martineau) Londres, 1877.
- Renan, E.**— *Histoire generale des langues semitiques.* Paris, 1868 ; 2 vol.  
— *Etudes d'histoire religieuse.* Paris, 1856.  
— *De la part des peuples semitiques dans l'histoire de la civilisation.* Paris, 1867.
- Bréal, M.**— *Mélanges de mythologie et de linguistique.* Paris, 1878.  
— *Hercule et Cacus.* Paris, 1863.
- Duncker, M.**— *Geschichte der Alterthums.* (tr. Abbott) Londres, 1877-81; 5 vol.
- Perceval, C. de**— *Essai sur l'histoire des arabes avant l'Islamisme.* Paris, 1847.
- Maspero, G.**— *Histoire ancienne des peuples d'Orient.* Paris, 1876.
- Smith, P.**— *The ancient history of the East.* Londres, 1871.
- Mahaffy, J. P.**— *Prolegomena to ancient history.* Londres, 1871.  
— *Social life in Greece from Homer to Menander.* Ibid. 1875.
- Lenormant, F.**— *Les premières civilisations.* Paris, 1874 ; 2 vol.  
— *Études accadiennes.* Paris, 1873-4 ; 2 vol.  
— *La magie chez les chaldéens.* Paris, 1874.
- Bunsen, C. C. J.**— *Egypt's place in universal history.* Londres, 1848-58.  
— *God in history.* Londres, 1847 ; 3 vol.
- Rawlinson, G.**— *The five great monarchies of the ancient eastern world.* Londres, 1873 ; 3 vol.
- Grimm, J.**— *Deutsche Mythologie.* (tr. Stallybrass) Londres, 1880 ; 2 vol.
- Hannsch, J.**— *Die Wissenschaft des slavischen myths.* Lemberg, 1842.
- Falston, W. R. S.**— *The songs of the russian people.* Londres, 1872.
- Richoff, J.**— *Tableau de la littérature du Nord.* Paris, 1857.
- Burnouf, E.**— *La légende athénienne.* Paris, 1872.
- Darmesteter, J.**— *Ormuzd et Ahriman.* Paris, 1878.
- Grote, G.**— *History of Greece* (vol. 1) Londres, 1862.
- Curtius, E.**— *History of Greece* (tr. Ward) Londres, 1868-73 ; 5 vol.
- Preller, L.**— *Griech. Mythologie.* Berlin, 1860-1 ; 2 vol.  
— *Rom. Mythologie* (2.<sup>a</sup> ed. p. Köhler) Berlin, 1865.
- Müller, Ott.**— *Hist. de la littérature grecque.* (tr. Hillebrand) Paris, 2 vol. 4.<sup>o</sup>
- Chassang, A.**— *Histoire du roman dans l'Antiquité.* Paris, 1862.
- Contagés, F.**— *La cité antique.* Paris, 1872.
- Foucart, P.**— *Des associations religieuses chez les grecs.* Paris, 1873.
- Niebuhr, E. G.**— *History of Rome.* (tr. Haro e Thirlwall ; ed. Schmitz) Londres, 5 vol. 1842-4.
- Neomansen, Th.**— *History of Rome.* (tr. Dickson) Londres, 1877 ; 4 vol.
- Williams, P.**— *Des idées d'Honore sur l'immortalité de l'ame et sur la vie future.* Louvain, 1860.

- Boissier, G.**— *La religion romaine d'Auguste aux Antonins*. Paris, 1874 ;  
2 vol.
- Decharme, P.**— *Mythologie de la Grèce antique*. Paris, 1879.
- Gubernatis, A.**— *Zoological mythology*. Londres, 1872 ; 2 vol.  
— *Lecture di Archeologia indiana*. Milão, 1881.
- Maury, A.**— *La magie et l'astrologie dans l'antiquité et au moyen age*.  
Paris, 1860.  
— *Religions de la Grèce antique*. Paris, 1856-9 ; 3 vol.  
— *Les fées au moyen-age*. Paris, 1843.
- Michelet, J.**— *La Sorcière*. Bruxellas, 1863.  
— *Memoires de Luther*. Bruxellas, 1840 ; 2 vol.
- Lombroso, C.**— *Pensiero e Meteore*. Milão, 1878.
- Michel, F.**— *Histoire des races maudites de France et d'Espagne*. Paris,  
1847.
- Pelayo, M. M.**— *Historia de los heterodoxos españoles*. Madrid, 4.<sup>o</sup> 2 vol.
-



# INDICE

---

Introdução. . . . .	v
---------------------	---

## LIVRO PRIMEIRO

### Animismo

#### I

##### GENESIS DOS MYTHOS

1. Parallelismo de origem dos mythos, na observação dos astros e nas visões dos sonhos . . . . .	1
2. Representação do espectáculo celeste na imaginação do homem primitivo. . . . .	6
3. Mytho da alma, como nexó entre as representações astraes e psychicas e explicação do sonho e da sombra. . . . .	15
4. Animisação universal . . . . .	17

#### II

##### INVENÇÃO DOS DEUSES

1. O terror panico. Origem dos deuses no medo da sombra . . . . .	21
2. Divinisação das almas pelo medo . . . . .	25
3. Catalogo dos primeiros deuses cosmicos . . . . .	28
4. Id. dos primeiros deuses psychicos . . . . .	31

#### III

##### ANIMISAÇÃO DOS MORTOS

1. Afinidade substancial das almas dos mortos e dos deuses animistas. Theoria da morte. . . . .	35
2. Realidade phantastica da existencia ultra-tumular. Hierarchia eschatologica . . . . .	38
3. As almas funestas. . . . .	43
4. As pontes do outro-mundo : nexó entre o céu e a terra inferior, ou entre a mythologia astral e a psychica . . . . .	43

#### IV

##### OS FETICHES

1. Theoria do fetichismo : identificação do objecto com a imagem ; substancialidade da <i>virtude</i> . . . . .	48
2. A evocação ; estado mental do feiticcio. . . . .	50
3. Iniciações e ritos fetichistas . . . . .	53
4. Catalogo dos fetiches. . . . .	58
5. A lua, fetiche supremo ; transição para a mythologia solar . . . . .	60

## V

## DEUS-SOL

- |  |    |
|--|----|
| 1. Correlação da mythologia solar com o estado agricola e civilizado ; genealogia astral nas lendas . . . . .  | 63 |
| 2. Mythologia solar nas civilisações extintas da America. Limites do animismo . . . . .  | 66 |
| 3. O drama do sol como theoria da existencia. Falta de ponderação no desenvolvimento paralelo da mythologia astral e psychica : a America e a China. . . . . | 68 |

## VI

## O EGYPTO

- |  |     |
|--|-----|
| 1. Summa da historia da mythologia egypcia : os deuses elementares . . . . .   | 75  |
| 2. Os deuses-femeas, mythos da procreação ; os animaes sagrados. A lua nos templos do baixo Nilo : Bast em Bubasta. . . . .  | 80  |
| 3. A zoolatria. Os touros de Heliopolis e de Memphis. O oscaravelho mystico de Ptah, semente do mundo . . . . .  | 83  |
| 4. Synthese das representações astraes e psychicas no mytho de deus — <i>nuteru</i> . Os mythos solares como explicação da existencia e theoria da morte . . . . . | 86  |
| 5. A triada mystica — Isis-Osiris-Horus. O drama do Nilo, drama do céu, drama da vida . . . . .  | 90  |
| 6. Decadencia da mythologia egypcia. Amun e Thebas. . . . .  | 95  |
| 7. A eschatologia ; ritos mortuarios. Eternidade da alma na triada de Khou-Ba-Khat. — O tribunal de Osiris . . . . .   | 98  |
| 8. Conclusão. Limites da capacidade expressiva do realismo animista. . . . .   | 104 |

## LIVRO SEGUNDO

## Naturalismo

## I

## A CREAÇÃO

- |  |     |
|--|-----|
| 1. Correlação entre o naturalismo e o estado barbaro. Rudimentos de cosmogonia. . . . .  | 109 |
| 2. Os deuses-creadores de Babylonia. Aparecimento da noção de Causa e de Vontade na concepção dos mythos semitas ; consequencias moraes-religiosas na invenção do peccado. . . . . | 112 |
| 3. Os mythos diluvianos e os paradisiacos. Distincção entre o peccado e o crime. Unificação do mundo na Vontade omnipotente . . . . .  | 116 |



## II

## A ASTROLOGIA

- |  |     |
|--|-----|
| 1. Correlação da astrologia com a cosmogonia ; differença entre o astrologo e o feiticeiro . . . . . | 123 |
| 2. Astrolatria primitiva. O céu nocturno dos arabes nomadas . . . . .                                | 126 |
| 3. Mythologia lunar dos accadios : passado animista pre-semita da Assyria . . . . .                  | 128 |
| 4. Os templos-observatorios de Babylonia e Asur . . . . .  | 131 |

## III

## OS CULTOS ORGIACOS

- |  |     |
|--|-----|
| 1. Os sentimentos religiosos provocados pela idéa dos deuses creadores e voluntarios : orgia e penitencia . . . . .        | 136 |
| 2. Affinidades dos cultos syrios e chaldaicos . . . . .  | 143 |
| 3. O culto de Moloch em Carthago.— O tempo de Melkarth em Tyro.— As festas da Bilit babylonica e da Istar punica . . . . . | 145 |
| 4. Os deuses syntheticos do naturalismo : os androgynos. . . . .   | 151 |

## IV

## OS HEROES

- |   |     |
|---|-----|
| 1. Dos mythos solares, os medianeiros : Melkarth. . . . .                                     | 155 |
| 2. Transformação do heroismo activo em mystico por via dos heroes. O mytho de Samsão. . . . . | 157 |

## V

## A JUDÉA

- |   |     |
|---|-----|
| 1. Parallelismo do Egypto e da Judêa no animismo e no naturalismo. Summa da historia religiosa de Israel . . . . .  | 161 |
| 2. Reconstrucção da mythologia primitiva dos hebreus. A vida no deserto e a adoração do céu nocturno atravez das lendas biblicas. . . . .   | 164 |
| 3. Contrastes da mythologia astral nocturna com a diurna nas historias dos patriarchas. Estabelecimento em Canaan : victoria dos mythos solares. . . . .                              | 169 |
| 4. A epocha dos Juizes ; assimilação dos ritos canaanitas ; obliteração da mythologia propria ; reacção nacionalista formulada e consagrada pelas historias dos patriarchas . . . . . | 174 |
| 5. Jehovah, deus dos israelitas, mytho da Vontade transcendente ; estado paradoxal do sentimento religioso. Conclusão. . . . .  | 178 |

## LIVRO TERCEIRO

## Idealismo

## I

## OS VEDAS

- |   |     |
|---|-----|
| 1. A piedade innocente do aryano ; visão de deus na luz do dia . . . . .  | 183 |
| 2. A oração-hymno. Optimismo universal. . . . .   | 187 |
| 3. Systema dos mythos solares ; transparencia ideal dos deuses . . . . .  | 189 |
| 4. Indra, a tempestade e a guerra . . . . .   | 193 |
| 5. Agni, o medianoiro, alma do mundo, nexo da terra e do céu . . . . .  | 196 |
| 6. Obscuridade da morte, indeterminação do mysterio. O céu de Yama é um mytho animista. Falta de ponderação no desenvolvimento paralelo dos mythos astraes e psychicos: estacionamento d'estes, progresso d'aquelles. . . . . | 200 |
| 7. Esterilidade e caracteres regressivos das religiões consequentes. Insufficiencia dos mythos theologicos no brahmanismo, no buddhismo, no mazdeísmo . . . . .   | 205 |

## II

## A MYTHOLOGIA SLAVO-GERMANICA

- |  |     |
|--|-----|
| 1. Regressão ao animismo selvagem nos slavos . . . . .   | 210 |
| 2. O animismo dos germanos ; os templos das florestas. Sacrificios. . . . .                              | 214 |
| 3. Os deuses do Walhalla nos Eddas. Abortamento da mythologia pela introdução do christianismo . . . . . | 218 |

## III

## A MYTHOLOGIA ITALIANA

- |   |     |
|---|-----|
| 1. Os bosques sagrados do povo primitivo. Fauno e os genios da terra. Transição para a lavoura . . . . .  | 224 |
| 2. Os deuses protectores do campo e os deuses chtonicos. Os genios domesticos ; as evocações dos mortos. Construção da cidade . . . . .             | 229 |
| 3. Os <i>numina</i> no capitolio. Origens mythologicas dos olympicos. O terror religioso. . . . .   | 234 |
| 4. Paralisação no desenvolvimento metaphisico e poetico da mythologia pela expansão do espirito juridico e politico. Os deuses-principios . . . . . | 239 |
| 5. Conclusão da mythologia romana ; secura formalista dos ritos ; reacção da superstição animista — dissolução . . . . .                            | 245 |

## IV

## A GRECIA

- |   |     |
|---|-----|
| 1. Constituição da mythologia grega sob a influencia phrigia e phenicia na Asia-menor . . . . . | 249 |
| 2. O culto de Delphos e o temperamento idealista da Grecia . . . . .                            | 254 |
| 3. Eschatologia : limites do desenvolvimento da mythologia psychica . . . . .                   | 259 |
| 4. Falta de ponderação no parallelismo do desenvolvimento. A Moira. . . . .                     | 268 |

## LIVRO QUARTO

## A mythologia christan

## I

## CRISE DA MYTHOLOGIA APOLLINEA

1. Necessidade da penetração das idéas hamito-semitas: nullidade das tentativas de conservação na Grecia e na Italia . . . . .	267
2. O culto de Sabazios e os orgiaeos em geral . . . . .	271
3. Os mortos. A magia, a thaumaturgia. . . . .	275
4. Character da solução pelo christianismo. Conclusão. . . . .	281

## II

## OS FACTOS DE SOBREVIVENCIA NOS TEMPOS MODERNOS

1. Christianisação dos deuses pagãos, classificação summaria dos mythos religiosos nos tempos modernos . . . . .	285
2. Residuos do animismo primitivo nas festas e superstições populares: os lobis-homens e a lycanthropia. . . . .	288
3. Os fetiches e os feiticeiros . . . . .	297
4. A legislação canonica e civil perante as superstições . . . . .	301

## III

## DEMONOLOGIA

1. O inferno, lugar dos deuses desthronados; a feiticeira, destino da gente vencida. O diabo . . . . .	307
2. Bruxas e feiticeiras. O Sabbat e a Missa-negra. Demonopathia hysterica . . . . .	314
3. A allucinação e os symptomas do hystericismo. A possessão demoniaca: Torralba e S. Frey Gil. . . . .	324
4. As visões dos santos, os stygmas. Graus de consciencia da allucinação, até ao charlatanismo. Conclusão . . . . .	329

## IV

## RELIGIÃO E RELIGIÕES

1. Definições da religião . . . . .	337
2. Evolução summaria: formação das religiões ethnicas . . . . .	342
3. Classificação das religiões ethnicas; apparecimento das proselyticas. . . . .	344
4. Últimas palavras . . . . .	348
—	
Bibliographia . . . . .	353

---

## ERRATA

---

PAG.	LINHAS	ERROS	EMENDAS
vii	28	interroque	interroque
38	5	definição	definição
46	19	dos mortos	dos mortos,
54	33	australio	australio
55	24	de alto	do alto
60	2	na ainda	ainda na
95	20	vida, —	— vida,
107	6	separa	levanta
151	8	rasgava	rasgavam
152	7	Cathago	Carthago
156	16	Herackles	Herakles
169	25	o antithese	a antithese
>	29	Balatis	Baaltil
173	18-9	permanente que	permanente de que
227	27	o ve-	o velho
248	1-2	re-solvem	re-volvem
260	12	tem	tém

EDIÇÕES

DA

LIVRARIA BERTRAND

Á VENDA NA MESMA LIVRARIA

---

---

GUIA

DO

VIAJANTE EM PORTUGAL

POR

H. BRUNSWICH

Com a carta geographica colorida e um mappa  
dos caminhos de ferro portuguezes e hespanhoes

CONTÉM: Chegada a Portugal. — **Itinerarios:** — De Badajoz a Lisboa — De Valencia d'Alcantara a Lisboa — Excursões aos arredores de Lisboa — De Lisboa ao Porto e excursões ás principaes povoações situadas no transitio — De Lisboa a Évora e Extremoz, idem — De Lisboa ao Algarve e a algumas povoações hespanholas, idem — De Lisboa a differentes povoações — De Lisboa ou Porto a Pampilhosa e á Guarda, idem — Da Guarda á Covilhã, idem — Da Covilhã ao Crato, idem — Da Pampilhosa á Figueira, idem — Do Porto a Vigo e Santiago de Compostella, idem — Do Porto a Braga, Monção, Vigo e Orense, idem — Do Porto a Villa Real, Vidago Bragança e Lamego, idem — Tabellas do corrcio e dos caminhos de ferro portuguezes e hespanhoes; e um minucioso indice alphabetico.

Preço, 800 réis cartonado; franco de porte pelo corrcio.

## OBRAS DE ALEXANDRE HERCULANO

Historia de Portugal, 4 vol. br. . . . .	5#000
Historia da origem e estabelecimento da Inqui- sição em Portugal, 3 vol. . . . .	1#800
O Monasticon (Eurico, 1 vol. Monge de Cister, 2 vol.) . . . . .	1#800
Lendas e Narrativas, 2 vol.. . . . .	1#200
O Bobo, 1 vol.. . . . .	600
Poesias, 1 vol.. . . . .	600
Opusculos, 5 vol. . . . .	3#000
Estudos sobre o casamento civil, 3 fol. br. . . .	600

---

## OBRAS DE ALMEIDA GARRETT

<b>Theatro:</b> — <i>Catão</i> , — <i>Merope e Gil-Vicente</i> , — <i>Fr. Luiz de Souza</i> , — <i>D. Philippa de Vilhena</i> , — <i>A Sobrinha do Marquez</i> , — <i>O alfageme</i> , 6 vol. por vol. . . . .	600
<b>Versos:</b> — <i>Camões</i> , — <i>D. Branca</i> , — <i>Lyrical</i> , — <i>Fabulas</i> , — <i>Flores sem fructo</i> , — <i>Romanceiro</i> , 3 vol. — <i>Retrato de Venus</i> , — 9 vol. por vol. . .	600
<b>Prosa:</b> — <i>Viagens</i> , 2 vol. 1#000; — <i>Arco de Santa Anna</i> , 2 vol. 1#000; — <i>Helena</i> , 600 — <i>Discursos</i> , 600; — <i>Escriptos diversos</i> , 800 rs.	

---

### A. de Serpa Pimentel

<i>Alexandre Herculano e o seu tempo</i> . . . . .	600
<i>Questões de politica positiva</i> (Da nacionalidade e do governo representativo). . . . .	600

---

### João de Deus

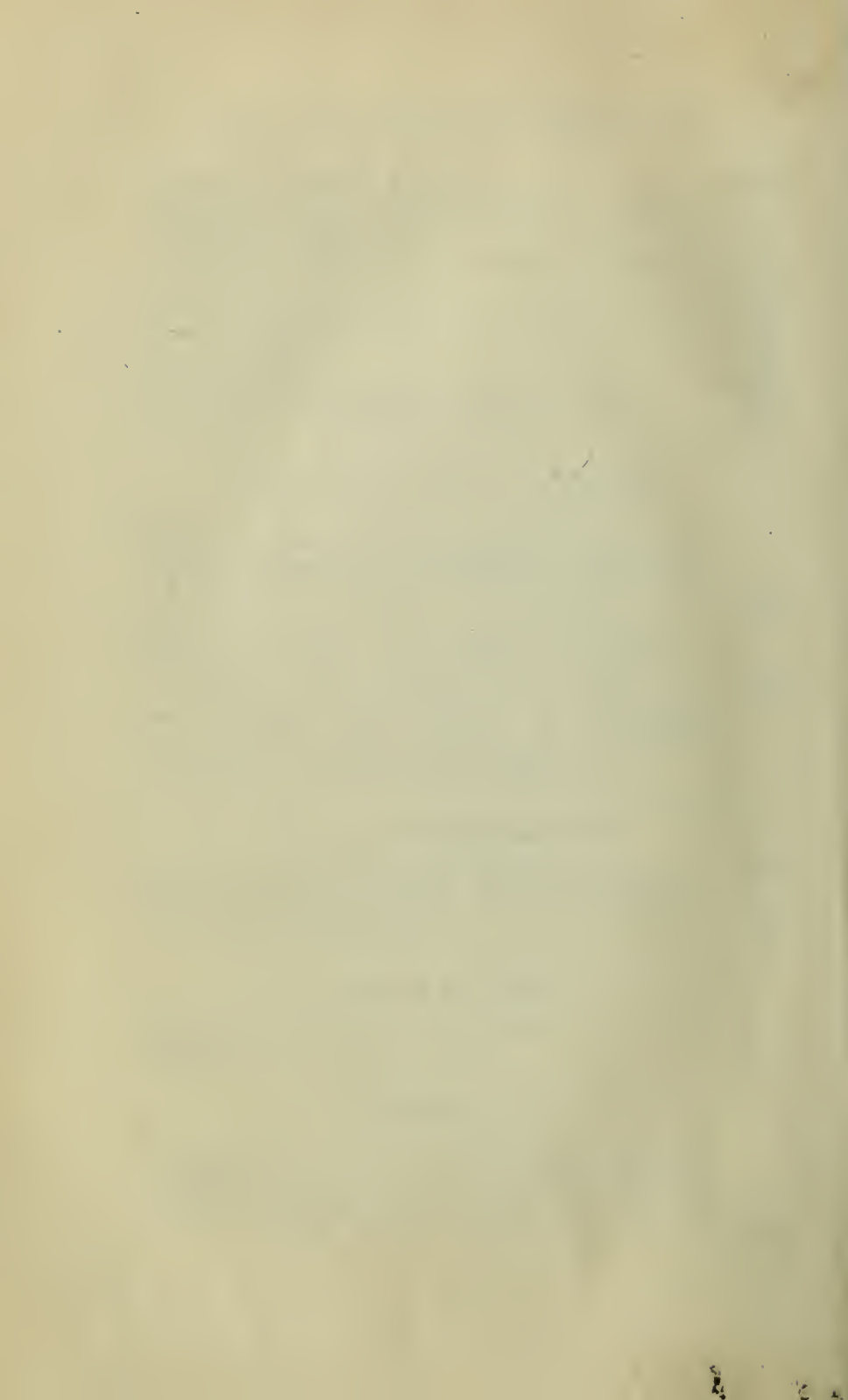
<i>A Cartilha maternal e o Apostolado</i> , 1 vol. de 280 pag. . . . .	500
--	-----

---

### Demosthenes

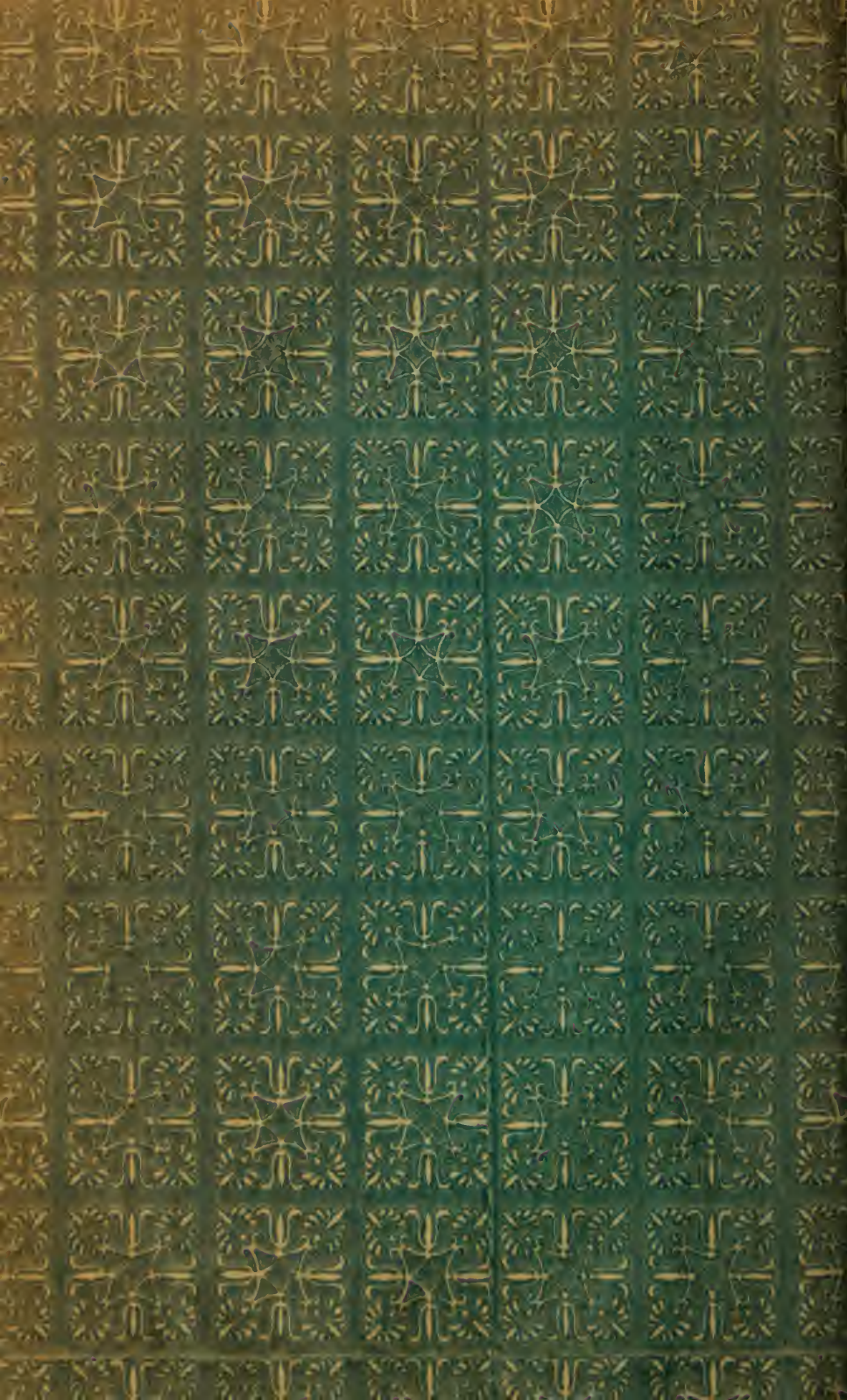
<i>A oração da corôa</i> , versão do original grego, precedida de um estudo sobre a civilização grega, por J. M. Latino Coelho, 2. <sup>a</sup> edição, in-8.º 1 vol. gr. 1880 . . . . .	1#200
--	-------











BL  
310  
06

Oliveira Martins, Joaquim  
Pedro  
Systema dos mythos  
religiosos

PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 12 11 03 16 010 6